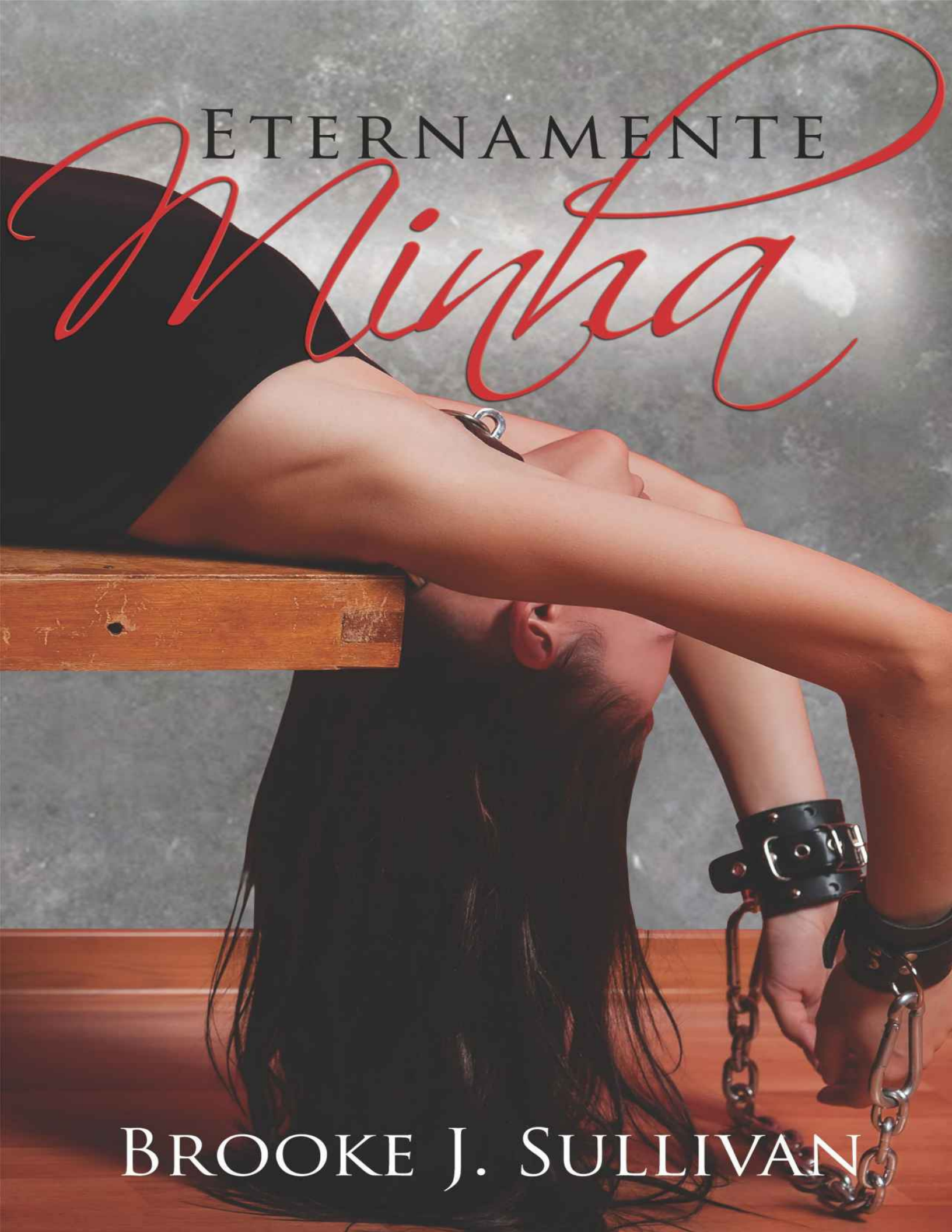




ETERNAME

Ninja

BROOKE J. SULLIVAN



ETERNAMENTE MINHA

BROOKE J. SULLIVAN

Eternamente Minha

BROOKE J. SULLIVAN

EDITORA PL

1ª EDIÇÃO

2015

Copyright © 2015 Editora PL
Copyright © 2015 Brooke J. Sullivan

Capa: Elisa Medeiros
Revisão e Copidesque: Carla Santos
Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial da obra.

Sumário

<u>Capítulo 1</u>	
<u>Capítulo 2</u>	
<u>Capítulo 3</u>	
<u>Capítulo 4</u>	
<u>Capítulo 5</u>	
<u>Capítulo 6</u>	
<u>Capítulo 7</u>	
<u>Capítulo 8</u>	
<u>Capítulo 9</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Capítulo 11</u>	
<u>Capítulo 12</u>	
<u>Capítulo 13</u>	
<u>Capítulo 14</u>	
<u>Capítulo 15</u>	
<u>Capítulo 16</u>	
<u>Capítulo 17</u>	
<u>Capítulo 18</u>	
<u>Capítulo 19</u>	
<u>Capítulo 20</u>	
<u>Capítulo 21</u>	
<u>Capítulo 22</u>	
<u>Capítulo 23</u>	
<u>Capítulo 24</u>	
<u>Capítulo 25</u>	
<u>Capítulo 26</u>	
<u>Capítulo 27</u>	
<u>Capítulo 28</u>	
<u>Capítulo 29</u>	
<u>Capítulo 30</u>	
<u>Capítulo 31</u>	
<u>Capítulo 32</u>	
<u>Capítulo 33</u>	
<u>Capítulo 34</u>	
<u>Epílogo</u>	

*Quero dedicar esse livro a todos que esperaram pacientemente por ele. Espero,
sinceramente, que gostem do desfecho.*

Capítulo 1

Verônica S. Miller

Dia 1 – Cativo

Olho atônita para o corpo de Sônia, já sem vida. Estou trêmula e sinto meus batimentos cardíacos acelerados. Charles está calado e apenas me observa.

Ajoelho-me diante dela e, mesmo horrorizada, consigo sussurrar:

— O que foi que você fez, Charles?

— Não foi o que eu fiz, Verônica. Será o que eu irei fazer com aquele desgraçado, caso não me obedeça. A vida de Adrian está em suas mãos — ele diz numa calma assustadora. — Que isso lhe sirva de aviso — ele diz e sai em direção à porta.

O pânico toma conta de mim.

— Aonde vai, Charles. Não pode me deixar aqui — grito inutilmente. Ele me olha e apenas assente, fechando a porta de madeira, trancando-me no quarto.

— Charles, seu desgraçado! Não pode me deixar aqui! Você não pode fazer isso, Charles. Por favor! Charleeeees — grito dando socos na porta. — Não pode me deixar com ela morta aqui sozinha, Charleeeees!

Não consigo processar a situação direito. Tudo isso parece surreal. As lágrimas ainda rolam silenciosamente em meu rosto. Jogo as costas contra a porta e vou descendo lentamente, até que me

choco contra o chão. *“Isto não está acontecendo comigo. Meu Deus, por favor. Me livre desse monstro”*.

A cada minuto em que a olho estirada no chão, morta e ensanguentada, mais meu pânico se torna palpável.

Será impossível permanecer nesse cômodo com ela aqui.

Fecho os olhos e tento manter a calma.

Penso em Adrian, em como ele deve estar nesse momento. *Será que ele sabe onde estou? E se ele pensar que o deixei? E se ele nunca me encontrar aqui? E minha mãe? Como ela irá ficar sem mim?*

A ideia de ficar esquecida aqui, para sempre, me apavora. Tenho esperanças de que Adrian me encontrará. Ele me ama. Não irá desistir de mim e do filho.

Vou engatinhando até o corpo estirado no chão. Por mais que esteja morrendo de raiva do que fez comigo, por me trair dessa forma, eu não desejei nem por um momento que isso acontecesse.

Estar perto de um corpo sem vida é realmente muito assustador, principalmente sabendo que me fará companhia por toda a noite.

Eu choro sem parar. Flexiono minhas pernas e meus joelhos batem contra meu peito. Assustada, envolvo-as com minhas mãos, abraçando-as como se isso fosse me deixar mais protegida.

A bÍlis me vem à garganta e não consigo conter a ânsia e a vontade de vomitar. Quando vejo, estou em meio a minha própria poça de vômito.

O cheiro me deixa enojada, nauseada. Não sei quanto disso é pelo medo ou pelo bebê.

Os arrepios percorrem meu corpo. De alguma forma, eu posso sentir o sangue pulsando em minhas veias rapidamente e meu cérebro trabalhar numa velocidade atordoante. Ouço apenas o som das batidas frenéticas do meu coração. Era como se tivesse acabado de correr uma maratona e parasse para sugar o ar em meus pulmões, tentando restabelecer a respiração.

Penso em todas as formas de sair desse lugar, mas nenhuma delas realmente daria certo.

Charles é esperto e inteligente. E, se eu quiser sair desse maldito pesadelo ilesa, terei que me desdobrar e encontrar o seu ponto fraco.

E eu encontrarei.

Capítulo 2

Charles Hertman

Dia 2 – Cativo

Eu não havia dormido a noite toda. Ainda podia sentir o cheiro do medo de Sônia, impregnado em minhas narinas, implorando por sua vida maldita.

Posso fechar os olhos e ver o rosto contorcido de medo e pavor com que Verônica me olhou. Eu reconhecia aquele tipo de olhar. Era o mesmo que vi no rosto de minha última submissa, a qual não consegui salvar em meio às chamas violentas.

Levanto-me e coloco meu terno para ir trabalhar. Preciso disfarçar ao máximo para não ser descoberto. Apesar de ter certeza de que Adrian irá associar o seu sumiço a mim, ele terá que conseguir provas, as quais serão muito difíceis de conseguir, tendo em vista que sou muito mais inteligente e experiente na arte de apagar vestígios.

Não há nada que ligue Verônica a mim.

Absolutamente, nada.

Dou o nó em minha gravata e me olho no espelho. Retiro meu celular do bolso do paletó e ligo para Paschoal.

Ele atende instantaneamente. A eficiência dele me orgulha.

— Quero que vá até a cabana e retire o corpo de lá. Certifique-se de que Verônica esteja bem e a alimente.

— Sim, senhor — ele diz com sua voz fria e sem nenhum pinga de sentimento.

Eu desligo e dou um sorriso triunfante.

Aposto que agora ela pensará antes de agir. Agora que teve uma pequena amostra do que sou capaz, ela irá se curvar e me obedecer.

Sento-me na cama para colocar meus sapatos italianos.

Fico por alguns instantes olhando um ponto isolado na parede, inerte, apenas pensando como será daqui pra frente. Balanço a cabeça saindo de meu transe e vou até minha cômoda. Ao abri-la, retiro de dentro uma pequena coleira preta de couro, cravejada em diamantes e minhas iniciais deixando-me orgulhoso: CH.

As iniciais de meu nome estampam a coleira que, em breve, estará em torno de seu lindo e magnífico pescoço. Eu olho para ela, contemplando-a por sua beleza rústica e a levo até meu rosto inalando o cheiro do couro.

Enfim, o dia de ter uma relação de total entrega de poder, está próximo e a ideia de ter uma mulher, submissa e escrava, para que eu possa dominá-la em todos os sentidos, me excita ao extremo.

Coloco-a de volta dentro da gaveta e um prazer estranho percorre minha alma.

Abro as outras gavetas e separo alguns brinquedos para essa noite. Eu irei usá-los, estreá-los com ela. Verônica sentirá o meu poder e se submeterá a mim como eu quiser. Mas, antes, farei com que me implore por isso.

— Senhor! Senhor Charles! — Paschoal irrompe meu quarto carregando Verônica em seus braços brutos.

Sua cabeça pendurada e o corpo totalmente amolecido, como se estivesse sem vida, me alarmam.

Ele para de frente a mim e eu pisco várias vezes para me dar conta da situação.

— Que porra é essa, Paschoal? — pergunto com minha voz dominante.

— Ela estava caída, senhor. Chegamos para tirar o corpo da outra mulher e ela estava caída em

uma poça de vômito.

Eu empalideço e me reteso no lugar. A ideia de que ela esteja morta passa como um relâmpago em minha mente e meu coração parece levar uma fígada.

— Dê-me ela aqui — digo retirando-a de seus braços rudes e a deposito em minha cama. Pressiono meus dedos contra as veias em seu pescoço e constato: ela está viva. Mas, para me certificar de que estava realmente respirando, abaixo meu rosto até seu peito e coloco meu ouvido contra ele. Quase choro de alívio ao ouvir as batidas de seu coração.

Olho para ele e ordeno:

— Saia!

Ele sai no mesmo instante e fecha a porta atrás de si.

Não quero que ele veja o quão desesperado estou. O quanto ela me afeta.

Olho para ela, suja e com um cheiro terrível. Sorrio com as mãos na boca.

Graças a Deus ela está viva!

Sento-me ao seu lado na cama e as molas do colchão rangem suavemente.

— Verônica! — Tento acordá-la. — Verônica, por favor, está me ouvindo? Verônica?

O desespero volta a bater.

— Merda! — praguejo e corro até o banheiro.

Com agilidade, abro as torneiras da banheira e deixo-a encher. Jogo sais de banho e sabonete líquido.

Volto para o quarto e retiro meu paletó para não sujá-lo.

Ela permanece deitada do mesmo jeito.

Aproximo-me e retiro sua roupa deixando-a completamente nua. Embolo as roupas umas nas outras e deixo no canto do quarto para que me lembre de jogá-las no lixo.

Pego-a em meu colo e a levo até o banheiro. Ela é tão leve e quase não faço esforço para transportá-la.

A banheira já está quase repleta de água e espuma. Coloco sobre a água e a seguro firme em suas costas. Seu corpo agora está totalmente submerso e vulnerável, mas ainda não há sinais de

expressão em seu rosto.

Sem esperar, começo a banhá-la. Estico meu braço em direção à pequena esponja macia e a deslizo por todo o seu corpo curvilíneo, lentamente.

Eu estava ali, ajoelhado diante da banheira, limpando-a. As mangas de minha camisa estão totalmente molhadas, e me dei conta de que essa era a primeira vez que me ajoelho diante de uma mulher. Então, ajeito minha postura.

Charles Hertman jamais se ajoelha para ninguém. Principalmente para uma mulher. Eu era o dominante. Era a mim que as pessoas tinham que se ajoelhar, e não o contrário.

Agora eu estava no controle.

Sem esperar, sinto ela se mexer; foi um movimento lento, mas que me fez sorrir.

— Verônica! — sussurro esperançoso.

Lentamente, ela abre os olhos, pisca várias vezes para se acostumar com a claridade do lugar e os fecha outra vez.

Eu sorrio.

Solto a esponja sobre a água e levo minha mão até seu rosto e a acaricio suavemente.

Ela parece estar em algum tipo de transe.

Com os olhos fechados, separa lentamente os lábios. Tenta balbuciar algo, mas se contém. Ela os separa de novo e eu os sigo. Eles se abrem e mesmo não saindo nenhum som de seus lábios, eu posso ler a única palavra que sai deles: ADRIAN.

Ela chama por ele e não por mim, que sou seu Mestre! Fico furioso por isso, mas sei que ela está delirando.

Sua respiração lenta e dolorosa, seu peito subindo e descendo tão lentamente, me entristecem.

Inclino-me sobre a banheira e procuro seus lábios com os meus. Assim que eles a toca, ela os recebe com um sorriso. Então, eu a beijo. Seus lábios separam-se devagar e sinto sua língua percorrer a minha. Doce. Extremamente doce.

Segurando-a com firmeza, coloco minhas mãos na lateral de seu rosto e a acaricio.

Eu aprofundo ainda mais o beijo e, então, ela abre os olhos.

Eu desejei que não os tivesse aberto.

O que vejo neles é repulsa, pavor, medo, pânico, nojo... Vejo tudo, menos amor ou uma simples gota de desejo.

— Ahhhhhhhhhh!

Ela grita e me empurra. A sorte é que sempre estou preparado.

Enquanto ela se debate, gritando como uma louca, fazendo toda a água da banheira respingar para fora, eu intensifico meu aperto sobre ela.

— Me solte, seu monstro! — ela grita.

— Verônica... — Lanço a ela um olhar reprovador para sua conduta rude e violenta.

— Tire suas mãos de mim! TIRA SUAS MÃOS DE MIM! — ela grita ainda mais alto e se debate tentando me acertar.

Sua resistência me excita e, em poucos segundos, ela me tem duro.

— Merda! — praguejo.

Ela não para de gritar e fico possesso com isso.

Para dar a ela um vislumbre do que lhe acontecerá se continuar com essa porra desse *show* maldito e descontrolado, eu afundo sua cabeça na água até que sinto-a encostar no fundo da banheira.

Eu a mantenho ali, segurando-a com minha mão direita, num aperto forte sobre sua garganta. Rapidamente, sinto suas mãos delicadas em torno de meu antebraço.

Ela se sacode, se debate...

Olho para ela no fundo da banheira com os olhos arregalados e assustados. Ela grita algo, mas não consigo entender. Apenas sigo com meus olhos, as bolhas que se formam ao falar e que sobem sobre a água. Seus cabelos pretos flutuam e aos poucos, ela para de lutar.

Então, a puxo de volta. Ela suga uma enorme quantidade de ar e tosse desesperadamente.

Ela sabe. Ela sabe muito bem que, se continuar a resistir, será pior.

Então, ela se retrai e recua para longe de mim, no cantinho da banheira, feito uma gatinha assustada.

Ela sabe que será punida e vejo o terror e o medo em seus olhos.

— Por favor — ela se encolhe ainda mais e chora.

— Minha doce menina — sussurro e tento alcançá-la com as mãos.

— Por favor, Senhor. Não me machuque. Eu imploro — ela realmente implora e ouço seus soluços de desespero.

— Jamais. Jamais irei machucá-la, minha menina. Você é minha agora. Só quero protegê-la e cuidar de você.

Ela me olha confusa.

— Eu não irei machucá-la, querida. Mas você precisa cooperar.

Ela parece pensar no que digo.

— Me desculpe. E-eu estava fora de mim. — Sua voz saiu fraca e vacilante.

— Eu sei que sim. — Dou a ela um sorriso acolhedor. — Você estava desmaiada ou dormindo, não sei. Você realmente me assustou e eu achei que estivesse morta. Estava completamente imunda. Então, apenas achei que um banho seria bom.

Ela me analisa por alguns segundos.

— Me deixe ir embora, Charles. Por favor — ela implora e aperta os olhos fechando-os.

Eu me enfureço.

— Qual é o seu problema, Verônica? — grito e vejo-a dar um pulo, assustada. — Não ouviu nada do que eu disse? Nada? — pergunto impaciente. — Venha, preciso terminar de te limpar.

— Não! Por favor, Charles. Por que está fazendo isso comigo?

— Agora, Verônica! Estou mandando, e sabe o que vai acontecer se me desobedecer? — rosno.

Relutante, ela se aproxima.

— Deite-se. Ainda não terminei de limpá-la.

Ela faz o que eu digo.

Coloco uma quantidade generosa de sabonete líquido em minha mão e começo a ensaboá-la.

Passo a mão por seus seios firmes e redondos, seus braços, barriga, pernas, pés... por todo seu corpo magnífico.

Volto a colocar o líquido em minha mão e ordeno:

— Abra suas pernas pra mim.

— Me deixe fazer isso, por favor. Por favor, Senhor — ela choraminga.

— Eu sou seu dono, Verônica. Terá que se acostumar comigo te mimando. Pretendo eu mesmo banhá-la todos os dias. Então, apenas faça o que uma boa submissa deve fazer: obedeça! — digo com meu tom frio e habitual.

Ela fecha os olhos e as lágrimas escorrem por eles.

Minha satisfação aumenta quando a vejo separar lentamente suas pernas, me dando total acesso para tocá-la.

Minha mão percorre seu abdômen lentamente e, assim que escorrega para seu sexo, eu a espalmo sobre sua boceta. Ela solta um grunhido e tenta me bloquear com sua mão.

Olho para ela e digo numa calma assustadora:

— Você sempre escolhe o pior caminho. Se não me deixar terminar, vou te tirar daqui e levá-la para a minha cama. Vou vendar você, amarrar seus pulsos e tornozelos. Vou te amordaçar e te surrar até que fique com minhas marcas em sua bunda. Marcas de todas as cores que possa imaginar. E lhe garanto... que não será muito divertido. Pelo menos, não para você.

Na mesma hora, ela solta minha mão e abre as pernas para que eu continue.

Eu a limpo, mas não a toco de outra forma. Quando termino, lavo seus cabelos e os enxaguo.

— Pronto! — digo. Levanto-me e pego a toalha no suporte. — Levante-se!

Ela me obedece com seus braços caídos ao lado de seu corpo, sua cabeça baixa e seus olhos fixos no chão, totalmente submetida às minhas vontades.

Sem pressa, seco todo seu corpo e depois seus cabelos recém-tingidos. Era um alívio vê-la morena outra vez.

Ainda no banheiro, pego uma escova e desembaraço seus cabelos gentilmente. Quando termino, carrego-a em meus braços, nua, até o quarto e a deito em minha cama.

— Não saia daqui. Vou buscar algo para você vestir — ordeno e saio rapidamente para o quarto ao lado.

Momentos depois, volto com um robe preto de seda e coloco nela.

— Vou ter que sair para trabalhar. Vou deixá-la aqui em meu quarto. Não quero chegar à noite e ver tudo destruído, Verônica. Seja uma boa menina. Vou ficar feliz em recompensá-la, se fizer tudo direitinho. — Sorrio para ela e deposito um beijo em sua têmpora. — Não faça nenhuma besteira. À noite, quando eu chegar, vou cuidar de você. Entendeu? — Quando ela não responde, eu pergunto novamente, mais ríspido. — Entendeu?

— Sim. — Sua voz sai trêmula.

— É assim que se dirige ao seu dono? Será que vou ter que te ensinar tudo de novo?

— Desculpe-me, Senhor. Por favor, me desculpe — ela diz evitando meu olhar.

— Está bem. Vou chegar após as sete. Quero que descanse. Tenho planos para nós esta noite.

Eu me viro para sair do quarto. Porém, no meio do caminho, sinto que falta algo. Volto até ela, que me olha confusa, sentada na cama. Seguro atrás de sua nuca e a puxo até que seu rosto fique colado com o meu.

— Eu quero meu beijo. O seu Senhor merece um beijo, não?

Ela vacila.

— Não?

— Sim. Merece, Senhor.

— Estou esperando.

Ela se aproxima e toca minha boca com seus lábios.

Não era o beijo que esperava, mas para o começar estava bom.

— Eu te amo, Verônica — digo e vejo todo tipo de sentimento brotar em seu olhar. Seus lindos olhos castanhos estão em pânico. Ela realmente sabe o que eu quero que diga, mas ela diz as três palavras e me deixa aborrecido. Tudo bem, eu sou paciente e vou esperar. Vou arrancar as palavras da boca dela antes mesmo que ela perceba.

Ela irá me amar. Ah, se irá.

Eu a solto e saio do quarto, trancando-o. Coloco a chave no bolso e saio para ir trabalhar. Passo por Paschoal e digo:

— Dê algo para ela comer, mas não muito. Quero-a fraca e frágil. Dê algo apenas para que ela não morra de fome. Ela é inteligente e não vai desistir de lutar. Se estiver forte pra isso, vai

dificultar as coisas pra mim. Entendeu?

— Sim.

— E o corpo da vagabunda?

— O outro disse que tomava conta disso enquanto trazia-a para cá. A essa hora, ele deve estar jogando-a num rio bem longe daqui. Não precisa se preocupar, senhor Charles.

Olho para ele e digo:

— Assim espero. Assim espero.

Capítulo 3

Adrian Miller

Sáimos da casa do Charles. A sensação que tenho é de derrota. Sei que ele está com ela e nada me tira isso da cabeça.

— Talvez ele não esteja com ela — Jonas murmura.

— Ela não teria motivos para sair na madrugada sem avisar ninguém e depois desaparecer.

— Eu também acho — Paulão concorda.

— Vamos à delegacia. Quero registrar o desaparecimento dela e pedir que investiguem aquele desgraçado! — digo furioso.

Entramos no carro e seguimos para a delegacia.

No caminho, ligo para Terry para tranquilizá-la e saber se havia alguma novidade — apesar de ter certeza de que Verônica não apareceria.

Ao chegarmos, Paulão fica no carro tentando contato com alguns amigos investigadores e Jonas me segue.

Entramos na delegacia.

Jonas conversa com um policial e acena em minha direção. Caminho até ele.

— Por sorte, o delegado irá nos receber — Jonas diz.

— Como, por sorte? Esse é o trabalho dele — digo irritado.

— Não nesses casos. O certo seríamos prestar a queixa do desaparecimento após 24 horas.

— Após 24 horas? Ela pode estar morta, sabia disso?! — digo quase aos berros. Estou tão nervoso que, às vezes, acho que vou explodir.

Escortados por dois policiais, caminhamos até a sala do delegado e somos recebidos por ele.

— Boa tarde. Sou o delegado Ricardo.

— Adrian Miller, e esse é o meu advogado, Jonas — digo, estendendo a mão para o delegado.

— Em que posso ajudá-los?

— Minha esposa, Verônica Miller, foi sequestrada — digo sem hesitar.

O delegado me olha um pouco confuso.

— Qual foi a última vez em que a viu?

— Estava viajando. Cheguei de viagem há poucas horas e fiquei sabendo que ela saiu de casa hoje por volta da uma da manhã.

Ele me encarou.

— Ela saiu de casa na madrugada?

— Sozinha e de carro.

— Isso parece um sequestro pra você?

— É. Isso, obviamente, parece um sequestro — disse entredentes e senti Jonas me cutucar.

— Senhor delegado, meu cliente tem indícios de que a esposa possa ter sido sequestrada por Charles Hertman, dono de uma rede de hotelaria de luxo.

— Sei muito bem quem é Charles Hertman — o delegado diz com a voz firme. — O que levam a crer que ele possa ter sequestrado sua esposa, que saiu na madrugada de casa com as próprias pernas? — Ele parece zombar da minha cara.

— Porque, algum tempo atrás, o mesmo espancou minha esposa. É um louco lunático que vive perseguindo-a — disse, impaciente.

— Registraram queixa contra agressão?

Fiquei mudo.

— Não, senhor. Não registraram a queixa — Jonas responde em meu lugar.

— Assim fica difícil. Se minha mulher fosse espancada por um homem, senhor Miller, eu o colocaria na cadeia.

— Tivemos motivos para não denunciá-lo.

— Posso saber quais eram?

— Ela estava sob forte ameaça. Mas que merda, por que essa conversa agora? Eu só quero que vá atrás da minha esposa. Ela está nas mãos daquele maluco e grávida — digo perdendo o resto da paciência que tenho.

— Não posso fazer nada, senhor Miller. Suas acusações não têm fundamento.

— COMO NÃO TEM FUNDAMENTO? — grito.

— Pelo que me disse, sua esposa saiu de casa e sozinha. Ninguém a tirou de lá. Não posso obter um mandado sem um motivo plausível. Além disso, para caracterizar um desaparecimento, precisamos esperar 48 horas.

— 48 horas? Mas achei que eram 24 horas! — ele se levanta da cadeira e grita com o delegado.

— Adrian! Por favor, se acalme — Jonas tenta contê-lo.

— Não posso fazer nada. A única coisa que posso é enviar alguns de meus homens até o hotel e ter uma conversa não oficial com o Sr. Hertman.

— Faça isso, delegado. Fui informado de que ele está viajando, mas temos todos os motivos para desconfiar de que seja mentira — Jonas falou.

Eu ainda estava furioso demais para abrir minha boca. A vontade que tinha era de quebrar tudo e eu mesmo ir atrás dela.

— Farei isso. Agora é só esperar, talvez ela entre em contato.

Eu olhei para o delegado e disse friamente:

— Voltarei amanhã. Quero que faça o que tiver que fazer ainda hoje. Quero minha esposa de volta o mais rápido possível. — E saí da delegacia sem olhar para trás.

Na rua, começo a surtar.

— Paulão, ligue para os seus contatos. Algo me diz que esse delegado não irá fazer merda nenhuma. Eu quero minha mulher, agora!

Paulão assente.

Jonas me olha assustado e eu sei, devo estar num estado miserável de desespero.

— Nós vamos achá-la, Adrian. Vamos esperar até amanhã. Se caso o delegado não encontrar nada, nenhuma pista, então vamos procurá-la de outra forma.

— Está certo — digo.

Capítulo 4

Charles Hertman

Dia 2 – Cativo (À noite)

— Tudo bem. Mantenha-me informado — digo para a atendente do hotel em São Paulo e desligo o celular.

Paschoal acaba de chegar e estou louco para ir pra casa.

— Algum problema, senhor? — ele pergunta vendo a minha aflição.

— Nenhum. Preciso que vigie a fazenda 24h. A polícia esteve hoje no final da tarde no hotel à minha procura. Como esperado, Adrian deve ter prestado queixa do desaparecimento dela. Precisamos ser cautelosos.

— Sim, senhor.

— Fique preparado para fazer o que combinamos, caso eles apareçam por aqui.

— Certo.

Paschoal dirigiu silenciosamente até a fazenda. Assim que chegamos, fui direto para o quarto ver a minha menina.

Abro a porta e a vejo na cama. Aproximo-me dela e a vejo dormir. Parece abatida. Seus cabelos castanho-escuros estão espalhados pelo travesseiro e vejo o subir e descer de seu peito, numa respiração pesada.

Sento-me ao lado dela na cama e retiro minha roupa, ficando apenas com minha *boxer*. Preciso de um bom banho. Então, levanto-me e saio em direção ao chuveiro. Assim que termino o banho, enrolo-me na toalha pendurada no suporte. Vou até o *closet* e pego uma *boxer* preta.

Estou cansado.

Deito-me ao lado dela e apago a luz. Vou deixar que descanse, pois também preciso dormir um pouco. Em alguns minutos, adormeço.

Acordo e sinto que algo está errado. Tento mover meus braços, mas eles não me obedecem, parecem presos. Tento puxá-los, mas sinto algo apertar meus pulsos. Abro os olhos e tudo o que vejo é a escuridão. Um barulho vindo do banheiro me deixa atento.

— Verônica? Verônica?

Ela aparece no quarto e acende a luz.

Olho para minhas mãos presas por uma algema na cama. A raiva que sinto é tanta, que tenho vontade de matá-la.

— Como se sente agora, Charles? — ela pergunta com um sorriso cínico. — É ruim, não é? Pois é assim que me sinto quando me prende nessa merda de lugar — ela diz procurando por algo em meu *closet*.

— Verônica, solte-me! Não estou pedindo, estou ordenando — digo enfurecido.

— Vá para o inferno, Charles. Vou fugir daqui, ir até uma delegacia e denunciá-lo! — ela diz com raiva. Em seguida, pega uma camisa branca de botão minha e a veste. Ela parece frustrada com algo. Continua a vasculhar e, de repente, fecha a porta do *closet*.

— Vou ter que fugir assim mesmo — diz desesperada.

— Verônica, me tire daqui — digo entredentes.

— Se depender de mim, você morre preso a esta cama. Tenho nojo de você. — Ela caminha apressadamente até meu paletó e procura por algo.

— Onde estão as chaves do carro? — ela pergunta e vejo que está nervosa.

— Não vai conseguir sair daqui. Solte-me e eu esqueço tudo isso. Prometo que não irei puni-la

por isso.

Ela soltou um riso estridente.

— Você é um doente!

Me enfureço.

— Solte-me, porra! Quando eu pegar você, Verônica, vou lhe ensinar como se deve respeitar o seu dono.

— Vá se ferrar! — ela diz e sai porta afora.

Solto um grito de frustração. Estou preso e não há nada que eu possa fazer a não ser gritar por Paschoal. Isso é humilhante e ela vai me pagar caro quando colocar as mãos nela. Um sentimento ruim passa em meu peito. Essa é a primeira vez que estou amarrado e preciso dizer, não é muito agradável. Sinto-me impotente.

Grito mais umas duas vezes até que Paschoal irrompe o quarto. Ele franze o cenho ao me ver amarrado na cama apenas de cueca.

— Não fica aí me olhando, seu idiota! Solte-me! — digo entredentes com uma fúria descontrolada. Percebo que estou me debatendo na cama como um cão raivoso. Minhas narinas inflam de ódio. — Na cômoda, idiota! As chaves estão na cômoda.

Ele parece se divertir com minha desgraça.

— Liga para o Sérgio e mande-o atrás dela! — grito.

Paschoal abre as algemas e vejo as marcas vermelhas em meus pulsos.

— Vá, corra! Não deixe que ela escape.

Levanto-me rapidamente da cama e corro até a cadeira onde havia colocado minha calça. Pego-a e a coloco. Procuro por meus sapatos e os encontro perto da cama.

Saio correndo do quarto e vou em direção à sala. Ela não pode escapar de mim, não vou permitir isso.

Assim que saio da casa, a vejo sendo arrastada por Sérgio. Paschoal corre até ele e a pega pelos braços com dificuldade. Ela se debate, chuta meus homens totalmente descontrolada e grita a plenos pulmões. Vou até ela e, antes que pudesse alcançá-la, ela é acertada no rosto por Sérgio, após chutá-lo em suas partes baixas.

— Não toque nela! — Eu avanço nele. — Nunca mais coloque suas mãos em cima dela, entendeu? — grito. Pego-a das mãos de Paschoal e arrasto-a para dentro. Ela fica calada, mas vejo lágrimas em seus olhos.

Ao entrar no quarto, jogo-a em cima da cama. Ela cai de costas e se esgueira para o canto da cama abraçando suas pernas, assustada.

Eu me aproximo e ela recua.

— Isso foi uma burrice! — grito frustrado. — O que pensa que iria fazer? Sair correndo pelo mato gritando como uma louca?

Ela chora.

Olho em seu rosto e vejo sangue no canto da sua boca.

— Desgraçado!

Amanhã eu iria dar uma boa lição naquele filho da puta.

Vou até ela e a puxo pelos pés.

— Venha!

— Não, não, não Charles... Por favor — ela implora.

— Não vou te bater se é o que está pensando, embora mereça uma surra.

Sua expressão suavizou.

— Eu quero ir embora. Você não pode me manter aqui.

Pego-a no colo e a levo até o banheiro. Ligo o chuveiro e arranco a camisa dela fazendo os botões saltarem longe.

— Está suja. Precisa se limpar — digo olhando para seu corpo cheio de terra. Ela teria caído?

Ela me olha sem protestar. Sabe que é inútil.

Após banhá-la, sigo com ela para o quarto. Pego em meu *closet* uma sacola de roupas que havia comprado para ela. Na cama, jogo apenas uma calcinha preta.

— Coloque-a.

Segui para a cômoda. Peguei a coleira com minhas iniciais, duas algemas de couro e algumas

correntes.

— Vista o robe — ordeno.

Ela colocou e o fechou rapidamente.

Aproximei-me dela, peguei-a em meus braços e a sentei na cama.

Ela me olha assustada.

— Está machucada — sussurro passando meu polegar em seus lábios. Há um pequeno corte no canto da boca. — Eu não vou bater em você dessa vez. Só que terei que puni-la de outra forma. Você precisa entender que é minha agora. Não vou deixar que saia daqui.

Ela abriu a boca para argumentar, mas se perdeu no meio do caminho.

Eu estiquei minha mão e toquei em seus cabelos macios. Ela me olha fixamente e vejo o terror em seus olhos. Eu vou fazer com que ela tenha sentimentos por mim. Vou cuidar dela, amá-la...

Desço minha mão pela lateral de seu corpo e desfazo o laço do robe. Ela arregala os olhos e me implora num sussurro:

— Por favor... não!

Eu a ignoro e ela fecha os olhos.

Eu abro seu robe e encaro seus seios durinhos. Eles parecem um pouco maior do que da última vez. Levo minhas mãos até eles e os aperto de leve, sentindo-os suavemente. Minha vontade é de prová-los.

— Você se lembra da sua última punição, não é? Lembra-se de como deixei minhas marcas em sua bunda.

Ela abre os olhos e as lágrimas escorrem por eles.

— Sim.

— Eu odiaria ter que fazer aquilo de novo, Verônica.

Ela engole em seco e sinto seu corpo trêmulo.

Deslizo seu robe pelos ombros até que ele cai em volta de sua cintura.

— Você é tão linda — sussurro. — Tudo isso era para ter sido diferente, se não tivesse conhecido aquele cara — digo frustrado. — Vou fazer você me amar. Só que primeiro, preciso dar

uma lição em você.

Levanto-me e pego a coleira em minhas mãos. Coloco-a em torno do pescoço dela e a travo na parte de trás com um pequeno cadeado dourado.

Passo minha mão pelo seu pescoço fino e delicado.

— Está linda com minha coleira. — Dou um sorriso a ela que se mantém imóvel e calada. — Agora vamos — digo erguendo o robe dela e fechando-o com um laço frontal.

— Para onde vai me levar? — pergunta assustada.

— Cabana.

Ela parou subitamente e cravou os pés no chão.

— Por favor, Charles. Deixe-me ficar aqui. Não me leve de volta para aquele lugar. — Ela começa a chorar.

— Você ficará lá até que aprenda a me obedecer — digo firme.

— Eu prometo que não farei mais isso, mas, por favor, não me leve para lá — implora.

— Vamos!

Saímos do quarto e caminhamos para fora da mansão.

— Paschoal, para a cabana — digo ao aproximarmos da caminhonete.

— Sim, senhor.

Empurro-a para o banco do passageiro e entro logo atrás dela.

— Você precisa me respeitar, Verônica. Vai ficar na cabana até cair em si e ver que tudo o que você tem agora sou eu.

Capítulo 5

Verônica S. Miller

— Entre! — Charles disse e me empurrou para dentro da cabana. Eu não deveria tê-lo subestimado. Ele estava certo, o que iria fazer quando fugisse? Eu nem sei onde estou. Esses homens me dão arrepios. Meu rosto ainda ardia pelo tapa daquele brutamontes.

Charles me guia até outro cômodo. Quando abre a porta, vejo um cercado de ferro, parecendo mais como uma gaiola gigante. Não era muito grande, mas o suficiente para que coubesse uma pessoa de forma desconfortável. Olho para ele sem entender e pergunto:

— O que é isso?

Meus olhos ainda estão grudados na gaiola. Percebi que está forrada com algo, uma espécie de colchonete revestido de cetim vermelho.

— Aquilo? — Charles aponta para a gaiola.

— Sim.

— Sua cama — ele responde como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Não sou um animal, Charles! — digo furiosa.

— Agora é. Meu animalzinho de estimação — ele diz, me deixando boquiaberta. Ele é mais doente do que eu pensei.

— Vai ficar aqui até quando eu quiser. Meus homens lhe trarão alimento, água e só. Virei aqui todas as noites, lhe darei banho e lhe farei companhia. Vou te ensinar bons modos, em outras palavras, irei adestrá-la.

Olho para ele, não acreditando no que acabei de ouvir. Decido manter a boca fechada. Pois dele, não viria boa coisa se me opusesse. Olho para todo o resto. Claro, não há uma cama e muito menos um banheiro. Apenas um pequeno abajur em cima de uma cômoda e ao lado um banco de madeira comprido. Nas suas extremidades, há duas correntes grossas e na ponta delas, algemas de couro preta. Não precisava ser muito inteligente para saber que aquilo era algum brinquedo pervertido desse lunático esquisito. Maldita hora em que conheci Charles Hertman.

Maldita hora!

— Você ficará aqui até que se comporte.

Fico calada. Estou aterrorizada demais para dizer qualquer coisa.

Charles caminha até a gaiola de ferro e a abre.

— Entre — disse esticando sua mão em minha direção.

Eu vou até ele com passos vacilantes. Estou tão exausta. Só quero ir embora. Coloco minha mão sobre a dele, e então, ele me coloca para dentro e fecha a porta de ferro com um cadeado.

— Não pode me deixar aqui, assim... desse jeito — choramingo. A gaiola é menor quando se está dentro dela. Não consigo me mover muito bem e minhas pernas ficam flexionadas.

— Eu não queria ter que prendê-la aqui, Verônica. Queria você ao meu lado, sabe disso. Mas você foi longe demais — ele diz observando-me de um jeito assustador. — Tire o robe.

— O quê? — pergunto confusa.

— O robe. Ficaré aí dentro vestindo apenas sua calcinha. Isso irá impedi-la de cometer qualquer outra loucura.

— Mas... Charles! Eu estou trancada aqui. Não tenho como sair — sussurro constrangida.

— O robe, Verônica. — Ele estende a mão e fica com ela parada no ar, esperando sua ordem ser cumprida.

Desajeitadamente, retiro o robe. Sei que estou corando de vergonha, pois posso sentir meu rosto queimar.

— Vai deixar que eles me vejam desse jeito? — pergunto estendendo o robe a ele. Minhas lágrimas retornam ao meu rosto.

— Você me humilhou diante de um dos meus homens. Um pouquinho de humilhação fará com

que pense duas vezes antes de estragar tudo. Quero que se lembre de que é minha propriedade. Sendo assim, eu mando em você. Está aqui apenas para obedecer e me servir, entendeu?

Charles me assusta em um nível inimaginável. Quando o conheci, jamais pensei que poderia ser um louco. Fui enganada por sua aparência refinada e seu jeito educado, apesar de que ele havia demonstrado seu comportamento dominador no primeiro dia em que me contratou. Lembrar dessa época me faz sentir enojada. Como eu gostaria de não tê-lo conhecido. Deveria ter desistido quando disse que eu não serviria para ele. Ele tinha toda razão quanto a isso.

— Entendeu, Verônica? — ele repete.

— Sim, Senhor!

Charles não volta a me olhar. Ele vira as costas para mim e sai carregando meu robe nas mãos. Ao passar pela porta, ele fala com o homem robusto encostado no umbral da porta.

— Já sabe o que fazer.

— Pode deixar, senhor Charles.

E então, ele se foi.

Eu encolho-me no final de minha cela. Flexiono minhas pernas até meu torso e mantenho-me abraçada nelas. Não quero expor minha nudez.

O homem grande me observa: Paschoal. Nunca o tinha visto com Charles antes.

Ele entra no quarto, liga o abajur e liga para o outro capanga. Ele não olha pra mim, o que é um alívio. Mas isso não me faz sentir segura.

Ele fica parado no lugar, olhando em seu relógio de pulso. Seus traços aparentam cansaço. Diria que tem, no mínimo, uns cinquenta anos. Não tem nenhuma barba, mas as rugas o denunciam. Em sua sobrelancelha esquerda há uma pequena cicatriz que deixa seu olho um pouco caído, o que evidencia sua expressão sombria e assustadora.

— Me chamou? — o homem pergunta assim que entra.

— Traga as vasilhas de alumínio.

— Vasilhas de alumínio?

— É, seu idiota.

— Que vasilha?

— Aquelas que você dá para seu cão comer. Quero duas iguais aquelas.

O homem o observou. Eu o observei.

Isso não é o que eu estou pensando, não é?

O homem sai do quarto e volta minutos depois com duas vasilhas de alumínio nas mãos. Dois potes de comida para animais. *Isso só pode ser brincadeira, penso.*

Paschoal sai do quarto por alguns instantes. O outro homem me observa de um jeito que me causa calafrios. Ele sorri mostrando parte de seus dentes podres e amarelados. Sinto nojo só de olhá-lo. Seu aspecto sujo me causa repulsa.

— Aqui está. — Ele volta com uma das vasilhas cheia de água. Destranca a cela e coloca próximo aos meus pés. Logo após, me tranca outra vez.

Olho para a vasilha com água e fico possessa. Quem eles pensam que sou? Um cachorro? É um insulto sem tamanho. Enraivecida, chuto a vasilha derrubando toda a água no colchonete. O filho da puta sorri.

— Vai desejar não ter feito isso, madame. Minha ordem foi para que lhe desse água apenas uma vez por dia. Essa era a sua cota de amanhã. Ficaré sem beber água por mais de 28 horas.

Eu o encaro.

— Prefiro morrer a ser tratada como um animal.

Ele me olha e sai apagando a luz e fechando a porta atrás de si.

O quarto escuro, iluminado apenas pela luz fraca do abajur, me deixa ainda mais amedrontada.

Deito-me em minha pequena cela e tento manter a calma. Preciso fazer isso pelo meu filho. Por Adrian, por minha mãe... Só quero voltar para casa.

Então, apenas choro silenciosamente. Aos poucos, sinto-me cansada e minhas pálpebras pesadas se fecham.

Eu durmo.

Capítulo 6

Adrian Miller

Meu celular toca despertando-me. Levanto-me do sofá. Estou um caos. Desde que Verônica sumiu, não tenho dormido e nem me alimentado direito. Olho no visor. É o Albert.

— Me diz que tem um bom motivo para me ligar a essa hora — resmungo. Ficar sem a Verônica está acabando com meu humor.

— Estou no Brasil e preciso muito falar com você, é sobre a Verônica — Albert diz quase sussurrando.

Sento-me em um salto. Qualquer notícia a essa altura é um golpe de misericórdia para meu sofrimento. Tento controlar a ansiedade.

— Estou ouvindo. — É tudo que digo.

— Não quero soar como uma vizinha fofoqueira, mas Amélia ouviu algo importante na festa da Miller's... — Ele para fazendo um suspense desnecessário.

— Fala logo, Albert! — esbravejo. Detesto quando fazem isso.

— Acho que Alana e sua mãe estão envolvidas no sumiço de Verônica — ele solta de uma só vez.

— Como? — grito surpreso.

— Olha, Adrian... Precisamos conversar pessoalmente. Não tenho como lhe dizer mais nada por telefone. Está em casa?

— Sim, estou.

— Eu e Amélia estamos indo agora mesmo.

— Tudo bem, estou esperando por vocês — digo e desligo.

Como assim, minha mãe e Alana envolvidas? Será possível? Não. Não posso acreditar que minha mãe se uniria ao Charles para fazer algum mal a Verônica.

Ligo para Jonas. Ele atende prontamente.

— Jonas — ele diz.

— Sou eu, cara. Albert está vindo para cá com Amélia. Preciso que venha até minha casa.

— O que foi? Está com uma voz estranha.

— Albert disse uma coisa e... não sei, estou um pouco confuso, não consigo pensar direito, estou uma pilha de nervos.

— Está bem. De qualquer forma, já estava me arrumando para ir até você. Tenho notícias sobre a investigação e não são nada boas.

— Ainda tem mais isso — digo e passo a mão no cabelo num gesto nervoso.

— Está bem. Estou esperando você aqui — digo e desligo.

— Oi, maninho. Como está? — Terry pergunta ao descer as escadas.

— Péssimo.

— Acha mesmo que Charles a levou?

— Sim. Viu o que ele foi capaz de fazer com ela aquele dia, não?

— Nossa! Se ele tiver realmente a ver com tudo isso, não quero imaginar no que a Verônica está sofrendo.

— Muito menos eu. E saber que nosso filho pode estar em risco, está me deixando atordoado.

— Embora pareça cruel o que vou dizer, Verônica sabia das consequências ao se envolver com isso. Ela devia ter dito para nós desde o começo. As omissões dela tornaram tudo mais difícil. E o pior, como ainda não o denunciaram daquela vez, então, será difícil a polícia acreditar que o famoso Hertman, sequestrou alguém.

— Eu também penso nisso a todo segundo e não me perdoo por ter cedido à vontade dela.

— Tudo irá se resolver. Verônica é forte. Você e a mãe dela são as únicas pessoas por quem ela lutaria pra viver. E agora estando grávida, não acredito que vá desistir.

— Meu Deus! — digo num sussurro.

— O que foi, Adrian?

Ando de um lado para outro. Mas é claro!

— Diga, está me deixando apreensiva.

— Charles pode usar a mãe da Verônica para atingi-la. Já pensou nisso?

— Será?

— Claro! Verônica aceitaria me perder facilmente, caso seja para me proteger. E Charles sabe onde a mãe dela está. E se usá-la para chantagear Verônica?

— Mas, como?

— Verônica ama a mãe. Charles não tem escrúpulos. Pode muito bem tentar fazer algum mal a ela, caso ela não aceite o que ele quer, que, sem dúvida, é mantê-la com ele.

— É... pode ter razão.

— Ligue para o Jonas e veja se ele consegue uma autorização para a remoção dela.

— Quer retirar a mãe dela do hospital? E vai levá-la para onde?

— Eu já havia prometido a ela que traria sua mãe para morar conosco. Acho que chegou a hora.

— Mas Adrian, ela está doente e não temos recurso para mantê-la aqui.

— Não temos. Mas farei o que for preciso e contratarei os melhores profissionais para tomar conta dela.

— Acha uma boa ideia?

Olho para minha irmã e a beijo no rosto.

— A ideia não poderia ser melhor, Terry.

A campainha toca.

— Maria, pode atender, por favor? Estou ao telefone.

— Claro, senhor.

— Tudo bem, Jonas. Faça o que for preciso, mas quero essa autorização ainda hoje — digo e desligo.

— *Maria, quanto tempo!* — ouço a voz de Albert.

Estou feliz por ele ter chegado tão rápido, pois a paciência nunca foi minha melhor virtude. Quero saber o que ele tem para me dizer e é agora.

Saio do meu escritório e vou até a sala.

Albert está sentado ao lado de Amélia, linda e deslumbrante como sempre, embora eu ache suas roupas inapropriadas para essa hora do dia.

— Adrian! — Albert sorri ao me ver.

— Tudo bem? — pergunto. — Olá, Amélia.

— Bom dia, querido. — Ela me beija no rosto e seu perfume adocicado impregna em minha pele.

— Sentem-se, por favor.

— Como você está? Seu pai me telefonou e contou sobre o sumiço de Verônica — Albert diz.

— Estou uma merda. Fui viajar e quando voltei, ela não estava mais. Os vídeos de segurança mostram quando ela sai da casa de madrugada, e sozinha; por causa disso, a polícia não caracteriza como sequestro.

— Olha, não sei o que pensar sobre isso — ele diz, aflito.

— Ela recebeu um telefonema ou uma mensagem, não sei, ligou para a Terry, talvez para pedir ajuda, mas minha irmã não a atendeu. Sabe como a Verônica é, ela sempre faz o que quer, e isso acabou colocando-a em perigo e ao nosso filho também — digo, abalado.

— Ela não deixou nenhuma pista? Nada que pudéssemos encontrá-la? — Amélia perguntou.

— Sim, ela chegou a ir até o apartamento de uma antiga amiga e lá, deixou o carro. Só que

ninguém do prédio a viu e muito menos essa amiga, uma tal de Sônia. O porteiro comentou sobre um homem e eu tenho certeza de quem pode ser.

— Sabe? — os dois disseram em uníssono.

— Charles Hertman.

Albert ri.

— Não creio que ele tenha feito tal coisa.

— Mas fez, e acredite, ele não é o que aparenta ser — digo irritado. — Fui à polícia, contei os fatos, mas parece que ninguém quer me dar ouvidos. — Mas, diga-me. O que o trouxe aqui? Por que me disse que talvez minha mãe e Alana possam estar envolvidas?

Amélia e Albert se entreolham, cúmplices.

— No dia da festa da Miller's, eu escutei sua mãe e Alana discutindo. Você sabe o quanto eu era amiga da Sara, Adrian. E também que não nutríamos qualquer sentimento bom por Alana, que sempre foi falsa e dissimulada.

— É... hoje eu concordo com você.

— Então... — Ela deu um longo suspiro. — Naquela noite, ouvi algo estranho, não tão estranho, pois eu e Sara guardávamos um segredo de sua mãe. — Ela me olhou como se tivesse medo de mim.

— Segredo? Que segredo?

Ela titubeou.

— Conte, Amélia. Adrian precisa saber — Albert a encorajou.

Amélia assentiu. Levantou-se do sofá e começou a andar de um lado para outro, visivelmente nervosa.

— Sara e sua mãe não se davam bem.

— Isso não é nenhuma novidade pra mim.

— Mas o que você não sabe, é o porquê de elas não se darem bem. Sara me confidenciou que sua mãe mantinha um caso com o piloto, Michel.

— O quê? — Levanto-me bruscamente.

— Ouça, Adrian. Ouça com atenção. — Albert pegou em meu braço e me fez sentar.

— Sara disse que a viu em uma situação constrangedora com ele, aqui, em sua casa. Após isso, ela começou a investigar sua mãe e descobriu que Alana também sabia do caso de Nora com o piloto. Num dia, sua mãe estava ajudando Alana a flertar com você, acho que foi na festa de aniversário da Sara, você estava tocando piano, se lembra de algo assim?

— Claro! Tivemos uma briga feia nesse dia. — Busquei as imagens em minha memória.

— Então, consumida pelo ciúme, Sara chantageou sua mãe, dizendo que se ela não parasse de ajudar Alana a conquistar você, ela iria contar para o seu pai que ela o traía. Nora claro, negou veementemente, mas Sara era esperta, havia contratado um detetive particular e tinha em mãos fotos comprometedoras.

Fico pasmo com o que ouço.

— E onde estão essas fotos? — pergunto.

— Estão comigo. Sara me deu para que guardasse, caso algo acontecesse a ela. Estava recebendo ameaças veladas de sua mãe, nada sério, mas a convivência entre as duas estava em um nível insuportável.

— Sim, minha mãe nunca gostou da Sara, mas realmente, a implicância com ela aumentava sempre em que estavam no mesmo lugar. Por isso Sara detestava ir às festas de família.

— Quando Sara morreu naquele acidente de avião, achei sinceramente que Nora havia mandado matá-la. Mas a morte do piloto, fez com que minhas suspeitas viessem por água a baixo. Nora não mataria seu amante, pois, pelo que Sara contava, ela gostava dele. Só que, quando soube do reaparecimento do piloto, vivo, comecei a ligar uma coisa com a outra, e, naquela noite, eu ouvi as duas conversando sobre isso claramente.

— Olha, Amélia. Já é difícil acreditar que minha mãe tinha um caso com o Michel, mas até posso levar isso em consideração, já que disse haver provas, mas ela jamais mataria alguém. Estamos falando da minha mãe. Minha esposa estava grávida de seis meses, era neto dela.

— Desculpe ser tão cruel, Adrian, mas você sabe que não é filho de sangue da Nora. Ela não nutria nenhum sentimento por essa criança.

— Amélia! — Albert a repreendeu.

— Só estou dizendo a verdade, querido.

— Acha que ela pode estar envolvida nisso? — pergunto para Albert.

— Contra provas não há argumentos. — Mostre para ele, Amélia. Dê a ele as fotos. Agora se ela mandou ou não matar a Sara, nunca ficará provado, a não ser que o piloto fale.

— Mas eu não entendi o que isso tem a ver com a Verônica — digo.

— Jesus, Adrian. Você é burro? Se sua mãe odiava Sara, ela odiava ainda mais Verônica. Claro que ela pode ter sumido com ela num piscar de olhos. Ainda mais Verônica sendo quem era, você sabe que sua mãe surtou ao saber o que ela fazia, não? Eu fiz os telefonemas anônimos e enviei a carta dizendo que Verônica corria perigo. Elas estavam tramando alguma coisa naquele dia e eu pensei que fosse algo sobre ela. Eu só queria te manter em alerta. Então, quando soubemos do sumiço da sua esposa, tudo fez sentido — Amélia fala.

— Não sei o que pensar disso tudo. Mas eu tenho certeza de que minha mãe não fez nada com Verônica.

— E por que tem tanta certeza? — Albert pergunta.

— Eu sinto. E minha intuição não falha.

— Olha, aqui está. — Amélia retira de dentro de sua bolsa, um envelope laranja. Eu o pego com curiosidade.

— São as fotos da minha mãe com o piloto?

— Sim — ela responde.

Por mais que eu saiba que minha mãe não gosta de Verônica, ainda custo a acreditar que ela tenha algo a ver com seu sumiço, e muito menos com a morte de Sara.

Abro o envelope e vejo as fotos. Minha mãe em situações bem reveladoras e constrangedoras com Michel.

— Por que não nos contou sobre isso? Meu pai merecia saber que era enganado por essa mulher. Depois ela acha que tem moral para dizer tudo o que disse sobre Verônica — esbravejo e jogo o envelope no sofá. — Não quero ver mais nenhuma foto. Céus! Quando meu pai souber...

— Essa mulher é sua mãe, Adrian. Ela te criou — Albert tenta amenizar minha indignação. — Não conte ao seu pai, somente se não houver outra saída.

— Quer que eu compactue com isso? Nunca! Meu pai saberá disso assim que eu tiver uma oportunidade. E quanto a esse piloto, vamos ver o que ele diz para a Interpol e a Polícia Federal quando eu entregar a eles essas provas.

— Ter um caso extraconjugal não os tornam assassinos, Adrian — Albert diz.

— Mande investigarem a conta dele, a de sua mãe, não sei... Se eles tiverem algo a ver com a queda do avião, podem ter deixado rastros, não acha?

— Duvido muito que ela tenha feito algo assim. Minha mãe se mostrou uma traidora, fútil, mas daí para uma assassina, há uma linha muito grande.

— As pessoas fazem qualquer coisa para obter o que querem, Adrian — Amélia diz.

— Minha mãe sabia que jamais ficaria com Alana. Mesmo depois da morte de Sara, nunca me passou pela cabeça iniciar qualquer relacionamento com ela. Se esse era o propósito, elas foram burras demais — digo, irritado. — Vou entregar essas fotos para o Jonas e quero que isso permaneça em absoluto sigilo, pelo menos por enquanto.

— O que pensa em fazer? O que podemos fazer para ajudá-lo a encontrar a Verônica? — Albert pergunta.

— Eu ainda não sei.

A campainha toca. Minutos depois, Jonas entra.

— Bom dia! — ele cumprimenta a todos.

— E aí, cara? Alguma novidade? — pergunto.

Jonas olha para nós e sua expressão não é das melhores.

— O que foi?

— Não tenho boas notícias.

— Pois então, diga!

Jonas abre sua maleta e retira um papel. Eu o pego e leio.

— Mas o que é isso? — sussurro, assustado.

— Você está sendo intimado a depor sobre o acidente de Sara. O laudo foi conclusivo: o avião foi sabotado.

O sangue inteiro do meu rosto parece se esvaír. *Sabotado? Alguém realmente matou minha esposa e meu filho?*

— E tem outra coisa — Jonas parece sério e preocupado. — A Interpol junto com a Polícia

Federal, pediram a quebra do sigilo bancário do piloto.

— E...?

— Foram descobertos vários pagamentos a ele em nome da empresa Miller's.

— Claro que descobriram, ele era funcionário da empresa, e pagávamos a ele, óbvio — me irritei.

— Mas havia uma transferência para ele com um valor bem significativo no dia da queda do avião. E essa transferência foi rastreada em nome de Alana.

— O quê? — Fico imóvel.

— Meu Deus! — Amélia sussurra.

— E isso não é o pior. Se Alana for investigada, as coisas podem se complicar para você.

— De quanto era esse valor? — perguntei.

— Quinhentos mil dólares.

— Mas isso é um absurdo! — Albert diz.

— Alana não tem esse dinheiro! — digo, surpreso.

— Nós sabemos que ela não tem. E é por isso que as coisas vão se complicar. Ela terá que explicar a origem e o motivo do dinheiro. E eu estive pensando...

— Droga! — praguejo. — Acha que minha mãe possa ter dado a ela? Acha que ela e Alana estão envolvidas nisso? — pergunto a Jonas.

— Antes eu era totalmente incrédulo quanto a isso, mas, diante dos fatos e de que sua mãe é quem está pagando pelo advogado do Michel, acredito que possa estar sim — Jonas responde e sinto uma pontada de dor em meu peito. Se minha mãe foi capaz de fazer uma coisa terrível dessas, não irei perdoá-la jamais.

Sento-me no sofá e tento manter a calma.

— Quando tenho que depor?

— Daqui cinco dias. Não poderá sair da cidade até lá.

— Mas e a Verônica? Não posso ficar aqui! Preciso procurá-la — desespero-me.

— Uma coisa de cada vez, Adrian. Vamos livrá-lo desse depoimento primeiro, e assim que você depor, poderá procurar sua esposa.

— Não vou esperar cinco dias para isso! Não mesmo! — esbravejo.

— Adrian, precisa manter a calma — Albert diz. — Eu posso ajudar nisso, se quiser. Se acha que Charles tem algo a ver, eu posso segui-lo, colocar um detetive particular atrás dele.

— Faria isso? Faria isso por mim?

— Eu faria qualquer coisa para tirar esse sofrimento de você, Adrian. Qualquer coisa — Albert diz e me abraça com carinho. Sempre nos entendemos tão bem.

— Obrigado, cara. Mas eu também vou procurar por ela. Não vou perder minha esposa e filho mais uma vez.

Ele dá alguns tapinhas em minhas costas e sorri.

— Jonas, trouxe o pedido de remoção?

— Pedido de remoção? — Amélia diz, confusa.

— Sim, está aqui. — Ele me entrega a autorização do juiz e leio com atenção. — Ótimo. Vou agora mesmo buscar minha sogra. Ela virá para cá hoje mesmo — digo com firmeza.

Charles ou quem quer que esteja com minha Verônica, não poderá usá-la para nos afastar. Hoje mesmo, Marta Sandler estará no conforto de minha casa.

Capítulo 7

Verônica S. Miller

Dia 3 – Cativo

Acordo com dores pelo corpo. Talvez seja pela forma que adormeci nessa pequena jaula, trancada como um animal. Não tive muito tempo para chorar essa noite. Estava exausta emocionalmente e fisicamente. Quanto mais o tempo passa, mais me conformo de que estou presa nesse fim de mundo e que ninguém irá me encontrar. Se eu quiser sair daqui, terei que traçar um plano.

Olho no quarto ao redor, tudo está como antes. Exceto por uma vasilha de alumínio que não estava ali quando adormeci. Estico meu pescoço para ver o que é. *Leite*.

— Só pode ser um pesadelo! — digo ainda inconformada.

Sinto-me estranha. Fraca. Preciso me alimentar. Mas recuso-me a ser tratada dessa forma.

Sento-me com dificuldade, pois minha cabeça bate na parte de cima da grade. Eu envolvo minhas pernas com meus braços e fico estática. Fecho meus olhos e tento apenas fixar a imagem de Adrian em minha mente. Penso nos dias felizes que tivemos, apesar de serem poucos, mas, pensar nele, alivia momentaneamente a dor que sinto no peito.

Não sei quanto tempo já estou aqui. Acho que se passaram horas. Eu grito por Charles, mas ninguém aparece.

Minha bexiga dói. Preciso ir ao banheiro. Fico inquieta com esse silêncio ensurdecedor. Se Charles queria me punir, sem dúvida esse foi o jeito mais cruel. Acho que ainda preferia as chicotadas, ao invés disso.

O tempo passa. Eu fico cada vez mais irritada. Não há o que fazer. A pouca luz do dia que iluminava o quarto, já se foi. O que presumi ser noite. Ninguém apareceu. Eu começo a me desesperar.

Chuto as grades de ferro com toda a força e grito a plenos pulmões. Não consigo segurar a vontade de ir ao banheiro. Enquanto minha urina escorre entre minhas pernas, formando uma poça sobre o colchonete, eu choro. Fico um longo tempo acompanhada apenas de minhas lágrimas e meus soluços.

Ao ouvir passos, fico muda. Limpo meu rosto e me ajeito escondendo meus seios com as mãos. Não gosto dos olhares dos capangas em meu corpo. Apesar de Paschoal quase não me olhar, dá para ver que ele respeita o Charles. Mas, ainda assim, é um homem. Já não posso dizer o mesmo do outro capanga seboso. Sempre me olha de um jeito que me causa repulsa e medo, deixando claro o desejo em seu olhar todas as vezes que estou por perto. Claramente, ele não respeita o Charles.

A porta se abre e o capanga entra trazendo em sua mão uma outra vasilha de alumínio.

— Trouxe sua refeição, cadelinha. — Ele ri mostrando seus dentes amarelados e podres. O cheiro de tabaco e álcool é insuportável.

Com cautela, ele retira as chaves do bolso e abre a jaula.

Ele estende a vasilha para mim e eu a pego de suas mãos.

O cheiro está bom. É tão inebriante que meu estômago ronca de fome.

— Onde estão os talheres? — pergunto. Eu sei exatamente que isso é uma vasilha de animal, mas com o estômago vazio por quase 24h, não me dei ao luxo de recusar.

— Talheres? — Ele solta uma gargalhada, me deixando enraivecida. — Desde quando uma puta cadela usa talher para comer? — ele conclui se agachando diante da jaula, de frente para mim. Não pensei duas vezes antes de jogar toda a comida em sua cara.

— Vá se foder! — digo ávida de ódio.

Ele retira do bolso de sua calça jeans suja e surrada, um lenço encardido e se limpa. Ele fica olhando para o chão, observando a comida jogada.

Sem eu esperar, abre a jaula e estica os braços grudando-me pelos cabelos arrastando-me para fora.

— Sua vagabunda! — ele grita abaixando minha cabeça até a comida espalhada e esfrega minha cara no chão. A comida gruda em meu rosto e em meus cabelos. Eu tento me desvencilhar dele, mas o aperto que ele exerce em meu cabelo é forte. Quando ele se dá por satisfeito, me empurra para longe. Eu passo minhas mãos pelo rosto para limpar minha pele engordurada.

— Você vai comer toda essa comida do chão.

— Nem morta — digo enfrentando-o. — Se encostar um dedo em mim, se me machucar, farei com que Charles arranque suas duas mãos.

Ele ri.

— Acha mesmo que o patrão se importa com você? — ele pergunta enquanto se aproxima. — Ele não se importa com você. Pelo menos, essa não é a maneira de demonstrar que se importa com alguém — ele diz apontando para a jaula e todo o resto.

Meus olhos ardem e as lágrimas caem.

— Você é apenas um brinquedinho dele, que quando ele cansar, ficarei feliz em tomá-la para mim — diz acariciando meus cabelos. Apenas viro o rosto, com repulsa do toque dele. Eu queria dar-lhe um soco, ou afastar suas mãos. Mas estava escondendo minha nudez dos olhos doentio dele.

Ele pega uma mecha de meus cabelos e inala profundamente. Eu fecho os olhos, com medo.

Sinto ele sobressaltar com algo, e quando abro meus olhos, ele está sendo puxado para fora do quarto por Paschoal.

Consigo ouvir parte da conversa após um barulho.

— *Chegue perto dela outra vez e eu mesmo mato você. Não vou esperar o patrão dar as ordens, entendeu?*

Não há resposta.

Depois de alguns segundos, o capanga entra no quarto.

Eu o observo e vejo que ele tem um pequeno corte no supercílio esquerdo. Ele começa a limpar a comida no chão sem se importar com minha presença. E eu agradeço por ele não lançar olhares libidinosos para mim.

Ele termina e eu ainda estou sentada no canto do quarto, com as costas grudadas na parede.

Vejo Charles entrar.

Sem me ver, ele olha para o homem e diz:

— O que houve aqui?

— Nada, senhor. A prisioneira não quis comer e...

Charles avançou no homem. O pegou pela jaqueta de couro marrom e o imprensou na parede.

— Minha mulher, não prisioneira. Entendeu?

— Claro, senhor. — O homem balança a cabeça, assustado com o olhar frio de Charles.

Charles o solta e olha em minha direção.

— Pode ir — diz para o capanga sem olhá-lo nos olhos. Sua atenção estava voltada totalmente para mim.

É difícil associar a imagem de Charles com esse lugar horroroso: sempre vestido impecavelmente e com a postura de um homem de negócios. Se eu não o conhecesse em seu íntimo, diria até que é um bom homem. Essa é a primeira impressão que todos devem ter de dele. Bonito, rico, encantador, educado. Mas ninguém o conhece como eu. Ele tem seu lado sombrio, cruel e egoísta. Charles é um monstro. Um assassino. E não estou confortável em ficar aqui, servindo-o como se nada tivesse acontecido. Como se ele não tivesse matado Sônia em minha frente, me ameaçado e ameaçado o homem que eu amo.

— Verônica. — Ele estende a mão direita para mim.

Eu olho para o capanga e Charles parece perceber meu desconforto.

— Saia! — Charles diz para o homem sem quebrar a conexão comigo.

Sigo o homem com os olhos até que ele sai do quarto e fecha a porta.

— Verônica!

Eu não me movo.

Então, Charles dá alguns passos em minha direção e me pega pelos braços.

— O que aconteceu?

Eu me irrita.

— Estou sendo tratada como um animal, isso é o que aconteceu.

Ele sorri.

— Acha que é desse jeito que irá fazer com que eu goste de você? Não, não é Charles. Nunca vou gostar de você. E sabe por quê? Porque você não é o Adrian. Nunca será. Nunca conseguirá ser para mim um terço do que ele é — digo com uma calma e coragem que nem mesmo eu sabia que tinha.

Ele me encara, visivelmente irritado.

— Ficarei longe por três dias.

Fico muda.

Como assim? Longe por três dias? Aonde ele vai?

— Preciso que se comporte. Ficará trancada aqui até que eu volte. Suas refeições serão servidas como mandei. Se não se alimentar, o problema é seu.

Fico indignada com tanta frieza.

Ele me empurra para dentro da jaula e me tranca.

— Eu preciso tomar um banho, Charles.

Ele me ignora e dá as costas.

Antes de passar pela porta, ele para e me olha.

— Se alguém te tirasse de mim, Verônica, eu iria mover céus e terra para recuperá-la. Você já está comigo por três dias. Onde está o seu homem perfeito? Eu tenho olhos por todo o lugar. E me disseram que ele espera por você sentado em seu sofá caríssimo, chorando como um adolescente de dez anos que acabou de perder a mãe. Adrian não é de sujar as mãos como eu, nem mesmo por você. Isso não te faz questionar o quanto a ama? Porque, para mim, isso quer dizer que ele não a ama. Então, deveria estar agradecida por eu te amar e querer cuidar de você. E se tudo o que eu falei aqui ainda não ficou claro para você, vou resumir em poucas palavras: ele não se importa o bastante.

Charles termina de falar e percebo que estou afogada em minhas próprias lágrimas.

— Ficarei três dias em São Paulo. Passarei na clínica para ver como está sua mãe. Comporte-se — diz e sai do quarto.

Ele é um mentiroso. Claro que Adrian está à minha procura. *Ele não me deixaria aqui para sempre, deixaria?* Meu Deus! O que estou dizendo? Claro que ele se importa comigo, Charles só quer me desestabilizar, só isso.

Encolho-me dentro da jaula.

— Adrian vai me encontrar. Claro que vai. E irá me livrar desse pesadelo, eu e ao nosso filho
— sussurro acariciando meu ventre e choro em silêncio.

Capítulo 8

Charles Hertman

São Paulo

Eu não queria ficar tanto tempo longe de minha menina, mas não tenho alternativa. Preciso ficar alguns dias aqui em São Paulo para afastar as suspeitas. Assim que eu fizer com que Verônica me ame e queira só a mim, então não precisarei mais me esconder e aquele idiota terá que se conformar que a perdeu. Que ela o largou para ser minha.

— Senhor Hertman, precisa de mais alguma coisa?

— Não Cibele, já está tarde, pode ir embora. Amanhã sairei cedo e ficarei o dia inteiro no hotel.

— Sim, senhor — minha assistente diz e se retira.

Pego o celular. Preciso saber como estão as coisas com Verônica.

— Sou eu. Como ela está? — pergunto a Sérgio, aquele imprestável.

— *Está tudo sob controle patrão. A moça é tihosa demais e apenas se recusa a comer.*

— Não tirou ela da jaula, não é?

— *Não, senhor. Ela não ficou muito contente quando disse a ela que fizesse as necessidades em cima do jornal.*

— Ela irá se acostumar. Volto em três dias. Não quero que a tire de lá por nada. Verônica é

inteligente, pode querer fugir.

— Pode deixar, patrão.

— E Sérgio... faça-a comer. Não quero chegar aí e vê-la morta ou adoentada. Cuide para que ela coma todas as refeições de agora em diante, caso contrário, responsabilizarei você, e não quer verme irritado, não é?

— Claro que não, senhor.

— Qualquer novidade avise-me. — Desligo.

Cansado da viagem, deito-me em minha cama. Preciso descansar, pois amanhã será um longo dia. Vou começar pela mãe de Verônica. Sei do amor que ela nutre por aquela moribunda. Se há um meio de fazê-la me amar, é cuidando de sua mãe. E ela terá uma imensa surpresa quando eu a retirar daquele hospital e levá-la comigo para o Mato Grosso. Assim, terei a confiança, o respeito e o amor de Verônica, que será grata a mim.

Acordo animado e vou direto para o chuveiro. Após meu banho, coloco o terno que separei na noite passada. No *closet*, fico imaginando como seria se as coisas de Verônica estivessem entre as minhas. Como seria vê-la acordar, tomar seu café da manhã ao meu lado, sorrir, falar sobre coisas corriqueiras e até mesmo grávida de um filho meu. Esses pensamentos me encham de esperança. Eu iria amar meu filho... Digo filho porque jamais aceitaria uma menina. Verônica não me daria esse desgosto. Eu iria amá-lo sim, torná-lo como eu, à minha imagem e semelhança. Sempre fui um filho exemplar, mas não obtive muito carinho de meus pais, e todo esse carinho que me faltou, projetarei em meu filho e em minha mulher, Verônica.

Meu celular toca.

Caminho até o criado-mudo e pego meu celular. É do hotel.

— Hertman — digo impaciente. Meus funcionários sabem que detesto ser incomodado em minha própria casa.

— Bom dia, senhor — a voz ao outro lado da linha soa preocupada. Reconheço a voz.

— Diga, Jair.

— O delegado esteve aqui à sua procura. Fiz como me pediu.

— Está certo.

— Senhor...

— Sim.

— Adrian Miller estava com ele, senhor. E pela cara do sujeito, estava irritado.

— Filho da puta! Como ousa aparecer em meu hotel outra vez? Será que terei que dar uma lição nesse imbecil? — Me descontrolo. — Qualquer novidade, avise-me. Não vou para o hotel, antes preciso resolver uns problemas — digo e desligo.

Esse Adrian desgraçado! Sempre na minha cola. Maldito! Maldito!

Mas isso não ficará assim.

Saio do estacionamento em meu carro. Dispensei meu motorista, pois estou tão nervoso que prefiro eu mesmo dirigir. Além disso, não quero testemunhas para o que vou fazer, apenas Paschoal, que sei que posso confiar. E por falar nele, onde se meteu?

Pego o celular do bolso e ligo para ele. Ele atende no primeiro toque.

— Sim, patrão.

— Aonde se meteu, seu incompetente? Já estou quase chegando na clínica — digo rude.

— Estou na entrada da clínica como combinado, senhor.

— Conseguiu um transporte para a velha? E as enfermeiras?

— Sim, está tudo sob controle.

— Já estou chegando — digo e desligo.

Quero ver a cara de paspalho daquele riquinho metido a besta, quando descobrir que a velha moribunda sumiu. Aí terá certeza de que Verônica o deixou.

Sorrio.

Nunca estive tão triunfante. Estou a vários passos adiante, e ele não poderá fazer nada, a não ser,

se conformar que levou um belo chute na bunda.

Ao virar a esquina, vejo Paschoal em frente ao hospital. Estaciono na rua ao lado. Caminho apressadamente até ele, que conversa com dois sujeitos vestidos de preto e mais uma senhora de vestido branco. Pela aparência e vestimentas, deve ser a enfermeira.

Aproximo-me e sou cumprimentado por todos.

— Esperem aqui. Vou conversar com o diretor do hospital e logo venho buscá-los para que me ajude — digo a todos e sigo para dentro do hospital carregando minha maleta. Claro, não poderia deixar de vir com uma boa quantia para comprar esses paspalhos. Como a sociedade é suja, basta ver algumas notas acumuladas, e são comprados facilmente. *Ainda bem que existe esse tipo de gente, senão como eu faria para me livrar daquele imbecil?*

Assim que passo pelos corredores, vejo o diretor do hospital.

— Bom dia, Sr. Hertman! Surpreso em vê-lo aqui. — Ele sorri.

— Bom dia. Será que podemos conversar?

— Claro — ele diz e caminha à minha frente, até chegar em sua sala.

— Sente-se, por favor.

— Obrigado. — Sento-me.

— Em que posso ajudá-lo?

— Antes de qualquer coisa, tenho uma proposta a lhe fazer, mas preciso de sua total discrição.

— Uma proposta? De que tipo? — Ele fica surpreso.

— Uma que lhe renderá uma boa aposentadoria.

— Não estou entendendo. — Ele franze o cenho. Parece nervoso.

— Levarei daqui a Sra. Marta Sandler. Verônica está muito preocupada com a mãe e gostaria de poder terminar o tratamento dela em casa, com a ajuda de um especialista, é claro. Contratei algumas enfermeiras e temos um médico de confiança na família. Não faltará nada para ela, eu prometo.

O médico me observa. Após alguns segundos olhando para mim com uma cara de idiota, fala:

— Como está a senhorita Verônica? Não quis vir pessoalmente?

— Ficou em casa. Está indisposta.

O médico se levanta.

— Sabe, Sr. Hertman. Sempre fui muito agradecido pela contribuição generosa que o senhor, como um cavalheiro, vem feito em nome de minha clínica. Mas confesso que, de hoje em diante, não será mais necessário. — Ele dá um sorriso sarcástico.

Me remexo em meu assento. Como é petulante!

— Pode ser mais claro, por favor?

Ele anda de um lado para o outro.

— O genro esteve aqui ontem e levou a paciente para sua casa. E, em consideração a todo esse tempo e dinheiro que o senhor concedeu à clínica, não farei o que ele me pediu.

Fico furioso.

— Como ele a levou? Ele está louco? Com autorização de quem? — Me descontrolo.

— Ele tinha em mãos um pedido de um juiz. Eu não sabia, mas ele havia comentado com um dos nossos médicos sobre a possibilidade de levá-la para tratamento em casa, eu só soube disso quando chegou aqui com o pedido. Como ele é o legítimo esposo de Verônica, filha da paciente, não pude recusar. Além disso, ela era uma paciente, não uma prisioneira.

— Merda! — esbravejo.

— Ele quer vê-lo na cadeia, sabia? Cismou que a esposa foi sequestrada por você, e que eu deveria chamar as autoridades assim que o senhor viesse procurar pela mãe dela — o idiota diz, me deixando pálido.

— Ele é louco! — grito.

— Então, Verônica não está com você?

— O que pretende com isso, Dr. Carlos?

— Ela está com você, não é?

Dou dois passos até ele e fico cara a cara com o desgraçado. *Como ousa me dirigir a palavra nesse tom?*

— Muito cuidado, Sr. Carlos. Não se esqueça de que nós dois temos os nossos segredinhos —

digo com minha voz fria e habitual.

— Então, ele tinha razão? — Sorri cinicamente.

Avanço nele como um cão raivoso e o pego pelo colarinho.

— Minha vida não lhe interessa. E, se disser a qualquer pessoa que estive aqui, vai se arrepender. Não se esqueça de que não é tão santo como parece. O que será que Verônica faria se soubesse que você contribuía para deixar a mãe dela ainda mais doente? — pergunto num sussurro.

— Você me persuadiu — ele rebate.

— E você foi muito bem recompensado. — Eu o solto. — Experimente ficar contra mim, e eu o coloco na cadeia. Eu sou rico, influente, sabe que ricos não apodrecem numa prisão.

— Não direi nada.

— Eu sei que não.

Dou as costas para ele e pego minha maleta de cima da mesa. Digito os códigos para abri-la e a empurro para ele.

— Aí tem 500 mil reais. Se quiser, pode contar. Preciso de um último favor. — Os olhos dele brilham.

— Do que precisa?

— Um atestado de óbito.

Ele me encara.

— Como?

— Quero um atestado de óbito em nome de Marta Sandler.

— Mas ela não morreu!

— Claro que não, seu idiota. Por acaso mandou uma defunta para aquele imbecil?

— Onde está querendo chegar?

— Preciso que Verônica pense que a mãe morreu.

— Mas...

— É. Ela está comigo. Satisfiz sua curiosidade? — pergunto com grosseria.

— Você não está machucando-a, não é?

A preocupação desse sujeito me irrita.

— Cuide da sua vida, doutor, pois está tão fodida quanto a dela. Não ouse me ameaçar. Você também tem suas sujeiras.

— Já disse que não direi nada. — Ele pega a maleta. — Pobre mulher, nunca desconfiou de nada.

— E continuará assim. Ela não irá descobrir jamais o que fizemos. Eu precisava mantê-la dependente de mim. Me largaria se descobrisse que os laudos da mãe estavam equivocados quanto ao Alzheimer. Não deveria tê-la tirado daqui seu idiota! Agora, certamente, descobrirão que aquela velha não está tão doente assim. Ela pode se recuperar, já pensou nisso?

— Claro que pensei, mas nas condições em que a deixamos, será difícil — ele diz nervoso.

— Terá que descobrir quem são os enfermeiros que estão cuidando daquela maldita. E quando descobrir, trata de comprá-los para que a mate mais rápido. Arrependo-me de não ter feito isso desde o primeiro momento.

— O que faria, caso eles descobrissem o verdadeiro quadro clínico da paciente? — ele me pergunta e não entendo bulhufas.

— Eu? Por acaso, sou o médico daquela idiota? É bom o senhor ir pensando no que fará quando eles descobrirem. Amanhã voltarei para pegar o atestado de óbito — digo irritado. — Adeus, doutor — digo e vou embora furioso.

Em frente à clínica, faço um sinal para Paschoal que vem até mim rapidamente.

— E então? — ele pergunta.

— Manda todos embora.

— Não conseguiu?

— Adrian! Ele levou a velha. Desgraçado! — esbravejo. — Te espero no hotel — digo e caminho até meu carro.

Preciso ir para o hotel e disfarçar. Sei que logo receberei a visita daquele desgraçado. *Ele não sabe o que lhe aguarda.*

Capítulo 9

Adrian Miller

Acordo pela manhã e meu primeiro pensamento do dia é sobre Verônica, não consigo nem imaginar como ela deve estar nesse momento, e tudo que ela deve estar passando nas mãos daquele monstro. Sei que ele é capaz de fazer as piores coisas para conseguir o que quer. Ele é sujo e não tem escrúpulos.

Estou vivendo de maneira quase que automática, o desespero de saber notícias sobre Verônica me deixa sem rumo. Se eu tivesse a chance de encontrar Charles na minha frente arrancaria a verdade dele de qualquer maneira, mas esse desgraçado parece que sumiu do mapa.

Ele acha que pode se esconder para sempre? Uma hora ele tem que voltar e nesse momento não vai fugir de mim.

Parado em frente ao *closet*, sinto um aperto forte no peito ao ver as coisas de Verônica. Continua tudo do jeito que ela deixou, sei que ela vai voltar.

Meu amor, onde você está? O que estão fazendo com você? Sussurro para mim mesmo de maneira desesperada.

Vou até o quarto de hóspedes, onde instalei minha sogra. Preciso ver como estão tratando-a. Foi difícil conseguir profissionais bons que tivessem realmente dispostos a cuidar de uma mulher doente. Mas, enfim, consegui e agora ela está segura comigo, sendo cuidada da maneira que deveria. Verônica ficaria feliz se soubesse.

— Como ela está? — pergunto a uma das enfermeiras. Ainda não decorei seus nomes.

— Está bem, senhor. Já administramos todos os remédios.

— Cuidem bem dela e o que precisar, só me falar.

— Tudo bem, senhor Miller.

Meu telefone toca e atendo logo no primeiro toque.

— Fala Paulão.

— Bom dia, Adrian.

— Só se for para você, o meu começou péssimo. Conseguiu a informação que te pedi?

— O Charles está na cidade e nesse momento indo para o hotel.

— Como sabe disso? — A esperança se acende dentro de mim.

— Estou parado na frente da casa dele. Está ele e um outro sujeito. O mesmo de antes.

— Valeu, cara! Deixa que agora é comigo, preciso ter uma conversa cara a cara com ele. Quero ver se ele é homem mesmo.

— Vai com calma, Adrian. O que você está pensando em fazer? Eu vou com você.

— Não, deixa que eu resolvo sozinho, não vou fazer besteira, confie em mim.

— Cara, você está muito nervoso e isso me preocupa, vou ligar para o Jonas e nos encontraremos lá.

— Já disse que não, porra! — digo descontrolado e logo me arrependo. Paulão está sendo um bom amigo e eu descontando toda minha frustração e amargura nele. — Paulão, eu resolvo isso sozinho. Não farei nenhuma besteira.

— Tudo bem. Se precisar, só me ligar — ele diz e desliga.

Estou ansioso para encontrar aquele desgraçado. Coloco a primeira roupa que vejo pelo frente, calço meus sapatos e saio sem nem tomar café, não quero perder um minuto sequer.

Chego ao hotel e vou direto à recepcionista. Peço a ela que avise a seu chefe que Adrian Miller está aqui e que deseja falar com ele. Ela me olha como se estivesse vendo um fantasma em sua frente,

sei que fui arrogante, mas quer saber, nem ligo. Não vou me prender a etiquetas nesse momento. A única coisa que me importa neste momento é arrancar a verdade daquele desgraçado.

Ela pede para que eu aguarde, e me informa que ele estará aqui em poucos minutos. Sento-me em um dos sofás na sala de espera. Os ponteiros do relógio parecem não se moverem. Saco! Nunca alguns minutos demoraram tanto para mim.

Pouco tempo depois, vejo Charles sair do elevador com seu ar de superioridade de sempre. Ao me ver, abre um sorriso. Um sorriso que me dá vontade de arrancar a socos de seu rosto.

— Adrian Miller, a que devo a honra de sua visita? Em que posso ajudá-lo?

A cara de pau desse sujeito me enoja e me irrita a vários níveis.

— Charles, sem rodeios. Sabe muito bem o porquê de eu estar aqui. Quero saber onde está Verônica, o que você fez com ela?

Todos os que estão na recepção, param para nos observar.

— E o que te leva a acreditar que ela está comigo? Pensei que estivesse com você, era onde ela deveria estar, não era?

— Acha que sou trouxa? Sei que a sequestrou, portanto, está com você.

— Por que eu a sequestraria? Não acho que exista somente ela de mulher no mundo. Mas, se quer saber? Acho que ela te abandonou! Era de se esperar. Talvez ela tenha encontrado um daqueles clientes dela milionário e fugiu com ele.

— Não vai conseguir me irritar — falei, já sentindo o pouco do controle que escapava de minhas mãos.

— Adrian, como você é ingênuo. Já parou para pensar que Verônica pode ter se cansado de você e que ela percebeu que nunca foi homem o suficiente para ela? Nunca passou pela sua cabeça que a única coisa que ela queria de você era o seu dinheiro?

— Cale a sua boca!

— O que foi, a verdade dói? O todo-poderoso Adrian Miller não consegue aceitar que sua mulher se cansou e que resolveu abandoná-lo? A lista de clientes dela era enorme. Até seu nome estava nessa lista; e, pelo que sei, ela era muito boa no que fazia. Uma das melhores vagabundas que já tive o prazer de comer, e realmente entendo o porquê você se deixou enganar, ela nunca deixou um único cliente insatisfeito. Se quiser, posso te passar o nome de alguns de seus antigos clientes e você

pode ligar pessoalmente para perguntar se ela está na cama de algum deles.

E é nesse minuto que todo o controle que eu estava desesperadamente tentando manter no lugar foi para o espaço. Não consigo mais esconder minha fúria e parto para cima dele.

A confusão e o caos estavam armados.

Eu o soco com toda a minha força. Há sangue por todo seu rosto e minha mão direita. Ele não revida e, então, sinto alguém me puxar. Sou arrastado para longe dele por dois seguranças armados. Tento me desvencilhar para continuar a socar a cara desse miserável, mas sou duramente impedido.

Olho para o rosto dele e percebo que sorri. Decerto, era isso que esse imbecil queria. Me tirar do sério. Mas sinto-me orgulhoso por ter feito um estrago no rosto sádico desse homem.

— Chamem a polícia! — ele ordena para os seguranças e fico ainda mais irritado.

— Não quer brigar feito homem? Desgraçado!

Ele solta uma gargalhada.

— Brigar por quem? Por uma prostituta? Faça-me o favor! — ele diz e me deixa num estado sombrio. Se eu estivesse armado agora, não hesitaria em meter uma bala no meio de sua testa.

Enquanto sou contido pelos seguranças, a pequena multidão se dispersa a mando de Charles. Sou arrastado para dentro de uma sala pequena e fico ali, sendo vigiado pelos dois seguranças.

Pouco tempo depois, as portas se abrem e entram dois policiais uniformizados, acompanhados por outro, de terno elegante. Conheço esse homem... Sua feição não me é estranha. Ah! Claro! É o imbecil do delegado que não quis procurar a Verônica. Logo atrás, entra Charles com cara de cachorro morto, fazendo-se de vítima.

— Delegado, eu exijo que este cidadão seja preso por agressão, veja o estado em que ele me deixou?

— Você merecia muito mais que isso! — esbravejo.

— Viu só?! Ele não nega e ainda me ameaça. Tenho testemunhas de que foi ele quem me agrediu, sem eu fazer absolutamente nada.

— Filho da puta, descarado! Você é repugnante.

— O que faz aqui, Senhor Miller? — o delegado pergunta.

— Vim fazer aquilo que a polícia não faz! Procurar minha esposa — digo com sarcasmo.

— Eu disse a você para deixar a investigação com a polícia. Se após 48 horas sua esposa não retornasse, enviaríamos alerta de busca e começaríamos a procurá-la.

— Até lá, podem achar somente os ossos dela, ou um corpo jogado por aí. Acha que sou idiota? Olha para a cara dele, está na cara que ele a sequestrou.

Charles riu.

— O marido dessa mulher tem sérios problemas, delegado. Veja-o! É descontrolado e cismou que estou com sua esposa. Eu tenho mais o que fazer. Já disse a ele para procurá-la na casa de seus antigos clientes, ela deve estar lá.

— Seu filho da p... — antes de conseguir concluir, e partir para cima dele, sou contido pelos policiais.

— Como assim? — o delegado pergunta olhando para nós dois.

— Ah. Ele não lhe disse? Ele se casou com uma prostituta, provavelmente ela deve ter dado um chute na bunda dele e enfiou na cabeça que eu possa tê-la sequestrado. Como se não existisse uma mulher à minha altura, eu precisaria sequestrar uma puta!

— Eu vou fazer você engolir cada maldita palavra. Eu vou te matar, seu desgraçado! — grito descontrolado enquanto ele mantém a pose de ofendido.

— Levem-no para delegacia — o delegado ordena aos policiais. — Coloque as algemas nele.

— Está cometendo um erro delegado.

— Iremos conversar sobre sua esposa outra hora. Levem-no daqui. Preciso conversar com o Sr. Hertman a sós.

— Não temos provas concretas contra ele, não podemos sair fazendo acusações sem fundamento.

— Sem fundamento?! O senhor só pode estar de sacanagem comigo. Depois de tudo o que ele aprontou, de tudo o que ele fez com a minha mulher, o senhor ainda vem me dizer que não pode acusá-lo?

— Adrian, você está muito nervoso, é melhor ficar calmo.

— Calmo! Como o senhor quer que eu fique calmo, sabendo que a minha mulher está nas mãos de um doente e eu não posso fazer nada? E, para piorar, a porra da polícia que deveria estar ajudando, cruzou os braços para tudo isso.

— Adrian! — O delegado chamou minha atenção.

— Não me venha com essa merda de falar meu nome, porque isso não vai adiantar. Sabe o que acho? Acho que o senhor se borra de medo do Charles, por isso que está cagando para as coisas que eu digo — digo, já sem paciência.

— Eu preciso que você se acalme.

— E se eu não quiser? E se a última coisa agora que estiver passando pela minha cabeça for ficar calmo? Coloque-se no meu lugar. Ficaria calmo? Não é a sua mulher que está desaparecida; e se fosse, tenho certeza de que estaria como um louco agora — falo olhando fixamente em seus olhos sem desviar minha atenção.

— Charles é um empresário conceituado, de princípios. Não podemos acusá-lo sem provas.

— Não me faça rir, delegado. De que princípios estamos falando? Ele é um louco que está envolvido em um morte de merdas e até a um assassinato de uma mulher que se deixou ser queimada viva. Por que não levanta sua bunda daí e faça uma investigação sobre o passado dele? Para o inferno com esses princípios de merda! — grito.

— Já chega! — ele grita. — Posso prendê-lo por desacato a autoridade.

— Foda-se! — O fuzilo com o olhar. Já não consigo raciocinar direito. Estou no meu limite.

— Policiais, levem-no para uma cela.

— Não saio daqui antes de fazer a porra da ligação que eu tenho direito.

— Fará a ligação quando eu permitir. Agora o levem daqui! — E então, para a minha total desgraça e desespero, sou jogado como um criminoso numa cela de prisão, onde Charles deveria estar. Que ironia!

Capítulo 10

Verônica S. Miller

Não sei quanto tempo já estou trancada aqui neste quarto, sem sequer, ver a luz do dia. Às vezes, penso ser apenas algumas horas; outras, penso que já se passaram dias.

Era para eu me sentir feliz por Charles ter viajado. Mas, de alguma forma, sinto-me perdida. Não que ele me faça alguma falta, só que quando está aqui, sei que ninguém me fará mal e ao olhar para esse homem sujo e seboso o tempo todo, faz todos os meus sentidos se alarmarem. Ele me olha de tal forma, que me sinto despida até a alma. Para piorar minha situação, preciso dele. Preciso dele como jamais precisei de ninguém em toda minha vida. Ele me traz as refeições, água... Só que não me deixa sair dessa jaula pavorosa.

Ouçõ a porta se abrir. Segundos depois, a luz se acende. É ele. O carcereiro seboso.

— Trouxe o seu jantar. É bom que dessa vez não faça nenhuma birra. Já estou farto desse seu jeito arisco — ele diz e empurra a vasilha de inox até mim. Estico meu braço para fora da jaula e pego a vasilha. No começo eu sofri para conseguir comer desse jeito, com as mãos, sem poder trazer a vasilha para dentro da jaula. Agora já me acostumei. Ainda prefiro que seja desse jeito. Charles certamente não confia tanto assim em seu capanga, para que ele abra e feche minha jaula, senão teria lhe dito para deixar que eu fizesse minhas necessidades com dignidade e não como um animal, em cima de uma folha de jornal.

Sinto-me suja. Estou suja. Preciso de um banho. Eu quero voltar para casa, para os braços de Adrian.

Choro enquanto como o pouco de comida que ele me trouxe. De longe, encostado na parede, ele me observa.

— Você deve ter feito algo de muito ruim para o patrão. Por que ele te deixa assim?

Eu me calo.

— O gato comeu sua língua?

Eu o fuzilo com o olhar.

— Você é bonita. Tem curvas perfeitas. É magra. Não vai me dizer o que o patrão tem contra você? Aposto que você colocou um bom par de chifres nele.

— Vá para o inferno! — me irrita. A simples presença desse homem me tira do prumo.

— Deve ser isso. O patrão te pegou com outro, não foi? É aquele tal de Adrian que ele vive resmungando com Paschoal? — Ele ri.

Não abro a minha boca. Não quero falar com ele.

— Tudo bem — o sebozo diz. — Já que não quer conversar, vou embora — ele diz e sai. Eu agradeço mentalmente por ele me deixar sozinha. Só de olhar para cara dele, dava vontade de vomitar.

Assim que termino, coloco a vasilha no chão.

Volto a deitar em minha gaiola malcheirosa. Todo o ambiente fede a urina. A minha urina. Isso é tão degradante, humilhante... *O que será que Adrian faz agora? E minha mãe? Será que ela está bem? Será que alguém procura por mim?*

Fecho os olhos tentando não pensar tanto nisso. Eu sei que Adrian virá. Ele vai me encontrar.

Sinto-me mal. Olho ao redor. Tudo gira. Pareço estar em uma enorme roda-gigante. Minha visão fica turva e meu estômago está embrulhado. A ânsia bate em minha garganta e quando dou por mim, estou vomitando todo o jantar. *Se é que posso chamar aquilo de jantar.*

Sinto-me melhor ao colocar tudo para fora, mas estou imersa ao meu vômito e o cheiro terrível preenche todo o ambiente. Não posso acreditar que farei isso, mas se é para sair daqui e conseguir resgatar o mínimo que seja de dignidade, eu faço qualquer coisa, então, eu grito por ele:

— *Ei! Eu preciso de ajuda! Por favor!* — grito o mais alto que consigo. Não há resposta. — *Ei! Ajude-me! Por favor!*

Em poucos minutos, a porta se abre. Ele me olha confuso enquanto eu choro.

— Eu não estou me sentindo bem. Pode chamar um médico? — pergunto num sussurro.

Ele ri.

— Acha que sou trouxa? Bem que o patrão disse que você era esperta. — Ele se aproxima da jaula. — Você vomitou?

— Eu não estou me sentindo bem, por favor — choramingo.

— Vou ligar para patrão.

— Não! Por favor, eu só quero sair daqui, tomar um banho. Eu juro que não vou tentar fugir. Só chame um médico, pois não me sinto bem.

O homem me olha confuso. Por alguns minutos, acreditei que ele faria o que pedi. Minha decepção é visível. Ele é um monte de merda, igual ao Charles. Jamais faria nada para me tirar daqui.

Ele ainda me observa. Talvez esteja ponderando a possibilidade. Coloca a mão em sua jaqueta e retira o celular. Ele vai ligar para o Charles. Minutos depois, ouço-o praguejar e colocar o telefone de volta no bolso de sua jaqueta surrada.

— Você deu sorte. O celular do patrão está desligado. Vai dormir aí em seu próprio vômito — diz rude.

— Eu quero tomar um banho. Não posso dormir aqui. Sabe o que Charles faria com você se soubesse que deixou a mulher dele dormir dessa forma? Ele não é tão complacente, você sabe. Por muito menos, ele atirou naquela mulher que estava conosco como se a vida dela não valesse nenhum centavo — apelo.

— O patrão não quer que saia daí. Essas foram as suas ordens.

— Só que eu não estou me sentindo bem, e se acontecer alguma coisa comigo, terá que responder por isso — digo, irritada.

— Droga! — ele esbraveja. — Está bem. Mas se tentar qualquer coisa, não vou ser bonzinho.

O carcereiro retira de seu jeans a chave para a minha liberdade. Aproxima-se e abre a minha jaula.

— Venha! — Ele me puxa e não faz questão nenhuma de ser gentil. — Vou pedir para que alguém venha limpar essa bagunça. Vamos! — Ele me carrega para fora do quartinho. Caminho amparada a ele e sinto um ódio terrível de mim mesma por estar nessa proximidade com esse animal.

Mas o tempo que passei com minhas pernas dobradas naquela jaula pequena, me deixou com dores por todo o corpo. Estou fraca, tão fraca que sinto que mesmo que fosse possível, jamais conseguiria fugir daqui sozinha.

Assim que saímos da cabana, a suave brisa da noite bate em meu rosto. A noite está fresca e quase consigo esquecer-me de toda essa merda em que estou.

— Vamos! Temos que ser rápidos — ele diz e me joga no banco do passageiro da caminhonete. No Ele pega um pedaço de corda fina no porta-luvas e amarra meus pulsos para trás. Quando ele termina de verificar os nós, fecha a porta e dá a volta na caminhonete. Ao sentar no banco, diz:

— Vou levá-la para a casa principal. Se disser sobre isso ao patrão, vou tornar a sua vida um inferno, está entendendo?

— Sim — concordo num sussurro.

Durante todo o percurso, o vejo observar a minha quase nudez. Seus olhos fixam em minhas coxas e meus seios. Ele não diz nada, mas pelo volume nojento que ele tem entre as pernas, não precisa ser vidente para saber que tipo de pensamento está tendo sobre mim.

Ao chegarmos à casa grande, o carcereiro me retira do carro com violência e me arrasta para dentro. Não há ninguém na mansão. Presumo que esteja tarde e que os outros funcionários já foram embora. Com medo de estar sozinha com este homem horrível, começo a me arrepender de ter tido essa ideia ridícula.

— Acho melhor voltarmos. Quero voltar para a minha gaiola — digo assustada. Na verdade, estou em pânico. *Droga! Por que eu vivo tendo péssimas ideias?*

— Não era isso que queria? — ele sussurra em meu ouvido e sinto seu hálito fedido. *Ele todo fede.* Fede a suor, sujeira, álcool...

Seguimos para dentro da casa.

— E-eu acho que não é uma boa ideia — digo olhando para os corredores escuros até chegamos em um dos quartos.

Ele segura ainda mais forte o meu braço e assim que acende a luz do quarto diz:

— Entre!

Eu faço o que ele me pede, não porque quero obedecê-lo, mas porque meu medo me impede de ter qualquer outra reação.

Ele tranca a porta para meu total desespero.

— O que está fazendo? Abra a porta ou eu grito! — digo firme.

— Você não vai gritar. E sabe o por quê? — Ele se aproxima de mim como um predador, retira do bolso um pequeno canivete e ostenta sua lâmina afiada bem próxima ao meu rosto. — Porque eu quero crer que ame essa sua língua. Posso cortá-la, sabia? — Sua voz carrega um tom de crueldade. Engulo seco. — Venha! — Ele me pega pelos braços e me puxa até o banheiro. Sento-me num pequeno banquinho ao lado da pia enquanto ele abre o chuveiro do box e regula a temperatura da água. Olho para os lados, apavorada, e cogito correr. *Ele realmente teria coragem de me machucar?* Não posso arriscar. Não enquanto uma vida cresce dentro de mim. Levo minhas mãos instintivamente ao meu ventre. Meus braços e pernas estão sujos do meu vômito. Sinto-me tão doente!

O carcereiro faz sinal para que eu me aproxime dele. Relutante, caminho devagar até que paro de frente para o box. Ele me puxa pelos braços e me joga debaixo do jato de água.

— Você tem cinco minutos — diz em tom de alerta. — Vou esperar você no quarto — ele conclui e quase caio de joelhos para rezar ao ver que sai pela porta e a fecha. Eu realmente não sei se conseguiria tomar meu banho com ele me observando como um animal no cio.

Eu sorrio. Nunca foi tão bom tomar um banho e lavar-me de tanta sujeira. Lavo meu cabelo, meu corpo e minha calcinha. Terei que colocá-la outra vez e molhada, o que me deixa irritada.

Após alguns minutos, o homem bate na porta, e pelo tom da batida, deve estar exasperado.

— Não demore! — ele grita.

Tento ir mais rápido que posso.

Assim que termino, pego a toalha no suporte, me seco e coloco minha calcinha. Para fugir dos olhares cobiçosos dele, cubro-me com a toalha e saio.

Ele está de pé, caminhando de um lado para o outro. Quando me vê, caminha a passos largos até mim e me puxa pelo pulso. Sem qualquer delicadeza, me joga sobre a cama e suspende meus braços até que eles tocam a cabeceira de ferro. Então, ele me amarra. O pânico me deixa mortificada. Ele parece ler meus pensamentos.

— Eu quero voltar para a cabana. Me leve agora mesmo! — ordeno. Ele abre seu sorriso escroto mostrando seus dentes amarelados e retira minha toalha. O ar frio deixa minha pele eriçada e o bico dos meus seios rijos. O desespero me assola quando o vejo lambe os lábios e encarar minha nudez.

— Se gritar, eu juro que vai se arrepender — sussurra.

— Não pode me tocar! Se tocar em mim, Charles ficará sabendo — digo tentando amedrontá-lo, só que não surte efeito.

Ele se aproxima de mim, na cama e leva as mãos até seu jeans e o desabotoa. *Nem morta eu deixarei que ele faça qualquer coisa em mim.* Eu começo a entrar em pânico ao ver sua calça deslizar por suas pernas e ele jogá-la longe. Pode parecer estranho, mas eu daria tudo para que Charles estivesse aqui, agora. *Por que ele teve que me deixar sozinha com esse nojento?* Sinto meus olhos arderem e as lágrimas escorrerem.

— Por favor! — me pego implorando assim que ele toca meus seios e os aperta.

— Não vai demorar — ele diz rudemente e então, deita sobre mim. Ao sentir seu pau roçar em minha coxa, sinto uma repulsa enorme. Meu desespero aumenta e não posso me controlar, então, eu grito:

— *Socorrooooo! Por favor, alguém me ajudeeeee! Socorrooooo!*

— Cala a boca, vadia! — ele grita e me dá um tapa no rosto. Eu apenas choro. Ele segura minha mandíbula com firmeza e cola sua boca nojenta na minha. Instintivamente, eu lhe dou uma joelhada.

— Ai! Sua puta! — Ele trava minhas pernas com as mãos enquanto tento em vão, chutá-lo.

— Não me toque, seu nojento! Eu vou contar para o Charles e ele vai matar você! — esbravejo.

— Achou mesmo que podia se livrar de mim? Conheço o tipo de mulher que o patrão gosta. Você deve ser uma das vadias dele. — Ele ri. — Você não dirá nada, e sabe por quê? Porque sabe que posso tornar isso muito doloroso pra você, sua safada.

— Me largue! Seu nojento! — grito em pânico. Ele puxa minha calcinha para baixo e me toca.

— Nãoooo! Não, por favor! Nãoooo. Por favor, me solte! — imploro aos prantos.

Ele segue me tocando e separa minhas pernas. Eu tento fechá-las para que ele não me toque, mas ele é mais forte do que eu e, para piorar, sinto-me fraca. *Não posso sucumbir a isso.* Ele leva a mão até sua cueca e retira seu pau para fora. Eu choro ainda mais. Não vou conseguir impedir o que está por vir e isso me desespera, me dilacera por dentro. Eu penso em Adrian, no meu filho... e fecho os olhos. Ele aperta meus seios, coloca seu corpo imundo sobre o meu e sinto sua língua percorrer meus mamilos.

— É assim que você gosta, não é? — ele pergunta ajustando seu pau entre minhas pernas. Sinto

nojo, raiva, ódio, desespero... E quando fecho os olhos, esperando que ele me penetre, o telefone toca. Assustado, ele se levanta e meu alívio é imediato. Quando ele se afasta para atender a ligação, percebo o quanto estou trêmula.

Ele olha no visor e pela cara de espanto, sei muito bem quem deve ser. Então, eu começo a gritar:

— Charleeessssss!

Ele corre em minha direção e coloca a mão sobre minha boca para me calar.

— Cale a boca, vadia! — ele diz entredentes enquanto o telefone continua a tocar. — Abra essa maldita boca e não conseguirá andar por dias, está entendendo?

Eu me calo.

Ele retira o canivete do bolso do seu jeans jogado no chão e aponta para o meu rosto.

— Não faça nenhum som, ou vou retalhá-la. Entendeu?

Ele atende.

— Alô! Não senhor... Sim... Claro... E-ela está na cabana, senhor... Como? Mas eu pensei que... Tudo bem — ele diz parecendo decepcionado e desliga.

Com rapidez, ele se veste e me desamarra.

— Hoje é seu dia de sorte, vadia! — diz com estupidez e me puxa para fora da cama. — Coloque sua calcinha e vamos!

Enxugo minhas lágrimas e coloco minha calcinha.

O carcereiro me pega pelos cabelos com força bruta e sai me arrastando para fora. Ao chegarmos em frente à casa, ele me joga na caminhonete e sai dirigindo feito um louco.

Para ele estar tão preocupado, só pode ter acontecido alguma coisa, e posso apostar que Charles está de volta.

Capítulo 11

Charles Hertman

Idiota! Quem ele pensa que é para invadir meu hotel e me atacar desse jeito? Se bem que isso serviu para me livrar dele por uns tempos. Isso não vai ficar assim. Vou processá-lo.

— Paschoal!

— Sim, patrão.

— Ligue para o hotel e veja se está tudo bem. Ligue também para o meu advogado. Adrian não sairá impune dessa. Depois que eu resolver tudo isso, voltaremos hoje à noite para o Mato Grosso.

— O médico ligou. O atestado de óbito está pronto.

— Ótimo. Agora nada me prende aqui. Voltarei antes do combinado. Preciso ver a minha menina. — Sorrio. Mesmo cheio de dor e hematomas pelo rosto, estou feliz que tudo saiu como o esperado, para não dizer “melhor que o esperado”. Adrian realmente é mais burro do que eu pensava. Babaca! Queria que apodrecesse na cadeia.

Faço algumas ligações para meus empregados e dou instruções. Como ficarei fora por um tempo, quero me certificar de que tudo fique bem. Não gosto de me ausentar dos negócios, mas por Verônica, tudo vale a pena.

Ela acredita que nosso primeiro momento juntos, foi quando ela entrou no meu quarto de hotel, tímida e com aquele olhar inocente que reverberou direto em meu pau. Se ela soubesse que tudo aquilo, não passou de uma simples armação... que já a conhecia há algum tempo... Claro que sua virgindade foi realmente uma surpresa para mim, por isso cheguei a explodir com Sônia ao telefone, achando que ela havia me omitido esse fato. Até cogitei em desistir de tudo naquele momento. Nunca

tinha estado com uma virgem. Como poderia imaginar que ela era? Ela não tinha ideia do que eu queria fazer com seu corpo, com sua alma... Estava tudo armado entre eu e Sônia naquele telefonema. Eu ligaria para ela e diria que a menina não me servia. Não podia parecer um homem desesperado ou ansioso. Ela tinha que saber que não era importante para mim, e sim o contrário. Só que quando disse que era virgem, todos os meus planos caíram por terra. Havia ficado balançado. *Que mulher aceitaria uma proposta para entrar na prostituição, virgem? Inexperiente?* Meu único erro foi ter concordado que ela fosse de outros homens. Eu não era um Dominador possessivo com minhas submissas. Apenas gostava que me obedecessem enquanto fossem minhas. E por um longo período de tempo, Verônica me agradou de inúmeras formas. O combinado seria que eu escolhesse os clientes, já que ela queria outros homens. Ela concordou. Com o tempo fiquei mais exigente, a queria mais para mim e esse sentimento de posse foi aumentando gradativamente. Achei que era por causa da distância. Ela ficava sempre com outros homens e eu sempre com outras mulheres, mas a verdade é que eu só a queria, porque nenhuma outra me satisfazia.

Ainda lembro-me do dia em que a vi pela primeira vez. Estava de jeans e camiseta da faculdade. Tinha ido até lá deixar Sônia. Ela prestava para alguma coisa, afinal. Divertíamos-nos às vezes. E, quando vi Verônica parada na calçada, linda, tímida e com um rubor no rosto, sabia que ela tinha que ser minha. As palavras de Sônia saltam nítidas em meus pensamentos:

— *Sem Chance, Charles. Aquela ali não é de se vender.*

— *Todo mundo tem um preço, Sônia — disse e fiquei observando aquela linda menina.*

— *Ela é muito certinha. Não faz seu tipo. — Sônia riu.*

— *Mas eu serei o tipo dela — disse sério.*

— *Não vai conseguir nada. Olhe para ela.*

Eu olhei através do vidro do carro. Minha vontade naquele dia foi de abrir aquela porta e correr até ela. Beijar aqueles lábios convidativos e jogá-la em minha cama. Fecho os olhos e continuo a ouvir a voz de Sônia em minha mente:

— *Eu posso tentar, mas não garanto que vá funcionar.*

— *O que sabe sobre ela?*

— *Ela tem uma mãe doente e trabalha de secretária.*

— *Ou seja, deve ganhar uma miséria! — disse.*

— *O que pretende?*

— *Por enquanto, faça amizade com ela. E quando conseguir, me apresente como um cliente.*

— *Cliente? Está louco, Charles? Essa garota jamais aceitará ser uma prostituta. Olha para ela! É capaz de ela me denunciar se fizer tal proposta.*

— *Descubra tudo sobre a vida dela, Sônia. Quero saber também o estado de saúde da mãe. Você ficaria espantada com a quantidade de coisa que as pessoas fazem por dinheiro. Todo mundo tem um preço. Ela não é diferente. Agora vá. Preciso trabalhar.*

— Sim, senhor. Nos vemos hoje à noite?

— Não. Só quero vê-la quando conseguir essas informações, caso contrário, não apareça em meu hotel.

— E se eu não conseguir?

— *Você é astuta, Sônia. Irá conseguir. Vou provar para você que todos podem ser corrompidos por dinheiro* — disse, e, então, Sônia se foi. Ela caminhou até Verônica apressadamente, e deu uma trombada na garota derrubando todos os seus livros no chão. “Que coisa mais clichê!”, pensei naquele dia.

Mas não é que a defunta conseguiu?

Eu achei que ter aquela mulher por alguns dias seria o suficiente, mas quando tivemos a primeira noite juntos, quando provei o seu gosto, sua submissão a mim, eu sabia que poderia me viciar nela.

Fiz de tudo para ajudá-la a permanecer ao meu lado. Fiz Sônia convencê-la a internar a mãe num dos hospitais mais caros da cidade antes mesmo de conhecê-la. O diretor era um velho conhecido, isso facilitou bastante. Sônia me disse que a velha tinha sido diagnosticada há quase um ano e meio com Alzheimer, mas, após ser internada na clínica para tratamento, o médico me disse que os laudos feitos pelo Sistema Único de Saúde estavam errados, o que não foi nenhuma surpresa para mim. *O que funciona direito nesse país? Nada!*

Naquele dia fui até o hospital e o Dr. Carlos me contou que ela tinha um tumor no cérebro e que era operável. A falta de memória se dava a esse problema; e os surtos nervosos, pelas medicações erradas. A cada dia que passava, a mãe piorava com o tratamento equivocado. Tudo era bem simples: ela poderia operar, fazer a retirada do tumor e ficar boa, ou poderia morrer, sei lá. Como disse o médico na época: toda cirurgia tem seus riscos, e uma retirada de tumor do cérebro, é uma cirurgia complicada. Não quis arriscar. Não podia arriscar. Pedi para ele mentir para Verônica.

Então decidi que ela não faria tratamento algum. Nós a manteríamos na clínica, e a doparíamos todos os dias se fosse preciso. Se ela fizesse a cirurgia e ficasse boa, ou morresse na sala de operação, Verônica estaria livre. Só que eu não podia deixá-la ir. Eu precisava de tempo com ela. E o médico me certificou de que ela não morreria tão cedo, caso optássemos em não fazer a cirurgia. Em outras palavras: estávamos matando a velha aos poucos. Eu não me sinto muito bem com isso, mas, na vida, temos que fazer aquilo que nos convém. Verônica parecia disposta a fazer tudo pela mãe, e deixá-la em dívida comigo, era um jeito fácil de poder cobrá-la futuramente. A mensalidade da clínica era paga por ela e por mim, na verdade, tudo por ela, já que eu pagava pelos seus serviços como minha... não vou dizer prostituta porque ela não era... já que sempre a tratei como minha submissa. Ela assinou um contrato constando que pertencia a mim pelo tempo que eu a quisesse, e não o contrário. E ela quebrou o contrato. Portanto, eu não a sequestrei, só peguei de volta o que era meu por direito. Sinto-me traído. Usado. E não vai ser para um playboy de merda que irei perdê-la. Eu serei melhor para ela. Serei o que ela precisa.

Após resolver todas as minhas pendências do hotel, da clínica e do processo contra Adrian Miller por lesão corporal, enfim, estou livre. Quero voltar o quanto antes para a fazenda e poder ficar ao lado de minha menina.

Caminho até o bar e me sirvo de um pouco de uísque sem gelo. Aquele infeliz tem um soco de direita que vou te contar. Meu rosto todo dói. Vejo minha aparência pelo espelho do aparador. Alguns hematomas e um olho inchado. Sorrio. *Idiota! Eu posso ter apanhado, mas quem levou a pior foi você*, digo triunfante. Como eu queria ser uma mosquinha para vê-lo dentro daquela cela fétida. Se bem que a justiça aqui no Brasil é uma merda, logo ele estará solto e não vai sossegar até encontrá-la. Só que não vou facilitar, Adrian Miller. Mesmo que um dia a encontre, será tarde demais para você. Ela já vai estar completamente apaixonada por mim. Bebo meu uísque. Quando esse dia chegar, terei o prazer de rir na cara desse filho da puta.

— Patrão... — Paschoal irrompe na sala.

— Diga.

— Já está tudo pronto. Precisa que eu avise o Sérgio que estamos voltando antes do combinado?

— Não, Paschoal. Vou chegar de surpresa. Assim posso saber o que ele anda fazendo por lá.

Gosto de vigiar meus empregados — digo colocando o copo sobre a mesa de vidro do bar e procuro por meu paletó preto. — Vamos para casa — digo e me visto.

A viagem foi dolorosa. Mesmo com os analgésicos, ainda sinto dores. Olho em meu relógio de pulso: 22h49. Está tarde e acredito que Verônica deve estar dormindo.

— Estamos a quinze minutos da fazenda, patrão — Paschoal comunica.

— Ótimo. Vou ligar para que o Sérgio abra os portões. Os funcionários devem ter ido embora a essa hora.

— O senhor deveria contratar seguranças.

— Não quero minha casa cercada de homens que podem me foder futuramente. Para a minha segurança, já tenho você e Sérgio. Embora, às vezes, ele seja muito irracional, quero acreditar que ele preste para alguma coisa — digo rude.

Pego meu celular do bolso e ligo para Sérgio.

— Sérgio?

— *Alô!*

— Por que demorou tanto para atender? Estava dormindo? — pergunto irritado.

— *Não, senhor.*

— Preciso de você.

— *Sim...*

— Por que está monossilábico? Está tudo bem? — Algo na voz de Sérgio acende meu alerta.

— *Claro...*

— Verônica, onde está?

— *E-ela está na cabana, senhor.*

— Ótimo. Venha até o portão principal. Estarei aí em dez minutos.

— *Como?*

— Estou chegando, sua anta! Quer que eu desenhe?

— *Mas eu pensei que...* — Sua voz sai trêmula.

— Você não é pago para pensar e sim obedecer. Esteja no portão principal em dez minutos!

— *Tudo bem* — ele diz e eu desligo. Era só o que me faltava, essa anta devia estar dormindo!

Chegamos ao portão principal após alguns minutos.

— Onde está aquele imbecil? — digo irritado.

— Ele deve estar vindo, patrão — Paschoal resmunga saindo do carro. Ele caminha até os portões e olha pelas frestas. Ele faz um sinal e volta para o carro.

— Ele está vindo na caminhonete — diz assim que entra no carro.

— Até que enfim — esbravejo. — Estamos esperando há quinze minutos por esse paspalho! — digo com os nervos à flor da pele.

O portão se abre.

Paschoal avança na direção dele e quando nos aproximamos, ouço um som estridente vindo da caminhonete...

*... estou indo embora agora, por favor não implora
porque homem não chora
estou indo embora agora, a mala já está lá fora.
porque homem não chora...*

— Mas que porra é essa? — me irrita.

Paschoal cai na gargalhada.

— É música, patrão.

— Música? Desde quando? — fico perplexo com a cara de pau do imbecil. *Era isso que ele fazia enquanto me deixava plantado esperando?*

— Olha para o sujeito, deixe ele curtir a fossa — Paschoal fala ainda achando graça e continua a dirigir.

Algumas pessoas precisam rever esse conceito de música! Será que é tão difícil gostarem dos clássicos? Mozart, Vivaldi... Se aquele chororô todo for música, definitivamente, nasci na época errada.

Olho no retrovisor, a caminhonete nos segue. Depois de alguns minutos, chegamos à casa principal. Saio do carro e assim que Sérgio me olha, fica espantado.

— O que aconteceu com seu rosto, patrão?

— Nada que lhe interesse — digo rude e alinho meu terno. — Como está Verônica?

— Deve estar dormindo, senhor.

— Ótimo. Não estou animado para ir até lá agora e está tarde. Volte para a cabana. Amanhã cedo quero que a traga para tomar um banho. Ela vai tomar o café da manhã comigo.

— Como quiser, patrão — ele diz.

— Vou entrar e descansar. Paschoal, não quero ser incomodado.

— Boa noite, patrão. Tomarei conta de tudo — Paschoal diz, então eu me retiro e vou para meu quarto.

Acordo bem cedo.

Tudo o que eu quero é vê-la. Saio da cama e tomo o meu banho. Não demoro muito, pois a ansiedade em encontrar-me com ela me consome. Olho minha aparência: estou um pouco melhor do que ontem, apesar dos pequenos hematomas. Coloco meu terno, gravata e calço meus sapatos. Ao olhar pela janela, vejo a caminhonete vermelha estacionada. Sérgio já deve ter trazido Verônica como ordenei. Ótimo. Não queria encontrá-la toda suja. Sei como são as mulheres, são tão vaidosas.

Saio do quarto e vou direto para a sala de estar. O jornal está sobre a mesa de centro como sempre. Eu pego e sorrio com o que leio nas primeiras páginas do jornal.

O empresário Charles Hertman, dono da rede de hotéis mais luxuosa do Brasil, foi brutalmente espancado pelo empresário Adrian Miller, na manhã de ontem, em uma de suas filiais em São Paulo. O empresário foi preso e será processado.

Ao lado da notícia, havia uma foto dele. Como eu adoro a mídia! Sorrio.

— Bom dia, senhor! Quer que eu lhe traga o café? — Benedita pergunta olhando para o chão. Maldição! Detesto quando ela faz isso.

— Não, Benedita. Tomarei café com minha mulher, que, por sinal, está demorando — digo sem paciência.

— Eu estava ajudando-a a se banhar, senhor. A menina não estava muito bem e...

— O que ela tem? — Levanto-me do sofá, preocupado.

— Nada. Só acordou indisposta.

— Traga ela aqui — ordeno.

— Ela está se trocando, senh...

— Traga-a do jeito que estiver, Benedita! Faça o que eu mandei, droga!

A empregada sai. Desde que comprei essa fazenda, a mantenho como governanta. Sem ela, acho que nada funcionaria nessa casa.

Depois de alguns minutos, Verônica entra na sala. Ela me olha. Parece tão abatida. Seus olhos estão vermelhos e sei que ela chorou. Depois de alguns segundos de silêncio, vejo-a sorrir, então, ela corre em minha direção e me abraça tão forte, que fico chocado.

— Charles! — ela sussurra. Sua cabeça está enterrada em meu peito e seus braços em volta de minha cintura.

— Ei, minha menina. O que houve? — pergunto e afasto-a de mim. Só quero olhar seus olhos. E o que vejo neles, é medo. — Aconteceu alguma coisa? Alguém lhe fez algo enquanto estava fora?

— Patrão, a cabana está toda limpa. — Sérgio irrompe na sala e Verônica me abraça ainda mais forte.

— Tudo bem, Sérgio. Tire o dia de folga.

Ela não olha para ele, mas ele mantém o olhar nela enquanto nos falamos.

— Ela vai voltar para a cabana?

— Não. De agora em diante, ela ficará aqui, comigo. Pode ir.

Ele assente e sai.

— Ei! O que foi isso? — pergunto para ela. Há lágrimas em seus olhos.

— Não me deixe de novo, Charles. Por favor! Não me deixe aqui sozinha. Eu não quero ficar aqui sem você — ela diz, quase desesperada. *Ela está implorando por minha companhia?*

— Alguém te fez alguma coisa, Verônica? Alguém te machucou?

— Não! Não... Eu só não quero ficar sem você. Eu faço qualquer coisa, Charles, mas, por favor, não me mande de volta para lá.

— Você ficará aqui se aprender a me obedecer.

— Eu vou. Eu prometo!

— Então não há o que temer. — Sorrio.

— O que foi isso em seu rosto? — Ela me toca.

Dou um grande suspiro.

— Precisamos conversar, Verônica. É sobre a sua mãe — digo. Não poderia existir hora melhor para bombardeá-la de mentiras. Ela está vulnerável, posso perceber. Ela precisa de mim.

— O que tem minha mãe? — ela pergunta e automaticamente se afasta de mim.

— Sua mãe faleceu.

Capítulo 12

Adrian Miller

Não acreditei que fosse possível dormir nessa espelunca, com esse cheiro de carne podre e esgoto, mas percebi que havia pegado no sono em algum momento da noite anterior, já que um guarda troncudo pigarreava na frente da minha cela, para chamar minha atenção.

A lembrança da humilhação do dia anterior voltou com força total. Aquele cretino iria me pagar caro por isso. Sua atitude arrogante e autodefensiva só me fez ter mais certeza de que ele está envolvido no sequestro da Verônica e do meu filho.

Ainda dói pensar nela. Quanto tempo havia se passado? Acho que agora já era hora de dar queixa formal pelo desaparecimento da minha esposa.

Ótimo! Quero ver aquele delegado fajuto me impedir de prestar queixa. Só espero que eles façam alguma coisa de útil.

— Ô, cidadão! Levanta daí que você será solto. Sua fiança foi paga — o guarda gritou, acordando o resto dos detentos que dormia.

— Já não era sem tempo. Cadê o Jonas?

— Eu sou pago pra te soltar, não pra dar informação. Vamos, antes que eu mude de ideia.

Ele abriu a porta da cela e eu cambaleei para fora, me sentindo ridículo e sujo. Nunca pensei que fosse passar a noite na cadeia alguma vez na vida, ainda mais sendo inocente. Tudo que quero é que Charles Hertman pague caro pelo que fez e, claro, ter minha família de volta.

Chego à entrada da delegacia e encontro Jonas ao lado do delegado Ricardo.

Ele parece espantado com o meu estado, que deve estar lastimável, mas se mantém imóvel e diz:

— Adrian, o delegado vai ouvir sua queixa de desaparecimento.

A expressão impassível do delegado fez meu sangue ferver novamente. Está sendo impossível me controlar, e cada vez que mais imagens horríveis de possíveis destinos de Verônica passam pela minha cabeça, a força me some mais um pouco. Se ele continuar me olhando como uma criança que quer um doce antes do almoço, serei obrigado a socar aquela cara de poucos amigos.

— A queixa está dada, delegado. O *senhor* já sabe onde procurar, então, me diga, pelo amor de Deus, por que ainda está parado aqui? — Minha voz soou mais agressiva do que eu pretendia. A raiva, muitas vezes, é uma conselheira mais do que conveniente. Ótimo.

— Sr. Miller, peço para que o senhor se acalme. Se continuarmos nesse tom, não chegaremos a lugar algum. — A tranquilidade dele me tirou do sério pela segunda vez em menos de três minutos.

— Minha esposa foi sequestrada por um maníaco e o senhor me pede para manter a calma?

— Pelas filmagens apresentadas por seu advogado, Sr. Miller, sua esposa saiu sozinha, de madrugada, de sua casa. Não há indícios de que tenha sido sequestrada por Charles. Eu fui pessoalmente ao hotel da primeira vez em que estive aqui e ele estava viajando. Não sabia que havia voltado ontem. Portanto, já pensou na hipótese dela ter te abandonado? — ele diz isso com cara de paspalho, sem a menor preocupação, deixando-me ainda mais irritado. Como se isso fosse possível.

— Não. E sabe por quê? Acabamos de nos casar e ela está grávida. Além disso, ela jamais abandonaria a mãe doente. Tem alguma coisa errada, delegado. Quero que descubra para onde ela foi levada, senão eu mesmo farei isso.

— Você sabe que esse não é o melhor caminho...

Fomos interrompidos por um celular tocando. Reconheci imediatamente que era o meu aparelho, em posse de Jonas. Ele me passou o celular, e identifiquei o número da Miller's imediatamente. Droga! Além de tudo, eu havia me esquecido de vários compromissos nos últimos dias. Quem poderia me culpar? Mas a empresa também precisava de mim.

— Alô? — atendi, sem a menor vontade de saber das últimas. Coisa boa não era.

— *Sr. Miller, desculpe incomodá-lo. O cliente que solicitou aquele orçamento enorme está atrás do senhor há dias. Parece que alguma coisa deu errada no pedido e ele se recusa a efetuar o pagamento. O Garcia tentou fazê-lo entender que o senhor está passando por problemas, mas ele se recusa a aceitar e...*

— Andréia, me desculpe, eu não posso resolver isso agora.

— *Mas...*

— Sem mas... apenas me obedeça.

Desliguei sem me despedir. Não costumo tratar nenhuma das minhas secretárias mal, mas essa situação pede medidas urgentes e impensadas. Depois eu vejo o que faço com ela.

— Me desculpem. Delegado, eu acho bom o senhor me dar alguma resposta satisfatória em relação a Charles Hertman, ou ele não ficará apenas com o rosto machucado da próxima vez.

— O senhor o está ameaçando?

— Não. Estou ameaçando o *senhor*.

E saí, simplesmente arrastando Jonas atrás de mim. Onde estou com a cabeça? Se esse homem resolver me processar ou me prender de novo, vai atrasar ainda mais a investigação particular que pretendo fazer.

Mas algo me diz que ele vai, pelo menos, tentar ir a fundo à minha teoria mais do que plausível.

Assim que saímos da delegacia, Jonas me repreende:

— É melhor você começar a conter essa sua vontade assassina de querer matar o Charles todas as vezes em que o vê, ou vai acabar se complicando. Não está vendo que é isso que ele quer?

— Não posso me conter. Ele me tira do sério — esbravejo. — E minha irmã? Como está? — Jonas me olha de um jeito curioso.

— Não falei com a Terry ontem e nem hoje. Na verdade, ela estava um pouco esquisita quando nos falamos pela última vez.

— Acha que ela possa estar...

— Eu espero que sua irmã esteja levando a sério tudo o que falei. Eu quero ajudá-la a passar pelo vício, pelos problemas, mas não posso fazer isso sem que ela realmente queira.

— Eu achei que esse assunto estava encerrado — digo transtornado.

— Ela parou faz pouco tempo, Adrian. Sabíamos que haveria recaídas.

— Mas acreditei que a relação de vocês, sua proteção, a ajudariam a largar tudo aquilo.

— Eu também, amigo. Eu também — Jonas diz, preocupado.

Eu precisava chegar em casa e tomar um banho. Também tinha que ver como estava instalada a minha sogra. Embora tenha seus lapsos de memória e durma quase o tempo todo, Verônica odiaria saber que a tirei de uma clínica excelente para dar-lhe nada menos que o melhor conforto familiar em nossa casa. No dia em que a trouxe, um enfermeiros me informou que a encontrou consciente, o que achei estranho, pois Verônica nunca falava com a mãe acordada. Ela certamente iria gostar de saber que sua mãe estava se recuperando.

Tomei um banho super-rápido, me vesti adequadamente e fui ao quarto da Sra. Sandler.

Logo na entrada, encontrei um dos enfermeiros que eu havia contratado, acho que o nome dele é Jorge. Arrisquei.

— Bom dia, Jorge.

— Bom dia, Sr. Miller. — Ufa!

— Como está a Sra. Sandler hoje?

— Ela está medicada, e os episódios de confusão se alternam com o sono ao longo do dia. O Dr. Fox veio ontem à tarde procurando pelo senhor, mas como não o encontrou, deixou a prescrição de novos exames. Ele solicita que seja feita uma nova tomografia, e há um quadro de pneumonia, que precisa ser tratado com mais remédio. Deixei com a Maria todas as receitas, ela disse que iria ver com o senhor como proceder.

— Obrigado, Jorge. Vou providenciar para que a Sra. Sandler seja bem cuidada. Por favor, me avise caso ela tenha mais alguma solicitação. Ela está acordada?

— Infelizmente não, senhor.

— Que pena. Queria dar um *oi* para ela. Mas eu volto mais tarde. Até mais, Jorge.

— Até, Sr. Miller.

Saí do quarto, não sem antes dar uma espiada e ver o que as outras duas enfermeiras estavam conversando, mas atentas a qualquer movimento da minha sogra. Excelente!

Fui até o escritório procurar por Jonas. Maria também me aguardava lá, com as receitas e

pedidos de exame solicitados pelo Dr. Fox. Dei orientações a ela.

— Maria, vá até a farmácia, que fica na avenida, porque eles têm mais remédios que a maioria. Pegue aqui o dinheiro, acho que isso dá. Depois, vá até a clínica de exames e marque um horário para a tomografia. O mais rápido possível.

— Claro, Sr. Miller.

Assim que ela se afastou, fechei a porta. A noite na prisão tinha me dado ideias.

Jonas me olhou com uma expressão esquisita, como se eu tivesse surtado. Relaxei a fisionomia e ele imitou, sem querer.

— Jonas, tive um tempinho considerável para pensar, quero que você acompanhe meu raciocínio.

— Vamos lá.

— Charles é um homem arrogante e da pior estirpe, mas ninguém pode negar que é inteligente, certo?

— Certo. — Ele parecia confuso.

— Você realmente acha que, se ele fosse sequestrar a mulher de um empresário, ele a manteria tão perto?

— Olha, já houve casos... — O interrompi.

— Sejamos francos, Jonas. O cara tem hotéis no Brasil todo. Por que ele manteria Verônica tão no meu nariz? Óbvio que ele pode tê-la levado para qualquer lugar.

— Sim, faz sentido.

— Pois bem, eu andei sondando uma das recepcionistas do hotel dele, e ela acabou, sem querer, comentando que Charles Hertman abriu aquele hotel no Mato Grosso recentemente. O mais estranho, é que era lá que ele estava quando ela sumiu. Talvez para criar um álibi. Isso me fez pensar que...

— Bingo! Verônica pode estar lá, óbvio. Mas no hotel?

— Isso é o que vamos descobrir. Vou pedir para a Andréia providenciar passagens e hospedagem, no Hotel Hertman para nós três. O Paulão irá conosco, claro, assim que eu der esse maldito depoimento.

Era isso. Se minha intuição estivesse certa, agora sim, estaríamos no caminho. Como eu contava

que o delegado Ricardo iria assumir as buscas aqui, eu poderia, secretamente, investigar lá.

Capítulo 13

Verônica S. Miller

Nunca rezei tanto na minha vida para agradecer alguma coisa. Achei que aquele cara horrível faria o pior. Passei praticamente a noite em claro, remoendo aqueles minutos aterrorizantes, esperando Charles ir me visitar naquela cabana horrorosa e fétida. Para minha decepção, as horas foram passando, passando... e nada dele. Não pude esconder minha decepção.

— A jovem precisa de mais alguma coisa? — Uma senhora de meia-idade pergunta, entregando-me uma toalha. Depois que o seboso me tirou de lá há alguns minutos e me trouxe para tomar um banho, fiquei morrendo de medo, achando que ele tentaria terminar o que havia começado ontem à noite. Só que quando vi o carro de Charles estacionado, fiquei aliviada.

Entro no chuveiro e tomo meu banho. Tento limpar-me o melhor possível. Há giletes novas expostas em cima da pia e presumo que sejam para mim. Sei o quanto Charles odeia a presença de pelos, então, para que não tenha desculpas em me punir, faço o que tenho que fazer.

Sinto-me tonta. Estou tão fraca que me apoio no boxe com as mãos trêmulas. A senhora entra no banheiro trazendo um robe branco de cetim.

— Aqui está, querida. Se vista quando terminar. — Ela me oferece um sorriso complacente. Porém, ao me olhar mais atentamente, percebe que estou me sentindo mal. Ela se apressa em minha direção e segura em meus braços.

— Você está pálida!

— Oh! Não se preocupe. Eu estou bem — disse com um fio de voz. Eu não estava nada bem. A sensação de estar numa roda-gigante havia voltado. Reflexo da gravidez, pouco sono e falta de uma

alimentação decente.

— Posso ajudá-la, se quiser.

— Não será necessário. Já estou bem. — Sorri para acalmá-la.

— Pode me chamar, se precisar. Estarei lá fora — ela diz. — Meu nome é Benedita.

— Obrigada. O meu é...

— Eu sei quem você é, senhora Hertman. — Ela abaixa a cabeça e desaparece, fechando a porta ao sair.

Senhora Hertman?

Só de pensar, sinto arrepio. Nunca! *Uma Hertman?* Nunca mesmo!

Termino o meu banho. Ao me secar, a senhora entra, mais uma vez, no banheiro.

— Seu senhor está exigindo sua presença na sala de estar.

Eu estremeço.

Termino de secar meus cabelos e coloco o robe branco.

— Deixe-me ajudá-la — a senhora diz e pega um pente para desembaraçar meus cabelos. — Vamos, ele não me parece muito paciente, como sempre.

Dou um olhar a ela.

— Você o conhece faz tempo? Não a vi desde que cheguei aqui.

— Sim. Desde que o senhor Hertman comprou a fazenda.

— Como ele é com vocês? — fiquei curiosa em saber.

— Como qualquer patrão. Exigente — ela responde objetivamente.

Não pergunto mais nada, então, eu a sigo até Charles.

Na sala de estar, meu coração dispara quando o vejo. Medo ou alegria, não sei explicar. Talvez um pouco dos dois. E sem perceber, me pego sorrindo e correndo para ele.

— Charles! — sussurro ao abraçá-lo. Sinto seu cheiro amadeirado, de colônia cara.

— Ei, minha menina. O que houve? — ele pergunta e, automaticamente, lembro-me da noite

terrível com aquele carcereiro. — Aconteceu alguma coisa? Alguém lhe fez algo enquanto estava fora? — Eu iria dizer sim, mas ao ouvir a voz daquele homem e lembrar-me de suas ameaças quando me buscou pela manhã... *“Se contar sobre o que aconteceu entre nós, eu juro que farei coisa pior do que tinha em mente com você”*. Suas palavras me fizeram congelar.

— Patrão, a cabana está toda limpa — o carcereiro diz e intensifico o meu abraço em Charles, buscando por proteção, querendo apagar aquela noite da minha mente.

— Tudo bem, Sérgio. Tire o dia de folga — Charles responde.

— Ela vai voltar para a cabana? — O carcereiro fedido pergunta. Ele não vai desistir até conseguir o que quer e isso me assusta e me motiva a fazer algo que eu jamais faria: querer ficar ao lado de Charles.

— Não. De agora em diante, ela ficará aqui comigo. Pode ir.

Fico aliviada.

— Ei! O que foi isso? — Charles pergunta. Mas é claro que ele sentiu a minha tensão. Quando olhei para ele, não havia percebido que as lágrimas estavam a ponto de escorrerem de meu rosto.

— Não me deixe de novo, Charles. Por favor! Não me deixe aqui sozinha. Eu não quero ficar aqui sem você — imploro como uma criança assustada.

— Alguém te fez alguma coisa, Verônica? Alguém te machucou?

— Não! Não... Eu só não quero ficar sem você. Eu faço qualquer coisa, Charles, mas, por favor, não me mande de volta para lá. — E eu faria. Acho que faria qualquer coisa que ele mandasse. Submeter-me ao Charles, não era pior do que ser estuprada por aquele homem horrível.

— Você ficará aqui se aprender a me obedecer.

— Eu vou. Eu prometo!

— Então, não há o que temer — ele diz. Com um olhar mais atento, percebo os hematomas em seu rosto. Adrian! Eu tenho certeza de que foi ele.

— O que foi isso em seu rosto? — Eu o toco levemente.

Ele suspira e se afasta.

— Precisamos conversar, Verônica. É sobre a sua mãe. — Ao mencioná-la, meu coração fica apertado e minha fisionomia muda. O medo volta a me assolar.

— O que tem minha mãe?

— Sua mãe faleceu — Charles despeja a notícia.

Tudo dentro de mim parece desmoronar. As três palavras que saem da boca dele, me deixam sem chão. De repente, meu corpo todo começa a tremer e sinto minha pele queimar. Já não consigo processar nada coerente em minha mente. Num súbito, avanço histericamente para cima dele. Só quero matá-lo.

— Seu desgraçado! Maldito, filho da puta! — grito em cólera, socando-o em todos os lugares, chutando-o descontroladamente, enquanto choro. — A culpa é toda sua! Eu deveria estar lá com ela! Você me tirou do lado dela! Seu desgraçado, eu te odeio! Eu te odeio — continuo a gritar descontrolada e a socá-lo, até que sinto sua mão pesada em meu rosto.

Fico estática, sentindo meu rosto arder e meus olhos queimando em lágrimas. Até que sinto os braços de Charles me envolver e sua voz preocupada em meu ouvido:

— Eu não queria ter feito isso, mas estava descontrolada — ele se explica.

Eu choro. Caio em meus joelhos e choro como nunca chorei em toda a minha vida. A dor dilacera não só o meu peito, mas toda a minha alma, toda a minha existência. Eu estou sozinha agora.

Ele afaga meus cabelos molhados e tenta me tranquilizar com algumas palavras que mal presto atenção.

— Eu estou aqui, minha menina. Vou cuidar de você, eu prometo — ele sussurra e me beija docemente. Não tenho sequer forças para protestar, mas também não o incentivo a continuar.

— Como aconteceu? — pergunto com a voz embargada.

— Podemos falar sobre isso depois, Verônica. Agora está muito abalada.

— Eu quero saber, Charles. Eu preciso saber como foi — choramingo.

— O estado dela piorou, os médicos precisavam recolocar o dreno, pois os pulmões estavam comprometidos outra vez. Eles tentaram ligar para você em sua casa. Adrian atendeu e disse que você não morava mais lá, que não queria saber do estado de saúde dela e que não se preocupava com o que poderia acontecer. Isso foi no dia seguinte em que chegamos aqui. Ela piorou significativamente. Os médicos fizeram tudo o que puderam. E, quando ela morreu, ligaram outra vez para ele, mas ele não se importou e não quis saber, deixando sua mãe morta, no hospital, como uma indigente. Como o médico tinha meu telefone, ele me ligou e, então, fui correndo para lá. Ela havia

morrido na manhã do dia em que cheguei. Fiz todos os preparativos para o funeral, dei a ela um funeral decente, meu amor. Cuidei dela como se ela fosse parte da minha família. E, quando Adrian soube o que eu tinha feito, ele apareceu no hotel furioso, me bateu, fez um escândalo, até que foi preso. Veja... — Charles pegou um jornal sobre a mesa, e me mostrou a notícia. *Era verdade!* A foto de Adrian estampando o jornal era como uma punhalada em meu estômago. *Como ele pôde fazer isso comigo? Com a minha mãe? Ele jurou que a protegeria e na primeira dificuldade ele a despreza como se fosse lixo?* Aquilo acabou de me matar por dentro.

— Ele perguntou por mim? — pergunto, soando ridícula.

— Não. Ele sabe que você está aqui, Verônica. E mesmo assim, não veio te procurar.

— Como assim, ele sabe?

— Em nossa briga, enquanto ele me batia, desejou que fôssemos infelizes juntos, que nós nos merecíamos e te chamou de vadia barata. Eu não podia deixar que ele falasse assim de você, então a briga só piorou e... não quero aborrecê-la com isso — ele diz.

— Está mentindo. Tudo isso é mentira! — disse, desesperada. *Claro que Adrian jamais me deixaria com esse louco! Ou deixaria?* Eu mal o conhecia direito. *Se ele foi capaz de fazer isso com minha mãe, será que me ama realmente?*

— Eu jamais faria o que ele fez com você, Verônica. Sabe há quantos dias está aqui? Ele não veio procurá-la, porque não a quer mais. Eu iria atrás de você nem que fosse no inferno para tê-la de volta. Essa é a nossa diferença. Eu a amo e Adrian só estava te usando.

O meu mundo estava desabando tão rápido. Não conseguia pensar em mais nada. Só há sofrimento, dor e decepção dentro de mim.

— Eu quero ouvir tudo isso do Dr. Carlos. Ainda me nego a acreditar que Adrian tenha deixado minha mãe dessa forma — digo e vejo a raiva passar nos olhos de Charles.

— Não confia em mim?

— Eu quero ouvir dele, Charles. Do médico.

Ele fica inquieto.

— Isso é uma afronta, sabia? Mas se quer... aqui está. Ligue para a clínica e chame pelo Dr. Carlos — ele disse, entregando-me seu celular.

Não perco tempo e ligo com meus dedos trêmulos. Enxugo minhas lágrimas com as costas das

mãos e suspiro fundo.

Após ouvir toda a explicação do Dr. Carlos e fazer todas as perguntas que eu queria, enfim, me dou por satisfeita. Charles não mentiu em uma só palavra, e saber que sou tão pouco importante para Adrian, mesmo sendo casada com ele e carregando um filho dele no ventre, me dilacera.

— Eu só queria poupá-la — Charles diz quando eu entrego o celular. Não falo nada. Não há o que falar. Somente a dor pulsa em todo o meu ser.

— Venha. Vou levá-la para o nosso quarto. Precisa descansar — ele diz e me ampara. *O que será de mim agora? O que será do meu filho? Eu estou perdida. Charles vai me matar quando souber.*

Acordo um pouco sonolenta. Parece que um caminhão passou por cima de mim. Ainda ouço as palavras do médico. Elas me afetaram. Levanto-me da cama e vou até a porta. Está trancada, claro. Olho ao redor, no banheiro... Charles não está.

Vasculho as gavetas da cômoda à procura de alguma chave ou algo que eu possa usar para abrir a porta. Eu quero sair daqui. Preciso ouvir tudo isso da boca de Adrian. Quando abro a terceira gaveta, vejo um envelope sobre algumas peças de roupas de Charles. Curiosa, abro.

É o atestado de óbito da minha mãe.

Caio sobre meus joelhos, inconformada e choro. Eu dei tudo de mim para que ela se salvasse, para que ela ficasse boa. E nada adiantou. Fui humilhada, agredida, passei necessidades e para quê? *Para no fim ela morrer desse jeito e me deixar sozinha no mundo?*

Um barulho lá fora me fez saltar e guardar o envelope rapidamente. A porta se abre e Charles entra vestido apenas em uma cueca *boxer* preta, carregando uma bandeja nas mãos.

— Trouxe o seu jantar. — Ele sorriu.

Eu me aproximei da cama e observei o jeito que colocou a bandeja sobre ela.

— Venha, você precisa se alimentar. — Ele esticou a mão em minha direção. Eu enxuguei minhas lágrimas com as costas das mãos e fui até ele, em passos lentos.

Charles me puxou carinhosamente até ele e colocou seus lábios nos meus assim que nossos corpos estavam próximos.

— Sente-se. Vou alimentá-la. — Não foi um pedido. Sou como uma ordem e eu sabia que uma ordem de Charles não devia ser contrariada, além disso, eu estava quase que no automático.

Ele começa a me alimentar, com paciência e seus olhos não se desviam dos meus.

— Você parece doente — ele diz com o semblante sério.

— Eu estou bem — minto.

— Deixe-me saber caso precise de algo, Verônica. Se caso se sentir doente, quero ser o primeiro a saber — diz e acaricia meu rosto, com carinho. Charles poderia ser facilmente amado por mim, se tudo tivesse sido diferente entre nós, se eu não amasse tanto Adrian, e ele não tivesse me machucado tanto.

— Eu estou bem — digo e continuo a comer.

Há um breve silêncio. Porém, após eu comer, digo:

— Eu não quero ficar presa nesse quarto. Eu quero poder andar pela casa, Charles. Sinto-me uma prisioneira aqui.

— Ficará livre quando eu disser. Você ainda não está preparada. Eu quero que se sinta em casa, que me ame, que queira ficar aqui comigo. Você sabe que eu sempre fui o melhor para você — ele diz e, em seguida, se levanta.

— Eu disse que farei o que você quiser — sussurro.

— Não é assim. Não te quero forçada. Eu quero que você me queira também — ele diz. Coloca a bandeja em cima do aparador, tranca a porta e volta para a cama.

Capítulo 14

Verônica S. Miller

Dias depois...

Charles está cada dia mais cavalheiro. Nesses dias que se passaram, em nenhum momento, me maltratou ou me puniu. Estou aliviada em não ter visto mais aquela cabana em que fiquei aprisionada de forma humilhante. Pelo contrário. Ele está começando a confiar em mim e isso era tudo o que eu precisava para poder sair daqui o mais breve possível. Apesar de ele estar fazendo de tudo para darmos certo, eu ainda era casada, estava grávida e amava Adrian. Eu precisava saber se Adrian realmente havia feito tudo o que disseram, e só saberia quando eu conseguisse falar com ele. Era impossível acreditar que o homem com quem casei, que jurou lealdade e amor por mim, tenha traído a mim dessa maneira.

Eu pensei muito nesses dias e decidi que faria tudo o que Charles mandasse. Não estava ganhando nada com minha rebeldia. Seria a submissa que esperava que eu fosse, seria uma companheira carinhosa e amorosa. Não vou dizer que está sendo fácil representar esse papel, mas é preciso. Só assim conseguirei provar que eu estou apaixonada por ele. E, quando ele menos esperasse, eu daria o troco por todas as maldades que havia feito desde que nos conhecemos. Dormimos na mesma cama esses dias, e agradeço por Charles não ter me procurado para outra coisa, a não ser lhe fazer companhia em sua cama. Ele estava cumprindo o que me disse, que estava esperando eu ir até ele. Eu cogitei fazer isso logo na primeira noite, mas não consegui. Não seria verdadeiro e ele saberia apenas pelo meu toque, que eu não estaria totalmente entregue. Então, decidi esperar. Só que não tenho mais tempo. Preciso que ele acredite que estou mudada.

— Bom dia! — Charles diz ao entrar no quarto.

— Bom dia! — Eu sorrio.

— Está um lindo dia lá fora. Então, pensei em fazer uma surpresa para você, estou te sentindo tão tristonha — ele sussurra e me beija. Eu correspondo.

— Vai me deixar sair do quarto? — pergunto ansiosa.

— Sim. Mas, com uma condição!

Eu sorrio tentando demonstrar uma alegria que não é verdadeira.

— Diga...

— Iremos juntos, num passeio a cavalo. O que acha? — Os olhos dele brilham e automaticamente me reteso, lembrando-me de minha condição e grávida.

— Não! — digo assustada e ele me olha confuso. — Desculpe, é que tenho pavor de cavalo.

Ele ri. Uma gargalhada gostosa. Charles está tão diferente que nem parece o mesmo carrasco de dias atrás.

— Não vai acontecer nada com você. Mas tudo bem, se não gosta, podemos ir caminhando, o que acha?

— Acho ótimo. Só espero poder usar algo além de um robe transparente — digo olhando para a minha vestimenta.

— Claro. No quarto de hóspedes há roupas para você. Estão sobre a cama. Pode ir buscar e se trocar.

Fico paralisada. Ele realmente irá me deixar sair daqui?

Sinto meu coração se encher de alegria.

— Obrigada — digo e corro até ele para abraçá-lo. Não sei o porquê faço isso, mas sem perceber, me pego beijando-o docemente em sua boca. Ao me afastar, ele está com o olhar fixo em mim. Seu olhar é como fogo em chamas enviando o calor para todo o meu corpo. Eu desvio o olhar e digo: — Desculpe, Senhor — essa pequena demonstração de afeto, o desarma.

— Não se desculpe por isso, minha menina. Beije-me quando quiser, a hora que quiser e como quiser — e conclui beijando-me delicadamente. — Agora vá. — Ele se afasta. — Te espero para podermos dar uma volta. Você precisa respirar ar puro e tomar um sol. — E sai do quarto.

Bingo!

Charles Hertman estava começando a acreditar que eu realmente estava cedendo a ele. Um feito e tanto.

Saio do quarto e corro para colocar minhas roupas. Há um vestido creme sobre o lençol de cetim preto, devidamente passado e alinhado. Na caixa ao lado, um par de botas marrom.

Me visto rapidamente e saio de encontro a ele. Ao chegar à sala de estar, ele sorri.

— Está linda, como sempre. — Benedita nos olha com curiosidade. Apesar de não ter nada contra ela, claramente, ela não comprou a minha história de boa moça amorosa, pois está sempre na defensiva. Não sei o que ela deve pensar, mas também não me interessa. Meu único objetivo é arrumar um jeito de sair desse maldito lugar.

Caminhamos pelo campo. Ele me mostra toda a propriedade e eu olho cada canto minuciosamente. Eu precisava estudar o lugar se eu quisesse fugir. A propriedade está bem cercada, porém, não há guardas, o que facilitará quando eu conseguir sair daqui.

Não quis enchê-lo de perguntas sobre isso, fiquei com medo que desconfiasse de algo. Abstive-me apenas em ouvi-lo e sorrir.

Após um bom tempo de caminhada, paramos debaixo de uma árvore em busca de sombra. O sol está muito quente e já me sinto cansada.

— Vamos descansar um pouco — ele diz sentando sobre o chão de terra, não se importando em sujar seu jeans preto. Suado, ele retira a camisa e estende no chão para que eu me sente sobre ela.

— Obrigada — digo ao me sentar. Ele me puxa para ele e acaricia meu rosto. — Como está se comportando bem esses dias, tenho um presente para você. — Ele enfia a mão no bolso da calça e retira uma chave.

— O que é isso? — Meu coração bate acelerado.

— A chave do nosso quarto. Tome. — Ele me dá todo sorridente.

— Tem certeza disso?

— Sei que vai usá-la de forma correta.

Sorrio, mas não deixo transparecer minha empolgação. Pego a chave em minhas mãos e sinto que minha liberdade está próxima.

— Acho que eu mereço mais do que um simples obrigado — ele comenta com os olhos fixos em mim. *O que ele espera que eu faça?*

Aproximo-me e colo meus lábios nos dele. Charles me abraça e num movimento rápido, se lança para cima de mim, deitando-me no chão de terra e me beija com urgência. Eu quero expulsá-lo, estapeá-lo, tirá-lo de cima de mim, mas acabaria por ser descoberta e meu teatro só me prejudicaria, então, eu correspondo.

Suas mãos sobem vagarosamente por minhas pernas até que tocam minha calcinha.

— Charles! — sussurro. — Alguém pode nos ver aqui, desse jeito — digo. Não que eu estivesse preocupada com isso, só queria afastar suas mãos do meu corpo.

— Ninguém ousaria nos espiar. Eu arrancaria os olhos de quem quer que fosse — diz num tom frio, beijando meu pescoço e suas mãos tocando-me. Isso só provou o quanto estava excitado. Tento me concentrar e não pensar em nada, nem mesmo em Adrian. Seu corpo está quente. Procuro não tocá-lo muito. Embora sinta repulsa todas as vezes em que ele me toca, não posso negar que ele tem um corpo magnífico.

— Eu estou com sede. Será que podemos ir? — pergunto para interrompê-lo.

Ele se afasta, visivelmente exasperado com minha recusa, e diz:

— Sim, vamos.

Acordo apavorada e angustiada após um pesadelo terrível. Sonhei que Adrian havia morrido, e então, lembro-me da minha mãe. Olho ao redor, tudo escuro. Pela escuridão vinda da janela, ainda não amanheceu. Sinto fome. Como estou com as chaves do quarto, posso ir até a cozinha comer algo. Ao meu lado, Charles dorme tranquilamente. Fico observando-o por alguns minutos. Ele é bonito enquanto dorme. Dou uma olhada em seu corpo desnudo e algo se acende dentro de mim. Não sei dizer se é desejo, talvez esteja ficando louca em sentir alguma coisa por ele, já que eu o odeio com todas as minhas forças. Só que desde que ele voltou, sinto-me estranhamente esquisita. *Será apenas uma necessidade física?* Afasto esses pensamentos.

Retiro o lençol e saio da cama levemente para não acordá-lo. Coloco meu robe para cobrir

minha nudez. Charles não me deixa dormir de roupas. Nas pontas dos pés, sigo para fora do quarto até que chego às escadas. Desço devagar para não fazer barulho. Quando chego à cozinha, não consigo encontrar o interruptor, então, sigo no escuro até a geladeira e abro. Concentrada, espio o que há para matar minha fome. De repente, sinto uma mão me puxar pela cintura e outra envolver meus lábios, tapando-os para que eu não grite. Pânico. Sinto pânico, pois reconheço o cheiro fétido do carcereiro seboso.

— Achou que eu desistiria de terminar o que havia começado, não é? — ele sussurra em meu ouvido. Tento me desvencilhar dele, mas não consigo. — Quietinha. Se acordar o patrão, serei obrigado a dizer a ele que peguei você querendo fugir. E sabe como ele vai ficar, se eu disser isso a ele, não vai? Adeus liberdade para você — ele conclui e me arrasta para a sala de estar. Sigo tentando me soltar de seus braços, mas ele empunha uma faca perto do meu rosto e diz com sua voz assustadora: — Não resista que será pior.

Meus olhos começam a lacrimejar. Quero gritar, mas meus gritos e lamúrias são abafados pelas suas mãos cheias de calos.

Ele me joga sobre o sofá, ainda com as mãos sobre minha boca e abre meu robe com a outra. Tento chutá-lo, golpeá-lo com socos, mas ele parece não se abalar. Vejo que está sem camisa, vestido apenas de jeans.

— Ou você fica quietinha, ou posso abrir um rasgo nesse seu lindo rosto, o que acha? — ele sussurra, mostrando-me a lâmina de seu canivete. Tento engolir meu choro e conter meu desespero. Preciso pensar. *O que eu faço?*

Concordo, balançando a cabeça.

— Vou soltar minha mão da sua boca. Preciso amarrá-la. — Os olhos dele, mesmo na penumbra da noite, brilham de forma assustadora. — Não grite, ou mato você.

Concordo mais uma vez. Ele sorri mostrando aqueles dentes podres e guarda o canivete no bolso.

— Eu só quero te dar prazer, mais nada. Você vai gostar, sei que gosta das coisas que o patrão faz, só quero ter uma parcela nisso tudo — ele diz e acaricia meu corpo com sua mão suja. As lágrimas já escorrem pelo meu rosto. *Por que quando eu preciso do Charles, ele nunca aparece?*

Fecho os olhos, com nojo, quando sinto a mão do homem descer por minha barriga e atingir meu sexo. Choramingo e ele pede para que eu me cale. Com seu joelho, ele separa minhas pernas e sinto o momento em que ele me invade com seu dedo e solta um gemido nojento. Ele fica um tempo ali, até

que retira a mão e leva seus dedos à boca, chupando-os com malícia. Ao vê-lo tentar desafivelar o cinto de suas calças somente com uma mão, pois a outra ainda estava sobre minha boca, exercendo toda a sua força, desespero-me. Debato-me de forma violenta. Ele tenta me conter e volta a me ameaçar, mas, num deslize dele, consigo afastar a mão dele e gritar alto o suficiente para que um quarteirão inteiro me ouça.

— *Charlessssssssssss! Charlessssssssssssssss!*

No desespero, ele sai de cima de mim e corre sumindo na escuridão dos cômodos. Eu levanto apressada, ainda abalada, e cogito correr até as escadas, até que vejo Charles descê-las tão rápido quanto um raio. Ele nem se deu ao trabalho de vestir-se.

A luz se acende, e ele me analisa, parada no meio da sala, apavorada. Olha ao redor e franze o cenho.

— O que foi? Por que está gritando? — Ele fica confuso e se aproxima.

Não sei por que, diabos, não consigo abrir minha boca. Ele se aproxima ainda mais de mim, e me analisa atentamente. Seus olhos repousam sobre minha boca e vejo sua expressão endurecer.

— O que aconteceu? — pergunta fechando o meu robe, aberto por aquele tarado.

Ainda não consigo balbuciar nenhuma palavra. Não posso dizer a ele sobre o carcereiro. *E se o carcereiro desmentir? E se Charles não acreditar em mim?* Terei que conviver com aquele tarado e pode ser que da próxima vez eu não tenha tanta sorte.

— Verônica! — Charles grita, assustando-me. — Diga alguma coisa!

— E-eu só es-estava com fome. Desci para comer algo quando vi um ra-ra-rato passar na minha frente — disse gaguejando. *Como sou péssima em tentar mentir para Charles!* Soei como uma garotinha de três anos.

Ele me abraça, mas a feição dele é impassível. Não há como eu saber se ele acreditou, ou não. Charles me deixa irritada com esse dom de nunca transparecer o que está pensando ou sentindo.

— Venha. Vamos preparar algo para você comer.

— Não está vestido. Além disso, perdi a fome — disse fracamente.

— Minha nudez não deveria incomodá-la. Conhece meu corpo tanto quanto eu conheço o seu — ele diz e me guia até a cozinha. Ao entrarmos, Charles acende as luzes e se retesa olhando para a porta da geladeira escancarada.

— Achei que não tivesse vindo até a cozinha. Onde viu esse rato? — pergunta desconfiado.

— Ah, é que... foi quando eu abri a geladeira. Não percebi que deixei a porta aberta e corri até a sala — digo rapidamente.

— E conseguiu ver o rato no escuro? Mulheres! — ele sussurra. — Sente-se. Vou preparar algo para que coma.

Fiz o que ele mandou, embora realmente comer era a última coisa que eu queria nesse momento.

Charles se movimenta livremente, é estranho vê-lo sem roupa, fazendo tarefas como essa. Embora ele transpareça calma, eu sei que ele odeia ter que fazer qualquer coisa do tipo.

— Não precisa se incomodar comigo. Eu poderia fazer isso — digo enquanto ele caminha até o micro-ondas e esquenta um pedaço de *quiche*.

— Eu cuido de você. Sempre. — Ele sorri, virando-se para mim e eu desvio o olhar de sua crescente ereção. Sem dúvida, ele está confortável demais com seu corpo e sua nudez. Ele dá uns passos em minha direção e para de frente para mim, pegando-me pelas mãos e me retira de meu assento. Carinhosamente, envolve suas mãos em minha cintura e cola meu corpo no dele.

— Da próxima vez, quero que me chame para que eu mesmo venha e faça algo para comer, entendido? — Seus olhos são como labaredas de fogo, disparando um eminente calor em sua volta. — Isso não é um pedido, Verônica, é uma ordem. E uma ordem minha deve ser cumprida, sempre.

— Sim, senhor — digo no automático, pois uma de suas mãos desliza para dentro do robe e toca meus seios. Ele desvia os olhos dos meus e se concentra em meu corpo, olhando-o minuciosamente como se estivesse inspecionando-me à procura de algo. Suas mãos deslizam até meus ombros e ele empurra meu robe para que ele caia sobre meus pés. Fico nua. Ele me dá um olhar interrogativo e ordena:

— Vire-se!

Faço o que me pede.

Sinto seu olhar me inspecionar outra vez, embora não posso vê-lo, sei que me olha. Suas mãos caminham em minhas costas lentamente até que para na curva de minha bunda. Ele se move. Está agachado atrás de mim e isso me deixa em alerta.

— Você tem um arranhão bem aqui. — Ele coloca uma de suas mãos entre minhas pernas, e toca em algum ponto doloroso, em minha coxa. Não sei o que é, mas certamente, algo me feriu enquanto

aquele tarado tentava me estuprar. Fico apreensiva.

Ele se levanta e me vira bruscamente olhando em meus olhos, esperando alguma resposta.

— Você diria para mim se estivesse acontecendo algo fora do normal, não diria? — sua pergunta sai como um alerta.

— Cla-claro — sussurro amedrontada. Charles é como um camaleão, sua fisionomia pode passar de um cara lindo, romântico e charmoso para um assassino cruel ou um sádico impiedoso. E isso me assusta em um nível inimaginável.

O alarme do micro-ondas toca e Charles sai de perto de mim, para buscar minha comida.

Capítulo 15

Charles Hertman

Desde o dia que retornei de viagem, Verônica está estranhamente mansa comigo. Sei que ela deve ter sofrido alguma coisa na minha ausência, e juro que trucidado o imbecil que sequer cogitar colocar a mão na minha mulher, mas vendo-a tão frágil e sensibilizada, quase faz o acontecimento ter valido a pena.

Resolvi não torturá-la para descobrir o que aconteceu na minha ausência. Ao invés disso, tratei-a como a submissa que deve ser, com carinho, já que a minha intenção é fazê-la se apaixonar.

Verônica não está mais na cama, mas antes que qualquer pensamento sobre isso me venha à mente, ouço o chuveiro e um leve cantarolar. Isso era estranho. Será que, finalmente, ela sucumbia aos meus encantos? Estava sempre mais disposta e alegre, ainda mais agora, depois que dei total liberdade para que vagasse pela propriedade.

Às vezes, me pergunto onde estou errando com ela. Sou o sonho de toda mulher, sei disso, mas ela parece alheia a tudo o que faço, e não entende que faz parte do programa tudo o que ela tem passado.

A noite de ontem foi totalmente estranha. Ela estava escondendo alguma coisa, ou acho que estou ficando paranoico.

Minha súbita decisão em dar a ela a liberdade que queria, não era porque sou um príncipe romântico ou um cara bondoso. Dificilmente, alguém consegue me enrolar. As atitudes repentinas de amor que ela estava tendo comigo eram quase que ensaiadas no começo, embora eu torça realmente para que seja verdade. Então, decidi que era o momento de testá-la. Até agora, ela se comportou muito bem. Só caminha pela propriedade até os limites que dei a ela, porém, vi que todas às vezes

em que Sérgio está presente, ela oscila o humor ou se afasta. Também permiti que usasse roupas fora do quarto. Não queria meus homens de olho em seu corpo.

— Patrão, precisa de mim para mais alguma coisa? — Sérgio entra em meu quarto, preenchendo meu campo de visão.

— Não — digo alheio, apenas esperando que Verônica saia do banho e vou para o hotel. — E Sérgio... não entre mais em meu quarto se quiser viver; e, caso eu ordene que entre, bata sempre na porta antes, está certo? Não quero que pegue minha mulher em alguma forma constrangedora.

— Sim, patrão — ele diz segurando seu chapéu surrado. — Outra coisa, tome um banho, seu fedor impregnou todo o meu quarto.

— Sim, senhor — ele diz e se retira.

Verônica sai do banheiro já vestida. Bela como sempre, exibe suas lindas pernas num vestido curto e rodado. Aproximo-me dela.

— Você está se alimentando bem por esses dias, vejo que o vestido que comprei está apertado. Ou será que errei o tamanho? — digo e vejo-a corar.

— Está perfeito. É só que não tenho muito que fazer por aqui. Apenas como e durmo. Ficaria feliz se pudesse me trazer alguns livros. — Ela sorri.

— É bom te ver assim, minha menina. — Dou um beijo suave em sua testa e depois desço para seus lábios, beijando-a com paixão. Afasto-me e a ajudo fechar o vestido. — Fico feliz por ter lidado tão bem com a morte de sua mãe — digo e ela murcha. *Droga, eu e essa minha mania de falar daquela velha.*

— A vida precisa seguir seu curso, não é? Ainda bem que eu tenho você — ela diz e sorri.

— Bom, estou indo para o hotel. Eu tentei cancelar alguns compromissos, mas acontece que são muitos e alguns funcionários são incompetentes, precisam de mim para tudo. Quero que descanse. Talvez eu chegue cedo — digo terminando de colocar o meu paletó. Ela vai até a cama, pega minha gravata e me ajuda a vestir.

— Agora está perfeito — ela diz terminando de fazer o nó.

— Ficarei pensando em você. Vai ser difícil conseguir trabalhar.

— Eu também — ela responde com carinho.

— Tenho que pedir para fazer outro colar para você. Deixar esse somente para nossas sessões.

Quero algo mais delicado em torno de seu pescoço, diamantes, talvez — digo e ela automaticamente leva a mão até a coleira com minhas iniciais que adorna lindamente seu pescoço delicado.

— Eu gosto desse.

— Mas eu quero algo que esteja à sua altura — rebato e a beijo. — Logo estarei de volta — digo e saio.

Verônica me pareceu mais esquisita do que de costume. Não vou conseguir sossegar enquanto não descobrir se ela está realmente disposta a ficar aqui, comigo. Pelo jeito carinhoso e atencioso que vem demonstrando, não teria dúvidas, mas sou um cara precavido, não posso vacilar. Quando lhe dei as chaves, achei que ela fugiria realmente no meio da noite. Paschoal estava sempre atento nas madrugadas, assim como Sérgio, só que ela não tentou sair daqui, em nenhum momento. Será que posso confiar? Será que realmente ela está se apaixonando por mim? A ideia de ter um futuro feliz com ela me faz sorrir.

— Bom dia, patrão — Paschoal diz assim que entro no carro. — Vejo que as coisas estão caminhando. Está de bom humor.

— Que pode ser substituído facilmente caso aquele mané permaneça em minha cola. Descobriu mais alguma coisa?

— Ainda não. Nosso contato em São Paulo está na cola dele.

— Ótimo? Disse alguma coisa útil?

— Pelo que ele me informou, Adrian irá depor a respeito do acidente da ex-mulher.

— Interessante! — Isso o manterá ocupado. — Depois da petulância daquele idiota em se hospedar aqui, em meu hotel, acredito que ele nasceu apenas para me irritar. Maldita hora em que cruzou em meu caminho! Adrian acha que é esperto, mas é porque ele não me conhece. Vamos — digo.

Na metade do caminho, procuro por meu celular em meu bolso, mas não o encontro. Preciso passar algumas instruções para os meus funcionários para a chegada de Adrian amanhã, em meu hotel. É quando eu percebo que o deixei na fazenda. Merda!

— Paschoal! Volte! Volte! Rápido! — brado em desespero. Se Verônica fizer qualquer ligação, estou fodido. Muito fodido. Desde que a trouxe, o cuidado primordial era de não deixar nenhum veículo de comunicação por perto. Cortei as linhas telefônicas da fazenda deixando os empregados apenas com seus celulares, e com ordens expressas para que nenhum deles deixasse perto dela. Esse

meu descuido pode colocar tudo por água abaixo.

Assim que passamos pelos portões, eu quase salto do carro ainda em movimento. Espero Paschoal estacionar rapidamente e saio correndo como um louco.

Benedita está na sala de estar, então pergunto por Verônica.

— Onde ela está? — pergunto ofegante.

— Não saiu do quarto, Senhor.

Subo as escadas correndo.

Como eu pude dar um deslize desses?

Entro no quarto e ela não está. A porta do banheiro está entreaberta. Ela só pode estar ali. Então, caminho sem fazer barulho. Ao empurrar a porta, o que vejo faz meu sangue todo ferver.

— O que pensa que está fazendo? — grito furioso, já retirando meu paletó, afrouxando a gravata e jogando tudo com violência para longe.

— Cha-Charles! Eu posso explicar — ela diz com a voz trêmula, segurando meu celular.

Avanço nela, que se retrai perto do boxe.

— Dê-me isso! — enfureço-me, retirando meu telefone de suas mãos. Ela começa a chorar, pois sabe o que está por vir.

Dou uma vasculhada e vejo que ela ligou para um número celular de São Paulo. *Chamada atendida! Apenas ficou por 3 segundos.* Vejo a próxima, um telefone local, também de São Paulo.

— Para quem estava ligando? Diga! — falo aos berros.

Ela apenas chora e isso me deixa ainda mais irritado.

Decido discar para o último número, e assim que sou atendido, reconheço a voz: Adrian.

Não consigo controlar a minha fúria e jogo o celular contra a parede, bem próximo a ela. Ele se espatifa no chão.

— Porra! Estava me enganando esse tempo todo? — grito, querendo esganá-la.

— Charles, eu posso explicar! — ela choraminga.

Avanço sobre ela e a imprenso contra a parede. Minhas narinas inflam de ódio. Odeio que me façam de tolo. E Verônica consegue esgotar toda a minha paciência.

Tento manter a calma para não matá-la, porque é isso que quero fazer nesse momento.

Ela baixa o olhar, e eu digo:

— Gosto de você quando me obedece, Verônica. Mas tenho que confessar, gosto muito mais quando você me desafia, pois suas transgressões é o que me levam a penalizá-la, e eu sinto um prazer enorme com isso. Então, não pense nem por um segundo, que fico infeliz por te machucar, acho até que posso me acostumar com isso, já que prefere sempre do jeito mais difícil. O que você precisa saber é: Não vou deixá-la ir em hipótese alguma. Você é e sempre será minha, eternamente minha. Deu para entender?

Afasto-me dela e retiro o cinto da minha calça. Ela fica assustada.

— Por favor, Charles! Eu só queria...

— Não lhe dei permissão de falar — grito e ela sobressalta, encolhendo-se contra a parede. — A roupa. Tire a roupa!

— Charles, por favor. Eu não disse nada. Ninguém me atendeu, eu juro — ela choraminga.

— Comece a tirar a roupa, Verônica. Se eu tiver que fazer, não será muito agradável.

Ela começa a se despir rapidamente, assustada.

— Por favor, deixe-me explicar — ela implora.

— Explicar o quê? Que esse tempo todo estive me enganando e que foi só ter uma oportunidade que foi correndo para aquele imbecil? — grito em fúria.

— Não! Não enganei você Charles, eu só queria...

— Poupe-me de suas mentiras! — esbravejo.

Avanço para cima dela e a puxo para fora do banheiro, apenas vestindo sua calcinha. Ela faz menção de tirá-la, mas eu sinalizo para que fique com ela.

Arrasto-a para fora do quarto e vamos caminhando até o quarto dos fundos, o qual eu mantenho sempre longe da vista de todos, para esconder meus brinquedos nada convencionais. Ao abrir a porta, empurro-a para dentro. Ela se desequilibra visivelmente abalada e cai sobre o carpete preto.

Tranco a porta e a carrego até um banco de madeira, com correntes laterais, iguais às que levei

para a cabana. Coloco-a deitada sobre o banco e prendo seus pés e tornozelos com algemas de couro, ligadas nas correntes de aço.

Ela chora.

— Charles, por favor!

Eu a ignoro e caminho até meus chicotes.

Volto para perto dela.

Estou numa fúria miserável. Quero puni-la, mas quero que ela realmente sinta dor desta vez, para que saiba que não se pode brincar comigo.

Então, começo a falar:

— O que estava pensando? Você me enganou!

— Eu só quer...

— Cale essa maldita boca! — grito e acerto o primeiro golpe em sua coxa direita. Ela geme. — Irá falar quando eu lhe der permissão, entendeu? ENTENDEU?

— Sim, senhor — ela sussurra.

— Eu acreditei em você. Acreditei que estava mudando, que estava feliz aqui. Eu te deixei livre na casa, você podia fazer o que quisesse, menos me trair desse jeito — cuspi minha ira, caminhando de um lado para outro, como um animal acuado.

— Eu estava disposto a esperar para toma-la minha. Disposto a esperar você se acostumar a nos ver como um casal, dominador e submissa. Eu vou fazer você lembrar-se de quem manda aqui, Verônica — digo e procuro pelas correntes do teto. Puxo-as e deixo do jeito que eu quero.

Desamarro-a do banco e ordeno para que se ajoelhe no chão. Pego seus braços e os coloco para trás, em suas costas e puxo as correntes para prendê-la pelos braços. No chão, passo os ganchos nos suportes para colocar as algemas de couro, então, eu a prendo pelo tornozelo também. Ela fica quieta, mas sei que está apavorada. Posso ver em seu semblante.

Quando termino, contemplo-a presa, com os braços para trás, suspensos pelas correntes, seus cabelos soltos cobrindo a nudez de seus seios, ajoelhada, em sinal de submissão a mim, com seus tornozelos presos nas algemas, no chão. Ela me encara.

Vou até outro móvel do quarto e procuro por uma mordança preta de couro, com uma pequena

bola vermelha sintética.

Ela arregala os olhos.

— Vou deixar você falar, antes de amordaçá-la e puni-la devidamente. Seu castigo será proporcional às suas explicações. Terá que me convencer, Verônica. Terá que me convencer de que sua explicação faça algum sentido para mim. Então, comece a falar.

Ela chora.

Reviro os olhos, exasperado.

— Eu te dei uma ordem! — grito.

— Eu estava no quarto quando seu celular tocou... — ela começa a falar, com a voz falhando. — Eu o procurei, o senhor havia o esquecido perto do vaso, no aparador do nosso quarto.

— Prossiga — digo, analisando-a.

— Quando eu o achei, a ligação já havia caído. Eu realmente sinto muito, senhor. Eu só pensei em ligar para o Adrian e perguntar o porquê dele ter me abandonado aqui, de ter negligenciado o tratamento da minha mãe, de não ter se importado com ela e de... — Ela chora.

— Achou que eu estava mentindo? — pergunto impassível.

— Não — ela diz prontamente. — Mas eu precisava ouvir. Precisava saber e dizer a ele que eu queria o divórcio.

— Divorcio? — Fiquei surpreso.

— De qual outra maneira poderíamos nos casar, senhor?

— Eu disse que não ligo para isso! — me enfureço.

— Mas eu não quero estar ligada a ele. Não quero estar ligada a um homem que não se importa comigo e que me trai. — Ela fica abalada.

Que a trai? Franzo o cenho.

— O que disse a ele?

— Nada.

— Não minta.

— Não foi ele quem atendeu. Foi Alana.

Hum... Isso está interessante.

— Como saberei que não está mentindo para mim? Quando eu retornei a ligação, ele que atendeu — disse a ela para saber sua reação.

— Digo a verdade, senhor.

— Você traiu a minha confiança.

— Eu receberei minha punição de bom grado, senhor. Se assim quiser. Mas disse a verdade — ela sussurra.

Eu me aproximo dela e coloco a mordança. Ela chora silenciosamente, conformada com sua punição. Toda aquela fúria descontrolada, deu lugar a outro sentimento. *Poderia ela estar falando a verdade?* Eu queria crer que realmente sim. Mas, mesmo se estiver falando a verdade, ela havia me desobedecido. Uma ligação para aquele babaca, colocaria tudo a perder e ela saberia de toda a verdade, inclusive, que sua mãe está viva e com ele.

Pego um canivete em cima do móvel da cama e vou até ela. Ela me olha com os olhos arregalados de medo e faço sinal que apenas irei cortar sua calcinha. Precisava retirá-la para o que eu tinha em mente. Pego o *flogger* e estendo na direção dela. Fico por alguns segundos observando-a, linda, em sua nudez. Posiciono-me atrás dela, e sinto arquear as costas, preparando-se para o primeiro golpe.

O qual eu não dou.

Algo dentro de mim me impossibilita de machucá-la.

Droga! Estou ficando frouxo?

Passo as mãos pelos cabelos tentando achar uma explicação para esse sentimento. Ela merece ser punida. *Mas, então, por que eu não consigo?* Fico decepcionado comigo mesmo. Ela parece perceber, pois ouço um suspiro de alívio.

Jogo o *flogger* mais longe que consigo e praguejo. *Merda! Essa mulher está me enlouquecendo!*

Ajoelho-me atrás dela e seguro seus cabelos delicadamente, colocando-os de lado. Suas bochechas estão molhadas pelas lágrimas e sinto-me tentado a secá-las com minha língua. Aliás, sinto-me tentado a lambê-la inteira. Preciso arrumar uma desculpa para isso, ou ela irá pensar que

não tenho palavra.

Aproximo-me de seu ouvido e digo:

— Você quase me convenceu, Verônica. Sua punição, porém, será um pouco mais agradável. Mas, de hoje em diante, você ficará trancada no quarto.

Ela assente e eu beijo lentamente seu pescoço, enquanto minha mão envolve um dos seus seios. Eu a quero agora, mas prometi que só a teria quando ela viesse a mim.

Brinco com seus mamilos, que ficam cada vez mais rijos e pesados pela excitação. Embora ela não emita nenhum gemido, sei que está excitada. Continuo a beijá-la, a tocá-la. Minha ereção crescente, desponta em minhas calças e é difícil ficar confortável com toda essa roupa. Ainda beijando seu pescoço, segurando-a por trás, levo minha mão até o meio de suas pernas, e procuro seu ponto sensível, massageando-o delicadamente. Ela se contorce, assim que meus dedos habilidosos a invadem.

— Essa será sua punição. Quero que goze para mim, até suas forças se esvaírem, entendeu? — sussurro.

Continuo a tocá-la, exercendo um pouco mais de pressão sobre seu clitóris. Enfim, depois de um tempo, ouço algo parecido com um gemido. Fraco, mas ainda assim, um gemido que reverbera diretamente em meu pau, deixando-me ainda mais duro.

— Estava mesmo disposta a se divorciar dele? — pergunto sem parar de tocá-la.

Ela assente, um pouco atordoada e perdida, em suas sensações.

Aumento o ritmo e a pressão em seu sexo e após um tempo, seu corpo começa a estremecer de desejo e ouço sua respiração pesada. Puxo seu rosto em minha direção, para que ela olhe em meus olhos, pois quero vê-la gozar. Ela está chorando e não sei dizer o porquê, mas apenas sorrio quando ela abaixa a cabeça e solta um gemido rouco e abafado pela mordação. Ela goza e deixa minha mão molhada com seu gozo. Quando ela levanta a cabeça e me encara, sua feição está diferente. É como se estivesse com vergonha pelo que sentiu e pelo que fizemos, não sei. Mas isso me deixa curioso. Nenhuma das vezes em que estive com Verônica, a vi gozar desse jeito, eu até a achava estranhamente seca, e isso me fez pensar em uma coisa: *será que ela nunca conseguiu gozar comigo antes?* E eu me sinto pior do que se tivesse lhe dado a surra que merecia.

Eu me levanto e a solto.

Ela permanece ajoelhada, estática, em seu lugar.

— Levante-se! — ordeno e ela obedece.

Eu a observo por um momento. Ela está diferente.

Eu retiro minha camisa, sapato e minhas calças, permanecendo com minha cueca.

— Eu quero tomá-la para mim, Verônica. Mas somente se disser que sim — digo. *Se ela estiver realmente mudada, não terá porque me recusar*, penso. E caso recuse, saberei que tudo não passa de joguinhos para me manipular.

Eu espero por alguns segundos que mais se parecem com uma eternidade, até que, após um suspiro, ela diz:

— Então me faça sua, senhor.

Sorrio e a beijo.

Capítulo 16

Adrian Miller

Finalmente chegou o dia do meu depoimento. Isso me deixa com dois sentimentos controversos: medo, porque, de uma forma ou de outra, eu estou sendo investigado e preciso provar minha inocência, tentando não expor minha mãe; alívio, porque depois de hoje poderei finalmente me dedicar à busca por Verônica.

Se é que ela ainda está viva. Esse pensamento me dá um calafrio, deixando meus pelos arrepiados. Preciso me controlar e ter foco. Se o investigador perceber que estou nervoso, ele certamente usará isso contra mim. Estar em estado de nervos à flor da pele realmente não é bom. Nada bom.

Respiro fundo umas cinquenta vezes, e começo a me acalmar.

Já estou vestido, barbeado e perfumado. Paro para tomar um café forte e comer algumas torradas. Preciso estar forte e apresentável.

Sei que sou inocente, e não deveria estar com tantos sentimentos dentro de mim, mas a verdade é que ser interrogado me apavora. Sei como as coisas funcionam na justiça brasileira, e se os caras resolverem que precisam de um bode expiatório para mostrar para a mídia o quanto são fodas, eles vão me acusar.

Depois de tomar meu breve desjejum, encontro-me com Jonas na sala, me esperando.

— Bom dia, Adrian. Você está com uma expressão boa. Isso será ótimo no depoimento.

— Bom dia, Jonas. Estou tentando me manter calmo. Não quero aqueles imbecis tirando proveito da minha fragilidade emocional. Assim que sairmos de lá, vamos para o aeroporto. Estou

ansioso para iniciar a investigação em Mato Grosso. Nossas reservas no hotel estão confirmadas, certo?

— Certo. Olha... — ele fez uma pausa. — Você não precisa responder nada que não queira, é um direito seu, assegurado pela Constituição, mas quanto mais cooperar, mais rápido livra sua cara. Você pretende incriminar a sua mãe?

— Por mais suja que ela tenha se mostrado, não gostaria que fosse eu a incriminá-la. Talvez eu possa dar algum indício de que eles deversem procurar em outros lugares. Acho que se eu colocar a Alana no meio, talvez ela os leve até minha mãe, já que é uma vaca, como sabemos.

— Pode ser. Só tente manter a calma e, na dúvida, lembre-se de que menos é mais. Um interrogado que não para de falar, nunca é visto com bons olhos, a menos que tenha algo bom para dizer.

— Ok. Vamos?

Chegando à delegacia, fomos recebidos por um policial marrento, que nos encaminhou à sala do interrogatório.

Ainda não havia ninguém lá dentro. A sala era diminuta, contendo uma câmera, um vidro insulfilmado (que, com certeza, serve para que sejamos observados) e uma mesa de alumínio com duas cadeiras de cada lado. Sobre ela, uma garrafa de água já suada pelo degelo e dois copos plásticos.

Fomos orientados a sentar nas cadeiras que ficavam de frente para o vidro, claro.

— O investigador Seixas em breve virá falar com os senhores — falou secamente o policial.

Aguardamos por mais ou menos 15 minutos, até o investigador aparecer. Ele parecia ter saído de um dos filmes de ação que costumo assistir: moreno, alto e forte, com o cabelo raspado. Tão clichê que quase tive um ataque de riso. Mas me segurei.

— Bom dia, Sr. Miller — ele se dirigiu a mim, praticamente ignorando a presença de Jonas, que não pareceu incomodado com a petulância alheia. — O senhor foi convocado para prestar depoimento sobre a queda do jato particular Dessault Falcon 7X, no ano passado, que culminou com a morte de sete passageiros, entre eles, sua esposa Sara Bawer Miller. Quero que saiba que o senhor não estaria aqui se não fosse suspeito de envolvimento com o acidente. Também tenho obrigação de lhe dizer que tem o direito de permanecer calado, se for de sua vontade.

— Desejo auxiliar nas investigações, já que sou inocente. — Péssimo discurso, droga! Mais

clichê que o *investigador-saído-direto-de-Hollywood*.

— Ótimo. O depoimento será gravado. — Ele posicionou um gravador na mesa, que já estava ligado. — Sr. Adrian Miller, há um ano e três meses, mais precisamente em 16 de maio de 2014, o avião em que sua esposa, Sara Bawer Miller, viajava saiu de São Paulo com destino à África onde, ao que me consta, ela faria uma missão beneficente. Correto?

— Sim — optei por não abrir mais minha boca até ouvir tudo, exceto para balbuciar monossílabos.

— Prosseguindo. O avião pousou nas Ilhas Canárias e, ao decolar novamente, caiu no mar, matando os sete passageiros que estavam a bordo. Foi feita uma busca criteriosa, e todos os corpos foram encontrados, exceto o de sua esposa e do piloto Michel Alves. Temos certeza, entretanto, que eles embarcaram, através da listagem fornecida. A caixa-preta do avião não foi encontrada na ocasião, e as buscas foram encerradas com a conclusão de acidente.

Eu sabia onde ele queria chegar, sabia exatamente o que tinha acontecido depois disso, mas preferi fingir que não sabia de nada. Acho que a surpresa poderia ficar a meu favor.

— Entendo. — Aguarde, Adrian! Deixe-o terminar.

— Acontece que uma reviravolta no caso colocou o seu nome em evidência. Veja bem, não o estou acusando, apenas dizendo que, agora, você está sob investigação. Gostaria também de lembrá-lo que está proibido de sair do país, ok?

— Certo. Gostaria de ouvir as acusações — Jonas permanecia calado, apenas olhando o investigador.

— A caixa-preta do avião apareceu, Sr. Miller. E as notícias não são boas para o senhor. O piloto que estava no comando não era Michel Alves como diz a lista. Sabemos disso porque o suposto piloto morto, foi detido cruzando a fronteira entre México e Estados Unidos com grande quantidade de drogas. Ele foi reconhecido pela Interpol, pois já estava sob investigação, só que com a identidade de Mikhail Ivanov. O laudo da caixa-preta concluiu que o avião foi sabotado, por falha mecânica induzida. Não poderia haver falha acidental, já que pelo laudo da perícia, uma vistoria havia sido feita recentemente e a aeronave estava em plenas condições de voo.

— Entendo, senhor Seixas, mas eu perdi minha esposa, não sei como posso estar ligado a isso. Sou a vítima aqui.

— Não é o que parece, Sr. Miller. Deixe-me continuar o raciocínio. — Ele parecia impaciente.

— Ao que me consta, ele trabalhava para sua empresa como Michel Alves, uma identidade falsa. Admiro uma empresa de grande porte como a Miller's, não ter investigado a vida de seu funcionário, nem ao menos uma ficha criminal. E, após ter sido preso e reconhecido como o mesmo homem morto no acidente, investigamos todas as suas contas bancárias. Há muitos depósitos em nome de sua empresa, claro, afinal, ele era seu funcionário. Mas, além disso, descobrimos um depósito feito na conta dele no dia do acidente, no valor de 500 mil dólares. É uma quantia robusta, Sr. Miller. — Permaneci calado, apenas assentindo. Minha paciência também estava se esgotando, mas se não mantivesse a calma, poderia colocar tudo a perder. Ele prosseguiu: — Esse pagamento veio em nome de Alana Lins. A senhorita Alana, inclusive, está aguardando para depor depois do senhor, então cuidado com o que vai dizer.

— Se o pagamento veio em nome de Alana, porque me toma como suspeito?

— Alana é funcionária da Miller's. Estranho o dono da empresa não saber o que se passa.

— Não vejo o porquê ficar pedindo extrato de conta bancária de meus funcionários a cada vez que fazem suas transações pessoais. — Sabia que estava me alterando.

— Uma diretora de *marketing* ganha tão bem assim, senhor Miller's? Ora, talvez eu devesse mudar de carreira. — A raiva cresceu dentro de mim. — Ou, talvez, ela tenha sido um bode expiatório para essa transação. Sabe o que é mais curioso? Seu ex-piloto trabalhava livremente com um brevê falso, identidade falsa, forjou a morte num acidente que matou sete pessoas, sim porque, se ele está vivo, alguém estava pilotando aquele avião, alguém que permanece no anonimato. Então, foi preso pela polícia internacional por tráfico de drogas, mas, mesmo assim, o advogado contratado para ele, veio em nome de Nora Miller, sua mãe.

— Está me acusando? Senhor Seixas, eu perdi minha esposa grávida. Que motivos eu teria para causar qualquer problema a ela? Isso devastou minha vida. E nem ao menos temos um corpo. Já pensou na hipótese de ela estar viva e ter também forjado a própria morte? Eu já nem sei mesmo o que pensar — me descontrolo. — Eu sou a vítima!

— Não é o que parece. Afinal, logo depois do acidente o senhor estava casado com a Srta. Verônica Sandler. Um casamento às pressas, em Las Vegas, nem mesmo em território nacional. Isso diz muito para mim, Sr. Miller.

— Vejo que fez o seu dever de casa — ironizei. — Conheci a Verônica há pouco mais de dois meses. Um homem precisa refazer sua vida, não é mesmo?

— Casou-se com uma mulher que conheceu apenas há dois meses? Pelo visto, não amava tanto

sua esposa, Sr. Miller. Posso dizer por mim, que perdi a minha em um acidente há cinco anos e ainda não consegui me relacionar com ninguém.

— Não estamos aqui para julgar meu enlace matrimonial. Eu realmente não sei desse dinheiro e de nada relacionado a isso e nem ao piloto. Michel foi contratado pela empresa dentro da legalidade. Se há alguém lesado aqui, sou eu. Onde está Michel? Alguém o interrogou? Talvez ele saiba explicar realmente o que ocorreu. Aliás, ele pode ter relação com pessoas que o senhor nem imagina.

— Está insinuando alguma coisa?

— Nada, só que deve fazer seu trabalho por completo. Não foi encontrado o corpo de minha ex-mulher. Portanto, não posso ser acusado de tê-la matado. Estou preso? Se não, gostaria de ir para casa. Sabe onde me encontrar, se necessário. Também quero avisá-lo que estou indo para o Mato Grosso, em uma viagem a negócios, e volto em três dias. Portanto, não estou fugindo.

Eu sabia que não ganharia nada com essa afronta, mas não aguentava mais. Plantei uma sementinha de dúvida nele, tinha certeza, mas não falaria mais nada. Jonas teve um segundo de espanto com minha atitude, mas continuou impassível.

— Ok, Sr. Miller, está liberado. Mas voltaremos a nos falar. Deixe o endereço do seu paradeiro no Mato Grosso com um de nossos policiais.

— Obrigado. Até mais.

Saí da sala desnorteado. Jonas apenas colocou a mão em minhas costas, em um sinal de companheirismo. Aquilo não ficaria por isso, eu sabia que águas iriam rolar, mas estava mais preocupado com o voo que pegaríamos daqui a algumas horas. Poderia ser decisivo para salvar a vida da minha esposa e meu filho, em seu ventre.

Passo para deixar o endereço do hotel de Charles no Mato Grosso com um policial (que eu tinha certeza de que iria levantar suspeitas, mas dane-se!) quando dou de cara com Alana e minha mãe. Minha mãe!

Paro de súbito, e meu sangue volta a ferver. Por isso, não me seguro:

— Sua imbecil! O que você fez? — pergunto para Alana.

— Oi, querido. Tudo bem? Não sei do que você está falando — minha mãe interrompeu.

— Mãe, me desculpe, mas não estou falando com a senhora. Meu assunto é com a Alana, a menos que esteja envolvida. — Ela abriu a boca para falar, mas fechou-a quando Alana apertou seu

braço.

— Adrian, lindo. Tudo bem? Não sei do que você está falando. — Ela fez sua cara mais cínica e me olhou.

Minha mãe voltou a falar, com a cara mais lavada do mundo:

— Adrian, não se exalte, querido. É apenas um interrogatório.

— Eu não sabia que estava no Brasil. Por que está pagando advogado para aquele imbecil? — perguntei para minha mãe e Alana ficou pálida.

Não deu tempo de terminar o embate, felizmente, pois o tal do Seixas chamou Alana na sala de interrogatório e minha mãe a tiracolo. Se eu continuasse mais um minuto na frente daquela vadia, não responderia por mim e colocaria minha busca a perder.

Depois de tanto tempo calado, Jonas disse:

— Adrian, calma. Nós sabemos que ela é culpada. Só que elas não conseguirão se explicar para o investigador, tenho certeza.

— Jonas, elas são espertas. Começo a ver minha mãe com outros olhos. De repente, o fato de ela ser uma assassina tornou-se crível.

— Lembre-se de que você ainda tem as fotos. Guarde-as para usar no momento oportuno.

Assenti e me dirigi, agora mais calmo, à mesa da secretária. Passei para ela endereço e telefones de contato em Mato Grosso e saímos daquele lugar. Agora faltava encontrar o Albert em casa para darmos início à nossa jornada. Que Verônica esteja bem, só isso que peço.

Cheguei em casa pronto para encontrar Albert, pegar minhas malas e me dirigir ao aeroporto, mas a cena que vi me deixou chocado pela milésima vez.

Terry estava jogada no sofá da sala, com a saia levantada, mostrando sua calcinha nada pudica, com as pernas para fora do sofá, e parecendo totalmente fora de si. Gelei, com Jonas atrás, me segurando.

Não me contive e gritei com ela, tendo a certeza de que estava drogada de novo.

— Terry! O que pensa que está fazendo, sua louca? Você andou se drogando? — Só não avancei em sua direção porque Jonas me segurou, pedindo calma. Toda essa história realmente estava me deixando sem chão.

Minha irmã se sobressaltou, caindo do sofá, em uma cena que seria cômica, se não fosse trágica, como diz o popular.

— O-oi, maniiiiinho. O-oooi, amoor.

Não sei se foi o alívio ou o ódio que me tomou. Ela não estava drogada, mas bêbada. Só que isso não acalmava a situação. Mais uma vez, não me contive:

— Você está louca? Não basta ser uma drogada, agora é uma bêbada? Você não tem juízo? — Jonas tentava falar alguma coisa, mas o afastei com o braço, continuando meu discurso inflamado. — Eu te proíbo de beber na minha casa. Chega, não haverá mais acesso a bebida para você.

Ela pareceu ter um lapso de consciência, pois gritou de volta:

— Eu odeio vocês! Deixem-me em paz, que eu sei me cuidar. Se eu bebo, é culpa sua, Adrian! E sua também, *Jonas* — ela falou o nome do namorado com nojo. Sem pensar duas vezes, ela pegou a bolsa, a chave do carro e correu, antes que pudéssemos alcançá-la. Os dois minutos que ficamos nos entreolhando, sem saber o que fazer foram suficientes para que ela fugisse e nos deixasse preocupados. Jonas fez menção de segui-la, mas eu o impedi. Não sou a favor de ninguém dirigir bêbado, mas segui-la só pioraria as coisas.

O que faríamos agora? Só então notei Albert observando. Ele tinha chegado no meio da discussão.

— Oi, Adrian. Oi, Jonas. Fiquem tranquilos, ela volta. Estive aqui mais cedo e Maria disse que sua mãe e ela brigaram. Acho que agora precisamos nos apressar. Nós receberemos notícias da Terry, mas o horário do voo está se aproximando.

— Minha mãe sempre causando problemas! Jonas, fique com o Albert e aguarde para ver se a Terry volta. Tem algo que eu preciso fazer antes de irmos. Se Terry não aparecer, você fica aqui. Eu posso seguir viagem com Paulão e Albert.

Saí da sala, tentando me controlar e entrei no quarto da Sra. Sandler. Eu não esperava vê-la acordada, mas me surpreendi em pegá-la conversando com Sandra, a enfermeira.

Ela me viu, mas não pareceu me reconhecer.

Ela perguntou à Sandra:

— Quem é esse moço bonito?

— É seu genro, Adrian — Sandra disse.

Eu acrescentei:

— Olá, Sra. Sandler, tudo bem?

— Olá. Ela falou que você é meu genro. Eu não me lembro de ter uma filha, me desculpe.

— Sua filha se chama Verônica, está grávida, não se lembra? Ela cuida da senhora há anos.

Ela pareceu buscar na memória, mas disse:

— Não, não lembro. Querida — dirigiu-se à Sandra. —, estou cansada. Peça a ele para sair, sim?

Sandra não precisou me dizer nada. Afastei-me, fazendo sinal para que ela me acompanhasse. Na porta do quarto, já do lado de fora, sussurrei:

— Ela está cada vez pior, certo?

— Essa doença é maldita, Sr. Miller. Ela pode reconhecê-lo ou não, é como uma droga de uma roleta russa. Desculpe-me falar desse jeito, mas minha vó tinha Alzheimer e sei como é sofrido.

— Sem problemas, Sandra. Olha, vou me ausentar por alguns dias. Se o quadro dela mudar, não deixe de me dar notícias. Andressa sabe onde me encontrar.

— Claro, Sr. Miller.

Meu coração estava pesado. A falta da Verônica, Terry bebendo, minha sogra sem reconhecer ninguém. Lamentava que essa roda-gigante de acontecimentos terríveis tenha começado em minha vida.

Mas eu farei uma coisa por vez. Preciso encontrar Verônica, sinto que só assim as coisas entrarão nos eixos. Esse é o foco, cuidarei do resto depois.

Capítulo 17

Verônica S. Miller

Não sei quanto tempo mais farei com que Charles acredite em minhas encenações. Eu preciso dar um jeito de sair daqui o quanto antes e ter a certeza de que ele fala a verdade. E caso for, tentarei seguir minha vida sozinha, jamais irei perdoar o Adrian por isso. Eu irei sumir com meu filho e ele nunca mais me encontrará.

Saio do banho já arrumada. Preciso fazer um grande esforço para manter uma cara feliz, quando tudo em minha vida está em ruínas e a dor no meu peito não cessa.

Charles está parado no meio do quarto, se trocando. Ao me ver, diz:

— Você está se alimentando bem por esses dias, vejo que o vestido que comprei, está apertado. Ou será que errei o tamanho?

Eu também noto, claro, daqui a pouco não conseguirei mais esconder minha gravidez.

— Está perfeito. É só que não tenho muito o que fazer por aqui. Apenas como e durmo. Ficaria feliz se pudesse me trazer alguns livros.

— É bom te ver assim, minha menina. — Ele me beija e me ajuda com o fecho do vestido. — Fico feliz por ter lidado tão bem com a morte de sua mãe — conclui fazendo-me lembrar que agora estou sozinha.

— A vida precisa seguir seu curso, não é? Ainda bem que eu tenho você — minto para agradá-lo. É só isso que tenho feito esses dias.

— Bom, estou indo para o hotel, eu tentei cancelar alguns compromissos, mas acontece que são muitos e alguns funcionários são incompetentes, precisam de mim para tudo. Quero que descanse.

Talvez eu chegue cedo — ele diz e eu o ajudo com a gravata.

— Agora está perfeito — digo olhando para ele. Ele está feliz, dá para ver em seu olhar. Estou conseguindo atingir o meu objetivo.

— Ficarei pensando em você. Vai ser difícil conseguir trabalhar.

— Eu também — digo.

Ele diz sobre fazer outra coleira de cachorro sofisticada para mim e eu instintivamente levo minha mão no pescoço. Odeio essa coisa, sinto-me um animal de estimação.

— Eu gosto desse. — Sorrio e vejo o celular de Charles em cima do móvel, perto de um vaso.

Ele diz alguma coisa que eu não presto atenção, pois meus olhos estão fixos no aparelho celular e, então, ele me beija e se despede, saindo do quarto e esquecendo-o completamente.

Eu alargo o meu sorriso e dou um suspiro de felicidade. Embora eu esteja louca para correr até ele e ligar para Adrian, me controlo. Charles pode voltar e se dar conta de que o esqueceu. Então, sento-me na cama, e espero ele se afastar da fazenda tempo suficiente para que eu consiga ligar sem ser interrompida.

Já se passou tempo o suficiente para que eu consiga fazer a ligação. Corro até o celular, o pego e entro no banheiro.

Minhas mãos tremem.

Digito o número do celular de Adrian e espero.

Droga! Vamos, atenda!

— *Alô!* — Uma voz de criança atende e eu automaticamente desligo. Merda! Droga, o número deve estar errado.

Faço uma avaliação mental e me dou conta de que não tenho certeza do número de telefone do meu próprio marido, mas eu lembro muito bem o de casa. A adrenalina do momento me deixa com a mente em branco. Digito os números e aguardo. Após seis chamadas, a voz de Adrian é preenchida do outro lado da linha, e eu fico totalmente sem reação.

— *Alô! Alô!* — Há uma pausa. Sinto vontade de chorar, de gritar, mas ouvi-lo me deixa emocionada, sem reação. — *Alô!* — Sua voz preocupada me faz sorrir. E quando, enfim, não há mais aquela bola formada em minha garganta, impossibilitando-me de falar, Charles entra no banheiro e eu

me reteso em meu lugar, desligando a chamada rapidamente.

Ele vai me matar.

Eu acreditei que Charles iria realmente me matar ao ver aquela expressão furiosa em seu rosto. O pânico tomou conta de mim quando ele me arrastou para aquele quarto horrível, cheio de coisas horríveis. Quando ele me prende e não dá indícios de que eu posso usar a palavra de segurança, fico ainda mais assustada e minha mente me leva até o dia em que ele me açoitou, deixando marcas em minha pele. Mas, ao contrário do que imagino, ele não encosta um só dedo em mim de forma a me machucar. Ele está desapontado, decepcionado e luta contra me punir. Ele tenta esconder, mas eu sei que eu o afetei esses dias sendo a boa submissa que ele queria que eu fosse. Não menti para ele quando disse que pediria o divórcio ao Adrian. Realmente eu faria, caso tudo o que ele me dissesse fosse verdade. Mas eu jamais me casaria com Charles.

Mais uma vez, ele usa meu corpo para me punir. Só que dessa vez é diferente. Eu me sinto diferente. Eu realmente gosto do que ele está fazendo em mim. Embora esteja amarrada e subjugada, obrigada a fazer isso, ele é gentil e carinhoso. E, no momento em que ele me faz gozar, sinto-me suja, uma traidora. *Eu estou tendo um orgasmo com um homem de caráter duvidoso, sádico, assassino, que me sequestrou e me bateu inúmeras vezes.* Eu estou maluca? Então choro com ódio e vergonha de mim mesma por ter conseguido sentir, por algum momento, satisfação em tudo aquilo. Pelo olhar que ele me direciona e deixa transparecer, ele soube naquele momento que eu jamais havia gozado para ele nas inúmeras noites em que estivemos juntos. E isso não era um bom sinal. Achei que nenhum homem percebesse esse tipo de coisa. De todos os meus clientes, somente Adrian me fez gozar. Eu não sentia prazer com nenhum, talvez pela situação de estar vendendo o meu corpo. E era exatamente dessa forma que me sentia nesse momento: aquela prostituta que se vendia por dinheiro. Eu só queria que todo esse pesadelo acabasse e eu pudesse seguir com minha vida em um rumo diferente.

Charles deixa bem claro que me quer agora, e eu não tenho outra opção senão aceitar. Pode ser um teste. Não conseguiria me esquivar por muito tempo. Já havia transado com ele várias vezes, essa só seria apenas mais uma. E se esse fosse o caminho para que eu ganhasse de novo sua confiança e saísse desse lugar maldito, que Adrian me perdoe, eu faria. Então, eu digo o que jamais pensei em dizer em toda a minha vida para o homem que arruinou tudo para mim:

— *Então me faça sua, senhor.*

Ele caminha até os chicotes expostos nas paredes e escolhe um. Ao me soltar, me imprensa na parede e diz olhando em meus olhos:

— Você é minha, Verônica. Não tenho a intenção de deixá-la ir. Nunca! Está segura comigo. Vou cuidar de você, te proteger, vou amá-la com todas as minhas forças. Te darei tudo. Não precisará de mais nada além de mim e, em troca, quero apenas sua obediência, sua servidão. Quero que se submeta a mim quando eu quiser. Vou fazer você ver que não sou o monstro que pensa. Que eu posso despertar sentimentos em você, que posso fazê-la me amar. Eu sei que não sou tão paciente, mas garanto que se seguir minhas regras, jamais voltarei a puni-la. Você entendeu? — ele diz e vejo a verdade em cada palavra dita. Muitas vezes ele me assusta, me deixa aterrorizada. Suas mãos fortes e firmes bloqueiam as minhas contra a parede, embora não esteja mais com as algemas nos punhos, ele faz questão de mostrar quem está no controle. Ele ergue meu rosto com a mão que segura o chicote e repete a pergunta:

— Entendeu, Verônica?

Mesmo querendo contrariá-lo, não seria louca de dizer o contrário e ele me machucar. Preciso pensar em meu filho. Preciso seguir todas as regras se quero achar um jeito de sair daqui e me livrar dele, então, apenas sussurro:

— Sim, senhor. — E abaixo o olhar num gesto submisso. Não pude ver sua expressão, mas tenho certeza de que está feliz com minha rendição.

Ele me toma em seus braços e me leva de volta para o nosso quarto. Sinto-me péssima, não tem como piorar o que estou sentindo nesse momento. Afasto os pensamentos sobre Adrian, nosso filho, as promessas e juras de amor em nosso casamento e tento ser o mais convincente o possível.

Ele me toca, me beija, me estimula... Eu choro em silêncio por estar cedendo a ele, quando eu só pensava em Adrian. *O que ele faria quando soubesse?* Eu estava traindo-o com esse homem. Me sinto a mulher mais miserável do mundo, porque eu gosto de cada toque das mãos dele em meu corpo. Deve ser algum tipo de loucura, só pode ser essa a explicação. Eu não amo Charles, eu... Eu não sei mais como lidar com tudo isso.

Eu tento conter meus gemidos, pois eles reverberam em minha mente, gritando o quanto sou uma vadia. Não deveria estar sentindo nada por esse homem a não ser horror, asco e repulsa. Mas meu corpo me trai com essas sensações e sinto nojo de mim mesma.

— Está tudo bem? — ele diz ao olhar-me dispersa, alheia.

— Sim. — Enxugo uma lágrima que rola teimosamente em meu rosto.

— Eu entendo caso precise de um pouco mais de tempo, meu amor — ele diz, mas sei que não está satisfeito com meu desempenho. Apesar de conseguir sentir prazer em suas carícias, não consigo seguir a fundo nisso. — Já progredimos bastante — conclui, puxando-me para cima dele e me beija. Não posso negar o quanto ele está sendo carinhoso comigo. *Será que talvez seja isso? Carência?* Eu não consigo entender.

Ao se afastar, diz:

— Vamos ser felizes, eu prometo que, se você me obedecer, nunca irei puni-la de forma que a machuque. Quero somente dar prazer a você. Quero te amar todos os dias, quero você ao meu lado sempre. Vamos construir uma família juntos, Verônica. Juntos.

E são essas palavras que me dão ainda mais pavor. Uma vida inteira ao lado dele e uma família com um maluco lunático. Eu estava perdida. Literalmente sem saída, pois minha família sempre será eu, Adrian e meu pequeno bebê que cresce em meu ventre.

Capítulo 18

Adrian Miller

O voo transcorreu sem problemas. A viagem acabou transformando meu humor. Saber que posso estar no caminho correto para achar a minha esposa me deixa um pouco menos nervoso, quase a ponto de esquecer os outros problemas.

Jonas não conseguiu vir, pois ainda não encontramos Terry, outro motivo de preocupação, mas, como eu já disse, foco é o princípio.

Chegamos ao Hotel Hertman, em Cuiabá. Ele é suntuoso, luxuoso e cheio de detalhes impressionantes, ao estilo arrogante de Charles Hertman. Preciso confessar que ele fez um bom trabalho.

Paulão e Albert também ficam embasbacados com o lugar. Eles foram contra minha decisão de hospedar-me aqui. Sei que é arriscado, mas a ideia é realmente mostrar para Charles que não estou de brincadeira.

A escolha do hotel gerou uma discussão entre nós, mas acabei tendo a palavra final. Só que tive que prometer não me exaltar e, em hipótese alguma, voltar a agredir Charles. Tudo bem, era um pequeno preço para ter meu direito de agir como quero, como acho que funcionará.

De uma coisa tenho certeza: vou minar os passos de Charles até ele não ter onde se esconder. E se ele estiver mantendo Verônica em algum dos seus apartamentos refinados, eu saberei.

Paulão não ficará hospedado conosco. A missão dele é acompanhar o capanga Paschoal, braço direito do *riquinho*. Tentaremos descobrir seu endereço, que é o segundo lugar que quero procurar.

O meu plano para descobrir se Verônica está hospedada aqui é pouco original: sabotar algum

funcionário e ficar na espreita no *lobby*, para, quem sabe, ver alguma movimentação estranha.

Faço meu *check-in* com Albert e pegamos os nossos apartamentos conjugados para facilitar a comunicação entre a gente.

Ao subir, não deixo de prestar atenção em tudo, inclusive na minha “vítima”. Acho que a recepcionista que nos atendeu simpatizou-se comigo. Depois de deixar as malas, jogarei todo meu charme nela e tentarei obter alguma informação.

Assim que chego ao apartamento e posiciono minhas malas no porta-malas, meu celular toca. É Paulão, isso me anima. Para receber uma ligação tão cedo, isso quer dizer que temos notícias.

— Alô?

— Adrian, desculpa incomodar, mas acabei de localizar o tal do Paschoal. Infelizmente, ainda não vi sinais do Charles, e ele está na cidade, rondando o hotel. Por isso, acho que a chance do cara estar aí é grande. Quero esperá-lo sair para seguir seu rastro, mas preciso ser cuidadoso.

— Claro, ele deve ter vindo trabalhar. — Então, ele estava mesmo por aqui, minhas suspeitas foram fundamentadas. — Qualquer notícia, me ligue. Mas me ligue com coisas concretas, não preciso saber seu trabalho.

Desliguei. Resolvi recostar-me por uns minutos quando a campainha tocou. Isso tudo está acontecendo rápido demais, faz apenas 45 minutos que chegamos aqui e mal consegui dar uma espreguiçada.

Abro a porta e me deparo com um garçom, segurando uma bandeja. Ele pede licença e a posiciona na mesa de trabalho que está no canto direito do apartamento. Ele pede licença novamente e se retira, depois de hesitar, aguardando por gorjeta. Mas eu mal percebo, pois estou curioso para saber o que tem ali.

Levanto a cloche e me deparo com um prato de cerâmica decorado com o logo do hotel. Em cima dele, um envelope.

Abro-o e encontro um bilhete com apenas duas linhas manuscritas:

Bem-vindo, Sr. Adrian Miller. Espero que tenha uma boa estada.

Charles Hertman

Ótimo, então ele sabe de mim e está por aqui, a julgar pela assinatura e o escrito à mão. Como é cara de pau!

Isso me deixa com outra dúvida: ele manteria Verônica aqui, sabendo que estou no mesmo ambiente? Alguma coisa me diz que a psicose dele é bem capaz de jogar esse jogo sujo. Preciso entrar no jogo e desviar a atenção dele para mim. É mais fácil se eu deixar ele pensar que sou um completo idiota. Então, resolvo interrogar a recepcionista. Pego o telefone e ligo na recepção. Lembro-me de que o nome dela é Deise.

— Recepção, Deise, boa tarde. Em que posso ajudá-lo, Sr. Miller? — Uau! Realmente eficiente. A julgar pela languidez em sua voz, ela está no papo.

— Boa tarde, Deise. Você me atendeu no *check-in*, né? Eu não esqueceria esses olhos. — Tacada perfeita!

— Ahn... obrigada, senhor. Em que posso ajudá-lo?

— Veja, estou procurando uma amiga, combinamos de nos encontrar, mas ela ainda não me ligou. Tenho um negócio importante a tratar com ela e, para ser sincero, estou preocupado que ela tenha dormido demais, sabe como é. O nome dela é Verônica.

Ouçó-a digitando, e logo me responde:

— Não temos hóspedes com esse nome, me desculpe. — Ela continuava me desejando, isso fez bem pro meu ego.

— Hum, entendo. Ela pode estar usando um apelido. Você tem alguma mulher hospedada sozinha? Ela é loira, magra e aparenta ter uns vinte e poucos anos. — Ouçó mais digitação.

— Sinto muito. Não temos, senhor. A ocupação está baixa, seria fácil de saber se houvesse uma mulher assim.

Droga!

— Que pena, vou continuar tentando o celular. Obrigado.

— Eu que agradeço. E... Sr. Miller?

— Sim?

— Qualquer outra coisa que o senhor precisar, *qualquer coisa*, estarei à sua inteira disposição. — Caramba!

— Obrigado, Deise. — Desliguei. Não tinha nenhum interesse nela, a não ser a ajuda que ela não me deu.

Resolvi descansar um pouco e esperar notícias. Não tinha muito que eu pudesse fazer, já que Albert e Paulão estavam atrás de informações.

Acordei assustado com meu celular tocando na mesa em que ainda se encontrava a bandeja. Já estava escuro lá fora e, pelo que parece, dormi por horas.

Atendi, desajeitado, sem nem olhar para o visor.

— Alô?

— Adrian, descobrimos — era Paulão.

— O quê? Onde? Calma! Acabei de acordar, o que está acontecendo?

— Fiquei o dia todo na cola do tal Paschoal. Ô, sujeito safo! Ele parecia saber que estava sendo seguido, sei lá, só sei que deu voltas o dia todo, e nada do tal Charles. Mas agora, há 35 minutos, ele parou na frente do hotel e Charles saiu. Entrou no carro e foram. Então, eu os segui e eles não desconfiaram de nada. Cheguei até uma fazenda enorme, a pouco tempo daí do hotel. Eles estão lá, então quero saber o que quer fazer.

— Que horas são?

— Onze da noite.

— Vou falar com o Albert e te ligo. — E desliguei.

Senti-me em um estado de êxtase. Finalmente poria minhas mãos naquele cafajeste e encontraria minha mulher. Eu tenho certeza de que ela está nessa fazenda. Certeza absoluta.

Ligo para Albert, em seguida para Paulão e combino de nos encontrarmos em cinco minutos no *lobby*.

Encontro os dois tão ansiosos quanto eu. Albert me aconselha:

— Adrian, sei que esse é um momento que pode ser crucial. Quero lembrá-lo de segurar a língua

e, principalmente, a mão, até termos certeza de onde estamos entrando. Charles Hertman é um homem poderoso, e com um estalar de dedos pode mandar todos nós para o xadrez. Vamos sondar o terreno, entender o que está acontecendo e, então, tomar uma decisão racional. Tudo bem? — Eu concordaria com qualquer coisa para irmos rápido. Se eles desconfiaram de alguma movimentação, estaríamos perdendo nosso tempo.

— Ok. Vamos logo.

Entramos no carro e nos dirigimos à fazenda, que ficava em uma zona rural afastada da cidade. Uma boa parte do trajeto foi em estrada de terra.

Depois do que pareceu uma eternidade, chegamos.

Eu queria invadir, mas Albert e Paulão foram contra. Então, tocamos a campainha como pessoas civilizadas. Me pareceu tão ridículo.

Um sujeito estranho e sujo apareceu para nos receber e não parecia com cara de bons amigos.

— O que querem?

Eu me adiantei, já querendo briga, mas Albert me segurou e falou:

— Queremos falar com o Sr. Charles Hertman.

— Ele não recebe visitas no meio da noite.

Quando achei que Albert iria se conformar com isso e me deixar a ver navios, ele empurra o cara e Paulão já invade.

— Tem certeza? — falou, ameaçador.

Entramos apressadamente na mansão principal antes que Charles desse conta de nossa presença.

Corremos para dentro e, para nosso espanto, ninguém nos impede.

A casa é enorme e sinto-me perdido. Após subir as escadas, acho um corredor. Deve ser onde ficam os quartos.

Grito, olhando para trás:

— Para os quartos. Ele está em um dos quartos.

Uma porta se abre e a cabeça de Charles aparece.

— O que está acontecendo aqui? — Ele parecia sonolento e abismado com a intromissão.

Paulão vai à frente, empurrando a porta e fazendo-o recuar. E então, ele para, conosco atrás.

Na cama, há duas mulheres, duas beldades, e nenhuma delas é Verônica. As duas estão cobrindo os corpos nus com o lençol, visivelmente abaladas.

— O que vocês estão fazendo na minha propriedade?! — Charles grita.

Paulão me segura, pois eu estava avançando sobre ele. Isso não me impede de berrar:

— O que você fez com minha mulher, seu louco? Vou procurá-la por essa mansão inteira! Você vai pra cadeia, seu lunático, psicótico. — Uma das mulheres começa a chorar.

— Você é tapado ou o quê? O único louco parece ser você. Posso ligar agora mesmo para a polícia e colocá-lo na cadeia por invasão de propriedade, seu idiota! E, caso não tenha notado, estou muitíssimo bem acompanhado por duas lindas mulheres, não preciso da sua prostituta barata! — Charles esbravejou, amparado por Paschoal.

— Seu filho da puta! — falo entredentes.

Albert me puxa com muito sacrifício, com a ajuda de Paulão, e me arrastam para fora do quarto, tentando me acalmar. Ele fala:

— Adrian, acorda! Olha para ele. Foi fácil demais entramos aqui. Não percebe? Charles sabia que você estava na cidade. Sua péssima ideia de hospedar-se em seu hotel pode ter colocado os planos por água abaixo. Você acha que, se ele realmente está com Verônica, a esconderia onde sabia que procuraríamos? Caia na real!

Tinha lógica no raciocínio. Eu tinha que admitir que ele estava certo.

— Quero vocês fora daqui!

— Está com medo de encontrarmos ela? Desgraçado!

Charles parece furioso.

— Pode ficar à vontade para procurar. Mas para isso, traga um mandado judicial, ou farei você apodrecer na cadeia pelo resto da sua vida.

— Se acontecer alguma coisa com minha mulher e meu filho, eu juro que você será um homem morto — digo descontrolado e Charles não esboça nenhuma reação.

Minha raiva me consome. Ela não deve estar aqui. Mas para onde ele a levou? Desespero-me.

— Vamos para o hotel. Amanhã, pensamos no que fazer. E fazemos *certo* — Albert diz.

Não tive alternativa a não ser me humilhar e ir embora.

A noite não foi boa. A sensação de que eu cheguei tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe foi inquietante.

A imagem das duas mulheres na cama daquele depravado era substituída pela da Verônica, com seu rosto lindo e corpo perfeito. Isso me deixava mais nervoso e o sono não vinha.

Agora são oito da manhã, não fizemos nada do que deveríamos e eu acabei estragando tudo. Antecipamos o voo para São Paulo, então faremos *check-out* e iremos para o aeroporto. As buscas foram infrutíferas.

De repente, ouço uma batida na porta conectante do apartamento do Albert. As batidas parecem desesperadas, seguidas pelo seu berro:

— *Adrian! Liga a TV no canal local, 12.*

— O que aconteceu?

— *Só liga, e logo.*

O obedeci e liguei a TV, quase entrando em choque: a notícia principal era um assassinato. O corpo de uma mulher de aproximadamente 25 anos, morena, cabelos pretos fora encontrado nos arredores de uma fazenda. Pelas imagens, reconheço imediatamente o local próximo à fazenda de Charles.

Verônica!

Abro a porta para o apartamento de Albert e o vejo de olhos colados na TV.

— Albert, é a Verônica!

— Adrian, ela está loira.

— E daí? Ela pode ter pintado o cabelo. Cancele o voo, altere para mais tarde, vamos ao necrotério. Pelo que falaram, ninguém ainda foi reconhecer o corpo. *Meu Deus!*

Passo a mão pelos cabelos e ando de um lado para o outro, desesperado, enquanto Albert troca

o horário do voo para a noite e pede um *late check-out* na recepção.

— Pronto. Vamos para o necrotério — ele fala.

Paulão estava nos aguardando e se surpreende de aparecermos sem malas. Explicamos a ele rapidamente, e nos dirigimos ao necrotério local.

Assim que chegamos lá, procuramos por informações. O médico responsável nos recebe e nos encaminha para a sala de autópsias. Meu coração está quase saltando pela boca.

Ele explica alguns procedimentos e nos encaminha para a maca onde está o corpo.

Quando o lençol é baixado, eu quase tenho um ataque cardíaco.

Uma mulher com a pele pálida, um pouco arroxeadas, tinha um buraco de bala no peito e estava com os lábios roxos e rachados.

Não era Verônica. Era Sônia!

Senti alívio e ao mesmo tempo pavor: se uma estava morta, a outra, minha mulher, poderia estar também.

Olho para Paulão. A bile me vem a garganta. Não vou conseguir passar pela dor de perder minha mulher e meu filho mais uma vez.

— Vamos embora daqui — digo e ele fica confuso.

No caminho, encontro o legista, conversamos e saímos.

No carro, Albert me encara e faz a pergunta óbvia:

— Por que você não quis reconhecer o corpo?

— Ora, ora. Você pode ser mais esperto que isso, amigo. Se Charles Hertman souber que eu reconheci o corpo, ele saberá que continuo na sua cola, e eu quero que ele pense que não sei nada a respeito para que não fuja. Pensa bem. Agora é hora de recuarmos e pensarmos em alguma coisa. Precisamos ficar na cola desse imbecil, para que Verônica não tenha o mesmo destino que Sônia. Se é que já não teve. Eu acho que já coloquei as coisas a perder ontem, e não quero fazer a mesma coisa. — Falar isso me faz voltar a sentir desespero.

— É, faz sentido — ele limitou-se a responder.

Ficamos calados durante o trajeto de volta para o hotel, onde deixaríamos o carro alugado que usamos o tempo em que ficamos na cidade e seguiríamos para o aeroporto de táxi.

Eu irei encontrá-la nem que isso seja a última coisa que farei em minha vida. Eu preciso dela ao meu lado para me manter vivo. Sem ela, não há nenhuma razão para que eu continue nesse mundo. Eu sou totalmente dependente de seu amor, seu cheiro, sua pele... Sou como um doente que precisa constantemente de sua dose de morfina.

Capítulo 19

Charles Hertman

Levanto-me e desço para pedir que preparem o café da manhã. Preciso dar uma passada no hotel, pelo menos para ver como as coisas estão.

Meu celular toca no exato instante que coloco os pés no chão, saindo da cama. Como se fosse uma transmissão de pensamento, é do hotel.

Atendo, de mau humor, já que odeio ser incomodado no meu ritual matinal.

— Hertman.

— Bom dia, Sr. Hertman. Desculpe incomodá-lo, mas tenho notícias. — Eu reconheceria essa voz em qualquer lugar: Deise. A recepcionista linda e ferosa com quem já tive uma relação de dominador e submissa há alguns anos. Quando resolvi que não queria mais ficar com ela, teve maturidade para entender meu ponto de vista, e é por isso que tem emprego até hoje.

— Diga, Deise. Espero que seja importante.

— É sim. Eu atendi hoje de manhã ninguém menos que Adrian Miller. — “Filho da puta!”, pensei. Ela continuou: — E tem mais: ele me ligou para perguntar sobre uma tal de Verônica, que, segundo ele, tinha negócios a tratar por aqui. Só que achei muito estranha a história e sabendo que ele está em alerta vermelho, resolvi avisá-lo, como me pediu.

— Ótimo, Deise. Eu havia deixado um cartão de boas-vindas separado para entregar a ele assim que soube que tinha reserva. Você sabe se foi entregue?

— Sim, o garçom me confirmou o recebimento por parte do Sr. Miller.

— Obrigado. Assim que possível, irei até o hotel para ver como estão as coisas. — Desliguei sem nem me despedir.

As coisas estavam indo como planejei. Bom saber que Adrian Miller é mais do que previsível. *O que ele acha? Que sou burro como ele?* Depois do arroubo de ódio que ele teve, eu sabia que esgotaria as possibilidades. Como o desaparecimento já se dava por dias, a polícia começaria as buscas de verdade.

Tenho muitos contatos no trade turístico, e não foi difícil saber que Adrian estava cotando voos para Mato Grosso. O fato dele ter feito reserva em meu hotel foi apenas a cereja do bolo. Uma tremenda burrice!

Queria ter visto a cara dele quando recebeu meu bilhete. Ele jamais vai me superar em nada. É isso que quero mostrar a Verônica.

Ela abre a porta do banheiro, claramente ouvindo o que eu estivera conversando no telefone. Repasso a conversa mentalmente e percebo que não falei nada de mais. Ótimo. A última coisa que eu queria era que ela descobrisse que o *maridinho* estava na cidade.

Mas agora eu tinha um problema: precisava dar um jeito de colocá-la na cabana, porque aquele maluco certamente colocaria alguém atrás de mim, a fim de descobrir onde moro.

Tenho certeza de que o alvo é Paschoal, que está sempre comigo. Preciso também acertar as coisas com ele. Mas uma coisa por vez. De que outra forma eu poderia punir Verônica se eu disse que jamais voltaria a fazê-lo?

E, de repente, uma ideia me ocorreu.

Assim que ela se aproximou para me dar bom dia, eu a afastei com o braço, um tanto rude.

— Não pensa que me enrolou com aquela conversa. Mesmo com sua punição, ainda não estou satisfeito!

— Achei que estivéssemos colocado uma pedra sobre isso. Eu juro que lhe disse a verdade, Charles.

— Não. Não me disse. E acho que uns dias na cabana, fará você pensar melhor antes de me fazer de idiota — digo rude.

— Por favor, Charles! Disse que não me trancaria lá de novo. Eu prometi que nunca mais iria desobedecê-lo. Por favor, não me mande para aquele lugar horrível — ela se desespera.

Nunca imaginei que diria isso um dia, mas meu coração se dilacera com seu desespero.

— Eu sou seu Dono. Você apenas me obedeça! Esse foi o combinado. — Saio do quarto à procura de Sérgio. Assim que o encontro, parado no meio da sala, digo: — Leve Verônica para a cabana. Não precisa trancá-la na jaula, apenas prenda-a lá e não a solte em hipótese alguma. Ela deverá ser alimentada e ter água quando quiser, mas se ela sair, a culpa será sua, e eu não preciso dizer o que acontecerá, certo?

— Claro, Sr. Hertman. Posso buscá-la no quarto, já?

— Fique à vontade. Deixe-a levar algumas mudas de roupa. Vou tomar meu desjejum e ir para o hotel, mas encontre-me aqui depois de prender Verônica. Preciso combinar uma coisa com você.

— Correto, senhor.

Enquanto ele saiu, fui para a sala de jantar, a fim de aguardar o desjejum. Aproveitei e solicitei a presença de Paschoal para a criada. Ele chegou em menos de três minutos. Gosto de eficiência.

— Pois não, patrão.

— Paschoal, você tem o patrão mais inteligente do mundo. Ou Adrian é o ser humano mais tapado, ainda estou decidindo. — Ele riu contidamente. — Minhas suspeitas em relação aos próximos passos dele estavam certas; ele está no Hotel Hertman, e especulando sobre Verônica. Sei que veio com o grandalhão e mais um outro. O advogado foi cancelado de última hora, segundo minhas fontes. A questão é a seguinte: você vai deixá-lo te seguir o dia todo. Mas quero que ele te veja chegando aqui à noite, entendeu?

— Sim, senhor.

— Dê uma canseira nele, vá onde você nem imagina. Eu ficarei no hotel durante o dia todo, contando cada passo de Adrian Miller, e voltarei com você à noite. A essa altura, o circo estará formado.

— Perfeitamente. Caso necessite de alguma coisa, entre em contato.

— Obrigado.

Paschoal se retirou e Sérgio já estava aguardando. Chamei-o e comecei a explicar meu plano:

— Sérgio, da sua parte, preciso que contrate duas acompanhantes de luxo. Elas precisam ser exuberantes. Deverão chegar aqui antes do final da tarde. Elas não terão sexo, deixe isso bem claro, mas quero que faça parecer que sim. Elas irão dormir ao meu lado, nuas. E se o que eu previr

acontecer, deverão parecer espantadas quando tudo ocorrer. Entendido?

— Sim, senhor.

— Então comece a procurar.

Ele saiu e eu fiquei perdido em pensamentos, sozinho. Se Adrian Miller estava na cidade, ele iria procurar até no último lugar possível. Ele não desperdiçaria uma oportunidade como essa.

Sei que o seu capacho, Paulão, não vai desgrudar o olho do hotel. Estou torcendo para que ele siga Paschoal, e acho que isso tem grande chance de acontecer. Dois brutamontes se entendem.

Quero que ele venha até aqui, mas para tudo parecer perfeito, precisa ser à noite. A ideia é que ele tenha certeza que Verônica está comigo, e não precisa muito para isso acontecer — ele sabe, e tem razão.

Espero que ele tenha a ideia de entrar aqui, mas Sérgio será sinalizado para atraí-los, de uma forma ou de outra. Se não partir deles, já que Adrian deve estar esperto com a prisão, Sérgio deverá convidá-los a entrar, e eu aparecerei na sala apenas de robe, como se estivesse acabando de acordar e com as mulheres atrás, tentando entender o que está acontecendo.

Isso tudo contando com o fato de que ele irá me achar. Se isso não ocorrer, amanhã pensarei em outra coisa. Mas sei que ele virá. Simplesmente sei.

Me dirijo até o hotel, onde pretendo permanecer o dia todo.

Quando chego na recepção, Deise me dá um olhar lânguido. Confesso que fico excitado quando ela faz isso, mas logo passa.

Não há sinal de Adrian Miller, mas percebo um carro diferente lá fora e, instintivamente, sei que é de Paulão. *So far, so good*. Paschoal tem que se deixar ser visto, e isso ele sabe fazer muito bem.

Passo o dia aguardando notícias, mas a única coisa que sei é que, do meu plano, tudo corre como planejado.

Já é fim de tarde quando Paschoal me liga, um pouco irritado por ter que dar tantas voltas. Peço a ele paciência, pois logo mais as coisas se encaixarão.

Adrian não pergunta mais sobre Verônica, e não o vejo mais pelas áreas sociais do hotel. Estou de olho nas câmeras, sem sucesso. Só vi o amigo Albert no bar, por cerca de uma hora, tomando um uísque e lendo um livro. Logo, ele também foi em direção aos apartamentos.

Isso é sinal de que eles têm um plano, ou seguiriam andando que nem loucos por aí. Se esse

plano incluir visitar a minha fazenda, as coisas serão mais do que perfeitas.

Quando o relógio marca 21h, resolvo ir para casa arrumar a cena. Ligo para que Paschoal me pegue.

Ele chega, entro no carro e, assim que entramos na estrada de terra, vejo faróis atrás de nós, um pouco mais nítidos pela escuridão que circunda o lugar. São eles. Ou ele. Não acho que possa haver uma abordagem direta, mas para evitar problemas, peço a Sérgio, por telefone, para se posicionar na entrada e deixar as meninas a postos. Se eu não for pego na cama com elas, as duas nuas me esperando já me agrada.

Paramos em frente à fazenda para esperar o portão ser aberto. Para minha surpresa, o carro que nos seguia vai embora.

Espero realmente que ele esteja indo buscar companhia, senão ainda terei que passar a noite com duas vadias, e deixar a minha Verônica presa.

Mas meu otimismo e sagacidade não me deixa desistir. Tudo sairá como planejado.

Entro em casa, tomo um belo banho e janto alguma coisa. Quando percebo, são 22h. Resolvo ir para o quarto ver as mulheres. Elas estão vendo TV, recostadas e nuas, apenas cobertas por um lençol fino.

Dou instruções a elas, dizendo que somente serão recompensadas — e bem recompensadas — se tudo sair como planejado.

Elas assentem e me deito para ver TV por um tempo, até começar a ficar sonolento.

Desde que conheci Verônica, não sinto a mesma atração por outras mulheres. Eu poderia ainda degustar uma noite de sexo selvagem com as duas, mas pensar na minha mulher sozinha, lá na cabana, me tira todo o tesão.

Uma delas — sequer sei seus nomes — tenta roçar a mão no meu pau, que fica duro pela força do hábito. Mas eu a rejeito discretamente.

O tempo vai passando e reconheço que já é mais que hora de colocar o plano em ação. Desligo a TV e me deito para dormir, com as duas aninhadas ao meu corpo.

Aguardo o que parece uma eternidade.

Até que acontece tudo muito rápido: ouço barulhos lá fora, gente correndo, a voz do Adrian gritando e irrompendo pela porta do meu quarto, impropérios destilados na minha direção, gente me

segurando, ele perdendo a linha. Só não foi melhor do que eu imaginei, porque as palavras daquele desgraçado ainda martelavam forte em minha mente.

— *Se acontecer alguma coisa com minha mulher e meu filho, eu juro que você será um homem morto.*

Até que Albert o puxa para fora e tenta convencê-lo de alguma coisa. Me esforço para ouvi-los, mas não consigo.

Sem que nada mais aconteça, eles vão embora. Será que ele acreditou que a mulher não está aqui? E de que filho ele estava falando? Verônica não pode estar grávida, claro que não. Ela me falaria se isso fosse verdade.

Depois de passado o tumulto, volto para o quarto e dispenso as mulheres, pagando-as mais do que mereciam. Só peço para que durmam no quarto ao lado, para o caso de precisarmos. Se Adrian voltar, dessa vez não conseguirá entrar. Dou ordens expressas para meus homens.

Queria soltar Verônica para que me explicasse sobre o que ele havia dito e arrancar a verdade dela, mas até que os três estejam de volta a São Paulo, não posso arriscar. Pela data de *check-out*, isso acontecerá amanhã.

Deito em minha cama e tento dormir, com um sorriso no rosto. A vitória será minha, sem sombra de dúvida.

Um chacoalhão me desperta do sono profundo. É Paschoal, branco como um fantasma. Não me importo dele entrar em meu quarto, mas isso aconteceu raras vezes, o que me deixa imediatamente em alerta.

— O que aconteceu, homem? Que horas são?

— Não há tempo para explicar. Liga a TV. — Sua voz demonstra urgência.

Ligo a TV e vejo uma reportagem local sobre um corpo encontrado nos arredores da minha fazenda. O sangue também some de meu rosto.

O repórter afirma que a mulher ainda não foi identificada, mas quanto tempo levará para alguém

ir ao IML reconhecer o corpo da Sônia e começar a investigar?

Sou tomado por um ódio cego e avanço em cima do Paschoal.

— Seu incompetente! Como isso foi acontecer? Você não designou Sérgio para dar um fim no corpo? E se começarem as investigações?

— Desculpe, Sr. Charles, ele me garantiu que estava tudo certo e...

— Chega! Sai da minha frente. Não quero mais ouvir uma palavra sua, muito menos do Sérgio. É bom vocês não cruzarem meu caminho hoje, ou não respondo por meus atos. Ou melhor, chama aquele imbecil aqui que quero falar com ele.

Ele sai apressado e eu esmurro o travesseiro. Minha vontade é matar o Sérgio com minhas próprias mãos.

Em minutos, ele entra apressado.

— Chamou, senhor?

— Você tem merda nessa cabeça, paspalho? Você sabe que o corpo da Sônia, que deveria estar bem escondido, foi encontrado?

Ele não responde, pois está em choque. Porém, continuo:

— Coloca esse monte de bosta pra pensar e me fala: você deixou algum vestígio que possa ligar essa vaca à minha fazenda? A mim?

— Claro que não, Sr. Charles. Não sei como isso aconteceu, mas ninguém nunca ligará o senhor a ela.

— Acho bom. Se eu rodar, vocês rodam juntos. Agora sai da minha frente.

Ele se retirou, com certeza indo reclamar com Paschoal. Eu precisava pensar e tinha que ser agora. Se fosse interrogado, tinha que ter respostas.

Um banho ajudaria a acalmar. Depois eu pensaria em possibilidades. E, para piorar, minha raiva me deixa cego. Preciso falar com Verônica, e será agora.

Capítulo 20

Adrian Miller

Ainda lembro do choque quando o legista falou comigo.

— *Desculpe. Poderia repetir?*

— *O senhor reconhece a vítima?*

Antes mesmo que Paulão ou Albert pudessem abrir a boca, dirigi a eles um olhar que indicava que queria conduzir a situação.

— *Não. Pensei que fosse uma conhecida, mas felizmente não é.*

— *O senhor pareceu bastante abalado quando a viu.*

— *E você não ficaria abalado se encontrasse um cadáver?*

— *Bom, não na minha profissão.*

— *Pois eu sou apenas um empresário. Muito obrigado pelo seu tempo.*

Nem o esperei falar alguma coisa. Eu precisava sair daquele lugar ou colocaria pra fora tudo o que comi há uma semana.

O voo de volta se mostrou mais turbulento que o da ida, literalmente. O tempo não estava nada

bom, o avião chacoalhou e por umas três vezes pensei que, mesmo Verônica estando à beira da morte — pelo menos é o que todos acham — era capaz de eu morrer primeiro.

Felizmente aterrissamos e pudemos ir para casa. Ainda estou preocupado com o andar das coisas em São Paulo. Jonas ficou para esperar por Terry, e sei que ele, apesar de amá-la, não apoia esse tipo de atitude imatura e irracional da parte dela.

Pensar nisso me faz ter raiva, e quero ter uma conversa séria com a minha irmã.

Depois de um trajeto longo até minha casa, já que o trânsito não ajudou, chegamos, exaustos.

Enquanto Paulão descarrega nossas coisas com a ajuda de Albert, irrompo na sala, imaginando que encontraria Terry e Jonas nos aguardando, já que avisei-os que estávamos a caminho. Só que a sala está deserta.

Quando os encontro, no quarto de Terry, já estou espumando de raiva.

— Hora de conversar, mocinha — digo, tentando controlar a raiva.

— Olha, maninho...

— Não me venha com essa de maninho. Pensei que você já tinha superado essa fase porra-louca. E o que foi aquele *showzinho* de “a culpa é sua”? Você não se enxerga? Uma marmanja bebendo como uma adolescente que vai a primeira vez pra balada?

— Olha, eu sei que fiz errado. Mas você não sabe o que eu tive que escutar da nossa mãe?

— Não, você fez mais que errado — eu a interrompo novamente. Foda-se, preciso desabafar. Nessa hora acabo juntando toda minha frustração. — Você foi irresponsável e amadora, ainda mais sabendo que não é compatível com químicos! Onde pensa que vai parar? E quem vai sustentar esse seu vício? Acha que vou bancar dondoca embriagada?

Jonas permanecia calado, apenas observando a reação da minha irmã.

— Adrian, me escuta.

— Não! A *senhorita* me escute! Eu não ralei a minha vida toda para dar bebida para uma inconsequente. Já chega tudo o que eu aguentei quando você se recuperava das drogas. É assim que você me recompensa?

— Me desculpe. — Sua fala se transformou num balbucio. Percebi que eu tinha atingido um ponto crucial e ela estava com vergonha. Me arrependi de ter gritado tanto.

— Terry, eu só quero seu bem, mas nesse momento, com tanta coisa acontecendo na minha vida, eu estou muito puto com você.

— Eu sei. E é por isso que passarei um tempo com Jonas. Uma ou duas semanas, até as coisas se acalmarem.

Aquilo me pegou desprevenido. Como assim, ela iria me deixar?

— Como assim?

Jonas, então, se manifestou:

— Adrian, as coisas não estão bem para você, todos estamos acompanhando seu desespero. Não queremos mais preocupações. Eu continuarei o tempo todo a seu lado, e pode contar com a Terry também, mas ela ficará uns dias em casa. Assim também testamos um pré-casamento. — Ele piscou para ela ao dizer isso.

Não tive escolha, eles estavam certos. Além de tudo, se eu tivesse que ficar vigiando Terry — e eu sei que faria isso —, as coisas só piorariam.

— Tudo bem, mas quero conseguir contatá-la quando quiser.

— Maninho, não estou fugindo. Olha, vou começar a levar algumas coisas. Logo mais estaremos de volta.

Eles se despediram e saíram. Fiquei alguns minutos olhando para um ponto fixo na parede, até que uma ideia me ocorreu. Peguei o celular e liguei para o Paulão, que já tinha ido embora.

Ele atendeu sonolento.

— *Oi, Adrian.*

— Paulão, acabo de ter uma ideia.

— *Manda.*

— Eu fui um gênio ao não identificar o corpo! Quero que você faça o seguinte: contrate dois dos seus melhores homens, um deles tem que ser o Ferreira, aquele Federal que está de licença. Será que ele está disponível?

— *Posso verificar com ele, mas acredito que sim, ainda mais se pagarmos bem.* — Ele deu uma risadinha. Para achar Verônica, dinheiro nunca seria problema.

— Ótimo. O outro precisa ser intimidador. Se possível, maior do que aquele brutamonte do

Sérgio.

— *Já tenho até alguém em mente.*

— Peça para o Ferreira conseguir um mandado forjado, eu sei que ele consegue. Você não deverá participar, já que os capangas te conhecem, mas deverá estar em contato direto e me atualizar assim que as coisas acontecerem, ok?

— *Ok. O que mais?*

— Primeiro, peça para que olhem a fazenda toda. Sei que eles conseguem se infiltrar pela parte mais afastada da entrada principal. Não é o melhor dos caminhos, porque tem muitas árvores e vegetação, mas isso também os ajudará a descobrir.

— *Como você sabe tudo isso, de repente?*

— Aparentemente, Charles Hertman é uma figura tão conhecida que Jonas conseguiu rastrear uma planta da fazenda pela internet, com a ajuda de alguns *hackers*. Quem tem a planta da sua residência hospedada em um site onde qualquer adolescente com QI básico consegue acessar? Charles Hertman — digo sorrindo.

— *Entendi.*

— Quero que eles investiguem qualquer discrepância, qualquer lugar que possa ser usado como esconderijo, já que sabemos que ela não está na casa.

— *Está certo.*

— Assim que sondarem, eles deverão entrar em ação com o mandado e olhar tudo. Entendeu?

— *Perfeito, eu o mantereii informado.*

— Ótimo.

Assim que desligo, ligo para Jonas, que acabara de chegar em sua casa com Terry, para atualizá-lo.

Marcamos a ação amanhã à noite. Sei que está em cima da hora, mas o momento pede urgência, e nada como um acréscimo no pagamento para tudo correr bem. Jonas conseguiu reservar voo amanhã de manhã para os três, já que Paulão acompanhará.

Eu, Albert e ele ficaremos no aguardo. Caso encontrem Verônica, Ferreira acionará os federais para prender Charles Hertman. Estou esperançoso que o plano dê certo. Só preciso conter a

ansiedade e aguardar o *gran finale*.

Chega a hora da ação e eu estou com os nervos à flor da pele. Sinto que a sorte está a meu lado, já que até agora tudo saiu de acordo com o planejado, depois do meu fiasco no Mato Grosso. Acho que fico melhor acompanhando de longe.

Paulão já me ligou, dizendo que os dois estavam a caminho da fazenda. Dessa vez, nem pensar em hospedar ninguém. Eles retornarão em um voo corujão de madrugada. Se Charles for preso, precisarei me juntar a eles, mas nesse caso, podemos ficar onde quisermos, pois o canalha já estará na cadeia.

Tento me distrair, assistir TV, mas o tempo não passa. Jonas chegou com Terry, logo após Albert, e já comemos pizza. Eu queria tomar um vinho, mas preciso das minhas faculdades mentais funcionando perfeitamente.

Após uma eternidade aguardando o final da operação, com chamadas esporádicas de Paulão me tranquilizando e dizendo que “tudo está saindo conforme programado”, me celular toca novamente, com meu coração saindo pela boca.

Já está na hora de ter acabado, então espero notícias definitivas.

Atendo com urgência.

— Fala, Paulão? E aí, acharam Verônica? Desembucha, homem! — Sei que não o deixei falar, mas estou tão ansioso.

— *Patrão, Verônica não está na fazenda, sinto informar.*

— Como assim?

— *Seguinte: eles passaram algumas horas especulando. Realmente, a entrada que o senhor falou que existia procede. Eles acharam, no meio do mato e afastada da casa principal, uma cabana suspeita. Além disso, há um celeiro e uma casa de caseiro. Depois de traçarem rotas possíveis, eles chegaram à conclusão de que começariam pela cabana, celeiro, casa do caseiro, que não parecia ter ninguém morando, e casa principal.*

— Ótimo, até aí, perfeito. E a entrega do mandado?

— *Ferreira certificou-se de que Charles estava no hotel com Paschoal a tiracolo e bateu na porta. Estavam vestidos como policiais, para dar veracidade. Anunciaram as buscas e entregaram o mandado, alegando que estavam investigando todas as casas da região em que o corpo de Sônia fora encontrado. Sérgio caiu como um patinho. Eles fingiram que não conheciam a propriedade, mas falaram que começariam as buscas por qualquer construção contígua, deixando a casa grande para o final, e assim fizeram.*

— Mas e aí?

— *Não acharam nada! Nem sinal da Verônica.*

— Não acredito!

— *Pois é. Ela não está lá. E, para piorar, Charles chegou no meio das buscas. Acho que ele não desconfiou de nada, pois fez questão de acompanhar os “policiais” pela casa toda. Eles foram embora, alegando que até o momento não tinham encontrado nada suspeito.*

Eu não conseguia falar. Desliguei o telefone e fui amparado por Jonas e Albert. Verônica podia estar morta, jogada em uma vala qualquer e eu não poderia fazer mais nada. Minhas opções tinham se esgotado.

Capítulo 21

Verônica S. Miller

Assim que Charles dá a ordem para o carcereiro me levar até a cabana, vejo que há algo errado. Ele estava calmo e, de repente, ficou apreensivo. No caminho, tento descobrir algo, mas o capanga apenas fica falando safadezas em meu ouvido: nojento!

Ele me larga ali, e desaparece.

Sento na cama improvisada do quarto que fiquei no primeiro dia em que cheguei aqui. Agradeço por não voltar para aquela jaula. Me encolho na cama e fico acariciando meu ventre. *Só espero que meu filho consiga sobreviver a tudo isso!*

Eu preciso sair daqui, e logo!

Tento chutar a porta, mas não tenho sucesso. Não há o que fazer. Somente esperar.

Penso em Adrian, em minha mãe. Não consigo parar de pensar. Ele não pode ter me esquecido aqui. *O seu amor era tão superficial? Se fosse Charles, ele teria me encontrado.* Não consigo evitar as comparações. Mesmo Charles sendo quem é, ele jamais desistiria de mim como Adrian. Posso ver a determinação nele. Seu olhar gritando que *sou dele*, quando me olha, quando me toca...

Acho que vou enlouquecer se não conseguir sair logo daqui.

Cansada e indisposta, deito na cama e caio no sono.

Acordo com os gritos de Charles do lado de fora da cabana. De repente, ele irrompe no quarto.

— Precisamos conversar — ele diz inquieto.

Sento-me na cama já esperando pelo pior.

Ele anda de um lado para o outro.

— Eu andei pensando... Desde que chegou aqui, não tive o cuidado de pedir para que um médico a examine. — Ele me encara e eu me reteso. *Que história é essa de médico agora?*

— Eu não estou doente, Charles. Desculpe... não estou doente, senhor.

Ele suspira, nervoso. Seus olhos ainda estão fixos em mim.

— Vou pedir para que um médico a examine amanhã. Estou vendo que está a cada dia mais pálida, sente algumas indisposições e não quero que adoeça — ele diz firme.

— Eu estou bem, eu juro — tento não soar desesperada. *O que ele faria se descobrisse que estou grávida?*

— Bem ou não, fará os exames necessários. A não ser que... — ele para de falar e caminha em minha direção.

— Eu já disse que estou bem. Não é necessário. — Ele estuda minha reação.

— Está me escondendo alguma coisa, Verônica? — Sua voz é fria.

— Não — digo e minha voz falha. — Não estou escondendo nada.

— Então está ótimo. Amanhã o médico vem lhe examinar. Eu também quero saber se você está em perfeitas condições de me dar um filho. Quero saber se você poderá conceber logo — ele diz e eu começo a ficar apavorada. *Não posso ser examinada por um médico. Não posso!*

— Um filho? Mas...

— O que foi? Não quer ter um filho meu? — Ele arqueia as sobrancelhas, fitando-me.

— Não é isso, é que... — Não consigo conter o pânico crescente dentro de mim e, pela fragilidade emocional, começo a chorar. Charles percebe que há algo de errado. Ele se senta ao meu lado e me abraça carinhosamente. *Se eu disser a ele, me matará?*

— Não precisa ficar assim, minha menina. De qualquer forma, precisa ser examinada. Eu

prometi que lhe daria tempo o suficiente para que me aceite como seu Dono. Não a tomarei sem o seu consentimento.

Eu o afasto, inquieta e aterrorizada.

— Não quero desapontá-lo, senhor. Não sei se será possív...

— O que há de errado, Verônica? Diga-me! Está transtornada! Acha-me tão repugnante que não cogita a ideia de gerar um filho meu? — ele se irrita.

— Não! — me apresso em dizer.

— Então, o que há com você? Pode me dizer qualquer coisa. Estou aqui para protegê-la e não lhe fazer mal. Eu juro a você. — Ele pega em minhas mãos e a beija com ternura.

Eu choro. Choro como nunca havia chorado antes. Não quero que aconteça nada com meu filho.
Meu filho!

— *Ei! Shhhhh!* O que foi? Fique calma — ele sussurra e me puxa para ele.

Eu continuo a chorar e, quando não tenho outra saída, imploro, caindo diante dele, de joelhos, por seu perdão:

— Por favor, Charles! Me perdoe. Ele não tem culpa de nada disso. Por favor, não tire ele de mim — digo aos prantos.

— Ele? Ele quem? — Charles se levanta e automaticamente, sua expressão muda. Em seu rosto, vejo o mesmo olhar cruel e frio de quando me castiga.

Eu abaixo a cabeça, e fecho os olhos tentando reunir toda a coragem necessária.

— Fale logo, Verônica! — ele grita e eu me sobressalto de medo.

— Por favor, prometa que...

— Diga logo antes que eu perca a paciência! — ele grita.

— Meu bebê. Meu bebê, Charles — digo enxugando minhas lágrimas que rolam sem cessar.

Ele fecha a cara e por um momento, penso que irá avançar em mim e me esganar com suas próprias mãos. Seus olhos estão gélidos, seu maxilar rígido e o cenho franzido. Suas mãos em punhos, indicam que está a ponto de explodir. Ele parece travar uma batalha antes de abrir a boca para me dizer qualquer coisa. Nós nos encaramos, até que ele quebra o silêncio aterrador, e diz:

— Nos falamos pela manhã. Tente dormir. — E sai batendo a porta, deixando-me aliviada.

Pelo menos, eu tenho a certeza de que vou viver por mais uma noite. Levo minhas mãos até meu ventre e sussurro:

— Não vai acontecer nada de mal com você, meu amor. A mamãe promete. *A mamãe promete!*

Então, continuo a chorar em minha miséria, em meio ao meu sofrimento interminável.

Charles não aparece pela manhã, ao contrário, Paschoal está parado bem de frente para mim e me aguarda para me levar de volta para a mansão. Seguimos o trajeto todo de carro, em completo silêncio. Ao entrar na casa, sou recebida por Benedita.

— O patrão pediu para que eu lhe ajudasse com seu banho.

Eu assenti e a segui pelos corredores.

Após meu banho, Benedita entra no banheiro com minhas roupas: um vestido curto, azul-escuro de alças finas. Como sempre, não havia nada para que eu calçasse. Visto-me depressa, pois sei que Charles me espera e minha ansiedade em saber como ficarei a partir de agora, me consome.

— Vamos, senhora. O patrão está no quarto à sua espera.

De frente para o quarto, Benedita me anuncia.

— Deixe-a que entre — ouço a voz dele lá no fundo. Assim que entro, Charles está apenas de *boxer* branca ao telefone. Ele olha para mim e eu tento desvendar o que há por trás de seu olhar frio direcionado a mim.

Ele desliga e pede para que eu me aproxime, com um gesto de mão.

— Saia e feche a porta — ele ordena para a criada.

— Ajoelhe-se! — ele diz rudemente apontando para o chão, próximo a ele.

Faço o que me pede.

— Eu vou lhe fazer uma pergunta, Verônica, e quero ouvir a resposta certa, deu para entender?

— Sim — digo e logo dou conta do meu lapso. — Sim, senhor.

—Ótimo! — ele diz friamente. — De quem é esse filho?

Como assim, de quem é esse filho?

— Adrian, senh... — Antes que eu pudesse terminar, sou atingida por uma bofetada. Isso me pega de surpresa e me deixa sem reação. Levo minha mão até o rosto, que queima como fogo.

— Vou fazer a pergunta novamente — ele diz. — De quem é esse filho?

— Eu não estou mentindo, senhor. Este filho é de Adrian Miller. — Ele me dá outra bofetada, só que, desta vez, ela veio ainda mais forte. Meus olhos enchem-se de lágrimas e eu me apavoro. Claro que ele está preparando algo terrível para fazer comigo. *Mas o que ele quer? Estou dizendo a verdade.*

Charles caminha até a janela do quarto, e fica parado por um momento, olhando algo lá fora. Eu choro em silêncio, observando-o, e com a dor latente pulsando em meu rosto. Ele volta em minha direção.

— Quero que me diga de quem é esse filho, Verônica?! — sua pergunta sai como um sussurro mortal e seus olhos parecem lançar facas afiadas em minha direção.

— Adrian Mi... — Ele me bate outra vez, com toda a sua fúria, fazendo com que eu me desequilibre em meus joelhos e caia no chão. Em minha boca, sinto o gosto de sangue. Sinto-me tonta. Levo a mão até minha boca e vejo um pouco de sangue em minhas mãos. Meus lábios doem. Eu choro. Tento me controlar e pensar. *O que ele quer? O que ele quer que eu diga?*

Eu olho para ele, que não esboça nenhuma reação ao me ver machucada. Permanece em sua postura rígida e cruel de Dominador. Tento raciocinar. *Eu quero ouvir a resposta certa...* A voz dele soou em minha mente. *Ele quer a resposta certa e não a verdade!*

— Vamos tentar de novo — ele diz se aproximando de mim. — De quem é esse filho?

Eu fecho os olhos e arrisco, o máximo que conseguirei se estiver errada, será outra bofetada. Então, digo com a voz embargado pelo choro:

— Esse filho é seu, meu senhor —digo já pronta para mais uma punição, só que ao invés disso, Charles me pega com força pelos braços e me arrasta para a cama, lançando-me sobre o colchão, violentamente.

Ele avança sobre mim, segurando minhas mãos acima da cabeça e me beija de forma rude,

grosseira. Eu fico tomada pela sua urgência, com o pânico crescente em meu peito, até que ele se afasta e diz olhando em meus olhos:

— Eu sou o pai dessa criança e quero que se lembre disso todos os dias, entendeu? Não há ninguém entre nós dois. Você é minha e esse filho é meu. Ele me terá como seu único e verdadeiro pai. Está me entendendo?

Eu não podia contrariar. Ou, então, meu castigo seria ainda pior.

— Sim, senhor. — Ele me beija, novamente.

O resto do dia foi monótono, mas agradei por Charles não ter ficado em casa. Estranhamente, ele voltou mais cedo do que de costume. Nós nos trancamos no quarto e ficamos vendo filme. O jantar foi servido no quarto e ele fez questão de me alimentar e de me mimar. Ele lamentou pelas marcas arroxeadas em meu rosto e me agradou como pôde. Ele me banhou, escovou meus cabelos e me trocou, tudo de forma gentil e delicada.

Deitada nessa cama, ao lado dele, vendo-o dormir, me dá vontade de sair correndo e encontrar uma forma de matá-lo, mas eu não tenho estômago para isso. Eu jamais conseguiria ser como ele. Embora Charles me intrigue com toda essa bipolaridade, ele poderia fazer qualquer mulher se apaixonar por ele quando o seu lado humano e carinhoso estão falando mais alto.

— Volte a dormir — ele sussurra, sonolento.

— Sim...

Ele me envolve em seus braços, me beija, e sussurra um “Eu te amo”. Eu apenas fecho os olhos e rezo. É apenas isso que me mantém firme até aqui.

Capítulo 22

Charles Hertman

Dois dias depois...

Depois de um dia calmo, e o acordo entre mim e Verônica sobre sua gravidez, estou sentado em minha sala ampla e arejada no hotel. Tenho uma vista linda e privilegiada, mas nem essa visão consegue acabar com meu mau humor. Um filho. Um filho daquele imbecil. A raiva me corrói por dentro. Esse filho era para ser meu. Meu!

Tento me acalmar, mas é impossível. Para piorar, estou com um mau pressentimento. Adrian não deu mais as caras, e isso é uma coisa estranha. Claro que só pode significar que ele está armando algo, e não ter ideia do que é, me coloca numa posição inferior. E eu não posso ficar por baixo.

Estou ainda remoendo essa ideia quando meu telefone toca. É Sérgio.

Ele começa:

— *Patrão, eu vi dois homens por aqui, rondando a fazenda. Eles acham que não foram vistos, mas tenho certeza de que foi a mando do Adrian.*

— Merda! Eu sabia!

— *Pois então, as câmeras ocultas os pegaram vasculhando, e eu deixei. Agora eu sei que eles vão voltar, mas não sei qual a desculpa.*

— Onde está a Verônica?

— *No quarto, ainda deitada. Ela não apareceu hoje.*

— Ótimo. Você sabe se eles notaram a cabana?

— *Sim, pareceram bastante interessados. Acho que eles entraram pela cerca a leste, aquela mais escondida.*

— Bom, teremos que aguardar que se manifestem. Como terminou a busca?

— *Eles pareceram discutir alguma coisa, fizeram anotações e saíram por onde entraram.*

— Eles voltam hoje, tenho certeza. Reconheceu alguém?

— *Não. Pensei até que fosse aquele cara grande, que esteve aqui com ele, mas é outro grandão, não tenho ideia de quem seja.*

— Qualquer coisa diferente, me ligue. Não vou voltar agora para casa para não despertar suspeitas. Se eles invadirem, você sabe aquele quarto de empregadas que vive fechado?

— *Sim, sei sim. Escondo Verônica lá?*

— Não. Ele tem uma porta, precisa até testá-la, que dá para a área de serviço, do outro lado da fazenda. Saindo por lá, se eles estiverem na casa, você conseguirá chegar na cabana sem ser visto, uma vez que não há nenhuma iluminação daquele lado. Entendeu? Apenas veja se a porta não está emperrada. Espero que não esteja trancada, porque não sei onde está a chave. Se estiver, mande arrombar. E logo, não sei se temos tempo.

— *Entendido, patrão.*

Assim que ele desliga, sou tomado por uma onda de adrenalina. Adrian pensa que sou burro. Mas quero que ele ache que está na nossa frente para que eu possa dar o bote.

Eu realmente espero que eles voltem, e estou curioso para saber o que alegarão para tentar entrar. Ou será que invadirão às escondidas?

Um homem como eu jamais poderia se dar ao luxo de não ter proteção, e o imbecil do Adrian deveria ter pensado nisso. Tenho câmeras que protegem minha fazenda em todos os cantos possíveis, e dão um sinal de alerta para Sérgio e Paschoal no celular a cada movimentação. A modernidade a meu favor.

Resolvo mordiscar um *petit four* que está descansando na mesa de canto da minha sala. Me recosto na cadeira, degustando o biscoito e penso em Verônica. Imediatamente uma onda de desejo toma conta do meu corpo e sinto que fico duro. *O que essa mulher tem?*

Preciso me acalmar e voltar ao estado normal, então me forço a parar de pensar nela e lembrar que os homens de Adrian devem estar, nesse exato momento, se preparando para alguma coisa.

Não preciso ir muito longe. Meu celular toca novamente, mas, dessa vez, é Paschoal.

— Sr. Charles, os homens chegaram antes do que pensávamos. Eles apresentaram um mandado para buscar indícios de Sônia. Nada a ver com Verônica. Sérgio os deixou entrar, eles começaram a investigação pela cabana, óbvio.

Os caras mandaram bem, tenho que admitir. Se eu não fosse tão esperto, poderia bem ser pego de surpresa e colocar tudo a perder. Espero realmente que Sérgio não tenha deixado nenhum vestígio da vaca da Sônia. Embora eu saiba que eles estão procurando Verônica, mesmo que uma prova do assassinato da vadia pulasse na frente dos pau-mandados, eles a ignorariam. É tudo uma questão de foco.

Me preocupo com Verônica.

— *E Verônica? O Sérgio conseguiu abrir a porta do quarto de empregadas?*

— Fique tranquilo. Assim que eles acabarem a cabana, o estábulo e o celeiro, que é a sequência que querem procurar, Sérgio sairá com a Verônica pelo quarto de empregadas e a prendo na cabana novamente. Sérgio está com a escuta, então sei onde estão. Quando chegarem aqui, assumo o posto de acompanhar tudo.

— O que vai dizer para Verônica?

— *Acho que não preciso explicar muito. Vou dizer que o senhor a proibiu de vê-lo essa noite porque tem sido uma menina má e Sérgio vai levá-la presa.*

— E se ela desconfiar do caminho?

— *Pensei nisso também, mas nessa altura do campeonato, ela não vai discutir.*

— Bom, cuidamos dela amanhã então. Mas Paschoal...

— *Diga.*

— Estou indo pra fazenda. Não precisa me pegar, irei de carro. Faço questão de mostrar a casa para esses amadores. Distraia-os até eu chegar para o meu final feliz.

— *Ok, senhor.*

Disparo pelo *lobby* na direção do estacionamento. Deise me chama para dar *oi*, mas a ignoro.

Preciso chegar antes deles chegarem na casa, assim me sentirei absolutamente feliz.

Faço o caminho a 120 km por hora. Não me importo com nada, só em chegar e ver a vingança.

Me preparo para entrar em casa e desempenhar meu papel.

Entro com o carro pelo portão principal e estaciono em frente à casa. Assim que abro a porta, dou de cara com Paschoal e os dois “policiais”. Um deles não me é estranho. Será que nos conhecemos? Se sim, não demonstrou nada. O outro é um completo estranho para mim.

Faço a minha maior cara de surpresa e Paschoal fala:

— Ah... Oi, Sr. Hertman.

— Oi, Paschoal. Boa noite, cavalheiros. Desculpem-me a indiscrição, mas posso saber o que está acontecendo aqui?

O grandalhão desconhecido se adianta para falar. Está na cara que ele é o cérebro da dupla e o outro, um mero fantoche.

— Boa noite, Sr. Charles. Um corpo foi encontrado nos arredores da sua fazenda, estamos investigando as casas que ficam por aqui em busca de indícios. Isso não é uma intimação, tampouco o senhor é suspeito, mas precisamos nos certificar de tudo, certo?

— Claro. Vocês têm um mandado?

— Sim, bem aqui.

Ele me estende o mandado e eu percebo que é uma falsificação perfeita. Não que eu esteja habituado a isso, mas conheço um pouco. Alguém tem ligação com a polícia de verdade.

— Correto. Os senhores já começaram as buscas?

— Sim. Já olhamos as construções externas. Íamos começar com a casa principal quando o senhor chegou.

— Que bom, assim faço questão de acompanhá-los. Alguma discrepância?

— Não, apenas uma curiosidade: porque uma jaula naquela cabana?

— Ahhh, aquilo? Eu tinha um cão vira-lata, que não deixava ninguém dormir. Então, o prendia lá. Mas ele morreu há umas duas semanas.

— Entendo. — Ele não caiu na minha desculpa. Droga! Continuei: — Vamos ver a casa?

Eles concordam e nós começamos uma busca detalhada. Fiz questão de levá-los em todos os cantos. Algumas coisas de mulher foram encontradas, mas eu dei a entender o quão garanhão e foda eu sou com mulher. E, como essa lenda corre, dessa vez acho que não desconfiaram. Meus objetos sexuais ficam escondidos, então não me preocupei.

Quando terminamos, eles vão embora e eu me sinto vitorioso. Nada foi encontrado.

Só que eu noto uma coisa: Sérgio havia desaparecido.

Por um momento, fico apreensivo, mas Paschoal conduz a situação. Então, me ocorre que ele tenha ficado com a Verônica na cabana para evitar que ela gritasse ou algo do tipo.

Resolvo verificar, já que os homens foram embora e não corremos mais perigo.

Ao chegar em frente à cabana, olho para os lados, a fim de me certificar que não estou sendo vigiado.

Alinho meu terno e entro.

Onde está Sérgio? Olho no cômodo vazio, o pequeno corredor que dá para os quartos, não há nenhum sinal dele. Avanço até que escuto barulhos, parecendo resmungos abafados. Ao entrar no quarto onde sempre a deixo, o que presencio me deixa num estado de fúria, descontrolado: Verônica de bruços, nua na cama, suas roupas jogadas no chão e Sérgio sobre ela, com as calças arriadas. Suas mãos estão puxando seus cabelos com violência, enquanto ela se debate, debaixo dele, com seus gritos abafados por um velho tecido, que a mantém amordaçada.

Avanço sobre ele rapidamente e o retiro de cima dela aos berros:

— Seu desgraçado! O que pensa que está fazendo?

Ele se espanta, pois não esperava ser pego em flagrante.

Não dou chances a ele de explicar qualquer coisa, pois tal ato é passível de punição. E a dele, seria paga com a vida.

O primeiro soco o pegou desprevenido e o fez cair em meus pés. Eu o chuto com toda minha força e caio sobre ele, desferindo vários golpes em seu rosto. Eu não cesso. Consigo ouvir os gritos de Verônica, assustada. Há sangue em minhas mãos, mas não paro de bater.

Ele tocou em minha mulher, merece morrer. Ele iria estuprá-la.

O simples pensamento me faz virar um animal totalmente irracional. Ele tenta me acertar, mas está machucado demais para fazer. Só há sangue em seu rosto. Eu grito, eu o soco, eu brado... sinto

meu rosto em chamas, queimando de tanto ódio. Ouço os sons dos gemidos dele e dos grunhidos espalhados pelo ar. Até que sinto alguém me puxar.

Paschoal.

Minha raiva é cega.

— Charles! Charles! Ele está quase inconsciente — Paschoal diz, tentando me trazer de volta à sanidade.

Eu ajusto minha visão, está tudo embaçado e só então me dou conta das lágrimas em meu rosto. Até o sangue dele em minhas mãos me dá nojo.

Paschoal parece entender a cena, pois corre para amparar e vestir Verônica, que chora incessantemente. Eu quero olhar para ela, mas mantenho-me de costas. Quero aninhá-la a mim. Dizer que está tudo bem agora. Mas eu não consigo. Não enquanto não tirar todo esse sangue e fedor desse imundo das minhas mãos. Não quero contaminá-la ainda mais.

— Vista esse safado! — ordeno a Paschoal.

— O que fará com ele?

— Vou matá-lo. Que outra coisa poderia fazer? — digo entredentes. — Leve Verônica para casa.

— Mas patrão, e se...

— Leve-a! Agora! — grito.

Quando ele e Verônica estão prestes a passar pela porta, eu digo:

— Me dê sua arma. — E estendo a mão para ele. Paschoal retira sua pistola da cintura, e me direciona um olhar cúmplice.

— Faça-o sofrer antes — ele diz.

— Pode ter certeza de que ele irá — Paschoal sai levando Verônica com ele.

Volto minha atenção ao meu capanga traidor. Ele se remexe, gemendo de dores.

Sento-me na beira da cama, apenas para observá-lo levantar, sem nenhum sucesso. Os nós de meus dedos estão machucados e sangrando.

— Ela é apenas uma vadia — ele balbucia e vira de lado para cuspir o sangue que há em sua

boca.

A petulância dele me irrita.

— Por muito menos matei aquela vagabunda da Sônia. Eu iria matá-la qualquer dia mesmo, só antecipei. Ela não prestava mais para mim, e sabia de muita coisa ao meu respeito que podia me comprometer. Já você, não teria o mesmo fim, se não tivesse me traído. Eu relevei a sua asneira quando enterrou a vagabunda ao redor da minha fazenda, ao invés de dar fim no corpo. Eu relevei, sabe por quê? Porque sabia que você era burro. Não tinha entendimento. Mas jamais achei que fosse um estuprador filho da puta e traíra — digo e levanto-me dando dois passos em sua direção e o chuto nas costelas.

Ele solta um grunhido e ri.

— Pode me matar. Eu já consegui sentir o gosto daquela boc... — Não dei chances para que terminasse de falar e o chutei mais uma vez, entre suas pernas.

Ele se encolhe e choraminga.

— Eu não vou matar você agora, Sérgio. Vou amarrar você, assim como fez com ela. Vou atirar nesse seu pau imundo e deixá-lo aqui até seu sangue se esvair. Então, vou cortar seu corpo em pedaços pequenos, e dar para algum cachorro comer. E quando só restar apenas seus ossos, farei uma fogueira e vou deixá-lo queimar, assim como será quando você chegar no inferno.

Ele sabe que não sou de jogar palavras fora. Sabe que vai morrer. Então, diz:

— Nós nos veremos lá quando chegar a sua vez.

Então, eu cumprio cada palavra dita.

Puxo o gatilho e o som do tiro ecoa no ambiente.

Capítulo 23

Adrian Miller

Sinto que meu tempo está acabando. A cada minuto que passa sei que as chances de encontrar Verônica viva são poucas. Agora, mais do que nunca, preciso de determinação.

O Ferreira e aquele outro amigo do Paulão não acharam nada na fazenda, mas ainda não duvido que ela esteja com Charles.

Aquele lugar é imenso, com diversas possibilidades para esconder alguém — vivo ou morto. Estremeço com esse pensamento.

De novo voltei à estaca zero. Só que agora está na hora de ver que tipo de progresso o delegado Ricardo está fazendo nas buscas, já que não tenho notícia dele desde que saí da prisão.

Vou lá falar com ele, mas não quero ir sozinho. Ligo para Jonas. Nada melhor do que meu advogado e amigo para me acompanhar.

— Jonas, tudo bem?

— Adrian, ouvi o que aconteceu ontem. Que pena que as coisas não saíram como deveriam.

— Eu sei que ela está lá. Não me pergunte como, mas eu sei. Olha, preciso dar um pulo na delegacia para ver como está o andamento das investigações por parte da polícia, e também preciso de um apoio para fazer os exames da minha sogra. Será que você me acompanha? Pensei em chamar o Albert também — sei que soei desesperado, mas não consigo mais pensar sozinho.

— Claro que vou com você. Deixa que chamo o Albert. Daqui uma meia hora nos encontramos aí, ok?

— Certo. Obrigado, Jonas.

— Estou aqui para isso.

Enquanto espero pelos dois, preciso ajeitar algumas coisas com a minha sogra. Hoje é dia da visita do Dr. Fox, mas preciso falar com o enfermeiro Jorge, que lidera a equipe que contratei.

Dirijo-me até o quarto da Sra. Sandler, percebendo que há dias eu não a visitava e nem procurava saber sobre ela. O fato de nada ter me chegado aos ouvidos pode ser um bom sinal.

Bato na porta encostada e entro. Marta Sandler está sentada, em uma conversa como Jorge e Sandra. A outra enfermeira, Karina, não está.

— Bom dia — anuncio minha chegada, e irrompo no quarto meio que me desculpando pela interrupção.

— Bom dia, Sr. Miller — Jorge responde. Os outros balbuciam um bom dia. Imediatamente percebo pelo olhar da minha sogra que ela me reconheceu.

— Adrian! Quanto tempo. Estou sabendo que você me trouxe aqui para ficar num ambiente mais familiar. Muito obrigada. Onde está Verônica, sua esposa? Os enfermeiros me falam muito sobre ela, mas não a vi em nenhum momento.

E agora? Eu não estava preparado para isso. Preciso inventar uma desculpa, até as coisas se ajeitarem.

— Oi, Sra. Sandler.

— Ora, por favor. Me chame de Marta.

— Marta, claro. A Verônica precisou fazer uma viagem, sabe? Ela está cuidando de uns contratos da minha empresa, agora que estou sem secretária. — De onde tirei isso?

— Ah, que pena. Nossa, sabe que tenho me sentido muito bem?

— Que ótimo, fico feliz. Jorge, posso dar uma palavrinha com você?

Deixo minha sogra com Sandra, Karina retorna com um copo de água para ela. Afastamo-nos para o corredor. Eu indago:

— Jorge, o que está acontecendo?

— Bom, Sr. Miller, sua sogra está cada dia mais consciente. O Dr. Fox veio aqui hoje de manhã e está muito feliz com os resultados. Ele acredita que o novo ambiente tenha contribuído para a

melhora dela, mas quer alguns exames urgentes. Eu ia procurá-lo mais tarde para passar as informações.

— O que ele acha? Estou realmente espantado com tudo isso.

— Ele acha que existe uma chance de não ser Alzheimer, mas não quer concluir nada antes dos exames, que incluem uma tomografia completa. Inclusive, ele me disse que tem um amigo neurocirurgião no Hospital Bawer.

— O hospital dos meus ex-sogros. Confio muito neles.

— Pois é, se o senhor quiser, como sei que as coisas estão meio turbulentas, podemos conseguir um encaixe hoje à tarde. Será que o senhor consegue levá-la? Visto a mudança do quadro de dois dias para cá, ele teme que, se demorarmos muito para ter um diagnóstico preciso, ela sofra alguma consequência.

— Claro que consigo. Agora de manhã preciso resolver umas coisas, mas depois do almoço estou livre.

— Ok, vamos ver o que conseguimos. Ah, a pneumonia está quase curada, ela respondeu muito bem ao tratamento.

— Nossa, me esqueci da pneumonia. Mas que bom que está melhor.

— O senhor possui os laudos da Sra. Sandler? O neuro precisará desse histórico.

— Não. Quando a retiramos, meio que às pressas, eu acabei não pegando. Depois do meu compromisso, eu passarei na clínica e trarei os documentos, tudo bem?

— Perfeito. Caso não consigamos marcar para hoje, eu o aviso. Mas o Dr. Fox é influente, e os donos são seus conhecidos, não haverá problemas.

— Ok, obrigado, Jorge.

— Às ordens.

Ele se afastou e eu fiz um cronograma mental. O dia de hoje não seria fácil, mas poderia ser mais um dia decisivo.

Tento ligar na clínica para avisar o Dr. Carlos que passarei por lá mais tarde, mas a secretária avisa que ele está em reunião. Deixo o recado, já pedindo que ele separe os documentos, e vou para a sala aguardar Jonas e Albert, que, acredito, esteja vindo junto.

Esse reforço será muito bom.

Quando os dois chegam, rapidamente nos dirigimos à delegacia. De repente, o dia tornou-se curto demais para tudo.

O delegado Ricardo nos recebe de mau humor.

— Ora, bom dia, Sr. Miller. A que devo a honra?

— Delegado, precisamos conversar. Tem um minuto?

— Sim, entrem.

Entramos na sua sala, eu e Jonas nos sentamos, Albert ficou em pé.

— O que querem? — Ricardo perguntou sem delongas.

— Como estão as buscas por Verônica? Não tive notícias suas.

— Ainda não temos nenhum indício de que ela esteja em São Paulo ou outro lugar.

A tranquilidade dele ao falar, como se tivesse buscando um cachorrinho sem raça perdido me irritou. Mas Jonas percebeu e apertou meu braço, como se dissesse “respira e vai com calma”. Acatei sua orientação tácita.

— E a investigação a Charles Hertman?

— Olha, Sr. Miller, eu não entendo porque o senhor cismou com esse homem. Tem sorte dele não tê-lo feito ficar na cadeia, o que seria fácil, fácil. O homem é um magnata, conhecido na sociedade e, sinceramente, pode ter a mulher que quiser. Por que iria querer logo a sua? — o som de deboche da sua voz me fez gritar.

— Porque ele é um tremendo filho da puta! Tenho certeza de que se vocês procurarem, acharão alguma coisa. E quer saber do mais? Se eu fosse o senhor, pediria uma investigação no Mato Grosso. Aquilo não me cheira bem. O senhor sabia que Charles Hertman está por lá? Por que ele não está em São Paulo? Por que se esconde em uma fazenda remota? Já pensou nisso? E tem mais... — resolvi dar minha última cartada, tentando parecer centrado. — Tem uma mulher, ela se chama Sônia, que foi vista com a minha esposa antes do desaparecimento. Ao que tudo indica, ela também não voltou mais para casa. Falei com sua mãe, procurando Verônica, e descobri que ela também está preocupada. — Ele logo descobriria que não existiu essa minha conversa com a suposta mãe da Sônia, nem mesmo sei se aquela drogada tem mãe, mas, pelo menos, eu ganharia tempo. Se consegui plantar uma mísera semente de dúvida na cabeça dele, pode ser decisivo.

— Do que você está falando? Por que ocultou essa informação? — Ele pareceu se sentir incompetente e traído.

— Eu disse sobre Sônia quando estive aqui pela primeira vez. Eu não oculte, vim aqui lhe falar outra vez, pois a conversa foi ontem à noite. — Que mentira...

— E o que o senhor foi fazer no Mato Grosso, afinal de contas?

Eu sabia que essa dúvida ia surgir, até que demorou para ele me questionar isso.

— Fui sondar o terreno, conhecer o hotel de Charles Hertman e, claro, ver se havia algo estranho por lá.

— E encontrou alguma coisa?

— Não, senhor.

— Vou avisá-lo, Sr. Miller, deixe que nós fazemos esse trabalho, não tente fazer justiça com as próprias mãos.

— Então, me prometa que pedirá uma investigação no Mato Grosso. O que você tem a perder?

— Farei isso, fique tranquilo — ele parecia decidido a me provar que estava fazendo a coisa certa. Mordeu a isca. — Mandarei investigar extraoficialmente Charles Miller no Mato Grosso e também irei atrás dessa tal Sônia.

Jonas se pronunciou. Albert continuava apenas observando. Eu adoro essa característica dele de pegar as coisas no ar.

— Delegado, aqui tem um pouco sobre Sônia, o que conseguimos levantar. — Ele entregou duas folhas de papel que eu nem sabia que tinha. *Boa, Jonas!*

— Obrigado, Sr. Jonas. Eu os mantenho informados.

Jonas arrematou:

— Espero ter notícias até amanhã. A mídia vai adorar saber o pouco caso com o meu cliente, Charles pode ser um magnata influente, mas meu cliente não é menos importante.

Ricardo pareceu não se importar, como se recebesse ameaças desse tipo o tempo todo.

— Claro, amanhã lhes darei notícias, mesmo que seja para falar que não achamos nada.

— Obrigado. Tenha um bom dia — agradei e nós saímos.

No carro, a caminho da clínica do Dr. Carlos, Albert falou:

— Esse delegado é um filho da puta preguiçoso. Ele está pouco se importando se Verônica está viva ou morta.

— Não tenha dúvidas, mas eu juro que, se até amanhã ele não der notícias, ligarei no jornal local. E esse é só o começo. Fodam-se as investigações e o sigilo — Jonas diz.

— Obrigado pela força. Acho que ele entendeu o recado. Jamais irá querer aparecer como um imbecil. Agora que ele sabe que estamos buscando por conta própria, vai querer fazer o trabalho, só para não fazer papel de palhaço.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. A clínica não era longe. Quando estávamos quase chegando, Jonas falou:

— Adrian, eu tenho algum receio em relação ao Dr. Carlos. Nada fundamentado, apenas não confio nele. Deixa que eu solicito os documentos, pois eles são de direito seus, mas o médico pode não querer entregá-los como uma forma de “punição” por você ter tirado um pouco do ganha-pão dele.

— Eu não havia pensado nisso. Mas agradeço. Pode solicitar.

Colocamos o carro no estacionamento enorme da clínica. Estava praticamente vazio, o que nos dizia que poderia ser coisa rápida. O Dr. Fox havia me ligado no caminho e dito que conseguiu marcar os exames da Sra. Sandler para às 15h. Isso nos dava apenas 2h para resolver tudo.

Entramos na clínica deserta. Aquele cheiro característico de remédios invadiu minhas narinas. A secretária estava digitando alguma coisa no computador e nos olhou assim que pisamos no carpete vinho.

— Boa tarde, senhores. Posso ajudar?

— Boa tarde, viemos falar com o Dr. Carlos. Eu te liguei hoje mais cedo, sobre os documentos da Sra. Marta Sandler.

— Claro, vou avisá-lo. Ele acabou de sair da reunião.

— Obrigado.

Sentamo-nos no sofá confortável, mas logo fomos anunciados pela secretária e o Dr. Carlos nos

recebeu em sua sala. Ele parecia animado.

— Boa tarde, Sr. Adrian Miller. Boa tarde, senhores.

— Boa tarde — respondemos quase juntos.

— Por favor, sentem-se.

Obedecemos. Eu ia começar a falar quando me lembrei que Jonas queria tomar as rédeas. Olhei para ele, que disse:

— Doutor, a Sra. Marta Sandler precisa fazer alguns exames, e não recebemos os documentos de sua internação, como é de direito de todo paciente. Viemos recolher esses documentos para dar entrada nesses exames, hoje à tarde.

O Dr. Carlos hesitou por um instante quase imperceptível. Eu me mantive ereto, mas sabia que algo estava errado.

Ele gaguejou para falar:

— Claro. Eu entendo os seus direitos, mas tivemos um contratempo que resultou na perda desses documentos.

— Contratempo?

— Infelizmente, sim. Quando um paciente recebe alta ou é transferido, é de praxe de nossa clínica queimar os lençóis e objetos pessoais. E alguém, por engano, deixou esses documentos em cima da cama. A enfermeira não notou, pois os lençóis estavam embolados e os queimou.

Por um tempo, ficamos nos entreolhando. Aquilo não fazia o menor sentido. Mas continuei calado, irritado e aguardando o desfecho.

Albert, que estava calado há tempo demais, se pronunciou:

— Dr. Carlos, essa é a história mais absurda que eu já ouvi. E se vocês queimaram por engano, como sabiam que o documento estava lá? Aliás, que tipo de lugar esbanja tanto a ponto de queimar e não esterilizar lençóis?

— Quando demos pela falta dos laudos, fomos procurar quem tinha tido contato com o quarto. A enfermeira da noite acabou nos contando onde os havia deixado, e a que retirou os lençóis afirmou que não checkou corretamente. E sim, isso é uma prática peculiar da nossa clínica.

Jonas interveio:

— E onde vocês queimam?

— Temos um forno especial para isso.

— Podemos vê-lo? — pergunta Albert.

— Desculpem-me, mas só consigo mostrar com um mandado. Os documentos não estão mais aqui, lamento por isso. Se necessário, podem pedir para que o médico que a examinará entre em contato, eu posso contar o que me lembro do estado da paciente. Agora, se me dão licença, estou sendo aguardado em outra reunião.

Ele não nos deixou falar mais nada, sua despedida foi cortante e decisiva. Eu estava incrédulo. Alguma coisa muito errada tinha acontecido naquela clínica, e agora tínhamos mais uma coisa para descobrir. Isso estava ficando complexo demais.

Assim que pisamos na calçada, explodi, sussurrando com raiva:

— Quem ele pensa que é? Jonas, está na cara que isso é uma puta de uma mentira deslavada! Queimar lençóis? Um absurdo sem tamanho. Aposto minha vida que essa porra de forno não existe.

Jonas estava mais controlado, o que me deixou menos furo.

— Sim, Adrian, é óbvio até para uma criança que ele está mentindo, mas nesse momento não há nada que possamos fazer. Para conseguir alguma coisa, teremos que recorrer a meios legais.

Pensar em criança me deixou ansioso. Meu filho, que poderia ser apenas uma lembrança naquele momento.

Fomos para casa e almoçamos. Às 15h, entrei com Jonas, minha sogra, Jorge e Albert no hospital.

O neurocirurgião que faria os exames era o Dr. Christian Breder, conceituado em sua área.

Ele nos cumprimentou e, quando falamos do problema dos laudos, ficou alarmado, mas não disse nada. Porém, em vez disso, me pediu para resumir o que sabia sobre Marta Sandler.

Eu contei dos sintomas, tratamentos dados na clínica, dos lapsos, do diagnóstico de Alzheimer e da melhora após ter ficado em casa. Ele sabia de alguns detalhes também, como a pneumonia e o estado geral do quadro dela.

Pedi licença e a levou para a sala de exames. Ela passaria por uma bateria, mas parecia estar tranquila. Jorge iria acompanhar tudo. Isso poderia demorar algumas horas, então fomos na

lanchonete do hospital tomar um café.

O assunto girou em torno das investigações, mas tentamos não levar para o lado pessimista. Albert estava sempre me encorajando, assim como Jonas, que acreditava que uma hora tudo seria esclarecido.

Após mais ou menos duas horas e meia, o Dr. Breder me chamou na sala. Meu coração disparou, mas não sei o porquê.

— Sr. Adrian, tenho notícias não muito boas.

Permaneci calado. Ele continuou:

— Sua sogra tem um pequeno tumor no cérebro. Os exames, entretanto, acusaram uma área muito pequena afetada, o que é curável através de cirurgia. Esse é o motivo dos lapsos dela. Essa doença afetou uma parte importante do cérebro. A cirurgia oferece risco, mas a chance de cura é grande.

Por um momento, não consegui falar. Quando voltei a mim, perguntei:

— E o Alzheimer? — Ele me olhou com pena.

— Sua sogra nunca teve Alzheimer, Sr. Adrian. Temo que os medicamentos ministrados para tratar uma doença que não existe possam ter afetado sua memória e seu comportamento. Depois de apenas uns dias sem eles, a melhora foi visível. Felizmente, detectamos a tempo. Sei que parece um pouco precipitado, mas o senhor está de acordo com a cirurgia?

— Doutor, obrigado pela franqueza. Estou passando por uns problemas e não posso decidir isso sozinho. Quanto tempo posso levar para decidir?

— Olha, vamos falar no máximo em 10 dias, ok? Vou prescrever uns medicamentos e orientar Jorge.

— Obrigado, doutor.

Saí desorientado. Um erro médico quase coloca minha sogra em risco. Mas será que esse erro foi sem querer? Depois da conversa com o Dr. Carlos, eu duvidava.

Fui para casa, acompanhado de todos. Minha sogra conversou o caminho todo, e isso era excelente. Pelo menos alguma coisa para animar meu dia.

Depois de todas as descobertas do dia anterior, acordo determinado.

Desço para tomar o café da manhã e encontro Terry e Jonas tomando o desjejum. Fico feliz de vê-los.

Cumprimentei-os e comecei a comer. Até a campainha de casa tocar e o delegado Ricardo ser encaminhado à sala de estar. Minha cabeça começou a latejar. Para esse homem aparecer na minha porta menos de 24h depois de eu tê-lo intimado, algo muito grave tinha acontecido. Naquele momento, temi pelo pior. Fui recebê-lo com o amparo de Jonas. Terry ficou na cozinha.

Tentei manter a calma e soar natural.

— Bom dia, delegado, o que o traz aqui? — Minha frase sem respirar denunciou minha ansiedade. Dane-se.

— Bom dia, Sr. Miller. Podemos nos sentar?

Ofereci um assento no sofá e ele começou a falar, segurando um envelope pardo.

— Sabe, fiquei intrigado depois que nos falamos ontem. Liguei para a delegacia de Mato Grosso pedindo uma verificação extraoficial de Charles Hertman e perguntei sobre mulheres desaparecidas. Eles, então, em questão de 30 minutos, me informaram que estavam com três corpos de mulheres sem identificação.

— Meu Deus! — falei mais para mim do que qualquer outra coisa.

— Solicitei as fotos e as trouxe. Felizmente, nenhuma parece ser Verônica, mas o senhor quer dar uma olhada para ver se reconhece? Tem uma bastante desfigurada.

Engoli em seco, Jonas se apressou em dizer que olharíamos. Ele cochichou para mim:

— Seja forte, amigo. O que quer que vejamos, seja forte.

O delegado espalhou as fotos sobre a mesa e primeiro, senti um alívio. Realmente não era Verônica. Uma delas era Sônia.

Como se eu nunca tivesse visto aquele corpo no necrotério, exclamei, segurando a foto:

— Delegado! Essa é Sônia, tenho certeza absoluta. Meu Deus! Verônica foi até a casa dela no dia em que desapareceu, deixando o carro em frente ao prédio! — Fico apreensivo, é incontrollável, mesmo sabendo o estado do corpo de Sônia.

Jonas, rapidamente, diz:

— Bom, delegado, precisamos verificar o quanto antes as informações para encontrar Verônica... Mas agora o senhor está convencido de que ela pode muito bem estar no Mato Grosso?

Ele continuou, impassível:

— Verificarei se realmente trata-se de Sônia e, se proceder, começaremos as buscas e os avisaremos do andamento. Tenham um bom-dia.

E saiu assim, sem dizer mais nada. Acalmei-me e pude pensar pelo lado positivo: a coisa agora estava feia para Charles Hertman. Começo a ter certeza de que ele matou Sônia. Verônica, se estiver viva, logo estará em casa. E ela há de estar!

Capítulo 24

Adrian Miller

Desde que o delegado Ricardo saiu de casa, procuro alguma coisa para me distrair, mas não consigo parar de pensar em Verônica.

Fiquei feliz de não ter dado indícios de que reconheci o corpo da Sônia, isso foi decisivo para a salvação — contanto que ela ainda está viva — da minha mulher e fazer esse delegado fazer o seu trabalho.

Será que aquele desgraçado colocou aquelas mãos sujas em cima dela? Será que a machucou? Esse tipo de pensamento me apavora. Ela deve estar frágil, amedrontada, e eu aqui sem poder fazer muita coisa. Merda!

Se algo acontecer também com meu filho, minha vingança ficará igualmente cega. Aquela criança é parte de mim, fruto do meu amor por uma mulher espetacular, e quero vê-lo crescendo feliz e saudável. Já não basta eu ter perdido Sara grávida, eu não posso passar por isso de novo agora que finalmente encontrei a felicidade.

Estou negligenciando a empresa desde que Verônica foi sequestrada. Não tenho cabeça para aparecer na Miller's e muito menos trabalhar. Deixei Tony encarregado dos contratos e resolvendo tudo em minha ausência. Quando posso, dou instruções por telefone e só. Quando tudo isso acabar, terei muito trabalho e, talvez, alguns prejuízos por conta disso, mas não me importo. Eu só consigo pensar em Verônica nesse momento e aquela investigação fodida sobre o acidente de Sara. Minha vida está um caos.

Maria entra na sala e diz ao me ver tão apreensivo:

— Precisa descansar um pouco. Logo tudo isso irá se resolver. — Ela sorri, mas sei que está tão preocupada quanto eu.

— Espero que sim, Maria. Não estou mais aguentando a falta dela. Fico imaginando o que ela está sofrendo, o que estão fazendo com ela, se está viva... se nosso filho está vivo.

— Verônica é uma mulher forte. Ela vai fazer de tudo para voltar para você.

— E é isso que me assusta, Maria. As coisas que vi Charles fazer com ela, daquela vez em que ele a açoitou. — Fecho os olhos tentando afastar aquela imagem horrível e dolorosa. — Eu queria matá-lo por aquilo. Tenho medo dele fazer coisa pior para conseguir o que quer. E sei que Verônica, assustada e fragilizada, vai fazer o possível para que ele não a machuque por causa do bebê. Isso se ele já não os matou. — Essa dúvida está me matando por dentro.

— Tenha fé, meu filho. Ela está viva sim, e logo estará conosco. — Ela me oferece um sorriso e sai deixando-me só, com meus pensamentos.

Caminho até o bar e me sirvo de uísque. Preciso beber algo para me manter calmo.

Jonas foi com Terry comprar algumas coisas para a casa deles, que agora parece de um casal de verdade. É bonito vê-los juntos assim. Não sei se minha irmã volta para casa, mas eu espero que seja feliz, só isso.

Albert também tinha coisas a fazer e prometeu voltar mais tarde. Ele não queria deixar Amélia sozinha. Esse meu padrinho cada dia mais safado. *Por que não se separa logo da esposa?*

Não deixarei o celular sequer a um metro de distância. Nessa hora, qualquer notícia está me satisfazendo.

Eu deixo o pensamento correr livremente por todos esses pontos que permeiam minha vida no momento. Mas sei que, no fundo, estou adiando uma coisa que deveria ter feito antes, e que vejo como minha obrigação: conversar com a minha sogra.

Se há uns dias ela não conseguiria responder minhas indagações, agora, sabendo que ela não tem Alzheimer e com a medicação correta, preciso ouvir a sua versão do que aconteceu naquela clínica maldita. O Dr. Carlos não é inocente, agora sei disso mais do que nunca; para mim, aquele erro médico foi premeditado, e alguma coisa me diz que Charles está envolvido.

É claro que o relato da Sra. Sandler não colocará ninguém na cadeia, afinal, ela era apenas uma idosa com lapsos de memória, mas me ajudará a pensar e, no momento oportuno, quem sabe revelar o que me for contado.

Aproximo-me do quarto dela e sinto um frio na barriga. É estranho conversar com a mãe da mulher que amo, e saber que essa história começou por causa de um diagnóstico errado e um tratamento caro desnecessário. Quando penso nisso, me arrependo amargamente de não ter agido antes, de alguma forma.

Jorge, como sempre, está de guardião da porta. Ele sempre fica ali observando quem vem e quem vai, se não atrapalhará o descanso da Sra. Sandler e também supervisionando o trabalho das duas subordinadas.

Eu gosto do seu trabalho. Pareceu ser uma pessoa honesta e centrada. Ele abre um sorriso ao me ver chegando. A paz em seu semblante era justamente o que eu precisava nesse momento tenso.

Ele me cumprimenta, ainda sustentando o sorriso.

— Olá, Sr. Adrian. Veio visitar a nossa moça?

Ouçó risadinhas lá de dentro do quarto. Para meu espanto, a Sra. Marta Sandler, inválida há umas semanas, está corada e rindo como uma adolescente. Mais uma vez, amaldiçoo o infeliz que provocou qualquer tipo de sofrimento a essa mulher.

— Que moça mais linda — entrei falando. Discretamente as outras enfermeiras saíram e encostaram a porta, deixando-me sozinho com a mãe de Verônica. É incrível como tantos sentimentos podem habitar em alguém ao mesmo tempo. É assim que me sinto.

— Adrian, querido. Obrigada pela visita.

— Há tempos estou devendo-lhe, Sra. Sandler.

— Já não falei para me chamar de Marta? Para que cerimônia?

— Vou tentar então. Você está sendo bem tratada aqui? Olha, não foi difícil!

Ela riu gostosamente e respondeu:

— Ah, e como. Que equipe linda você conseguiu para mim, Adrian. Não tenho como te agradecer.

Aqueles minutos já estavam transformando meu dia em algo positivo. Eu só tinha que tomar cuidado para não estragar tudo, como sempre.

— Fiz isso pela senhora e pela Verônica. Ou melhor, por *você*. E antes que me pergunte, ela ainda não voltou, mas nos falamos pelo telefone, que não pega muito bem lá, e ela mandou-lhe um

beijo. — Me senti o pior cretino do mundo, mas essa mentira iria poupar mais sofrimento.

— Que bom, Adrian. Sabe, eu posso ter sofrido lapsos, ter tido um tratamento do cão naquela clínica e não ter podido abrir a boca para ninguém, mas uma coisa eu sempre senti, não importava o quanto dopada eu estivesse: minha Verônica me ama.

— Marta, você está ciente sobre seu real estado de saúde?

— Sei sim, querido. O médico esteve aqui, Dr. Fox, é esse o nome dele, não? E estou aliviada por não ser Alzheimer, se você quer saber. Essa doença me apavora. Imagina só, não reconhecer meus entes queridos. Eu prefiro a morte.

— A cirurgia tem riscos. Você está de acordo em fazê-la?

— Adrian, para quem passou pelo que passei, fazer uma cirurgia que me cura, ou me leva para a casa de Deus, é uma opção mais do que segura.

A coragem dessa mulher me dava motivação para seguir em frente. Agora posso ver como ela e Verônica se parecem! Por um momento, pensando na crueldade da minha própria mãe, desejei ter nascido filho de Marta Sandler, para desfrutar o amor de uma matriarca com o coração realmente bondoso.

— Marta, obrigado por me fazer ver a mulher maravilhosa que você é. Sei que ando ocupado demais e quase não venho acompanhar sua recuperação, mas ainda assim, obrigado.

Eu vi duas gotas de lágrimas escorrerem dos seus olhos.

— Adrian, vem aqui. Me dá um abraço. — Ela segurou meu rosto com as duas mãos e disse: — Eu percebo que você está passando por momentos difíceis. Mas acredite que tudo vai melhorar.

Beijei a sua testa. Mal sabia ela que, se eu contasse a verdade, meus momentos difíceis seriam compartilhados.

— Obrigado. Você me deu uma força extra.

Naquele momento, eu só desejei uma coisa: que eu pudesse matar com as próprias mãos cada filho da puta que tratou Marta Sandler com desprezo.

Logo após a conversa, senti meu celular vibrar. Vi que era importante: delegado Ricardo.

Desculpei-me com a Sra. Sandler, mandei-lhe um beijo gesticulado e saí para atender.

— Alô? — soei ansioso de novo. O delegado vai achar que sou um bobo.

— Adrian, tenho boas notícias.

— Diga logo!

— Descobrimos que o corpo da Sônia foi encontrado perto da fazenda de Charles. Com esse indício, conseguimos um mandado para fazer uma varredura em sua propriedade. Parece que temos peixe grande por aí, você tinha razão.

O quê? Ele admitiu que eu tinha razão? Meu dia estava ficando interessante.

— Delegado, amanhã estou chegando aí. Para quando está marcada a busca?

— Amanhã, à tarde, estamos no aguardo burocrático da liberação do mandado, mas ele já está concedido.

— Ótimo. Eu o aviso quando chegar. Quero acompanhar de perto as buscas e, se tudo correr bem, encontrar minha mulher. Até mais.

Desligo numa euforia crescente. Em seguida, ligo para Jonas:

— Faça reserva de voo para o Mato Grosso para amanhã bem cedinho, eu, você e Paulão. Já o estou intimando também. Nós vamos ver o desfecho dessa história de camarote.

— O que aconteceu?

— Conseguiram um mandado para fazer as buscas na propriedade de Charles.

— Assim? Tão rápido?

— É, meu amigo, o vento agora sopra a nosso favor. Quero estar lá quando encontrarem a Verônica, e sei que vão. Charles deve ter relaxado agora que sabe que estamos aqui. Vamos pegá-lo desprevenido.

— Só não faça nenhuma besteira, Adrian.

— Eu sei exatamente o que vou fazer — digo e desligo já pensando nas várias formas de fazer Charles se arrepender de um dia ter cruzado nosso caminho. Agora Charles Hertman estava fodido. E eu, exultante.

Capítulo 25

Charles Hertman

Começo a ter a sensação de que as coisas não estão indo como deveriam, e isso me deixa irritado. Sempre tive pleno controle de qualquer situação, e os últimos acontecimentos têm fugido do meu domínio. Acordei hoje disposto a reverter a situação e passar por cima do que aconteceu, mas ao olhar a tela do meu celular tocando e ver quem está ligando, desanimo. Atendo automaticamente:

— Charles Hertman.

— Sr. Charles, é o Dr. Carlos.

— Eu sei.

— Seguinte, acho bom o senhor saber que a coisa ficou feia para o nosso lado. — Pela maneira desesperada com que ele falou, eu realmente acreditei naquela frase.

— O que aconteceu?

— O tal Adrian veio aqui com aquele advogado de porta de cadeia. Eles exigiram os laudos da internação da velha, e você sabe que aquilo tudo foi adulterado. Inventei uma desculpa qualquer que, com certeza, não colou, e agora eu estou esperando a hora em que ele aparecerá aqui com um mandado.

O que aquele imbecil quer com os documentos? Com certeza, se ele procurou e não achou, vai voltar. Qual será que foi a desculpa desse tapado? Então, arrisco perguntar:

— Só de curiosidade, qual foi a desculpa que você deu?

— A primeira coisa que me veio à cabeça foi dizer que queimamos os lençóis de pacientes com alta e os documentos dela queimaram juntos sem querer.

Não creio! Um médico, com anos e anos de estudo, e que é incapaz de pensar em algo melhor. Sinceramente, minha vontade é de desligar o telefone, mas antes que eu faça isso, a pergunta saiu da minha boca:

— E onde, por acaso, vocês supostamente queimam os lençóis?

— Falei que tínhamos um forno no fundo da clínica.

— Você tem algum problema mental? – Não consigo controlar a raiva. – Mesmo que ele não desconfiasse de nada, agora você conseguiu atrair todos os holofotes para a clínica!

Ele também se exaltou:

— Quer saber, vou te dizer uma coisa, seu magnata pomposo: se eu me foder, você vai junto! A casa caiu pra nós dois, *Charles Hertman*! Se eu for preso, você acha que vou ficar calado?

Eu não posso acreditar no que estou ouvindo. Esse *médicozinho* me ameaçando? Isso, definitivamente, não ia ficar assim. Ele continuava falando, parecia um louco, e não o conceituado doutor que era.

— Você vai ver, magnata, seu esnobe! Eu me fodo, mas você vem junto. Ha-ha-ha-ha — O que foi isso? Ele virou bruxa má de filme infantil agora? Não tive escolha. Desliguei o celular na cara dele.

Imediatamente coloquei o cérebro para funcionar. Eu precisava me livrar desse doente antes que ele me ligasse a todas às falcatruas da clínica. Só havia uma pessoa naquele momento que poderia fazer o serviço: Carlos. Há um tempo, eu não precisava dos serviços dele, mas a situação pedia medidas extremas.

Disco o número que está salvo no meu celular. Ele atende depois de apenas um toque, porque também tem meu contato.

— Ora, ora. Se não é o ilustre Sr. Charles Hertman! — Ele sempre me fazia sentir especial. Não havia nada de artificial na sua fala, ele realmente me respeitava.

— Olá, Carlão! Está disponível para um serviço meio urgente?

— Pro senhor, sempre.

— Então, vou te contar uma pequena história motivacional e explicar o que preciso.

Contei os detalhes que ele precisava saber para ver sentido no trabalho que eu o pagaria bem

demais para fazer. Não quis saber como ele o executará, só quero que seja hoje e de forma discreta, claro. Sem absolutamente nada que o ligue a mim. E então, em cinco minutos, estava feito: ele vai despachar o Dr. Carlos pra outra dimensão. Senti alívio com essa decisão. Carlão é de extrema confiança e sei que ficarei livre dessa.

Mas quando as coisas começam mal, vão mal até o final. Não gostaria de ter essa filosofia de vida agora, mas é fato. Meu celular toca de novo. Eu mal tinha tido tempo de tomar um copo de água.

Era Paschoal.

— Fala, Paschoal.

— Patrão, a polícia está aqui na fazenda. Sei que o senhor tem que resolver as coisas no hotel, mas sugiro que venha para cá.

— De novo o Adrian com essa? Ele não desiste?

— Não são os homens de Adrian. São policiais de verdade e, dessa vez, estão atrás de Verônica e alguma ligação com o corpo de Sônia.

Apesar do nervosismo, tento pensar.

— *Cacete!* — praguejo. — Olha, fique calmo. Estou indo te encontrar aí. Esconda a Verônica.

É hora do show! Dirijo rapidamente para a fazenda, quase me arrependendo de ter dado cabo do Sérgio. Ele podia ser um estuprador burro, mas poderia ajudar a dar cobertura para o Paschoal. Mas nada de arrependimento, O que está feito, assim está.

Quando chego na fazenda, encontro Paschoal em um estado de nervos como nunca vi antes. A polícia está no andar de cima, e ele sussurra para mim:

— Patrão, eles me pegaram desprevenido. Eu não tive quase tempo para esconder a Verônica. Ela está no celeiro, dentro de um baú, amarrada e amordaçada.

— Você é louco? Eles vão procurar no celeiro!

— Calma... eles não demonstraram interesse ainda. Mas vasculhar a floresta está nos planos, eu os ouvi conversando. Eu vejo o que faço, se eles resolverem ir para lá.

— Verônica está bem, dentro das circunstâncias?

— Sim, garanti isso.

— Ok, vou atrás deles.

Subo as escadas e os encontro vasculhando minhas coisas pessoais. Adoro ver o espanto das pessoas quando veem meus brinquedinhos. Isso me provou que são mesmo policiais: não deixaram passar nada, nem os objetos mais escondidos.

— Boa tarde. A que devo a honra? — cumprimento-os.

— Boa tarde, Sr. Charles Hertman. Temos um mandado e...

— Meu assessor já me explicou, sintam-se à vontade. Como posso ajudá-los?

Vi pela expressão do mais jovem que ele queria responder: “Me ensinando a ser foda como você”. Talvez não com essas palavras. Mas eles limitaram-se a dizer que bastava que eu os acompanhasse, se quisesse. Assenti.

Enquanto observo os policiais trabalharem nas minhas coisas — e isso é estranho — abro meu *e-mail* no celular. Me deparo com uma mensagem do meu contato dentro da companhia aérea.

Sr. Charles,

Não consegui contato no hotel, tampouco no celular. Escrevo-lhe para informar que o passageiro Adrian Miller acaba de embarcar para o Mato Grosso. Desculpe-me enviar um e-mail, sei que não é o mais fácil, mas o senhor me pediu para sinalizá-lo caso ele reservasse passagem. Foi de última hora, por isso não tive tempo hábil.

Caso tenha mais alguma dúvida, estou à sua disposição.

Atenciosamente,

Pedro Borrer

Olhei a hora no relógio. Adrian Miller estava na cidade. Isso me dava pouco tempo para agir. Se ele estivesse por trás das buscas, eu estava ferrado.

Pedi licença aos policiais e me dirigi para a sala, onde encontrei Paschoal, ainda ansioso.

Cochichei:

— Adrian Miller está na cidade. Precisamos ficar espertos. Com certeza, isso aqui tem dedo dele.

— Sim.

Ficamos atentos aos policiais fazendo a varredura. Não encontraram absolutamente nada. É claro que nunca iriam, não sou um amador tapado.

Quando um dos homens abre a gaveta do meu *closet*, ele indaga:

— O senhor tem autorização para usar isso? — Eu olho para ele, que está segurando minha pistola cromada.

— Porte de armas? Sim, eu tenho. Quer ver também? — *Idiota! Daqui a pouco, vai pedir pra ver meu pau.*

— Por favor.

Procuro os documentos e mostro a ele.

— Como vê, estou dentro da lei. — Claro que a arma, eu mantinha apenas para minha segurança. Jamais mataria ninguém com ele, porque, como disse, não sou um amador tapado.

Depois de horas, enfim, eles se dão por satisfeitos. Nada é encontrado. Nada que pudesse ligar a mim o sumiço de Verônica e muito menos a morte de Sônia. Como ficou tarde, não conseguiram fazer as buscas nas matas ao redor da fazenda, e agradei por isso, pois Paschoal havia enterrado os restos mortais daquele filho da puta bem próximo daqui. Como era uma emergência, não questionei. Mas terei que me livrar daqueles restos pela manhã, ou seria mais uma morte que recairia como suspeita nos arredores da minha fazenda.

Eles se despediram e eu sorri, mais uma vez, vitorioso.

Olho em meu relógio de pulso, já se passam das 19h. Verônica já está há muito tempo naquele celeiro. Por sorte, eles não perceberam o baú e, se perceberam, não deram muita importância. Confesso que meu coração quase saltou da boca ao entrarmos para eles inspecionarem, principalmente quando vi a ausência do cadeado. Tive que manter minha frieza para não delatar que Verônica estava ali, a poucos centímetros deles. Como o celeiro estava desativado, apenas olharam por cima e saíram para olhar o estábulo.

— Paschoal, pegue sua arma. Vamos buscar Verônica. Depois, vamos tirá-la daqui. Está ficando muito perigoso mantê-la na fazenda — digo. A sorte não cai no mesmo lugar duas vezes, e pra mim, ela caiu. Não sou supersticioso, mas poderei não ter a mesma sorte outra vez.

Ao chegarmos, corro até o baú e o abro imediatamente.

— AAAAAAARGH! — grito em fúria, olhando apenas as cordas no fundo do baú e um pequeno pedaço de pano branco, que certamente era o que mantinha Verônica amordaçada. Saio tirando tudo que há em cima da mesa de madeira, lançando os objetos para longe, com ódio e desesperado. Eu praguejo, vocifero e amaldiçoo todas as gerações daquele maldito Adrian. *Como isso pode acontecer?* Meu corpo todo convulsiona de raiva e, então, olho friamente para Paschoal e digo num sussurro mortal:

— É melhor que você a encontre, ou não sei o que posso fazer com você.

Paschoal parece tão chocado quanto eu. Passo por ele em fúria. Minha vontade nesse momento é de matar qualquer um que cruze o meu caminho.

— Pegue as armas e vamos atrás dela. Verônica não pode ter ido muito longe.

Continuo correndo pela mata. O suor escorre por meu corpo. Meu terno caríssimo está todo fodido e minha camisa suja. Sinto-me desperto, talvez pela onda de adrenalina que corre em minhas veias. Eu quero minha mulher, e é só nela que eu consigo pensar. Eu sei que ela está perdida nessa mata. Perdida, assustada... *Que merda ela tinha na cabeça? Maldita! Como pode ter me enganado?* E aquele papo de “*seremos uma família agora, Charles: eu, você e nosso filho*”, era tudo fingimento, obviamente para ganhar minha confiança. *Como fui burro!*

— Patrão, nada dela por aqui — Paschoal diz e olhamos juntos o cenário na penumbra da noite. Um pequeno rio e um imenso matagal clareado apenas pela luz da lua. Ela não deve ter vindo por aqui.

— Vamos continuar — digo tomando fôlego e tentando conter meu ódio.

Já está quase amanhecendo. Nada da Verônica. Paschoal parece exausto de tanto que caminhamos por essas matas. Mas minha força é descomunal. Sou um sujeito determinado e quero minha mulher de volta. Só que, a julgar pela situação, já não sei mais o que fazer. Talvez eu deva

recuar e sumir por uns tempos. Não tenho certeza de que ela fugiu sozinha ou se toda aquela busca policial foi uma encenação para tirá-la da fazenda. *Mas como saberiam? Se fosse, eu já estaria preso, não?* Pensar na hipótese de apodrecer na cadeia, me faz recuar.

— Paschoal. Vamos voltar. Se Verônica encontrou abrigo em algum lugar, logo não demorará para a polícia vir atrás de mim. Preciso sumir. Odeio dizer isso, mas eu perdi essa batalha.

— Eu posso ficar para procurar mais um pouco — ele diz.

— Vamos para casa e fazer nossas malas. Quando a poeira baixar, eu vou atrás dela onde quer que ela esteja. Eu vou buscar o que é meu e matar aquele desgraçado do Adrian, que insiste em me foder. É a única coisa que lamento em minha vida. De não tê-lo matado no momento em que a levou de mim pela primeira vez — digo em fúria. E então, voltamos para a fazenda.

Capítulo 26

Verônica S. Miller

Deitada na cama, ainda penso naquele dia em que o capanga tentou me estuprar. Se não fosse Charles chegar naquele momento, ele teria ido até o fim, não importando as consequências. Charles não entrou no quarto para me ver. Fiquei aquele dia sozinha em meu quarto, desamparada e assustada. Eu entendi perfeitamente pelo fato de ele não ter me procurado, pela forma como lidou com o seu homem de confiança: ele mostrou um grande desequilíbrio emocional e uma frieza desumana. Eu sabia o que Charles faria com ele assim que Paschoal me levou para longe. E por mais que eu desaprove os seus métodos cruéis de resolver as coisas, eu não fiquei com pena daquele desgraçado. Pelo contrário, eu pagaria para ver todo o sofrimento que Charles causaria nele e cuspiria em cima de seu cadáver.

No dia seguinte, pela manhã, Charles veio me procurar. Falou pouco, mas seus olhos me disseram tudo o que eu já sabia. Ele se importava comigo. Ele realmente me amava e faria qualquer coisa por mim. Isso fez Adrian parecer pequeno diante dele, a julgar pelo tempo que estou nesse cativeiro, pois não veio em meu socorro.

Charles queria chamar um médico para me examinar, mas eu disse que estava tudo bem comigo e nosso filho — era assim que ele queria que o chamasse. Meu bebê levaria o sobrenome Hertman. De todas as coisas ruins que aconteceram em minha vida — e olha que não foram poucas — ter Charles como pai do meu filho seria a pior. *Mas que escolha eu tenho?*

Ele manteve sua palavra esses dias, de não me fazer nenhum mal, de não me machucar. Claro que eu teria que fazer tudo o que ele quisesse, e, logo chegaria o dia em que eu não conseguirei mais arranjar desculpas para não me entregar totalmente a ele. Quando eu disse que me tornasse dele dias atrás, não consegui chegar às vias de fato, e ele foi compreensivo — o que já é um milagre vindo

dele — e prometeu que esperaria até que eu o quisesse realmente. Ele acredita que, um dia, eu poderei amá-lo. Só que, na verdade, não há espaço para mais ninguém em meu coração e nem em minha alma. Eu os cedi para Adrian no momento em que meus olhos se conectaram com os dele. Ali, eu soube que eu seria sua, e ele seria meu, para sempre.

A abertura brusca da porta me fez saltar da cama.

— Venha! Precisamos ir. — O grandalhão do Paschoal irrompe o quarto e me puxa sem cerimônia para fora.

— Onde vamos? Para onde está me levando? Cadê o Charles? — eu o encho de perguntas. Vejo a movimentação de alguns funcionários.

— Você fala demais — ele se limita a dizer.

Com rapidez, chegamos a um lugar e vejo um celeiro. A ideia de que ele irá me matar aqui me apavora.

— Onde está o Charles? Ele vai ficar sabendo se você colocar essas mãos imundas em cima de mim — digo, tentando me desvencilhar dele.

— Relaxa. Você não faz meu tipo — ele diz, esnobe. — Daqui a pouco, o patrão estará aqui, então poderá sair.

— Sair, sair de onde? — digo, enquanto ele me empurra para dentro do celeiro escuro. Não há muitas coisas aqui, apenas algumas ferramentas, cordas, móveis, madeiras velhas empilhadas e muita sujeira.

Ele corre até um pequeno baú no canto do celeiro e eu faço uma varredura rapidamente do local. Em cima da mesa de madeira, há vários utensílios de trabalho. Eu avisto um pequeno canivete, então, aproximo-me lentamente e o pego, escondendo-o dentro da minha calcinha. Se ele tentar qualquer coisa, eu o mato. Juro que mato! Mantenho minha postura assim que ele corre em minha direção com uma corda nas mãos.

Ele pega as minhas mãos com pressa e as amarra rapidamente. Fico sem entender.

— O que está fazendo?

Ele me ignora e continua. Retira um pequeno lenço branco do bolso e faz menção de me amordaçar.

— Não, não, não... — digo apavorada até que ele coloca o pano sobre minha boca.

— Fique quietinha, logo volto para buscá-la — ele diz e me pega no colo com facilidade (já que ele é três vezes maior do que eu) e me joga para dentro do baú vazio e empoeirado. Assim que ele fecha, entro em pânico.

Eu rezo e começo a chorar. O que ele quer? O que fará comigo? Tento me acalmar. *Ele vai me matar. Ele vai me matar!* Repito em minha mente como um mantra. Tudo está um completo silêncio. Será que ele foi somente buscar o Charles?

Agora que Sérgio estava morto, Charles não tinha outra ajuda, senão de Paschoal. *Será que Charles mandou ele fazer alguma coisa, e me colocou aqui para que ele pudesse sair da fazenda?* As hipóteses pulsam em minha mente. Tento me soltar. Eu chuto as laterais do baú, grito desesperada e me debato. Nada faz com que meu pânico diminua. Tento me acalmar. Meus pulsos não estão amarrados tão firmemente. *Acho que posso me soltar se conseguir pegar o canivete*, penso. Tento me desvencilhar das amarras. A corda machuca meus pulsos, mas a dor não é nada comparado ao terror de estar presa dentro de uma caixa, sem ar. Sinto-me enterrada viva. *Não posso morrer aqui!* Com muito custo, consigo passar meus braços pelas pernas e pego o canivete. Puxo o pano que me amordaça e com o auxílio do canivete, tento cortar a corda. O suor em meu rosto, indica minha exaustão. Na pressa e falta de jeito, o canivete cai ao meu lado. Eu o pego de novo e recomeço. Tempos depois, a corda se rompe e eu sorrio ao ver que estou livre dela.

Fico momentaneamente estática, apenas pensando. *Eu posso fugir agora! Mesmo que eu seja pega, Charles jamais iria me matar. O que tem de mais eu tentar?* Então, eu empurro o tampo do baú e vejo que ele não foi lacrado. Eu choro, mas não de desespero dessa vez, e sim de alívio. *Vou conseguir sair desse lugar.*

Saio depressa do baú e pego um machado exposto no chão para me proteger. Abro a porta do celeiro devagar e espio. Nenhuma movimentação. *É isso! Paschoal não deve estar por perto!*

Saio do celeiro e corro em direção às cercas de arame farpado. Charles havia me trazido aqui em um de nossos passeios. Eu havia perguntado o que havia além da cerca, e ele não respondeu. Então, a área não deve ser coberta por sua propriedade. Quando chego na cerca, desanimo. Não há como passar. Olho ao redor, estou sozinha para meu alívio. Então, decido correr. E eu corro paralelo à cerca, tentando achar uma brecha que eu pudesse passar.

Depois de alguns minutos correndo pelas terras, avisto de longe, uma entradinha. Eu quase me jogo no chão para agradecer a Deus, mas isso me faria perder um tempo que não disponho no momento, e eu sei que Deus me perdoará por isso. Passo pela entrada e corro em direção à mata fechada. E então, não paro de correr.

O sol já está se pondo. Fico aliviada por ainda estar correndo para longe. *Será que já sentiram minha falta?* Essa pergunta me fez pensar em uma coisa: Charles ficaria furioso e se vingaria por meu ato impensado. Penso em Adrian. *Charles pode fazer alguma coisa com ele?* Meu peito fica apertado com essa possibilidade. Droga! Não havia pensado nessa retaliação. Paro para me recuperar. Estou à beira da exaustão.

Vou caminhando devagar, sem rumo, como antes. Só espero não estar andando em círculos. Isso aqui é tudo tão grande! Sinto sede e fome. Sento-me para descansar, pois estou nauseada. Após algum tempo de descanso, volto a correr.

Sinto dor em meus pés. Quando olho, há pequenos cortes. O fino sangue misturado com a terra da mata, não me deixam ver a extensão dos machucados, mas eu não desisto de correr.

Meu coração já pulsa em minha garganta. Estou literalmente esgotada. Paro para me recompor e ouço um barulho vindo do lado direito. A noite já está quase caindo e não posso ser encontrada por Charles. Por isso, eu continuo sem olhar para trás.

Estou sentada na raiz de uma imensa árvore chorando como um bebê assustado. Não faço ideia de que horas são e nem por quanto tempo corri por essas matas, mas meu corpo dá sinais de que já faz muito tempo. Olho para o céu e vejo apenas o clarear da lua. Ouço sons e barulhos estranhos por aqui. Nessa mata deve ter cobras, animais selvagens ou sei lá o que. A ideia me apavora ainda mais. Não consigo mais prosseguir, pois meus pés doem. Os machucados pioraram, meus braços e pernas ardem, talvez de possíveis arranhões da mata, não tenho como saber. Meu joelho esquerdo está sangrando, resultado de uma queda há pouco tempo, após tropeçar em uma pedra.

Sinto sede, fome, frio, medo... E começo a arrepender-me de ter fugido daquela maldita fazenda. Estou perdida no meio desse mato, e não sei o que fazer. Em todo o trajeto, não vi sequer uma pobre alma para me ajudar. *Será que não há nada ao redor?* Eu choro em desespero. Uma dor latente em meu ventre me alarma. *Não posso perder esse bebê. Por favor, Deus, ajude-me! Ajude-me!* Após um

tempo chorando e rezando, caio no sono, cansada.

Sinto algo em meu braço. Uma voz suave de fundo. Pisco várias vezes tentando ajustar o foco de minha visão embaçada. Tudo em mim dói. Tento falar, mas minha boca está seca. Um homem de meia-idade aparece em meu campo de visão. Tento me mover, me levantar, mas ele me impede. Porém, não consigo entender o que diz.

Olho para meus braços e vejo que há um cateter venoso em um deles, recebendo algum tipo de medicamento, ou soro, não sei. Um homem de branco, sorridente, me dá as boas-vindas.

— Bom dia, senhorita. Pode me ouvir?

— Onde estou? — pergunto, pois não me parece que estou na fazenda de Charles. Não reconheço esse lugar. Parada na porta, há uma senhora segurando uma menina no colo.

— Eu sou o Dr. Benjamim. Pode me chamar de Ben. — Ele sorri.

Passo a língua em meus lábios ressecados e sussurro:

— Água!

Ele se padece de meu sofrimento e me ajuda a bebericar um pouco de água de uma xícara exposta num criado-mudo.

— Vá com calma. Está muito fraca.

— Onde estou?

— Está em minha casa — O homem de meia-idade diz. — Sou o Adão. Eu te achei caída pela mata, hoje, pela manhã. Meus filhos costumam caçar naquela área e, quando vimos você desmaiada, a trouxemos para cá e chamamos um médico.

Ouçoo com atenção. *Então, eu consegui. Não estava mais em poder de Charles!*

Eu choro.

— Oh, meu Deus! Eu... Oh Deus! — Caio num choro profundo e sou amparada pelo médico, que me olha com um pouco de pena.

— E meu filho? Ele ainda está aqui dentro, não está? — Levo a mão em meu ventre.

— Calma. Tente manter a calma. Está muito machucada e exausta. Você chegou aqui com um pequeno sangramento, então suspeitei que estivesse grávida. Fiz uma ultrassonografia e não há nada de errado com o bebê.

— Oh, meu Deus! — Choro incessantemente. — Eu preciso ligar para o meu marido. Preciso dizer a ele que estou aqui, para a polícia. Quero ver meu marido! — digo transtornada e tomada pela urgência de voltar para casa.

— Como se chama?

— Verônica.

— Minha esposa já avisou aos policiais. Vai me desculpar por isso, mas não sabíamos quem era. Não sabíamos se era uma foragida da justiça.

Eu ri. Não consegui conter o riso e ao choro ao mesmo tempo.

— Obrigada. Muito obrigada!

Eu estava sonhando? Se estivesse, eu queria me manter nesse sonho para o resto da vida. Estar livre de Charles Hertman me fez renascer e ter esperanças novamente.

Depois de um banho, da visita da polícia, e contar tudo o que aconteceu desde que fui sequestrada por Charles, o médico pede para que eles se retirem para que eu descanse. O delegado assente, mas diz que deixará cinco de seus homens ali, para fazer a minha segurança, até que eu possa ir à delegacia e formalizar a queixa. O dono da casa, que me tratou tão bem, disse que Adrian já foi avisado de que eu me encontro aqui e que, a qualquer hora, ele irá aparecer.

— Agora que já disse tudo e está alimentada, preciso que descanse. Esse bebê depende da sua recuperação — o médico diz.

— Obrigada, doutor. Mas estou eufórica, não conseguirei dormir até ver meu marido.

— Eu entendo. Então, tente apenas cochilar um pouco. Assim poderá recebê-lo melhor.

Eu sorrio com sua bondade e preocupação. Então, faço o que me pede, pois realmente preciso

descansar.

Sou acordada por uma sensação de que alguém me observa. Sinto um calor diferente em minha mão, e um leve roçar em meus cabelos.

Adrian!

Eu o observo me olhar, com seus olhos vermelhos e lacrimejados. Vejo o quanto ele se segura para não se lançar sobre mim, porque analisa meus machucados com cuidado. Eu não consigo falar, pois uma bola se forma em minha garganta. Automaticamente, eu choro. Ele me envolve em seus braços e me beija com todo amor.

— Eu sinto muito — ele lamenta. — Eu sinto tanto... Estou tão feliz por você estar viva! Perdoe-me por tê-la deixado passar por tudo isso.

Eu não consigo falar. *Ele se sente culpado? Por quê?*

— Eu te amo, meu amor. Eu sei que é injusto eu dizer isso a você, mas eu vivi no inferno todos esses dias, não sabendo onde você estava, se estava viva ou...

— Eu estou bem! Nós estamos bem — sussurro, e ele me beija mais uma vez. — Você não tem ideia de como eu me sinto agora — digo, tentando conter o choro. — Eu só quero esquecer tudo isso...

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo... — ele repete inúmeras vezes e vejo lágrimas estamparem seu rosto. Ele ainda é o mesmo Adrian, lindo, gentil, amoroso... mas em sua feição denota tristeza, cansaço...

— Eu quero ir embora daqui, Adrian. Não quero ficar nesse lugar nem mais um segundo. Eu quero ir pra casa. — Choro.

— Nós iremos, querida. A polícia ainda não achou o Charles, já emitiram um mandado de prisão contra ele. Em breve, estará tudo acabado e nossas vidas voltarão ao normal.

Eu fecho os olhos. *Minha vida nunca vai voltar ao normal. Minha mãe morreu, não tenho mais ela ao meu lado.*

— Estou louco para levá-la para casa. Todos estão felizes por você estar bem. — Ele sorri. — Jonas está lá fora querendo te ver. Paulão foi cuidar das nossas passagens de volta. Eu quero ver o sorriso brilhar em seu rosto outra vez. E eu sei que vai.

Eu olho para ele, feliz... e, automaticamente, lembro do que Charles falou da minha mãe.

— Quando chegarmos, me promete uma coisa?

— Claro, meu amor. Tudo o que você quiser. — Ele me beija.

— Quero que me leve até o túmulo dela.

Ele franze o cenho e automaticamente fecha a cara.

— Você está com dó daquela vadia? Você sofreu tudo isso por causa dela, Verônica. Por causa daquela Sônia maldita! Deus me perdoe, mas o fim que ela teve foi merecido! — ele se exalta.

— Não estou falando da Sônia, Adrian. Estou falando da minha mãe — digo, e seu olhar me deixa confusa. Ele me olha com um misto de raiva, frustração e algo mais.

— Desgraçado! — ele pragueja se afastando de mim, visivelmente nervoso. — Foi Charles, não foi? Foi aquele maldito que disse isso a você?

Sinto-me triste. Então, Adrian realmente deixou minha mãe de lado.

— Sim — respondo com a voz embargada.

Adrian suspira, exasperado. Passa a mão nos cabelos num gesto nervoso e me olha de um jeito estranho.

— Sua mãe está onde eu disse a você que ela estaria. Em nossa casa e viva.

Como assim, viva? Ela não morreu?

Espanto-me com a revelação e sou acometida por um choro incontável.

Capítulo 27

Adrian Miller

Ainda não consigo acreditar que tenho Verônica sã e salva ao meu lado. A primeira coisa que notei, era que estava exatamente como a conheci, morena. Não que a cor do cabelo dela me importasse mais do que qualquer coisa naquele momento, mas achei isso bem curioso. Quando recebi a notícia de que ela havia sido encontrada, no quarto de hotel barato que conseguimos encontrar no Mato Grosso, não pensei em mais nada, corri como um desesperado até o endereço que haviam me dado. Já estava a ponto de desistir de tudo quando os policiais disseram que, na noite anterior, não encontraram nada na propriedade de Charles. E ainda, para minha total surpresa, os policiais disseram que ela havia conseguido fugir.

Sonhava que esse dia chegaria, mas sempre achei que seria mais rápido. Quanto mais tempo ela passava desaparecida, mais eu me angustiava. E claro, como todo sonho, o terror de pensar que Verônica poderia estar morta rondava meus pensamentos.

Eu havia despejado uma torrente de perguntas ao delegado Ricardo, que, pela primeira vez, tratou-me com o maior respeito, e não como se eu fosse um obcecado maluco. Ele viu que minhas especulações tinham fundamento, e senti até um leve tom de desculpas em sua voz.

Nada importava, Verônica estava viva. Naquele momento, abracei Jonas, rindo como uma criança que ganha o brinquedo há tanto tempo desejado. Não cansava de repetir: “Minha mulher está viva! Minha mulher está viva!”. Eles compartilharam da minha emoção.

Quando fui informado de que ela havia sido encontrada, também temi pelo meu filho. O delegado disse que ela foi encontrada muito machucada, mas ele ainda não tinha notícias do bebê. Pensei: *E se eu tivesse perdido mais um filho, mas, dessa vez, o fruto do meu verdadeiro amor?*

Afastei o pensamento e tentei focar na volta para minha mulher.

Dirigimo-nos imediatamente ao local onde ela estava. Eu queria abraçá-la até esmagar todos os seus ossos, de tanta felicidade. Mas ela parecia frágil ainda. Meu ódio por Charles Hertman só aumentou. Minha emoção ao chegar perto dela, vê-la dormindo sobre aquela cama pequena, era enorme. O sorriso não cabia em meu rosto de tanta felicidade. Mesmo com alguns ferimentos causados por sua fuga e um leve hematoma em seu rosto, fiquei feliz com o desfecho. Minha Verônica havia voltado para mim.

Apesar de tudo, estava frustrado por saber que o filho da puta ainda estava por aí, solto, impune por seus crimes que, tenho certeza, só aumentariam conforme a polícia fosse destrinchando as evidências.

Depois de um pouco de burocracia, exames com médicos e a felicidade em dose dupla em saber que meu filho estava bem, rumamos de volta a São Paulo.

Sei que, em momentos como esse, as coisas nunca serão as mesmas de novo, mas tenho esperança de que, assim que Charles Hertman for preso, conseguiremos retomar o rumo de nossas vidas. Enquanto isso não acontecer, sinto que ele será um fantasma a nos assombrar. Mas eu precisava tentar.

Não canso de falar para Verônica que a amo. Saber que ela acreditou que a mãe estava morta doeu muito no meu peito. Quero fazer dela a mulher mais feliz do mundo, porque me sinto um pouco culpado pelo que ela passou.

Eu sei que ela está fragilizada, mas tento conversar, enquanto rumamos do aeroporto para nosso lar. Estou ansioso por presidir o encontro de Verônica e sua mãe, sã. Ainda não contei para ela os detalhes de sua doença, mas podemos deixar uma coisa de cada vez.

— Meu amor, você está bem? Estamos quase chegando — digo deixando os pensamentos de lado por um tempo.

— Estou cansada demais, Adrian. Você não faz ideia pelo que passei. — Ela suspira. — Sabe, por alguns momentos eu acreditei que você não se importasse.

Aquilo me atinge como um soco no estômago. Como ela pôde pensar isso? Será que isso era culpa daquele desgraçado também? Na certa, ele havia enchido sua cabeça com mentiras, que eu teria que desmistificar uma a uma. Mas não pude conter a raiva: dele, por tê-la feito acreditar que eu

não a amava; e dela, por ter caído na conversinha dele.

— Como você pode ter sequer cogitado isso? Será que todo o amor que eu demonstro por você até hoje não foi suficiente? Eu movi mundos e fundos para te achar, não poupei esforços, e você ainda me fala uma coisa dessa? — Sou injusto no meu comentário, eu sei, mas não consigo controlar.

Ela não parece estranhar meu comportamento.

— Olha, sei que não deveria ter desconfiado de você, mas você não sabe de nada, absolutamente nada. Eu vivi o inferno físico e emocional nas mãos daquele homem. Então, por favor, não me julgue. — E o silêncio se estabelece entre nós até chegarmos em casa. Era estranho tê-la ali, ao meu lado, porém, tão distante.

Assim que piso na sala, Verônica diz que vai encontrar sua mãe. Ela não pede por minha companhia. Eu não me importo porque sei que elas precisam desse tempo juntas. Oriento-a em relação aos nomes dos enfermeiros e digo onde ela está.

— Se precisar de alguma coisa, é só me chamar — digo e dou-lhe um beijo carinhoso.

Na sala, Jonas me espera sentado e noto que está entediado. Fico me perguntando como ele conseguiu chegar aqui tão rápido e, além disso, ele mal me cumprimenta.

— Adrian, tenho notícias não tão boas. Você está sendo chamado para prestar depoimento novamente sobre o acidente do avião. Eles enviaram a intimação há uns dias, mas só hoje parei para checar as correspondências. O depoimento é amanhã pela manhã.

— Meu Deus, Jonas. Ainda mais essa? Será que nunca terei paz?

— Calma, meu amigo. Não tema. Vá lá e faça o seu melhor.

Tentei me acalmar, mas nada tirava o peso das acusações que me seriam impostas.

No dia seguinte, saio cedo para não me atrasar. Verônica queria me acompanhar, mas não acho bom que ela passe por mais esse estresse. Ela se mostra compreensiva, embora chateada. Nossa noite não foi como eu esperava. Eu pensei que ela estaria mais feliz e receptiva após ter visto a melhora de sua mãe, por ter voltado para casa e ter recebido o carinho da Terry e Maria, que choraram ao vê-la.

Para amenizar, digo que o tempo dela será melhor gasto com a mãe do que com um depoimento maçante. Ela, então, concorda.

Jonas está ao meu lado. Ele irá me orientar em tudo no trajeto.

Após um longo percurso, chegamos.

Conheço a velha sala de interrogatório, e não posso pensar na ironia que seria ver Charles em uma delas, como um ratinho acuado. Um sorriso com a cena que me veio à mente me dá forças para ir em frente.

Somos recebidos pelo mesmo policial da outra vez. Aguardamos na sala minutos que pareceram eternos, quando o delegado do caso entra. Noto que não é a mesma pessoa que nos interrogou da vez passada. Isso me soa estranho, mas tudo bem.

— Bom dia, Sr. Adrian Miller. Sou o delegado Souza e estou oficialmente conduzindo as investigações. — Ele não está sendo irônico, tampouco grosseiro. Isso é um bom sinal.

— Bom dia, Sr. Souza.

— Hoje, faremos o último dia de interrogatórios antes do julgamento de Mikhail Ivanov, o Michel, como conhece.

— Julgamento? Então, ele foi condenado? — Jonas parece tão descrente quanto eu. Afastamos por alguns dias e tudo ganha uma reviravolta inacreditável. Quero mais detalhes, não controlo a ansiedade.

— Delegado, estive fora por uns dias, acho que o Sr. acompanhou o problema com minha esposa desaparecida agora que tudo foi exposto na mídia. Portanto, não estou a par do que está acontecendo, já que também não tive contato com quase ninguém nesse período.

Ele começou a falar pacientemente:

— Sr. Miller, o piloto Mikhail Ivanov finalmente sucumbiu ao nosso interrogatório e confessou que foi pago para sabotar o avião em que sua esposa Sara viajava.

— Filho da puta! — Ele não se abala com minha falta de educação.

— Mas isso não é o pior. Ele confessou que era amante de sua mãe, Nora, e que sua funcionária Alana sabia de tudo e participou ativamente dessa sabotagem.

Meu mundo caiu. Também sabia do caso extraconjugal dela com o piloto, exposto por Amélia e Albert há alguns dias, mas ouvir isso da boca de um delegado, em um interrogatório que, agora, eu não sabia para que serviria, me deixou chocado e triste.

Jonas, então, pergunta:

— Delegado, se tudo está esclarecido, porque meu cliente foi chamado?

— Ele precisa dar o último depoimento para fins jurídicos, até para sabermos que ele realmente não sabia de nada. Preciso que ele me conte detalhes, inclusive, que possam servir como agravante para a pena dos três envolvidos.

Sem pestanejar, exclamo:

— Farei o possível para colocar esses safados na cadeia, mesmo um deles sendo minha mãe!

Nas duas horas seguintes, contei tudo o que sabia sobre a vida da minha mãe, sobre Alana, as impressões que eu tinha das duas e de Mikhail. Enfim, falei com o coração tudo o que pude para ajudá-los a ficar muito tempo apodrecendo na cadeia.

Na saída, de novo encontrei minha mãe, agora detida e sozinha. Ao passar por ela, digo, com nojo:

— Espero que a senhora e sua safadeza apodreçam na prisão. Não pense que ter criado um filho de outra mãe a torna uma pessoa boa. Você é tão má quanto qualquer assassino. Ou até pior, já que matou o próprio neto. Eu tenho nojo de você. Nojo!

E saí, sem olhar para trás. Mas o dia estava ficando cada vez mais interessante: meu pai está parado na porta da delegacia. Ele me cumprimenta, tímido.

— Adrian, meu filho! Não acredito nisso tudo! — Ele finalmente me abraça. Fica envergonhado, diante de toda a tragédia que se abateu sobre ele e nossa família. Se eu estava sofrendo, ele certamente sofreria mais.

— Pai! Quem iria imaginar? — Dou um suspiro triste. Meu pai é um bom homem e não merece estar passando por isso.

— Seguirei minha vida, filho. Como tenho feito. Eu sempre soube que sua mãe não era flor que se cheire, mas o que não fazemos por amor, né? Só que nunca imaginei que ela chegaria a tanto. Achei que sua maldade se limitava a fofocar sobre a vida alheia e bolar pequenos planos para estragar chás da tarde e festinhas da alta sociedade. Eu deveria ter desconfiado do porquê de tanto ódio que ela sentia de Sara e até mesmo de Verônica. No fim, acho que sua mãe fez tudo isso por Alana. Ela sempre quis que vocês se casassem.

— Só que ela se esquece de que não tem o controle da vida de ninguém. O senhor depôs também? — Ele assente.

— Depois do meu depoimento, ouvi os policiais dizendo que você estava aguardando, então te esperei. Precisava lhe dizer que estou do seu lado. Odeio sua mãe por ter lhe feito tanto mal. A você e a Sara. Aquela falsa da Alana, tive que me controlar para não esganá-la. Que mulher horrorosa! E como anos e anos de amor podem, rapidamente, ruir, quando uma das partes mostra que ter ódio no coração é mais importante do que fazer uma relação funcionar.

— Por que não vem para casa comigo? Eu gostaria muito que você visse a Verônica.

— Verônica! Fico feliz por, enfim, ter dado tudo certo, filho. Tenho sido um pai ausente, egoísta, não te dei força e nem ao menos fiquei ao seu lado nos momentos mais difíceis da sua vida. Obrigado pelo convite, mas acho que preciso ficar sozinho. É assim que resolvo as coisas.

— Eu te entendo, pai. Sei que para o senhor também não está sendo fácil. E também tem a empresa. Eu fiquei tanto tempo fora e o senhor ajudou como pôde, estando em Los Angeles — digo. — Se mudar de ideia, me avise. Terei o prazer em recebê-lo em minha casa.

Despedimo-nos, eu com lágrimas nos olhos e Jonas apenas observando. Fomos para casa em silêncio.

O resto do dia de ontem passou relativamente tranquilo, mas percebo que Verônica não está bem. Isso me deixa chateado.

Sei que é natural, claro, mas uma parte infantil de mim achou que as coisas se resolveriam como mágica. Então, dormimos mais uma vez sem nos falar.

Meu celular toca: era Jonas. O que será agora?

— *Adrian, tudo bem? Olha, o delegado Ricardo me ligou. Charles continua sumido. Eles fizeram uma busca criteriosa no Mato Grosso, acionaram delegacias regionais, alertaram aeroportos, e nada dele.*

— Droga! Eu nunca terei paz enquanto esse desajustado psicótico não for preso.

— *E tem mais...*

— Claro... — digo, com ironia.

— *O Dr. Carlos foi encontrado morto em sua clínica, de madrugada. Ele foi baleado 15 vezes. Não há sinal de arrombamento. O corpo foi descoberto quando as primeiras pessoas chegaram para trabalhar.*

— Meu Deus! Charles?

— *Hum-hum, muito provável, embora essa seja uma opinião minha. Charles não saiu do Mato Grosso, a menos que ele tenha subornado muitas pessoas, o que, dado o tamanho da notícia, eu duvido.*

— É óbvio que ele não faria o serviço sujo. Foi alguém a seu mando. E as câmeras da clínica?

— *Todas desligadas. Quem fez o serviço foi profissional.*

— Estou sem palavras. — Nesse momento, Verônica irrompe no quarto. — Olha, tenho que desligar, depois nos falamos. — Eu a cumprimento: — Bom dia, meu amor!

— Bom dia. — *Por que ela está soando tão fria?*

— Olha, Verônica, desde que nos encontramos, você me trata com frieza, está esquisita e me evita quase o tempo todo. Eu não tenho culpa de nada, a não ser por ter sido um descuidado idiota, mas eu não te machuquei, eu vivi meus dias atrás de você. Então, você pode, pelo menos, ser um pouco grata?

— Eu estou bem.

— É óbvio que você não está bem. É compreensível pelo trauma que passou, mas não desconte em mim, amor.

A palavra *amor* a tirou do campo indestrutível em que ela estava imersa.

— Me desculpe. Eu ainda não sei como agir com tudo isso. Eu só... — Ela parece assustada ou

angustiada com algo, e me pego pensando no que poderia ser. *Será que ela não me ama mais como antes?* Esse pensamento me apavora.

— Olha, tenho uma sugestão: vamos procurar um terapeuta especializado em pós-trauma, o que acha?

— Não sei...

— Querida, ninguém passa pelo que você passou e não tem acompanhamento terapêutico. Nem sei o porquê disso ainda não ter sido sugerido quando o médico a examinou, mas quero escolher a dedo o profissional que ficará com você. Afinal, precisamos estar equilibrados e fortes para a chegada do nosso filho, não é?

— Talvez você tenha razão.

Ela me abraçou forte. Minha mulher estava quase de volta. E ainda era minha.

Capítulo 28

Charles Hertman

Enquanto arrumávamos as malas, eu tinha um plano em mente. Como eu nunca dou ponto sem nó, eu só precisava contatar um antigo beneficiado do meu dinheiro.

Há uns quatro anos, um traficante malsucedido me pediu ajuda, indo atrás de mim no hotel na maior cara de pau. Na verdade, eu não sabia na época, mas Paschoal já havia pedido alguns favores a ele. Eu nem sempre sei para quem Paschoal vai pedir as coisas, quando delego algo para ele, só quero que seja cumprido.

O tal traficante, Cesinha, achou-se no direito de me pedir dinheiro. E eu não neguei: sua filha estava com câncer e ele, falido. Financiei o tratamento caro da menina que, no fim, se curou. E ele ficou me devendo sua vida.

Agora era hora de cobrar meu preço — ele iria me abrigar até a poeira baixar. E eu iria matar aquele filho da puta com minhas próprias mãos. Ou melhor, com minha arma.

Eu tinha porte de arma, mas nunca precisei fazer nenhum trabalho sujo até os últimos acontecimentos. Não que eu me importasse em matar alguém, mas sempre preferia que alguém sujasse as mãos.

Mas agora a coisa era diferente: Verônica havia fugido e estava com aquele imbecil. Meu ódio contra ele é irracional, eu sei. E irracional não era uma palavra que combinava comigo. Mas foda-se!

Eu estava separando algumas roupas, objetos pessoais, a arma, e coisas que eu julgava que precisaria para minha vingança. Liguei para Cesinha.

— Alô? — Ele estava dormindo, com certeza.

— Preciso de ajuda. É Charles Hertman. Está na hora de me pagar pelo que me deve.

— Fala, patrão! Tô à *ordem*! — ele falava num português errado. Vendia drogas e financiava o tráfico, ganhava dinheiro (não muito, pela incompetência nos negócios), mas não sabia falar direito.

— É o seguinte, eu estou fodido. Se ligar a TV, a mídia mal conseguiu esperar as coisas acontecerem para lançar notícias sensacionalistas. Dá uma olhada.

Ele pareceu pegar o controle e, em segundos, ouvi o característico barulho da televisão com seus canais sendo corridos. Ele parou em uma emissora que é especializada em jornalismo. Depois de alguns minutos, exclamou:

— Porra, chefe! Que merda que tu fez? — Outra coisa que me irrita nas pessoas: pronomes usados de forma errada.

— Eu te explico quando chegar aí. Preciso de abrigo, eu e Paschoal.

— E o outro capanga?

— Ele está morto. Posso ficar aí até bolar meu plano para matar o imbecil que me colocou nessa merda?

— Claro, patrão. A casa é pequena, tu sabe como é, mas aqui sempre terei lugar pra você.

— Ótimo, logo estamos chegando aí. O Paschoal sabe seu endereço. Ninguém pensará em me procurar por aí.

— Tá certo, chefe. Até mais.

E desliguei. Paschoal irrompeu no meu quarto:

— Sr. Charles, fodeu! — Ele parou quando viu minha televisão ligada. Ia me contar sobre as notícias, mas percebeu que eu já sabia.

Com ele, eu podia me abrir e me expressar como quisesse. Berrei a plenos pulmões, mandando às favas a calma que eu tentara manter desde que essa merda havia começado.

— PORRA, PASCHOAL! Esse filho de uma puta fodeu minha vida! Eu o quero morto e enterrado! Quero picar cada parte do seu corpo com prazer! Vou fazê-lo sofrer quando conseguir colocar minhas mãos nele!

— O que pensa em fazer?

— Como assim, o que eu penso em fazer? Vou matar aquele filho da puta e pegá-la de volta. Ela

é minha! MINHA! — solto toda minha fúria.

Agora sentia-me muito melhor! Paschoal apenas olhava. Ele sabia que seria pior interferir, mas também queria me trazer à razão.

— Sr. Charles, acho que o momento pede reflexão para não fazermos merda.

Eu continuava irracional.

— Que reflexão, o quê? Vou acabar com a vida dele sem nenhuma misericórdia.

— O senhor poderá fazer isso, mas precisamos nos esconder, e rápido. Conseguiu falar com Cesinha?

A mudança de assunto para algo concreto me acalmou um pouco. Não o suficiente para eu esquecer que precisava pensar em como concretizar minha ideia maligna.

— Consegui, ele está nos esperando.

— Então, vamos agora. A polícia não demorará a nos encontrar. Se é que não está à espreita.

— Vamos sair pela estrada de terra dos fundos da fazenda. O caminho é irregular e escuro, além de mais longo, porém mais seguro. Não acho que alguém saiba que ele existe.

— Espero que não saibam mesmo.

E assim, recolhemos nossas coisas, colocamos no carro e nos dirigimos à casa de Cesinha, na periferia. A casa — um barracão, na verdade — era minúscula. Cesinha, sua esposa e a filha curada do câncer nos receberam. Havia apenas três cômodos: um espaço que era ao mesmo tempo sala e quartos, na maior bagunça, com colchões jogados no chão, uma cozinha diminuta e um banheiro sem quase nada de infraestrutura. Pensei que Cesinha realmente tinha fodido o negócio de droga, já que qualquer traficante mequetrefe conseguiria viver mais decentemente que aquilo. Mas eu estava grato por ter onde ficar.

— O que manda, chefe?

— Eu quero acabar com a vida do homem que fodeu a minha vida, Cesinha. Eu agora sou procurado pelo país inteiro, não vou conseguir sair desse lugar sem ser preso.

— Não seja por isso, patrão. Eu faço o serviço pra tu.

— Não. Esse preciso fazer com as minhas próprias mãos. Olha — cochichei, não queria me expor mais. —, se você me ajudar, junto com Paschoal, a bolar um plano que funcione, te dou uma

casa decente para morar com a família.

Eu sei que ele faria mesmo sem ganhar nada em troca, depois do que eu havia lhe dado — a vida da filha —, mas pensei que um incentivo a mais o faria trabalhar mais rápido. Paschoal chegou perto e disse:

— E então, qual o plano?

— Vou matá-lo, e isso é fato.

— Eu sei, mas precisamos ver como isso será feito.

— Cesinha vai nos ajudar.

Cesinha disse, então:

— Vamos ali fora. — Ele fez sinal com o olhar de que não queria que a mulher e a filha escutassem.

— É seguro sair? — perguntou Paschoal.

— Fica tranquilo, dotô! Tá tudo em casa.

Saímos da *casa* rumo a uma área verde, com algumas árvores. Havia dois bancos de madeira embaixo de algumas delas, e nos sentamos lá.

Cesinha começou a falar:

— Patrão, eu tenho uma ideia. Um camarada meu é especialista em identidade falsa, conseguimos uma até amanhã pra tu.

— Legal, Cesinha, mas meu rosto está estampado em todas as mídias possíveis. Adianta muito sair com identidade falsa e ser reconhecido. Ainda iria ter meus crimes agravados.

— É aí que entra outro camarada meu, especialista em disfarce. Se o dotô disse que tá procurado pelos *homi*, com certeza esse tal aí que tá com os dias contados, já tá com segurança pesada na tua mulher.

— Merda! Não havia pensado nisso! — exclamo.

Será que esse homem conhecia todos os meios possíveis de ilegalidade? O que mais ele falaria agora?

Paschoal, sempre sensato, pergunta:

— Isso é realmente possível? Não seria muito amador?

— Patrão, tu não sabe o que tá falando. O cara é fera. Vocês ficarão irreconhecíveis, eu garanto.

E, então, isso me deu outra ideia.

— Paschoal, é perfeito! Posso chegar próximo do Adrian e da Verônica com esses disfarces. Cesinha, você consegue uma farda policial de São Paulo para nós? — não custava perguntar. Claro que ele confirmou.

— Como originais, patrão.

— Paschoal, acompanha o raciocínio: embarcamos disfarçados, com roupas civis e a identidade falsa. Chegando em São Paulo, vamos a um hotel barato e nos trocamos. Sondo toda a rotina deles vestido de policial e quando eu tiver uma chance, mato o desgraçado.

Paschoal me chamou à razão:

— Precisamos de um carro oficial, ou um que pareça extraoficial.

— Isso é fácil, tenho também contatos em São Paulo — confirmei. Continuei o raciocínio: — Pegamos Adrian, o levamos para um matagal ou algo do tipo, precisamos estudar um mapa, e o executamos.

O plano parecia perfeito, ainda havia alguns ajustes a fazer, ligações a efetuar, mas eu estava esperançoso.

Cesinha me disse:

— Patrão, perfeito. Vou atrás dos comparsas para providenciar tudo.

— Obrigado, Cesinha. Temos urgência. Paschoal, reserve voo para São Paulo. Vou sob o pseudônimo de Carlos Arruda e você, Sérgio Motta. Está bem, Cesinha? Ok, Paschoal?

— Perfeito, patrão — Cesinha assentiu.

— Ótimo, senhor — Paschoal concordou.

— Ótimo, vamos colocar mãos à obra.

O fato de ter um plano plausível, embora com certo risco, me deu mais coragem e fez meu ódio ganhar força. Eu sei que, no fundo, Paschoal era contra essa loucura. Mas ele não ousaria me impedir. Era algo que eu precisava fazer desesperadamente. E logo, antes que as coisas piorassem.

Capítulo 29

Verônica S. Miller

Já se passaram sete dias desde que saí daquele inferno, porém, ainda sonho todas as noites com todas as coisas horríveis que sofri e presenciei. Ainda não localizaram o paradeiro de Charles, e, enquanto ele estiver solto por aí, não conseguirei dormir tranquila. Achei que, assim que saísse daquela fazenda e estivesse ao lado de Adrian novamente, as coisas seriam diferentes, que a felicidade voltaria a encher meu coração. Só que tudo foi diferente do esperado. Eu estava mudada, Adrian estava mudado. Eu sei que sua impaciência eram o reflexo das minhas atitudes com ele. Eu estava quebrada emocionalmente.

Adrian está a cada dia menos compreensivo pelo meu afastamento. Só que sinto-me suja por tudo que fui obrigada a fazer com Charles e medo de que Adrian não entenda que o que eu fiz, foi para me proteger e proteger ao nosso filho. Eu sei o quanto ele me ama e o quanto fui injusta em acreditar no Charles quando me contou todas aquelas mentiras.

Descobrimos há uma semana que o Dr. Carlos, o médico responsável pela internação da minha mãe, foi executado com vários tiros dentro da clínica. Adrian e Jonas me explicaram tudo, desde quando removeram minha mãe daquela clínica. Cogitar a ideia de que Charles teve algo a ver com tudo o que ela passou lá e pelos diagnósticos errados, é absurdo. Os laudos que concluíram a doença de Alzheimer dela, haviam sido feitos pelo SUS há pouco mais de um ano antes de eu interná-la na clínica. Eu sei que até mesmo em hospitais particulares há erros, e quero acreditar que tenha acontecido o mesmo na clínica. Outro diagnóstico errado. Até mesmo porque, quando eu coloquei minha mãe lá, eu sequer conhecia o Charles, então, desse crime eu o absolvo. Adrian tentou fazer de tudo para que eu acreditasse em sua teoria da conspiração, mas me recuso a acreditar que Charles pudesse feri-la para nada. *Qual motivo teria?* Ele até pagava todo o tratamento. Não havia sentido para toda aquela conversa. E ver minha mãe se recuperando a cada dia, fez com que meus dias

ficassem melhores. Embora saiba que ela ainda corre riscos, sinto-me feliz em tê-la consciente por alguns momentos.

Ele chegou a me questionar do porquê tê-la colocado numa clínica tão cara, se eu não tinha como custear o tratamento. Embora ele saiba que vendia meu corpo para pagar a clínica, tentou me fazer entender que a maioria das prostitutas sequer ganham o suficiente para ter uma vida boa. E que a entrada da Sônia na minha vida pode ter sido, sim, proposital, já que ela o conhecia e foi quem me apresentou a ele. Ainda assim, achei tudo mirabolantes demais. Eu soube daquela clínica por acaso, através de um panfleto na porta da minha casa. Então, sem chances de Charles ter algo a ver com isso.

Desde que chegamos, há policiais ao redor da casa fazendo nossa segurança. Adrian não me deixa sair sem escolta e ele também não sai sem ser escoltado por dois seguranças. Nessa semana ele pouco foi para a agência, tudo em nossas vidas ainda não havia voltado ao normal, inclusive o encerramento do caso da queda do avião. Com todas as notícias, a mídia conseguiu transformar nossa vida num caos ainda maior. Agora eu entendo tudo o que ele passou esses dias e que não deve ter sido nem um pouco fácil. Saber que a mãe dele e aquela vaca tiveram coragem de fazer algo tão terrível, me deixou chocada e triste por ele. Ela me odiou desde o primeiro momento, não paro de pensar que ela poderia ter feito o mesmo comigo. O que me consola, é que ela, Alana e aquele piloto estão tendo o que merecem.

Há dois dias, eu iniciei a terapia proposta por ele e confesso que não estou tendo progresso. Minhas noites ficaram sombrias e só consigo pensar naquele lugar e naquela cabana que me trouxe tanto sofrimento. Mas eu precisava superar, então prometi cooperar.

Apesar de feliz por me ter de volta, Terry se ausentou a maior parte dos dias com os preparativos de seu noivado. *Pelo menos, alguém tem que estar feliz nessa família.* Enquanto isso, Maria não para de me mimar. Recebi a visita de Albert e Amélia, nunca gostei muito dela, mas me pareceu uma boa mulher, e Adrian disse que ela ficou preocupada quando fui sequestrada com medo de que a história de Sara se repetisse. Mas nada do que aconteceu comigo foi culpa daquelas duas.

— Boa noite, posso entrar? — Meus devaneios são interrompidos por uma Maria completamente sorridente, na porta de meu quarto.

— Claro. Adrian já chegou? — digo, jogando o livro ao meu lado, que havia ignorado com meus pensamentos.

— Acabou de ligar. Está saindo da agência e pediu para que perguntasse se queria comer algo

diferente.

— Eu estou sem fome, Maria. Mas obrigada.

— Precisa se alimentar, minha filha.

— Eu sei. Diga a ele que não tenho vontade de nada em especial — digo, cansada.

— Está bem. — Ela se retira e eu volto com meus pensamentos.

Acordo com Adrian sussurrando em meu ouvido:

— Acorda, dorminhoca! — E me beija calorosamente. Ele está em minha frente, sem camisa e apenas de cueca. Pelo aroma que vem de sua pele limpa e seus cabelos molhados, havia acabado de sair do banho. *Nossa, eu dormi por quanto tempo?* Ajeito-me sobre a cama e me sento.

— Oi. Não quis dormir tanto, estava te esperando e acabei cochilando.

— Você precisa descansar, meu amor. Só que precisa se alimentar também. Maria me disse que não quis comer nada — ele diz, preocupado.

— Estou sem fome. — Dou de ombros. Adrian se aproxima de mim com aquele olhar. O olhar que reconheço desde que voltei. Ele me quer, só que ainda não estou pronta para dizer a ele tudo o que preciso.

Ele se senta ao meu lado e me beija, acariciando meus cabelos.

— Quer que eu prepare algo para você?

— Não — digo um pouco ofegante pelo beijo, que me despertou uma onda de desejo.

— Eu sinto sua falta, Verônica. Sinto falta da minha esposa — ele diz com o semblante triste e eu desvio o olhar.

— Só peço um pouco mais de tempo, por favor — digo tentando conter o choro. Eu estava sensível. Estava reunindo coragem para dizer a ele tudo o que eu fiz antes de tê-lo novamente, pois esses acontecimentos ficam entre nós, martelando em minha consciência. Sinto-me frágil, insegura por não saber como ele irá reagir. *E se ele sentir nojo de mim? Se me odiar?*

Ele se exaspera e se afasta de mim.

Ele anda de um lado para o outro no quarto e sei que está chateado.

— Até quando? Até quando, Verônica? — Sua expressão muda e sei que ele está cansado dessa situação.

— Eu não sei, eu só não consigo ainda — digo com um fio de voz e afasto uma lágrima que rola teimosamente em meu rosto.

— É sobre o Charles, não é? — ele pergunta e a menção do nome dele me faz ficar ainda pior.

— Adrian...

— Diga-me! Por que a recusa? No começo eu até entendi, mas... qual é a desculpa agora? Achei que a terapia e o contato com sua mãe iria fazer você superar.

— Você não entende. — Eu choro em silêncio. Ele jamais vai entender.

— Mas é claro que eu não entendo, e sabe o porquê? Porque você não me fala porra nenhuma. Desde que chegou, ou melhor, que me viu, está sempre tentando me evitar, não olha nos meus olhos direito e não me deixa nem tocá-la! — esbraveja, visivelmente nervoso. — Por que não experimenta me dizer o que está acontecendo com você? Eu vou te ouvir, somos um casal, não somos?

— Não é tão fácil.

— Já chega! — ele diz rudemente com uma carranca no rosto. — Eu exijo que me diga o que está acontecendo.

Eu olho para ele. Ele não vai me perdoar. *Homem nenhum perdoaria, não?* E eu sei o quanto Adrian é ciumento.

Fico calada, tentando pensar na melhor forma de escapar dessa conversa, então, levanto-me da cama e digo ao passar por ele:

— Eu vou comer alguma coisa, depois conversamos.

Adrian me puxa, coloca suas mãos firmes ao redor de meus braços e diz:

— Não. Eu quero saber, Verônica. Quero saber o que tem de errado. Por que me recusa? Estamos vivendo como dois estranhos desde que voltou — ele pede explicações.

Baixo o olhar e esse gesto me faz lembrar de Charles.

Respiro fundo. Não tenho como fugir disso. Não posso continuar mentindo ou escondendo tudo o que fiz. Então, respondo:

— Eu passei por muitas coisas naquele lugar, Adrian. Muitas das quais eu odiei.

Ele relaxou o aperto em meu braço, mas me manteve no lugar.

— Eu sei disso, e falei que iríamos superar juntos.

— Eu não consigo... Eu simplesmente não consigo deixar de me sentir suja. Eu fecho meus olhos e ainda sinto ele me tocando, me beijando... Ainda sinto sua mão percorrer meu corpo, eu odeio sentir isso, mas simplesmente não consigo esquecer — digo chorando.

Ele permanece quieto, apenas escutando.

— Eu não contei, mas poucos dias antes de conseguir escapar, um dos homens que o ajudava a me manter lá, presa, quase me estuprou — digo e vejo o terror nos olhos dele.

— Como? — Ele fica surpreso.

— Charles chegou antes que acontecesse o pior, mas eu não consigo esquecer aquela sensação... aquele pavor. Charles ficou tão transtornado que acho que matou ele, assim como matou a Sônia. Mesmo sendo aquele monstro, eu ficava aliviada quando estava com Charles, porque ele me protegia. Nós dormíamos nus, na mesma cama e... eu não tinha como recusar. No começo, eu não cedi a nenhuma de suas ordens e era castigada duramente. Eu não tinha outra saída a não ser fazer tudo o que ele queria. Não estava só lutando por minha vida — digo e tento conter o choro, que me faz atropelar as palavras. — estava fazendo isso para proteger nosso filho.

— Quando eu perguntei se você e ele fizeram...

— Eu não menti — eu o cortei. — Nós não transamos nenhuma vez, mas... — Baixo meu olhar, lembrando do dia em que Charles me fez gozar despertando desejos em mim.

— Não diga mais nada, Verônica. Quer saber? Nada disso vai fazer com que meu amor diminua. Muito pelo contrário, eu admiro toda a sua garra e não me perdoo pelo seu sofrimento, eu deveria ter sido mais cauteloso.

— Ninguém teve culpa.

— Só quero que saiba que, mesmo se tivesse acontecido qualquer coisa entre você e ele, não faria com que eu a amasse menos. Meu amor por você só cresce. Saber que enfrentou tantas coisas sozinha, que teve medo, que foi torturada psicologicamente e até mesmo fisicamente, me dilacera. Eu a amo, é só nisso que você precisa pensar e entender que não vou deixá-la por nada desse mundo. Então, se toda essa recusa for por medo de eu rejeitá-la por ter feito o que foi preciso para se manter viva, isso não tem o menor sentido. Não sei o que eu faria sem você. Eu te escolhi para ser minha esposa e agora você carrega o fruto do nosso amor aí dentro de você. A única coisa que eu quero é

vê-la feliz. Quero arrancar todo esse sofrimento de dentro de você com todo o amor que você merece — ele diz com sinceridade e toda a sua compreensão só me faz ficar ainda mais apaixonada por ele.

— Você me perdoa?

Ele sorri e me puxa para um abraço.

— Você que precisa me perdoar por eu ser tão babaca as vezes. Você com tantos traumas e guardando tudo para si, enquanto eu aqui só conseguia pensar que deixou de me amar.

— Eu nunca vou deixar de amar você — digo e era a mais pura verdade. Adrian mudou meu mundo, ajudou minha mãe com a doença, foi carinhoso e prestativo com ela por amor a mim. Mas não é só por causa disso que eu jamais irei deixar de amá-lo. É por não ter desistido de mim, do nosso amor, mesmo quando tudo ficou difícil entre nós. — Eu te amo! — concluo e o beijo com paixão.

Adrian repousa as mãos em meus cabelos e retribui o beijo. Pela primeira vez nesses sete dias, o nosso beijo é diferente, carregado de amor, desenho, urgência. Sinto meu corpo esquentar enquanto ele desce sua mão por minhas costas à procura do fecho de meu vestido. Quando o encontra, ele abre lentamente. Arquejo em antecipação e me remexo tentando conter as ondas de excitação que me invadem.

— Você é tão linda! — ele sussurra em meus lábios enquanto suas mãos habilidosas retiram meu vestido. Eu envolvo meus braços em seu pescoço e o beijo. Sou içada por seus braços fortes e coloco minhas pernas ao redor de sua cintura. Ele caminha até a cama, beijando-me e me coloca carinhosamente sobre o colchão macio deitando sobre mim. O quarto é preenchido pelos sons de nossos beijos e nossas palavras de amor.

— Eu ainda não acredito que tudo isso acabou, que tenho você de volta pra mim — ele sussurra beijando meu pescoço deixando minha pele eriçada. Ele me beija, com sua língua serpenteando a minha com urgência, paixão e desespero. Esqueço-me de tudo nesse momento e me entrego totalmente a ele, nas sensações que ele desperta em mim, no desejo que queima cada centímetro da minha pele.

— Eu senti tanto a sua falta — digo, acariciando suas costas largas e abrindo um pouco mais minhas pernas para que seu corpo encaixasse no meu. Eu dou um gemido rouco quando sinto sua ereção roçar meu sexo e não consigo conter a vontade de arrancar minha calcinha e senti-lo dentro de mim.

Adrian parece notar meu desespero, minha excitação, pois se afasta e me livra dela lentamente. Ele passa suas mãos em minhas pernas, acariciando-as e distribuindo beijos molhados de forma doce

e sensual.

— Adrian! — minha voz sai como uma súplica para que ele acabe com minha urgência e me preencha.

Ele separa minhas pernas com as mãos e vai beijando as laterais da minha coxa até que eu sinto a ponta de seu nariz roçar minha boceta e inalar meu cheiro. Aquilo me excita e automaticamente levo minhas mãos aos seus cabelos e o seguro ali, para que me saboreie. Sinto o momento em que sua língua percorre toda a extensão de meu sexo e massageia meu clitóris vagarosamente. Adrian é gentil, carinhoso... Ele para e eu choramingo com a falta da língua dele em minha boceta.

— Vamos fazer isso devagar, sem pressa — ele sussurra pra mim e fixa seu olhar em meus olhos. Eu o beijo de forma enlouquecida e ele corresponde na mesma intensidade. Nós dois nos completamos e é isso que faz tudo ficar tão mágico entre a gente. Ele brinca com meus mamilos rijos e pesados pela excitação e leva sua boca até eles, provando cada um, chupando e mordiscando meus bicos, que já estão começando a ficar sensíveis. Suas mãos descem até meu ventre e o acaricia com amor, e sei que este gesto é bem mais paternal do que qualquer outra coisa. Lentamente, sua mão acaricia minha boceta recém-depilada e procura pelo ponto sensível. Ele massageia com força e me deixa a ponto de gozar. Meus gemidos incontroláveis o deixam ainda mais motivado a me torturar.

— Por favor — eu imploro. — Eu preciso de você dentro de mim.

Ele sorri e me beija, excitado.

— Eu sei que sim, pois eu também preciso estar dentro de você. Estou tão duro que meu pau chega a doer, meu amor.

Ele escorrega dois dedos para dentro de minha boceta, penetrando-me num doloroso ritmo de vai e vem enquanto seu polegar fricciona meu clitóris.

— Goza pra mim, meu amor, quero que goze assim, bem gostoso, antes de eu fazer você gozar em minha boca e em meu pau. Porque é isso que eu quero, fazer você gozar muitas vezes até que não consiga levantar dessa cama — ele sussurra de um jeito safado enviando ondas de prazer por todo meu corpo e, instantaneamente, sinto-me convulsionar em seus braços, e já não consigo ouvir meus próprios gemidos. Fico inerte, perdida na imensa sensação de prazer e luxúria que invade meu corpo e grito de prazer enquanto gozo deliciosamente em sua mão. Ele me beija, ainda ofegante, com os olhos semicerrados de desejo, e diz:

— Quero que prove seu gosto e sinta o quanto você é gostosa, o quanto sua boceta é doce. —

Adrian leva sua mão melada com meu gozo até minha boca e introduz seus dedos nela para que eu os chupe. Ele dá um sorriso lindo e me beija, explorando cada canto de minha boca com sua língua, parecendo querer provar cada gosto que roubei de seus dedos. E, quando quebra o beijo ardente, diz: — Muito gostosa. Doce como o néctar de uma flor. — E eu não consigo conter meu riso por ele ter sido tão poético.

— O que foi? Eu sou tão engraçado quando faço você gozar, é? — Ele ri. — Vamos ver se eu consigo fazer você gritar de prazer agora. — Ele se desfaz de sua cueca e, sem nenhum aviso, me penetra duramente.

Eu arquejo minhas costas e tento puxá-lo ainda mais para mim. Quero senti-lo inteiro.

— Ah, Adrian! Eu quero mais... mais... — imploro.

— Você quer mais? Minha linda esposa está implorando para ser fodida por meu pau? — As palavras sujas dele reverberam direto em minha boceta, fazendo-a contrair de desejo.

— Sim, eu quero que você me foda — digo com a voz pesada, carregada pelo desejo e a excitação incontrolável.

E ele faz com maestria. Suas estocadas duras vão ao desencontro de seu jeito carinhoso ao me beijar. Ele me fode com violência, com urgência, com vontade, enquanto me beija e morde meus lábios docemente, levando-me à loucura.

Sinto o suor em nossos corpos, que se movem colados um no outro. Ele diminui o ritmo, e sei que se continuasse nele, gozaria rapidamente. Ele retira seu pau de dentro de mim e desliza até meu ânus, esfregando-o sem pudor.

— Quando eu fizer você gozar em meu pau, fodendo essa sua bocetinha linda, quente e gostosa, eu quero tê-lo aqui — ele diz exercendo um pouco mais de pressão em meu ânus e eu dou um gemido alto, já imaginando-o fodendo-me ali, deixando-me enlouquecida e quase implorando para que começasse logo. — Você quer ter meu pau aqui também? Quer que eu sente você sobre ele, deixando você cavalgar bem gostoso? Ou prefere que eu a pegue sobre suas mãos e joelhos e me enterre dentro de você? — ele pergunta, me fazendo divagar nas possibilidades.

— Eu quero tudo e de todas as formas — respondo excitada. — Agora me faça gozar, não consigo mais aguentar a espera — choramingo.

E eu o sinto outra vez, até que eu gozo, gritando e quase perdendo os sentidos, presa numa sensação deliciosamente dolorosa, e digo:

— Eu amo você. Céus! Como eu amo você. — E ele me beija carinhosamente e goza após um urro de prazer e cai sobre mim, deixando a nós dois exaustos.

— Eu também te amo, meu amor — ele diz e me abraça. Ficamos assim por um longo tempo, melados de nossos fluídos e ofegantes, até que ele me pega no colo e me leva para o chuveiro.

Na ducha fria, para acalmar nossos ânimos, Adrian já está pronto para seguir com o que havia prometido e me fazer gozar ainda mais. Começamos a nos tocar e seguimos de volta para cama, onde ficamos nos amando o resto da noite.

Capítulo 30

Adrian Miller

Tudo parecia estar entrando novamente nos eixos. Apesar de Charles ainda estar foragido, sinto-me completamente feliz por Verônica estar tentando superar seus traumas e ter se aproximado de mim nesses dois dias. Ela acorda sempre disposta, vai até o quarto da mãe e passa horas conversando. Meu coração se enche de alegria por saber o quanto ela está feliz.

A mídia ainda me tira do sério. Sou constantemente parado por jornalistas para responder sobre o sequestro da Verônica e o acidente de avião no qual minha mãe e Alana estão presas provisoriamente, aguardando o dia do julgamento.

Albert e Amélia voltaram para o exterior com a promessa de retornarem o quanto antes. Meu pai ainda segue inconformado com as atitudes de minha mãe e não veio me visitar em minha casa. Eu sei que ele também não simpatiza com Verônica, mas achei realmente que isso poderia mudar com todos esses acontecimentos.

Eu, Terry e Verônica não saímos de casa sem ser acompanhados por seguranças; embora a casa esteja vigiada por dois policiais, ainda não me sinto seguro. Não quero arriscar novamente a segurança da minha família.

— Paulão — cumprimento-o assim que chego no estacionamento.

— Adrian. — Ele sorri.

— Acho que agora iremos ficar bem. Sei que tem sua empresa e sua vida para tocar, se quiser, está dispensado — digo e dou um abraço amigo.

— Quando precisar, irmão, sabe que é só chamar e terei prazer em ajudá-lo.

— Obrigado.

— Para onde está indo? — ele pergunta apontando para Verônica que vem em nossa direção com um sorriso no rosto e deslumbrante em seu vestido vinho, curto demais para o meu gosto, mas não esboço meu desagrado. Ela realmente está linda.

— Vamos até a agência. Tony me ligou, tenho que assinar um novo contrato e depois vamos ao médico. Vamos fazer um ultrassom para saber como está o bebê — termino de falar e Verônica me abraça por trás. Eu me viro para ela e a beijo. — Você está linda! Vamos?

— Claro! — Ela sorri.

— Bom, vou nessa. Qualquer coisa, sabem onde me encontrar — Paulão diz e ficamos observando um carro estacionar em frente à nossa casa. São a Terry e o Jonas. Eles caminham de mãos dadas em nossa direção e, quando estão próximos, nos cumprimentam.

— Cunhadinha! Está até mais corada! — Ela beija Verônica no rosto e a mim também. — Onde vão? — ela pergunta.

— Vou sair com a Verônica. Ela tem consulta e darei uma passada na Miller's para resolver alguns contratos — digo enquanto aperto a mão de Jonas.

— Diga-me que vocês dois não vão passar a noite aqui. — Ela faz uma careta engraçada.

— Por quê? Essa é a nossa casa, oras. Se está incomodada, poderia voltar para a casa do seu futuro marido e, sinceramente, não sei nem porque voltou para cá. — Sorrio. Minha irmã tem cada coisa.

— Eu preciso de uma noite de descanso, então, por favor, os dois pombinhos podem tentar abafar os gemidos e os gritos de amor no meio da madrugada? Ninguém é obrigado a saber o que vocês fazem entre quatro paredes, que, por sinal, é bem animado, hein? — Ela ri e Verônica fica rubra de vergonha.

— Vá se catar, Terry — digo, e Jonas a puxa carinhosamente para longe de nós, sussurrando algo no ouvido dela. Coitado! Esse aí tá lascado.

Paulão ri.

— Sua irmã é bem espontânea — ele diz.

— Até demais, eu diria — digo rindo e nos despedimos.

Chegamos à Miller's. Com toda a minha ausência durante esses dias, tenho inúmeras coisas para resolver. Perdi alguns contratos urgentes, mas nada que pudesse colocar a empresa em risco. Tony realmente foi um excelente funcionário na minha ausência, tomando inclusive a frente de vários projetos meus.

— Bom dia, Tony — digo ao entrar em minha sala. Eu havia liberado ela para que ele trabalhasse mais confortável e tivesse acesso aos meus *e-mails* e contratos.

— Bom dia, senhor Miller. — Ele sorri ao ver Verônica. Sei que eles se deram bem desde a primeira vez que se viram. — Bom dia, Verônica — ele a cumprimenta e, pela primeira vez, não sinto ciúmes ao ver outro homem abraçando e beijando o rosto de minha esposa.

— Olá, Tony — ela diz.

— Estou feliz em vê-la tão bem.

Ela lhe oferece um sorriso amoroso.

— Obrigada.

— Bom, vamos ao trabalho, Tony. Você disse que tinha um contrato importante para assinar, mas que antes precisava falar comigo. Pois bem, pode dizer — digo, sentando-me em minha cadeira. *Estou de volta ao trabalho!*

— Desculpe não ter dito por telefone, senhor Miller. Mas o que tenho para falar não vai lhe agradar muito, eu acho — ele fica apreensivo. Olho para Verônica parada em frente à porta.

— Querida, entre e sente-se ali. — Indico o sofá confortável a ela. Ela assentiu, mas antes de dar o primeiro passo, é bloqueada pelas mãos de um homem, que eu sabia exatamente quem era, mesmo ela bloqueando parte da visão. *Jason Maxwell. Qual é, Deus! Isso é um tipo de provação sem fim?*, penso irritado.

— Verônica! Que prazer em revê-la! Com todos os acontecimentos que soube pela mídia, fico feliz em vê-la tão bem! — ele exclama todo pomposo vestido em seu terno azul caríssimo e sua cara de safado. Ele pega na mão dela e a beija suavemente, demorando tempo demais para o meu gosto. *Esse cara não se enxerga?* Mantenho-me calado, embora queira voar no pescoço desse sujeito sem

noção e socá-lo. Mas se eu fizer isso, vou estragar todo o bom relacionamento que consegui com Verônica durante esses dias.

— *Eu achei que já havia desistido de ficar com esse babaca!* — ele sussurra no ouvido dela, mas eu consigo ouvir perfeitamente. *Filho da puta!* Me contenho. Verônica retira sua mão da dele e caminha até mim com um sorriso no rosto. Tony percebe o clima e, quando vejo, tenta sair de fininho, mas eu o impeço.

— Desculpe ter vindo sem marcar um horário. Mas estou aqui para assinar o contrato — ele diz, sentando-se na cadeira em minha frente e me encara.

Que porra de contrato?!

— O senhor Jason Maxwell será o novo rosto da marca Calvin Klein, senhor — Tony se adianta em dizer e noto a satisfação no rosto de Jason.

— Vocês vão me ver nos *outdoors*, nas lojas e na tevê, usando apenas uma cueca. E faço questão que seja branca, pois dizem que causa um efeito positivo nas mulheres, afinal, é para elas que usamos, não? — Ele sorri, olhando diretamente para a minha mulher, deixando-me puto. Verônica nota minha irritação e fica sem graça.

— Sua cara de pau é proporcional ao seu antiprofissionalismo. — Ele gargalha.

— Qual é, gente? A vida é tão dura para sermos tão certinhos. Cadê o espírito esportivo? — Sujeito idiota! Ainda tenho que engolir porque a marca é um dos nossos melhores clientes.

— Tony, leve-o para ler e assinar o contrato. Deixe o que ele precisar à disposição. Quando estiver tudo certo, eu assino e envio para nosso cliente o projeto finalizado.

— Sim, senhor — Tony responde e fica esperando por Jason, que se mantém grudado na cadeira, ainda me encarando.

— Precisa de um convite formal para se retirar de minha sala, Sr. Maxwell? — pergunto com sarcasmo. Verônica tenta conter o espanto pela minha falta de educação, mas Jason não se abala. *Sujeitinho intragável.*

Ele se levanta e se despede de Verônica.

— Espero encontrá-la mais vezes — ele diz e, automaticamente, tenho vontade de dar um murro nesse infeliz. Verônica se limita apenas a sorrir até que ele desaparece deixando-nos a sós.

— Esse sujeito me irrita! — explodo. — Viu a cara de pau dele?

— Relaxa, meu amor. Jason sempre foi assim, brincalhão.

— Brincalhão, o cacete! Ele estava claramente dando em cima de você. — Ela me abraça e me beija. Eu a puxo para o meu colo e digo: — Eu queria tirar aquele sorriso cínico da cara dele.

— Eu sei. E agradeço por ter se controlado. Não quero que todos pensem que me casei com um homem das cavernas — ela brinca e dou um tapa em sua bunda.

— Sou bem pior que um homem das cavernas, só para você saber — brinco.

— Ele pode dar em cima de mim quantas vezes quiser, Adrian. O único homem que terá o meu amor, meu corpo e meu coração, é você —ela diz, carinhosa.

— Eu acredito em você — digo e a beijo.

Acordo cheio de energia.

Ao meu lado, Verônica dorme tranquilamente. Levanto-me e me arrumo. Tenho uma última tarefa antes de seguir em frente com todos esses acontecimentos, dúvidas e rancores dentro de mim. Vou visitar minha mãe, que está esperando o julgamento em liberdade e arrancar a verdade dela. Quero saber o porquê me odeia tanto a ponto de ter destruído minha vida no passado.

Quando estou pronto, deixo um bilhete para minha esposa:

Querida, fui visitar a Nora na casa da Alana. Não fique chateada comigo, mas eu realmente preciso saber, preciso encerrar esse capítulo da minha vida. Não se preocupe comigo, estarei bem. Eu amo você.

Ao descer as escadas encontro minha irmã.

— Onde está indo?

— Ver a Nora.

— Está brincando! Aquela assassina matou sua mulher grávida e você vai lá, fazer uma visitinha

a ela? O que aconteceu com você, Adrian? Está ficando frouxo? Além disso, a Verônica não vai gostar.

Eu dou um suspiro.

— Deixei um bilhete para ela. Acho que você também deveria ir. Ela é sua mãe, Terry. Sei que não é a mãe que gostaria de ter, mas é sua mãe. Às vezes, só conseguimos seguir em frente quando perdoamos — digo.

— Você vai perdoar ela por tudo isso?

— Não! — digo com sinceridade.

— Então, por que eu devo perdoá-la?

— Porque você não é eu. E ela apenas foi uma mãe negligente com você. Ela te ama, mesmo tendo defeitos.

— Não vejo desse jeito. Ela é e sempre será um monstro. Eu vou acompanhá-lo não porque vou até lá chorar e ter uma DR com minha queridinha mãe e perdoá-la, vou para te salvar de sua insanidade, da sua burrice. Se ousar perdoá-la por tudo que fez, eu mesmo te dou uma boa surra! — ela diz e me abraça.

— Então, vamos!

Ao chegarmos, somos recebidos por Alana. Fico um pouco confuso de ver o carro do meu pai estacionado na rua.

— Adrian! — ela sussurra, surpresa ao abrir a porta. Eu não a cumprimento, afinal, não vim aqui por ela. Para mim, Alana está morta e enterrada. Ela nota o meu desprezo e se encolhe em seu casulo de falsidades e mentiras. — Que bom que veio.

Minha vontade é de estapeá-la, mas Terry parece notar e, agarrada ao meu braço, me cutuca.

— Vim para falar com a Nora — digo num tom frio.

— Sua mãe está no quintal conversando com seu pai.

Eu não agradeço. Então, como eu sabia o caminho, ando em direção ao quintal o mais rápido que consigo.

Ao notar minha presença, ela corre em minha direção e se joga em meus braços.

— Adrian! Meu filho — Sua aparência está péssima. Não é condizente com aquela mulher alegre, bem-vestida... Eu bloqueio seu avanço e a empurro para longe de mim.

— Eu não sou seu filho — digo cruel. — Uma mãe jamais faria seu filho sofrer do jeito que fez. Por muito tempo, eu fui agradecido pelo que fez por mim, por ter cuidado de mim e supostamente me amado como filho. Mas vejo o quanto estava equivocado com você. Não há sentimentos aí em seu coração de pedra.

Ela olha para Terry.

— O que ela faz aqui? — Há ódio em seu olhar.

— Vim salvar meu irmão das suas mentiras, mamãe Nora — Terry pronuncia o nome dela com nojo. Não posso culpá-la. Eu mesmo estava enojado só de olhá-la.

— Meu filho! — Meu pai me cumprimenta de longe.

— Vejo que vocês já fizeram as pazes — digo chateado, olhando para o meu pai.

— Apenas vim trazer um recado do advogado que está cuidando do caso da sua... de Nora — Ele parece constrangido.

— Bom, não vou me sentar porque não quero passar mais tempo do que o necessário. Apenas quero respostas. Quero saber o porquê.

— Eu não gostava dela — ela diz com o mesmo ódio no olhar de quando falou com Terry.

— Eu não gosto de um monte de gente, e nem por isso saio matando as pessoas — me alterei. — Ela era minha esposa, Nora... Estava esperando um filho meu.

— Ah! Não se faça de coitadinho. Já casou com outra vagabunda e ela te dará daqui uns meses o filho que perdeu — o cinismo e a crueldade dela me deixam irritado. — Ela era uma enxerida. Sabia demais e se metia sempre onde não era chamada! — ela se alterou.

— A matou porque era uma mulher decente e entregaria suas traições para o meu pai, não foi? Me diga, Nora, o que mais a Sara descobriu de você? Devia ser algo muito sério para que a quisesse morta. Não acredito que a matou somente por ela ter descoberto seu caso com aquele piloto drogado. Você poderia facilmente desmenti-la, se quisesse. Você é uma manipuladora excelente, daria um jeito de fazer meu pai acreditar em você.

— Ou não, né? Nosso pai não é tão idiota, espero — Terry diz.

— Cale a boca, sua idiota! — Nora grita descontrolada.

— Ei! Escute aqui, mamãezinha. Você não passa de uma... — Terry grita e avança nela. Eu a puxo fazendo com que se cale.

Nora ri e vejo o horror nos olhos do meu pai.

— Eu vou embora daqui — ele diz.

— Isso, papai, vai mesmo, faça o que sempre fez e coloque o rabinho entre as pernas! — Terry se descontrola.

— Você é uma drogada ridícula — Nora a insulta e não consigo conter Terry, que avança nela e lhe dá uma bofetada.

Nora parece surpresa e eu fico triste pelo caos que nossa família vive.

— Sua menina mimada! — Nora a olha com ódio. — Sabe o porquê eu te detesto? — ela grita.

— Nora, não! — meu pai grita de longe e volta correndo. — Não faça isso, por favor.

Terry fica confusa e eu mais ainda.

— Cale a boca porque eu vou falar. Vou falar tudo que está entalado em minha garganta! — Nora grita como se estivesse fora de controle. Não vejo mais Alana no meio de nós.

— Você não é filha do Rômulo. É filha de outro homem com quem eu mantive um caso durante anos. Aquela desgraçada da Sara descobriu isso quando você esteve doente e precisou fazer aquela transfusão. O sangue do seu pai não era compatível e, de alguma forma, aquela vagabunda arrumou um jeito de fazer um exame de DNA. Eu não tive escolha. Não podia deixar ela arruinar a minha vida.

Fico perplexo com o que ouço. Imóvel, Terry olha para meu pai como se ela quisesse que ele desmentisse essa loucura toda.

— Eu sinto muito, filha. Eu soube disso há poucos dias quando enfrentei sua mãe do porquê ter feito tanta crueldade.

Terry chora e eu fico atordado com tudo.

— Quer dizer que você matou Sara e meu filho só para manter a sua pose de mulher decente? — Não consigo conter a lágrima que rola em meu rosto. — Você é um monstro. Eu... eu... — não consigo falar.

— Sim, eu a matei. E faria de novo. Eu te amo, meu filho. Queria vê-lo casado com Alana. Ela é a mulher ideal para você — ela fala como se tudo fosse normal. Como se matar alguém fosse uma coisa corriqueira.

— Essa é a última vez que verá a mim e a minha irmã, Nora. Espero que apodreça e morra em seus dias miseráveis na cadeia, você e sua cúmplice maldita. Vamos sair daqui, Terry. Eu já ouvi demais — digo e arrasto Terry comigo. Ninguém nos segue e fico aliviado por isso. No carro, Terry desaba.

— Você tem a mim, irmãzinha. Não fique assim. Você tinha razão, ela não merece nosso perdão.

— Ela acabou com as nossas vidas, Adrian. — Ela chora e me abraça.

— Não, Terry. Na verdade, ela acabou de nos libertar de uma vida de mentiras. Somos nós dois agora. E você sabe que eu daria a minha vida por você. Não se sinta menos amada, por favor. Eu sei que, mesmo o Rômulo não sendo o seu pai, ele também a ama.

— Eu também te amo, maninho — ela diz e choramos juntos, abraçados.

Capítulo 31

Verônica S. Miller

O dia amanhece já cheio de expectativas. Daqui dois dias, minha mãe irá ser operada para a retirada do tumor e eu estou muito esperançosa. Conversei com o neurocirurgião e ele me garantiu que, apesar dos riscos de toda cirurgia, temos boas chances de que seja um sucesso.

Adrian foi visitar a mãe que aguarda o julgamento em liberdade. Pelo que sei, ela está provisoriamente na casa de Alana, o que era de se esperar, já que as duas são farinha do mesmo saco. Ainda não entendi o que ele foi fazer lá, mas disse que precisava de explicações. Que precisava entender o porquê de ter sido tão cruel sem qualquer motivo.

Quanto à Miller's, meu querido esposo ciumento me proibiu de ir até lá enquanto a campanha de Jason Maxwell estivesse sendo gravada. Ele queria evitar a todo custo que Jason roubasse meu coração com aquele lindo par de olhos azuis e seu jeito galanteador de sempre. Eu concordei, claro, mas achei tudo engraçado por Adrian ainda se sentir ameaçado depois de ter a certeza de que ele é e sempre será minha vida, meu porto seguro.

— Querida, vai almoçar? — Maria pergunta enquanto divago olhando através da janela.

— Claro. Adrian disse que não viria, pois as coisas na agência estão caóticas. Será que você poderia servir nosso almoço no jardim? Minha mãe, especialmente hoje, está muito animada e não cansa de dizer o quanto se sente bem ali. — Aponto através da enorme janela de vidro que dá para o jardim, onde minha mãe, que está na cadeira de rodas, ri como uma criança das piadas dos enfermeiros. Pelo seu semblante, posso ver como está feliz.

— Sim, querida. Você está feliz com ela aqui, não?

— Muito — continuo observando-a e sinto meus olhos arderem.

— Vai dar tudo certo.

— Ela ainda tem seus lapsos momentâneos, Maria. Embora esteja bem melhor, ela não é mais a mesma.

— Tudo vai ficar bem, tenha fé. Vocês percorreram um caminho tão árduo. Merecem serem felizes. — Ela me abraçou. — Adrian tem sorte por ter uma esposa tão dedicada e carinhosa como você.

— Fui eu que tive sorte. Ele apareceu em minha vida no momento em que mais precisava de amor, carinho, diminuindo as tristezas que haviam dentro de mim.

— Vocês fizeram bem um ao outro. Pode acreditar. — Ela sorri. — Vou servir o almoço.

Eu caminho até o jardim em direção à minha mãe.

— Pode nos deixar a sós, por favor — digo para os enfermeiros que se dispersam. — O almoço está sendo servido na sala de jantar, fiquem à vontade.

— Obrigado, senhora Miller — um deles diz.

Minha mãe me olha. Com sua aparência alegre e sua pele corada pelo sol, ela erradia felicidade.

— Pedi para a Maria servir o nosso almoço aqui, no jardim — digo e dou um beijo em sua testa.

— Você viu como o dia está lindo, senhora Miller. — Ela ri. Sabe que detesto quando ela não me chama de filha.

— Vi, mamãe. E especialmente hoje que a senhora está tão radiante.

— Adrian não vem para ficar conosco? Eu adoro quando ele começa a contar aquelas histórias malucas no final de tarde e jogamos xadrez. — Ela segura minha mão e a acaricia com carinho.

— Hoje, ele chegará tarde. Mas eu posso acompanhá-la no xadrez, porque sou uma péssima contadora de histórias.

— Eu aceito. — Ela sorri.

A noite cai.

Da varanda do meu quarto, consigo ver as viaturas fazendo a ronda e os dois seguranças contratado por Adrian. Eles sempre ficavam toda a madrugada e revezavam com outros dois às seis da manhã. Mesmo com todos eles ali, eu não me sinto segura.

— O que faz aí? — Sou surpreendida por Adrian, que me abraça por trás e dá um beijo em meu pescoço.

— Não vi você chegar — digo, virando-me para ele.

— Como está nosso bebê? — Ele acaricia meu ventre.

— Melhor impossível. Como foi o encontro com sua mãe?

— Difícil — ele diz. — O que foi, querida? Está com uma cara.

Adrian sai da varanda e começa a se despir sem quebrar a conexão comigo.

— Não sei. Estou com um mau pressentimento — digo com aquela sensação de aperto no coração.

— Não seja boba, meu amor. Estamos seguros aqui — Ele coloca sua roupa no cabide e se senta na cama, de cueca. — Venha aqui. — Ele estende as mãos para mim e eu vou até ele. — Você fica linda com essa carinha preocupada, mas eu prefiro quando estou por cima de você e vendo-a sorrir e gemer enquanto te possuo — ele diz todo galanteador, me fazendo rir.

— Você está cada dia mais assanhado, senhor Miller.

— Talvez porque eu tenha uma mulher igualmente assanhada, que fica me esperando chegar do trabalho vestida apenas num robe que transparece toda sua nudez. — Ele me beija calorosamente e retira meu robe delicadamente.

— Você não vai tomar um banho?

Ele me pega no colo e me joga na cama, colando seu corpo ao meu e sussurra, mordiscando minha orelha:

— Desta vez, o banho pode esperar. — E me beija com paixão e urgência. Suas mãos fortes e firmes acariciam meu corpo acendendo o desejo em mim.

Ele deita na cama e me puxa para cima dele. Com as mãos, acaricia meus seios e leva sua boca até eles, chupando-os com vontade, arrancando suspiros e gemidos incontroláveis. Ele se afasta e pega em meus cabelos, em minha nuca e me faz olhá-lo. Em seguida, sorri e diz num tom brincalhão:

— Eu sou todo seu. Pode fazer o que quiser comigo.

E eu faço tudo o que tenho vontade, começando por vários beijos em sua boca gostosa e terminando empoleirada em seu pau, gemendo de prazer e tendo uns dos melhores orgasmos da minha vida.

Sentados à mesa do jantar, Terry e Jonas se divertem contando sobre os preparativos do noivado.

— Já pensaram na data do casamento? — Adrian pergunta comendo sua salada.

— Queremos marcar para daqui uns três meses. Sua irmã ainda está indo aos encontros e não quero atrapalhar nenhum dia sequer — ele diz se referindo à sua dependência química. Embora Terry tenha dado apenas um deslize, pelo que fiquei sabendo, Adrian e Jonas ainda pisavam em ovos com ela.

— E aonde vão morar? — perguntei curiosa.

— Em algum lugar bem longe dos dois coelhinhos. — Terry ri e Adrian a repreende por falar sobre nós.

— Ainda quero entender como você aguenta a minha irmã. — Ele ri.

— Ela tem suas qualidades — Jonas brinca e Terry faz beicinho.

— Se a minha cunhadinha te aguenta, maninho, qualquer um pode me aguentar. Sou bem mais simpática do que você. E não sou babaca! — ela brinca, jogando um pedaço de pão nele, como se fosse uma criança birrenta, fazendo todos nós rirmos.

— Bom, eu vou até o quarto da minha mãe. Se me dão licença — digo e me despeço dando um beijo em meu marido.

— Te encontro no quarto — Adrian diz.

— Olha aí, está vendo? Dois coelhos. — Todos rimos.

Após ver como minha mãe estava, sigo para o meu quarto. Estou cansada e essa sensação de que algo ruim está prestes a acontecer me deixa agitada.

Vou até meu *closet*, coloco minha camisola e me deito na cama. Estico minha mão até o criado-mudo e pego o celular de Adrian. Eu coloco os fones de ouvido e plugo no aparelho. Ligo na estação de rádio e a música *Ruas de Outono*, da Ana Carolina, me deixa mais calma, fazendo com que a sensação de perigo se dissipe. A música toca minha alma, pois a sinto em cada palavra.

*... Eu voltei por entre as flores da estrada
Pra dizer que sem você não há mais nada
Quero ter você bem mais que perto
Com você eu sinto o céu aberto*

*Daria pra escrever um livro
Se eu fosse contar
Tudo que passei antes de te encontrar
Pego sua mão e peço pra me escutar
Seu olhar me diz que você quer me acompanhar...*

Eu abro os olhos, e meu lindo marido está parado na porta, apenas me observando. Ajeito-me na cama e sorrio para ele, tirando os fones.

— Estou te achando cansada. Quer dormir um pouco?

— Estava esperando por você. — Ele vem até mim e me beija. — Já volto. Vou me trocar — ele diz e entra no banheiro, mas volta minutos depois.

Ele se deita ao meu lado e me puxa para ele, colando nossos corpos, fazendo eu sentir todo o calor de seus braços e seu amor.

— Ficarei assim coladinho em você até que pegue no sono. Bons sonhos — ele diz e me beija.

— Eu amo você — digo e o abraço forte, ainda com aquela sensação de que algo está errado.

Depois de um tempo, durmo tranquilamente, sendo acarinhada por ele.

Capítulo 32

Adrian Miller

Acordo no meio da noite com barulhos vindo de fora. Alarmado, levanto-me para observar se tudo está bem. Desde que Charles está foragido, minha rotina na madrugada é sempre a mesma: andar pela casa e observar se a segurança não está comprometida. Verônica nem imagina o quão ruim eu durmo todas as noites. Sempre espero que ela durma para poder velar seu sono. Não deixarei que nada aconteça a ela outra vez.

Coloco uma calça de moletom cinza e dou uma olhada nos quartos. A mãe de Verônica dorme tranquilamente. Especialmente hoje, dei folga para todos os enfermeiros e prometi que ficaria de olho nela. Terry foi dormir com Jonas, então, vou direto para a parte de baixo da casa.

Tudo está um completo silêncio e isso me deixa alarmado. Como de costume, ligo para a viatura responsável pela ronda. No visor do celular, vejo que já se passam das duas da manhã.

Ninguém atende. *Estranho!*

Tento mais uma vez. Ninguém atende.

Ligo direto no celular do delegado Ricardo. *Caixa postal.*

Isso não me cheira bem.

Deixo um recado:

— *Delegado, é o Adrian. Desculpe incomodá-lo a essa hora, mas acho que tem algo estranho acontecendo. A ronda não responde ao meu telefonema e isso é de praxe, foi o combinado. Mantenha-se em alerta. Vou ligar na delegacia e informar os policiais de plantão. Aguardo seu retorno.*

Digo e dou um sobressalto com um barulho vindo do jardim. Fixo meu olhar na janela e tenho certeza de que vi algo. Um vulto.

Abro a porta que dá para o jardim e olho tudo na penumbra, apenas uma luz fraca vinda da sala de jogos.

Onde estão os seguranças?

Caminho até a piscina, não há ninguém. Olho na área de lazer, não há vestígios deles. Começo a ficar apreensivo. Quando estou no caminho de volta, vejo um dos policiais perto do estacionamento. Ele está de costas. Eu assovio e, de longe, ele acena para mim que está tudo sob controle. *Menos mal*, penso. *Quando será que essa aflição irá acabar?*

Dou as costas e caminho de volta para a área da piscina. Lembrei que havia esquecido de pegar a chave do carro que deixei sobre a mesa de sinuca, após a partida com Jonas.

Ao abrir a porta e acender a luz, o que vejo me deixa assustado. Um dos seguranças está caído no chão e há uma poça de sangue se formando debaixo dele. Fixo o olhar totalmente horrorizado em sua garganta cortada.

Charles!

O pavor me consome.

Corro para pedir ajuda ao policial que está parado em frente de casa.

Onde ele está? Merda! Onde esse idiota está? Oh, meu Deus! Meu Deus!

Verônica.

Corro como um louco até meu quarto, e não sei como subo as escadas tão rápido, pois mal me lembro de como, em um estalar de dedos, estou irrompendo no quarto.

Verônica não está na cama.

— *Não, não, não, não!* — digo desesperado levando as mãos na cabeça.

— Perdeu alguma coisa? — ouço a voz do desgraçado bem atrás de mim. Quando me viro, ele sai detrás da porta, com as mãos sobre a boca da minha esposa e aponta uma arma em minha direção.

— Seu desgraçado!

Dou dois passos em direção a ele. Quero arrancar sua cabeça fora do corpo, mas ele encosta o cano da arma na cabeça de Verônica e alerta:

— Dê mais um passo e eu estouro a cabeça dela. — Olho para ela que está aterrorizada, com o rosto molhado pelas lágrimas. Dou um olhar de desculpas para ela e digo que tudo vai ficar bem apenas com o olhar. Charles está usando uma farda da polícia e um boné. Seu rosto com a barba por fazer, quase o deixou irreconhecível.

— Chegou a sua hora, Adrian. — Ele sorri de uma forma diabólica. — Achou mesmo que eu desistiria dela?

— Charles! Não a machuque, por favor.

Ele ri.

— Cara, você é sempre assim? Um bunda mole? Me pedindo, por favor? É hilário! Acha que eu viria até aqui para machucá-la? Eu vim aqui porque ela é minha e porque fiquei tentado em matar você lentamente. Mas agora que vejo que você é mais burro do que eu imaginei, fico até com dó de você. Talvez eu deva deixá-lo aleijado, chorando um pouco mais pelos cantos atrás da minha doce Verônica e saber que ela jamais voltará a ser sua? — ele é sarcástico.

A raiva tomou conta de mim. Sei que qualquer movimento impensado, ele pode me matar ou até mesmo ferir Verônica.

— Não sou eu quem está intimidando uma mulher com uma arma. Talvez o único bunda mole aqui seja você — tento entrar em seu jogo. Se ele viesse na mão, eu me garantiria.

— Eu fiquei surpreso quando fugiu, minha menina. Senti sua falta, sabia? — ele diz e a beija no rosto, me deixando ávido de ódio. Verônica está visivelmente perturbada e me odeio nesse momento por ter deixado que isso acontecesse mais uma vez. Eu mesmo quero matar esse filho da puta, psicopata. — Diga para ele, Verônica, diga a esse imbecil com quem você quer ficar. — Ele retira a mão de sua boca para que ela fale. Eu faço sinal para que ela não entre na dele, mas ela está perturbada com tudo.

— Charles, por favor! Vá embora — Ela chora e ele a pega fortemente pelo cabelo exigindo que ela fale.

— Solte-a, seu filho da puta! — Eu dou um grunhido de ódio e um passo na direção deles. Ele aponta a arma para mim. Merda! *Justo hoje que não há ninguém em casa para nos ajudar?*

— Para trás, ou eu atiro no meio da sua testa.

Eu só consigo ouvir o choro desesperado da minha esposa nas mãos desse louco e penso em seu

estado. *Ela não pode perder o bebê, seria demais para ela. Para nós.*

— Fique calma, meu amor. Fique calma.

— Diga! Diga a ele que você vai comigo! — ele se altera.

— Por favor, Charles. Eu faço o que você quiser, mas, por favor, não o machuque — ela implora pela minha vida e eu me sinto um miserável por não poder protegê-la.

— Você não vai levá-la a lugar nenhum.

— Como não? Ela é minha... e muito antes de você aparecer. Você é uma pedra no meu sapato, imbecil! Uma pedra que quero chutar para o quinto dos infernos. — Ele me olha com ódio.

— Está certo. Se quer levá-la, terá que me matar primeiro.

Ele ri.

— E eu achando que você não poderia ficar mais burro. Querida, o que você viu nesse paspalho? Nem te proteger ele consegue!

A raiva me cegou, não só porque ele estava sarcasticamente me irritando, mas porque ele tinha razão. Eu não consegui protegê-la em nenhuma das vezes, e meu coração doeu por isso.

Ele a segura fortemente.

— Por que não resolvemos esse impasse como homens? É muito fácil ameaçar alguém quando se tem uma arma.

— Hum-hum, é verdade. Mas aqui sou eu quem mando e não você. Não é, querida? Conta para ele como seu dono gosta que você me sirva. Diga ao seu príncipe encantado como eu fiz você gozar, só te masturbando. Conta pra ele como você gostou, como gemeu pra mim e implorou para que eu continuasse. — Olha para Verônica e ela desvia o olhar. — DIGA A ELE! — Charles grita totalmente descontrolado.

— Por favor! — ela implora aos prantos.

— Está vendo? Ela mal consegue olhar na sua cara e dizer o quanto gosta de ser fodida por mim. Uma vez puta, sempre puta — ele diz e não consigo ver mais nada em minha frente. Tudo acontece muito rápido. Eu avanço em Charles antes dele disparar um tiro em minha direção e salto sobre ele em fúria. Verônica cai longe de nós, enquanto eu desfiro vários socos na cara do idiota com toda a minha ira. Ele me acerta, eu caio de costas no chão e vejo a arma que voou para perto dela quando o soquei.

— A arma! — eu grito para ela. — Pegue a arma! — grito enquanto eu o puxo de volta. Charles consegue se levantar e me chuta. Ele corre até Verônica, que engatinha até a arma e ele a pega pelos cabelos, jogando-a para longe.

Ela vem em minha direção e Charles armado, diz:

— Venha até aqui, agora! — Sua voz tem um tom de irritação.

Verônica se coloca em minha frente e fala com firmeza:

— Eu não vou com você, Charles. Pode me matar se quiser, pois eu prefiro morrer a ficar mais um segundo ao seu lado.

Eu tento tirá-la da minha frente, afastá-la da mira do revólver, mas ela é teimosa.

— Vamos! Acaba logo com isso! — ela grita descontrolada.

— Vamos, querida. Não vai querer morrer por esse babaca — ele diz limpando o sangue que escorre de sua boca.

— Não consegue entender que eu tenho nojo de você, Charles? Que eu não o amo e nunca o amei?

— Verônica! — Eu tento afastá-la e colocá-la atrás de mim, mas ela começa a se debater como louca.

— Eu posso atirar na sua perna, querida, e quando você cair, eu mato o seu queridinho — ele diz em seu tom frio, habitual. — Saia da frente, Verônica. Não quero machucar você. — O olhar dele era de pura maldade. Um psicopata sádico que não tinha nada a perder. — SAIA DA FRENTE! — ele grita parecendo um louco.

O terror e a tensão permeia o lugar.

Desesperado para tirar Verônica da linha de tiro, eu a empurro para longe e ele me acerta. Não sinto dor imediata, mas me apavoro com o grito intenso e perturbado de Verônica:

— *Nãooooooooooooooooo! ADRIAAAAAN!* — Eu olho para ela, aterrorizada e imóvel, jogada no chão. Estava pálida. Antes que eu pudesse dizer a ela que tudo ficaria bem, ouvi o som de outro tiro. Olhei para o meu corpo e percebi que não fui atingido pela segunda bala, até que Charles cai em seus joelhos, leva a mão no abdômen e o delegado irrompe no quarto com mais alguns policiais e dá voz de prisão a ele.

— Senhor Charles Hertman, o senhor está preso por tentativa de assassinato, invasão de domicílio e está sendo acusado de outros crimes. Você tem direito a um advogado e tudo o que disser será usado contra você no tribunal. Você entendeu os seus direitos?

Eu não consegui mais prestar atenção em Charles, que estava sendo algemado. Só conseguia pensar em minha mulher.

— Chamem uma ambulância! — o delegado ordenou.

Um dos policiais a pega pelos braços e a segura para que não chegue perto de mim. Meu ombro doí, mas a adrenalina me deixa desperto.

Ela chora incontrolavelmente. Eu procuro tranquilizá-la.

— Eu estou bem, meu amor. Está tudo acabado agora.

Ela chora nos braços do policial enquanto o delegado ordena para que tirem o Charles do quarto e receba os primeiros socorros em outro lugar.

— Tirem-no daqui! — ele fala.

Eu continuo a pressionar a ferida em meu ombro que queima como labaredas de fogo.

Sou amparado por um policial, que me presta os primeiros socorros. A dor só não é maior do que ver minha esposa tão fragilizada e aterrorizada. Quero beijá-la, abraçá-la, mas ela não para de chorar. Quando a ambulância chega, sou levado para o hospital.

Capítulo 33

Verônica S. Miller

O meu mundo congela assim que vejo Adrian cair no chão, baleado. Sinto uma dor forte em meu peito e é como se eu tivesse levado aquele tiro. Eu tento conter o grito de pavor, e sou acometida por um choro Incontrolável. Ele olha pra mim, estática sem saber o que fazer. Em seguida, ouço outro tiro e a voz grossa de um homem irrompendo o quarto: o delegado.

Eu queria correr para os braços do meu marido, mas fui impedida por braços fortes. Ele estava machucado e eu não sabia qual era a extensão dos danos. Eu só queria tocá-lo.

Quando Adrian me olhou, pálido e preocupado, seu olhar era de desculpas. Ele balbuciou que tudo ficaria bem a partir daquele momento, e tudo ficou.

O segundo tiro havia pego em Charles, para o meu alívio. Só que ele não parecia tão mal. O delegado deu a voz de prisão a ele e logo o retirou de nosso quarto.

— Eu só quero saber se ele está bem! — eu repetia como um mantra para o policial grandalhão, que me segurava em seus braços. Adrian nos olhava, ainda caído no chão pressionando sua ferida. Havia muito sangue em seu braço e em seu peito. Eu achava que ele podia morrer. E, se isso acontecesse, eu não sabia se iria aguentar.

Olhando-o agora, nessa cama de hospital, me fez pensar em quão frágil nós somos. O quanto a vida é preciosa. Os momentos de horror que vivi ao lado de Charles, nunca será apagado por completo, mas espero superar algum dia todo o mal que ele me fez e ainda insiste em continuar a fazer.

Eu fecho os olhos e ainda sinto aquele terror de quando ele me puxou da cama apontando uma arma para minha cabeça. Naquele momento, eu pensei que ele havia matado Adrian.

Sim, eu faria qualquer coisa para que ele não o machucasse. Eu iria com ele se fosse preciso. Eu morreria por ele. Sei que Adrian faria o mesmo. Agora esse pesadelo acabou. Charles está preso e eu... bem, eu vou juntar meus cacos e ter a vida feliz que sempre sonhei ao lado do homem que eu tanto amo.

— O que faz aqui? — Terry irrompe o quarto e me pega sentada na cama, ao lado de seu irmão, chorando.

— Eu queria ter certeza de que ele estava bem — sussurro.

— Você deveria estar descansando em seu quarto. Precisa cuidar desse bebê que está aí dentro de você, Verônica. Adrian está ótimo.

Eu choro ainda mais.

— Eu só... Eu só... — não consigo falar. Terry me abraça e me ampara de meus temores.

— Já passou. Vocês dois estão bem. Já passou.

— Eu achei que iria perdê-lo para sempre. Eu não ia aguentar, caso acontecesse, eu...

— Fique calma, Verônica. Toda essa agitação não faz bem para o bebê. — Ela se afasta.

— Eu sei.

— Vamos para o seu quarto. Quando ele acordar, poderá voltar aqui.

— Não. Não irei sair daqui. Não vou deixá-lo — digo firme.

— Vocês dois são muito teimosos. — Ela ri. — Está bem. Só vim dar uma olhada nele e estou voltando para a sala de espera. Jonas está conversando com o delegado. Charles está aqui ao lado e...

— Por favor, Terry. Não quero ouvir esse nome nunca mais em minha vida.

— Me desculpe. — Ela se entristece. — Quer comer algo?

— Não. Eu estou bem — digo, secando minhas lágrimas.

— Vou deixá-los. Se cuida. — E se retirou.

Deito-me ao lado de Adrian com cuidado. *Preciso agradecer por essa cama de hospital ser bem grande.*

Aconchego-me em seus braços e fico assim, aninhada a ele, acariciando o seu rosto perfeito,

porém abatido pelo cansaço. Evito tocar em seu ombro direito onde está a ferida e distribuo beijos em sua boca, até que ele acorda um pouco desorientado e dá um gemido de dor.

— Hum... Meu amor! — ele se surpreende ao me ver ali, agarrada a ele.

— Shhhh! Eu estou aqui, Adrian. — Minha visão embaça pelas lágrimas.

— Como você está? E nosso filho? Está tudo bem com você? — Ele me enche de perguntas como se eu fosse a única que tivesse passado por tudo aquilo.

— Eu estou ótima. Estou feliz por você estar bem, meu amor. Eu senti tanto medo. Tive medo de te perder.

— Querida, não vou morrer tão cedo. Não quero deixar o caminho livre para aquele engomadinho que usa cueca Calvin Klein branca só para impressionar as mulheres. — Ele ri de sua piada sem graça e, automaticamente, pragueja pela dor.

— Seu bobo! Eu aqui falando sério e você fazendo piadas — digo afastando as lágrimas em meu rosto.

O silêncio se estabelece entre nós. E por um tempo ficamos nos olhando, olho no olho.

— Minha vida é você, Verônica. Você e nosso filho. Não iria deixar aquele filho da puta tirá-la de mim outra vez. Eu mataria e morreria para te ver segura. Eu não sei o que aconteceu e nem sei como ele fez pra conseguir entrar lá. Eu te juro, com a minha própria vida, que ele não irá tocar em você novamente. Nós sabemos que ele irá tentar enquanto estiver vivo. Mas quero que confie em mim para protegê-la.

— Eu confio, meu amor.

— E, por favor, jamais se coloque em risco por mim. Se acontecesse qualquer coisa com você, eu morreria — ele diz e me beija.

— Posso ficar aqui ao seu lado, não posso?

— Se alguém ao menos tentar levá-la daqui, terá que passar o dia na enfermaria — ele diz, me fazendo rir. — Eu te amo, meu amor. Te amo como eu nunca ameie ninguém antes. Só quero que nunca se esqueça disso.

— Eu também amo você — digo, e nós nos beijamos apaixonadamente, por longos e intermináveis minutos.

Quase seis meses depois...

— Adrian! Adrian, acorda! Adriaaannn! — eu o chamo desesperada. De frente para ele, dormindo feito pedra, eu o chacoalho.

— O que foi, meu amor? Por acaso, São Paulo está sendo invadido por seres de outro planeta ou está tendo um tsunami no Rio Tietê? Que agitação é essa? — ele diz com ironia e meu primeiro instinto é puxá-lo da cama.

— Eu mandei você acordar! — brado.

— Está certo! Pode esperar só mais alguns minutos, querida? Ainda está cedo para eu ir trabalhar — ele diz, sonolento.

— Diga isso ao seu filho! A bolsa estourou e eu acho que ele vai nascer — tento soar tranquila, mas acontece que estou totalmente desesperada e sem saber o que fazer.

Adrian parece entender e, em segundos, está desperto.

— Como? Você disse que ele vai...

— Sim. Nosso filho está a caminho. E se você não me levar agora para o hospital eu vou começar a surtar — perco totalmente o resto da calma que tenho.

Já vi que esse garoto vai me dar trabalho, Quem tira a mãe da cama às quatro da manhã?

— Aguenta aí, garoto! Nada de nascer aqui, hein? — Adrian coloca suas mãos em minha barriga e a beija. Ao se levantar da cama, escorrega na poça de água que estava por ali, no caminho ao banheiro.

— Jesus! O que é isso? — ele pergunta todo desesperado.

— Eu disse que a bolsa estourou! No início eu achei que estava fazendo xixi nas calças, mas... — digo rindo. — Me desculpe.

Adrian entra rapidamente no banheiro e sai várias vezes, totalmente perdido, sem saber o que

fazer.

— Você está sentindo dores? Quer que eu a leve no colo? Eu vou ligar para o médico e...

— Adrian, querido. Apenas pegue as minhas coisas e as do bebê. Eu preciso ir para o hospital.

— Gente! Que barulho é esse? — minha mãe irrompe no quarto.

— Oh! Graças a Deus, dona Marta. Seu neto está querendo nascer e eu estou desesperado sem saber o que fazer.

Minha mãe ri.

— Primeiramente precisa ficar calmo ou vai fazer sua esposa ficar ainda mais nervosa, meu filho.

— Ótimo! A senhora pode levar as coisas dela e do bebê até o carro? Eu vou tomar uma ducha rápida com ela.

Os dois conversam como se eu não estivesse ali.

— Claro! — minha mãe sorri radiante.

— Vamos, querida, está toda molhada — ele diz e me leva de mãos dadas até o chuveiro. Ele tira minha roupa e me ajuda com o banho.

No caminho para o hospital, Adrian avisa a todos.

— Está nervosa?

— Sim. E você? — pergunto.

— Nuca estive tão ansioso e nervoso em toda a minha vida. É o nosso filho, Verônica. Nosso filho! — Ele não segura a alegria.

— Você vai filmar tudo, não é? Não quero que deixe passar nada. Trouxe a câmera?

— Sim, está na bolsa.

— Não quero perder nem um minuto sequer do nascimento do nosso filho.

Ele lança um sorriso para mim, segura em minha mão e a beija.

Os minutos seguintes foram de aflição.

Chegamos no hospital e Adrian deu entrada em minha internação. Duas horas depois, comecei a

sentir as contrações. Estava na hora.

Deitada na maca, o médico me dava instruções. Ele diz que será um parto normal e que precisa de minha ajuda para trazer o meu filho ao mundo.

Posicionado ao meu lado, Adrian aperta minha mão suada pelo medo e ansiedade.

— Vai dar tudo certo — ele diz.

As primeiras contrações fortes me fizeram gritar de dor. Sentia-me como se estivesse sendo rasgada ao meio.

As enfermeiras e o médico pedem para que eu faça força. Eu tento controlar a respiração, mas a dor é muito forte.

Adrian não sabe se grava o parto ou se me socorre todas as vezes que eu grito. Parece ainda mais perdido e amedrontado do que eu.

— Aaaaaaiiiii! — eu grito fazendo a força necessária, mas ainda não é o suficiente. Estou exausta, cansada e começo a me desesperar por não conseguir.

— Isso mesmo, mamãe, já estamos quase vendo a cabeça de seu bebê — o médico diz todo contente e eu só consigo pensar: “Não passou nem a cabeça ainda e eu aqui com toda essa dor?”

— Eu não vou conseguir, não vou conseguir — me desespero.

— Vamos, faça força! Você consegue! — o médico diz.

Eu faço toda a força possível. Meu rosto já está molhado de suor pelo esforço, mas eu continuo. Depois de algum tempo naquelas, eu sinto uma dor ainda mais forte e grito a plenos pulmões. Olho para o meu marido e já começo a chorar. Ele está vidrado, filmando tudo, sorrindo como um bobo.

— Vamos, mamãe! Já tenho a cabeça do seu bebê em minhas mãos, empurre!

E eu faço o último esforço, até que ouço um chorinho fino do meu bebê.

Caio exausta na maca, enquanto vejo Adrian tirar a máscara. Ele chora em meio à sua alegria e entrega a câmara para uma das enfermeiras ali, para pegar nosso filho no colo.

— Bem-vindo ao mundo, meu pequeno Henrique Miller — ele diz e beija nosso filho antes de me entregar e dizer o quanto ele é perfeito.

Eu o pego nos braços, totalmente emocionada.

— Ele é tão lindo! — digo beijando suas bochechinhas enrugadas.

Adrian me beija e sussurra:

— Eu te amo, meu amor. Você me faz o homem mais feliz do mundo. Agora somos nós três e vou amar e protegê-los.

Capítulo 34

Charles Hertman

Deitado nessa cela de prisão imunda, fico lembrando de como minha vida deu uma reviravolta. Eu era um cara importante, da alta sociedade, poderoso... e aquele desgraçado apareceu na minha vida só para me destruir. Embora tudo tenha valido a pena por Verônica, ainda não consigo perdoá-la pela sua desobediência a mim. Ela tem uma dívida comigo, que será eterna.

Paschoal é o meu contato lá fora. Ele me informa sobre tudo o que acontece na vida dela. Como eu não sabia se meu plano daria certo, arrisquei ir sozinho. Não seria bom, caso Paschoal fosse preso, pois ele é meu braço direito. Embora seja tedioso estar enclausurado como um animal, não tenho muito do que reclamar. O sistema carcerário para quem tem dinheiro é quase um hotel cinco estrelas, se não fossem pelas camas duras e esses lençóis maltrapilhos da 25 de Março.

Olho para as grades dessa cela e divago no dia do meu julgamento. Ouvir a minha sentença de 11 anos, não foi nada comparado com a raiva que senti quando vi o sorriso estampado na cara de Adrian Miller. Eu, Charles Hertman, Dominador, sendo abatido por um sujeito burro e metido a besta. Aquilo realmente me tirou do sério.

— Senhor Hertman, o senhor tem visita. — Sou pego de surpresa pelo carcereiro. O sujeito até que é decente. Não digo em caráter, pois é facilmente corruptível. Tudo o que eu preciso, ele dá um jeito de conseguir. Afinal, eu sou quem sou, e quando eu mando, todos me obedecem, nem que seja por um pequeno preço.

— Visita de quem? — pergunto curioso. — Ah, o uísque 18 anos que me trouxe estava uma porcaria. Veja se da próxima vez me traz algo melhor. Também preciso daquele celular.

— Pode deixar, senhor. — Ele assente e eu passo por ele, ajustando meu uniforme barato e fora

de moda. Por um momento até achei que eles jogariam um conjunto listrado preto e branco para que eu usasse. Nesse caso, eu até fico contente em usar apenas uma calça laranja e uma camisa branca — embora estivesse parecendo um varredor de rua — era melhor do que ser confundido com uma zebra. Eu posso estar preso, mas quero viver com estilo.

Saio da minha cela e acompanho o carcereiro. Quando cheguei aqui, a minha primeira exigência foi de não colocarem ninguém comigo dentro daquela jaula. Como sou um cara bem apessoado, esse favor me foi dado em troca de outro. Eu passaria a ajudar na ala administrativa. Não hesitei e aceitei prontamente. Prefiro trabalhar na administração do que dormir com cheiro de macho do meu lado.

Quando chegamos na sala de visitas, o carcereiro me algema e diz:

— Vocês têm quinze minutos.

Mas eu parei de ouvir logo na primeira palavra. Minha atenção foi totalmente voltada para o filho da puta mais maldito que já conheci na face da terra: Adrian Miller.

O que ele veio fazer aqui? Rir da minha cara? Preciso dizer que por essa eu não esperava. Olha, agora ele é digno de respeito.

— Adrian! Que bons ventos o trazem aqui? — digo sarcasticamente. Esse cara é um mala!

Ele se senta elegantemente.

— Seu ombro já foi totalmente curado? — Eu o cutuco.

— Você sabe que sim, afinal, já se passaram quatro meses — ele ironiza. — Embora acho que você nem tenha a noção de tempo nessa espelunca — Ele olha para meu pulso, e fico curioso. — Seu rolex virou algemas e, pelo que sei, não tem como contar as horas. — Ele ri.

Tento manter a calma porque eu sou um sujeito de classe. Sou superior.

— O que faz aqui? Perdeu a noção do perigo? Eu ainda sou eu, Adrian.

— Você é um sujeito arrogante, um assassino, filho da puta, que, enfim, está tendo o que merece. Embora eu ainda ache pouco, estou feliz que esteja comendo o pão que o diabo amassou. — Dou risada. O sujeito não tem ideia nem para trocar. Mas eu deixo ele desabafar, sou compreensivo.

— Ainda não disse o que veio fazer aqui — altero a voz. Estou realmente começando a me irritar com esse playboyzinho de merda.

— Visita de cortesia. — Ele sorri e tenho vontade de quebrar a cara dele.

— Achei que tinha vindo me trazer notícias de como está a minha mulher — digo irritado.

Ele ri.

— Você é tão ridículo. Quando vai aceitar que perdeu, Charles?

— Quando você aceitar que eu não sou um homem que desisto fácil. Ou melhor, não desisto nunca! — Lanço um olhar mortal para ele. Encosto-me na cadeira, alinhando minha coluna para uma posição ereta, imponente. — Mas já que você me agraciou com a sua presença — Sorrio. —, vou lhe dizer uma coisa. Não ficarei aqui para sempre, Adrian. Veja... não há corredor da morte por aqui, injeção letal e muito menos prisão perpétua. E devo te lembrar que minha condenação foi de onze anos. É muito se parar para pensar, eu sei. Só que a mesma justiça que me colocou atrás das grades, é a mesma que irá me soltar daqui alguns anos por bom comportamento. Estimo que dentro de uns 5 ou 6 anos, eu esteja infernizando a sua vida novamente. Acho que é o tempo necessário para que você desfrute da sua vida perfeita, antes de eu enviá-lo para o inferno! — digo como uma sentença e ele se retrai em seu assento. Aposto que deve estar com as calças borradas, *paspalho!*

— Onde está seu sarcasmo agora? Ownnnn, não me diga que vai sair daqui correndo e chorando para o colo da mamãe... Ops! A vadia da sua mãe também acabou com a sua vida uma vez, não foi? Se pudesse juntar homens e mulheres no sistema prisional, eu faria questão de dividir a cela com a sua mãe. Meus dias iriam ficar bem interessantes. — Sorrio ainda encarando-o.

— Fique longe da minha família, entendeu, Charles? — ele se irrita.

— Ficarei, afinal, o que eu posso fazer com eles daqui de dentro? Mas não pense que quando eu sair daqui, deixarei você viver em sua utopia.

— Não vai conseguir.

— Espere dar o tempo... Depois veremos quem irá ou não ficar com Verônica — digo, já de saco cheio dessa conversa desnecessária. — Guarda! Guarda! — eu o chamo para que me tire daqui antes que eu cometa uma loucura e parta para cima desse desgraçado.

Acho que esse idiota não conhece o velho ditado: “Quem ri por último, ri melhor”, e saio, deixando o imbecil para trás.

Epílogo

Seis anos depois...

Verônica está sentada na sala, olhando imóvel para a parede decorada e pensando nos últimos anos de sua vida.

E não tinha do que se queixar, depois de tudo o que passara, estar em casa, em família, era tudo o que sempre sonhou.

Seu filho Henrique desce as escadas correndo, provocando a irmãzinha Laura. Ter aqueles dois por perto era sempre diversão garantida.

Laura se aproxima e deita a cabeça em suas pernas, pedindo proteção. Verônica a abraça e sussurra em seu ouvido:

— Eu te amo, minha pequena princesa.

A filha se aninha ainda mais em seu colo. Um momento memorável, que é estragado pela gritaria de Henrique:

— Mamãe, mamãe, eu quero brincar com a Laurinha e ela nem me dá atenção.

— Ora, Henrique. Francamente, você não deixa a sua irmã em paz. Não é, querida? Venha aqui e nos dê um abraço.

O menino se aproximou e ela sentiu-se amada duplamente. Que felicidade.

Os dois afastaram-se para brincar no quintal, e ela continuou seus devaneios. Estava saudosista naquele dia, como se alguma coisa estivesse para mudar, mas ela não sabia explicar o que era exatamente.

Charles estava preso há seis anos, mas ela ainda tinha pavor só de pensar nele. Adorou quando saiu o veredicto: *culpado, culpado, culpado, culpado...* Tudo o que ela viveu naqueles dias, todo o

sofrimento foi reduzido a uma palavra tão maravilhosa. O nome Charles lhe arrepiava os pelos do corpo. Mas ela não pensaria mais nisso. Não quando sua vida estava caminhando tão bem.

Sua mãe faleceu há dois anos. Aquele primeiro tumor foi curado. Elas viveram momentos lindos pós-cirurgia.

Verônica começou a terapia logo após a sugestão de Adrian, e continua até hoje, diga-se de passagem. Ela acredita que aquilo lhe faz bem.

Os resultados apareceram logo, e quando sua mãe voltou para casa, recém-operada, ela fez questão de lhe prestar todos os cuidados.

Mesmo com a gravidez avançada, ela passava horas a fio conversando com a genitora, recordando momentos bonitos de sua vida e os compartilhando com a mãe.

O tempo que ficou cativa nunca era tema das conversas. Todos evitavam falar sobre o sequestro para não trazer à tona tanto sofrimento.

Verônica descobriu coisas sobre a mãe que nunca imaginara. O gosto por literatura clássica, por exemplo. Em alguns casos, a mãe lhe contou histórias belíssimas escritas há mais de século.

A gravidez avançava e a senhora Marta se recuperava plenamente. Parecia mais jovem do que há 20 anos. Quando Henrique nasceu, a casa ficou repleta de alegria novamente.

E, então, foi a vez da mãe cuidar da filha nesses primeiros meses pós-parto. Todos estavam apreensivos com a reação de Verônica com o filho. Como ela passou momentos ruins com ele ainda no ventre, o medo de uma depressão pós-parto era iminente. Mas ela passou essa fase com tranquilidade, amando e venerando o filho.

Adrian demonstrou ser o mais carinhoso dos pais. E o casal Terry e Jonas, agora oficialmente casados, fizeram questão de batizar o pequeno.

Para quem olhasse de fora, era uma linda e típica família feliz. Ninguém sequer podia supor que cada um dos seus membros trazia dentro de si uma bagagem tão pesada.

Porém, ainda assim, seguiam em frente.

Só que, mesmo nesse ambiente de harmonia, nem tudo eram flores. Havia o medo de que Charles pudesse ser solto, sempre rondando a mente de Verônica. Adrian tentava consolá-la, mas isso não era suficiente. Em algumas noites, ela tinha graves ataques de pânico, demorando, às vezes, horas para se acalmar.

Os ataques estavam cada vez mais espaçados com o passar dos anos, mas ainda assim ela sofria com eles vez ou outra.

Quando sua mãe faleceu, Verônica tinha acabado de descobrir que estava grávida. Uns meses antes, a mãe começou a ter repetidos episódios de desmaios. Para quem já teve câncer, qualquer alteração é um alerta.

Os primeiros exames não acusaram nada, e eles ficaram tranquilos; mas quando os episódios voltaram com força, seguidos novamente de perda de memória, mais exames foram solicitados e constatou-se que o câncer voltara de forma mais agressiva.

Foi uma luta para a família toda. Felizmente, a senhora Marta pôde morrer sabendo que teria mais um neto a caminho e, a julgar pelas suas últimas palavras, ela morreu em paz.

No seu último dia na terra, quando sabia que não aguentaria mais, ela pediu para falar com Verônica e disse:

— De tudo o que já passei na minha vida, a melhor parte dela foram esses últimos anos com você. Vou embora com o coração em paz, e a deixo com essa família que tanto te ama. Filha, jamais me esquecerei de você. Onde quer que eu esteja, olharei por todos vocês. Te amo.

Naquela noite, ela se foi.

Todo o estresse passado por Verônica colocou o médico em alerta, pois poderia fazer mal para o bebê.

Ainda com a terapia, ela superou — nunca inteiramente — a perda da mãe, e Laura nasceu saudável e perfeita.

Verônica se pegou sorrindo e com os olhos marejados, sentindo no peito uma onda de amor.

Percebeu que um tempo considerável havia passado, e não ouvia gritos e brigas pela casa.

A quietude das crianças era algo muito estranho.

Ela caminhou até a janela ampla de vidro que tinha vista para o belo jardim frontal da casa. Aquele lugar era seu refúgio, com flores coloridas. Bastava olhar um pouco para fora, ver a movimentação da rua e as cores vibrantes que o jardim emanava para ela sentir-se em casa novamente.

De repente, ela pareceu ver um vulto atrás da árvore frondosa que ficava no jardim da casa da frente. Então, o pânico tomou conta dela.

Verônica começou a tremer, mas não conseguia sair do lugar. Quando um par de mãos apertou seu ombro, ela deu um grito e se virou instintivamente em posição de ataque: Era Adrian.

Ela desabou; não conseguiu conter as lágrimas.

Os filhos a olhavam com curiosidade, mas Adrian pediu que eles fossem brincar lá fora. Ele tentava acalmá-la.

— Calma, meu amor. O que aconteceu?

— Adrian, tem alguém na árvore lá do outro lado da rua. Eu vi! É ele. É Charles! — Adrian estremeceu. Não pela constatação de Verônica, que poderia ser absurda, mas pela ligação que recebera de Jonas há apenas alguns minutos.

O advogado acabou com o seu dia quando lhe contou que Charles havia conseguido sair da cadeia após a última apelação.

Para um homem que tem dinheiro, até que ele ficou muito tempo preso, tinha sido o comentário irônico de Jonas. E Adrian concordava; a justiça do país jamais deixaria um empresário tão influente preso por muito tempo.

Só que ele achava improvável que Charles fosse rondar sua casa tão cedo. Ele sabia que a polícia ficaria de sobreaviso a qualquer movimentação.

Tudo bem, a prioridade era acalmar Verônica.

— Calma, amor, está tudo bem. Deve ter sido a sombra de um gato.

— Um gato, Adrian? Um gato de quase dois metros de altura?

— Querida, o Charles está na cadeia — Ele não poderia contar para ela de sua soltura agora, ela entraria em choque.

— Mas, e se ele sair? Você sabe que rico não fica na cadeia!

— Se ele sair, teremos proteção policial. Fique calma. Vou ligar para o seu terapeuta, ok?

Ela sentiu que realmente precisava falar com o médico e assentiu. Ele tornara-se seu porto seguro.

Enquanto Adrian subiu para pegar o número na agenda, Verônica viu Laura correr para dentro de casa e passar pela porta da frente, rumo ao jardim frontal. Como Henrique estava atrás, ela ficou tranquila, apenas observando.

Foi quando viu que Laura se abaixou para pegar uma caixa embrulhada com papel de seda vermelho. Que estranho! Ela saiu para encontrar a filha, e viu que Henrique tomara a caixa da mão da menina e a trazia em sua direção.

— Olha que linda, mamãe!

Seu nome estava escrito na caixa. Ela gelou. Tentou soar o mais tranquila possível.

— Que linda mesmo. Veja, tem meu nome nela. Depois vou ver quem me deixou um presente. Agora subam atrás do seu pai.

Assim que as crianças subiram, ela se deixou cair no sofá com a caixa sobre os joelhos. Abriu o papel de seda lentamente.

Dentro, havia apenas duas coisas: uma coleira de diamantes e um bilhete escrito com letra cursiva que dizia “Eternamente Minha”.

Ela só teve tempo de pensar, antes de desmaiar: “Charles”.